

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ATTITUDES, EXPECTATIVAS E OPTIMISMO FACE AO CASAMENTO: UM
ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ADOLESCENTES QUE VIVENCIARAM E
QUE NÃO VIVENCIARAM UM DIVÓRCIO PARENTAL**

Catarina Marques Ferreira da Silva

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/

Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa)

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ATTITUDES, EXPECTATIVAS E OPTIMISMO FACE AO CASAMENTO: UM
ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ADOLESCENTES QUE VIVENCIARAM E
QUE NÃO VIVENCIARAM UM DIVÓRCIO PARENTAL**

Catarina Marques Ferreira da Silva

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/

Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa)

Dissertação orientada pela Professora Doutora Helena Águeda Marujo

2011

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Helena Marujo,

Por toda a orientação ao longo do trabalho realizado, pela disponibilidade demonstrada, compreensão e incentivo nos momentos de maior dificuldade e desânimo, conseguindo contagiar-me com a sua motivação e fazendo-me acreditar que seria possível.

À instituição de ensino onde decorreu a aplicação das entrevistas,

Um especial agradecimento ao Director Manuel Esperança, da Escola Secundária José Gomes Ferreira, pela disponibilidade e amabilidade sempre demonstrada, desde a minha frequência no estabelecimento até à presente data.

Aos participantes desta investigação,

Sem a vossa disponibilidade, não seria possível realizar este estudo. Obrigada pelas vossas sinceras opiniões e pelo agrado com que participaram na investigação. Um especial agradecimento àqueles que se disponibilizaram para a realização das entrevistas-piloto.

Aos meus amigos,

Obrigada a todos os que me acompanharam em todo este percurso; sem o vosso apoio, certamente não teria conseguido. Um especial obrigada à Rita Palhoco, ao Tiago Moreninho, à Sara Ribeiro e à Ana Rita Caldeira que me ajudaram nos momentos mais difíceis e fizeram com que persistisse até ao fim.

À minha família,

Obrigada por todo o Amor, apoio e compreensão que mostraram nesta última fase, marcada por momentos tão difíceis. Um muito obrigada à minha Mãe e à minha Irmã, que sempre me incentivaram e mostraram orgulho em mim, mesmo lidando com a confusão de papéis e desorganização em casa.

Ao meu namorado,

Obrigada André, pelo Amor, pela paciência, por toda a ajuda e apoio, por me aturares em todos os momentos que achei que desistiria e estiveste sempre lá.

RESUMO

A literatura científica refere-nos diversos estudos relativamente às atitudes e expectativas de casamento em adolescentes cujos pais se divorciaram, comparativamente com aqueles cujos pais permanecem casados, surgindo conclusões contraditórias. Por um lado, existe uma forte ligação entre as atitudes negativas face ao casamento e as expectativas de um dia casar nos adolescentes cujos pais se divorciaram. Por outro, não surgem diferenças relevantes comparativamente aos adolescentes cujos pais permanecem casados. Estes dados sugerem a necessidade de aprofundar e estudar qualitativamente este fenómeno, tornando-se saliente a pertinência deste estudo. O optimismo encontra-se relacionado com as expectativas do acontecimento de coisas positivas no futuro (Carver & Scheier, 2002) tornando-se igualmente relevante avaliar este conceito, aplicado à expectativa face ao casamento dos adolescentes. Desta forma, o objectivo do presente estudo consistiu na análise das atitudes dos adolescentes, das suas expectativas e optimismo face às relações amorosas e casamento.

A metodologia utilizada consistiu na realização de onze entrevistas semi-estruturadas a adolescentes entre os 16 e os 18 anos, privilegiando assim uma abordagem qualitativa, onde a riqueza dos dados justifica a escolha da metodologia. As entrevistas foram aplicadas a dois grupos de jovens: adolescentes cujos pais se separaram/divorciaram e adolescentes cujos pais mantêm o casamento.

Os resultados desta investigação indicam que não parece existir diferenças nos dois grupos referidos quanto às suas atitudes, expectativas e optimismo face ao casamento. Todos os adolescentes entrevistados assumem terem a intenção de estabelecer e manter um relacionamento amoroso no futuro, acreditando que serão bastante felizes (apresentando valores entre 8 a 10, numa escala de 1 a 10 de felicidade antecipada). A coabitação também surge nos projectos de vida destes adolescentes e mais uma vez, a condição marital dos pais não surgiu como diferenciadora face a este factor. Assim, podemos concluir que os adolescentes cujos pais se divorciaram apresentam um elevado grau de optimismo face ao futuro casamento, de forma semelhante aos adolescentes cujos pais permanecem casados, corroborando parte dos dados encontrados na literatura existente.

Palavras-chave: Adolescentes; Divórcio parental; Atitudes face ao casamento; Expectativas face ao casamento; Optimismo.

ABSTRACT

Until today, scientific literature has presented contradictory data concerning marriage attitudes and expectations of adolescents that have gone through their parents' divorce, in comparison with those whom have not been in that situation. Some studies show that amongst adolescents that have experienced their parents' divorce, there is a high correlation between negative attitudes towards marriage and their expectations about their future marriage. Yet, other studies have not found any relevant differences comparing to those adolescents whose parents remain together. We also know that optimism is related to future positive events (Carver & Scheier, 2002) so it is relevant to include this concept evaluation, applying it to marriage expectations. As such, the data justify the need and pertinence of study further and qualitatively this phenomenon, and this study aims to analyse adolescents' attitudes, expectations and optimism, with and without a parental divorce experience, towards romantic relationships and marriage.

We conducted interviews to eleven adolescents, with ages between 16 and 18 years, in the conditions referred above, according to a qualitative approach so the gathered data would be as thorough, clarifying and subjective as possible.

Present results do not show any differences between the two groups regarding their attitudes, expectations and optimism towards their future marriage or romantic relationships. All of the interviewed intend to have a future romantic relationship, anticipating that they will experience happiness in that relation (8 was the lowest score, in an 1 to 10 scale). Living together with someone was also part of the interviewed future plans and, again, the parental marital status had no influence on this aspect. Data also allow to conclude that all adolescents, independent of their parents marital vinculation history, have a high level of optimism towards their future marriage, supporting some of the already existent literature data.

Keywords: Adolescents; Parental divorce; Attitudes towards marriage; Expectations towards marriage; Optimism.

ÍNDICE

Introdução	1
1.Enquadramento Teórico	3
1.1. Família e Adolescência	3
1.1.1.Evolução da família na sociedade portuguesa	5
1.2. O Divórcio/Separação Conjugal	7
1.2.1.Impacto nos adolescentes	9
1.2.1.1. Idade do adolescente na altura do divórcio/separação parental	11
1.2.2.Percepção dos adolescentes em relação ao divórcio/separação parental	12
1.3. O conceito de optimismo	13
1.4. Atitudes face ao casamento e a influência do divórcio/separação parental na sua construção	16
1.4.1. Variáveis que influenciam as atitudes face ao casamento	19
1.4.1.1. Conflito/qualidade da relação parental	20
1.4.1.2. Género	20
1.5. Atitudes face à coabitação e a influência do divórcio/separação parental na sua construção	21
1.6. Mudança das atitudes	22
1.7. Expectativas futuras face ao casamento	23
1.7.1. Variáveis que influenciam as expectativas face ao casamento	25
1.7.1.1. Idade actual do adolescente	25
1.7.1.2. Género	25
1.7.1.3. Presença/ausência de relacionamentos amorosos	26
2. Metodologia	27
2.1. Questão de partida	27
2.1.1. Questões de investigação	27
2.2. Desenho da investigação	28
2.2.1. Objectivos	28
2.2.2. Investigação qualitativa	29
2.3. Participantes	30
2.4. Estratégia metodológica para recolha de dados	31
2.4.1. Instrumentos	31

2.4.1.1. Entrevistas semi-estruturadas	31
2.5. Procedimentos	33
2.6. Estratégia metodológica para a análise dos dados das entrevistas semi-estruturadas	34
3. Análise de resultados	34
3.1. Resultados do grupo com pais divorciados/separados	35
3.2. Resultados do grupo com pais não divorciados/separados	51
4. Discussão dos dados e Conclusões	57
5. Referências bibliográficas	63
6. Anexos	
6.1. Anexo A: Guiões da entrevista semi-estruturada	
6.2. Anexo B: Pedido de autorização ao director do estabelecimento de ensino Escola Secundária José Gomes Ferreira	
6.3. Anexo C: Folha de Pré-inscrição para a participação na investigação	
6.4. Anexo D: Pedido de autorização aos encarregados de educação dos participantes no estudo	
6.5. Anexo E: Pedido de autorização aos participantes do estudo/Consentimento informado	
6.6. Anexo F: Análise de conteúdo do Grupo com pais divorciados/separados	
6.7. Anexo G: Análise de conteúdo do Grupo com pais não divorciados/separados	
6.8. Anexo H: Transcrição de duas das entrevistas realizadas	

INTRODUÇÃO

O impacto do divórcio nos seus descendentes tem sido alvo de diversas investigações. Inserido nesta temática, pretendeu-se com o presente estudo avaliar qual a influência da condição marital dos pais dos adolescentes nas expectativas futuras destes acerca do casamento, avaliando concomitantemente o seu grau de optimismo face ao futuro casamento, de acordo com a teoria de Carver e Scheier. Estes autores identificam as pessoas optimistas como aquelas que apresentam expectativas de obterem bons resultados no futuro e as pessoas pessimistas como aquelas que antecipam maus resultados no seu futuro (Carver & Scheier, 2002). Esta investigação pretendeu ainda averiguar se o facto de terem experienciado vicariantemente através dos seus pais, o insucesso no casamento, diferencia os adolescentes de outros cujos pais mantêm relações “íntactas”, estudando essa eventual diferença nas percepções que têm acerca dos relacionamentos amorosos, bem como nas atitudes face ao casamento e ao divórcio, e nas expectativas futuras face aos mesmos.

A metodologia qualitativa mostrou-se a abordagem mais adequada para responder aos objectivos do estudo, pelo que se entrevistaram jovens filhos de pais divorciados/separados e filhos de pais não divorciados/separados, usando dois guiões construídos para o estudo, baseados nos modelos teóricos e numa abordagem apreciativa, que potenciará o enriquecimento da tentativa exploratória através da subjectividade das respostas obtidas de uma forma dinâmica e personalizada, não sendo objectivo final uma generalização dos resultados obtidos, mas sim um olhar mais idiossincrático sobre o fenómeno estudado.

A investigação em causa alerta-nos também para a influência que algumas variáveis familiares têm nos aspectos cognitivos, como a formação de crenças, predições, expectativas futuras e também comportamentais. Os resultados desta investigação poderão mostrar-se úteis na constituição de uma base para a busca de formas eficazes de lidar com os problemas ligados ao casamento, a preparação para o casamento, aconselhamento pré-marital e outros aspectos ligados à conjugalidade.

A investigação apresentada encontra-se dividida em quatro grandes capítulos:

1. Enquadramento teórico, onde é apresentada a revisão da literatura sobre o tema em questão e/ou que se mostraram pertinentes abordar para o entendimento mais profundo dos temas referidos;
2. Metodologia, onde é referido todo o processo de investigação, desde a construção dos instrumentos até à sua aplicação;

3. Análise de resultados, sendo apresentado os resultados encontrados após a aplicação da metodologia adoptada;
4. Discussão dos dados e conclusões, onde serão discutidas algumas ideias relevantes, e feitas as conclusões primordiais desta investigação.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Família e Adolescência

Pode considerar-se a Família como sendo um “espaço privilegiado para a elaboração e aprendizagem de dimensões significativas da interacção: os contactos corporais, a linguagem, a comunicação, as relações interpessoais” (Alarcão, 2002, pp. 37). Um elemento crucial da família é o vínculo afectivo que une as pessoas e que gera um compromisso e solidariedade mútua, contribuindo para a construção de objectivos de vida comuns.

Desta forma, a Família é também “um espaço de vivência de relações afectivas profundas: a filiação, a fraternidade, o amor, a sexualidade... numa trama de emoções e afectos positivos e negativos que, na sua elaboração, vão dando corpo ao sentimento de sermos quem somos e de pertencermos àquela família e não a outra qualquer família.” (Alarcão, 2002, pp. 37).

O grupo familiar apresenta duas funções bastante importantes que se caracterizam, primeiro num cuidado e protecção dos seus membros, fornecendo as condições necessárias para que se desenvolvam adequadamente, e segundo, uma importante função de socialização, onde a promoção de autonomia e independência se mostram muito importantes para o desenvolvimento dos seus membros dentro da sociedade e cultura a que pertencem (Relvas, 2004).

Este grupo de referência e socialização primária para o indivíduo que a família constitui é definido como um sistema, ou seja, é composto por vários elementos, mas mais do que isso, é composto pelas relações entre esses mesmos elementos. Sendo um sistema, este é detentor de determinadas propriedades, como a) a Totalidade (“O Todo é diferente das Partes”- a família no seu todo, não é apenas um conjunto de elementos, é uma identidade em si, que também depende do conjunto das interacções; a identidade de cada membro não é determinada apenas pela pertença àquela família; e mais, o próprio sistema familiar, como todo, também sofre alterações com o decorrer do tempo); b) a Circularidade (não existe uma causalidade linear, ou seja, todos os fenómenos se influenciam mutuamente – os comportamentos de um elemento influenciam e são influenciados pelos do outro e pela relação que estabelece com ele); c) a Equifinalidade (diversas situações podem culminar num mesmo fim); e d) a Multifinalidade (a mesma situação originará diversos fins).

Não menos importante é o facto de este sistema ser e) constituído por vários subsistemas, onde existe uma Auto-regulação (e.g. subsistema parental, subsistema filial,

subsistema conjugal) e f) ter também subjacente uma determinada hierarquia, determinada pelo estabelecimento de regras e fronteiras, contribuindo para a caracterização das próprias relações entre os elementos do sistema (Alarcão, 2002).

A família é também um sistema em evolução e, nesse sentido, vai-se desenvolvendo ao longo do tempo, podendo ser identificados diversos momentos de transição, que se distinguem no que diz respeito às diferentes tarefas da família nesses momentos. Segundo o sociólogo Duvall (1977, citado por Relvas, 2004), existirão oito estádios nessa evolução: 1) Casais sem filhos, onde é estabelecida a relação conjugal entre o casal, que se pretende satisfatória, bem como uma preparação para a parentalidade; 2) Famílias com recém-nascido; 3) Famílias com crianças em idade pré-escolar; 4) Famílias com crianças em idade escolar, estas últimas marcadas por um ajustamento às exigências de desenvolvimento das crianças, nomeadamente a nível da promoção de estimulação, responsabilidade escolar; 5) Famílias com filhos adolescentes. Sendo esta fase, uma das mais caracterizadas na literatura pelas especificidades que a adolescência tem como fase de desenvolvimento, e por ser de facto a mais extensa. Referimos ainda os outros três estádios, 6) Famílias com jovens adultos; 7) Casal na meia-idade; e 8) Envelhecimento; para depois nos dedicarmos ao aprofundamento da fase 5) e da adolescência.

A adolescência é uma etapa de desenvolvimento que se inicia na puberdade, por volta dos 10/11 anos de idade e vai até à idade adulta, sendo difícil definir uma idade limite, no entanto existe um consenso em considerar-se os 19/20 anos de idade (Cardeiro, 1997, citado por Remédios, 2010). É um processo dinâmico de transição da infância para a idade adulta e especificamente humano, composto por um longo processo de preparação para a independência, marcado por diversas e significativas mudanças, ao nível físico, social e cognitivo.

A nível social, o adolescente despende mais tempo em actividades sociais fora do contexto familiar (Larson, Richards, Moneta, Holmbeck & Duckett, 1996, citado por Steinberg & Silk, 2002; Silva, 2004, cit. por Remédios, 2010), dando mais importância ao grupo de pares, grupo que fornece suporte, e simultaneamente serve de modelo (Berndt, 1989; Buhrmester, 1996; Savin-William & Berndt, 1990, cit. por Steinberg & Silk, 2002; Silva, 2004, cit. por Remédios, 2010). O papel da família é determinante, emergindo a sua função externa na criação do sentimento de individualização/autonomização dos seus elementos, tendo os pais a tarefa de facilitar o equilíbrio entre a liberdade e a responsabilidade, partilhando essa mesma tarefa com a comunidade (Relvas, 2004).

As transformações cognitivas são aquelas que se mostram mais pertinentes aprofundar no contexto desta investigação e conhece-se que estas envolvem o surgimento do pensamento mais abstracto e hipotético, a formação da identidade e o maior desejo de autonomia e independência (Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2003; Piaget, 1972, cit. por Remédios, 2010). Ao nível do pensamento do adolescente pode-se também sublinhar o egocentrismo, também presente noutras fases de desenvolvimento, manifestando-se agora de modo diferente, nomeadamente a nível das suas ideias, considerando frequentemente que apenas as suas formulações e explicações dos acontecimentos estarão correctas e serão válidas (Dryfoos, 1990, 1997; Dryfoos & Barkin, 2006; Alberts, Elkind, & Ginsburg, 2007, cit. por Remédios, 2010). Juntamente com uma postura de protagonista no mundo, representando para uma plateia, a ideia de invulnerabilidade também surge (conceito posteriormente desenvolvido) e como uma das características desta fase de desenvolvimento, tendo alguma relevância na interpretação e explicação no início e na manutenção de comportamentos de risco, justamente pela crença de que “o mal apenas acontece aos outros”.

É também nesta fase que o pensamento do adolescente se torna mais multidimensional e relativista (Keating, 1990, cit. por Steinberg & Silk, 2002). Deste modo, o adolescente começa a argumentar sobre os valores e regras, recorrendo às suas novas capacidades cognitivas (Steinberg, 2001, cit. por Steinberg & Silk, 2002; Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2003). Acompanhando todas estas mudanças desenvolvimentistas encontra-se a família, servindo sempre de apoio e recurso aos adolescentes e desempenhando a sua função já referida (Relvas, 2004).

1.1.1. Evolução da família na sociedade portuguesa

Giddens (2001, citado por Santos, 2009) concluiu que as sociedades ocidentais têm passado por mudanças muito significativas em relação às gerações anteriores, e que a família enquanto instituição tem sofrido diversas alterações ao longo do tempo devido a vários acontecimentos, como é o caso do aumento do número de divórcios. Isto deve-se ao novo significado atribuído ao casamento, directamente relacionado com factores sociais, já que vivemos, hoje, numa sociedade cada vez mais individualista. Simultaneamente, a vida marcadamente urbana e industrial, e o envolvimento da mulher no mercado de trabalho, aparecem aliados a uma maior necessidade material e, conseqüentemente, a um aumento das exigências em relação ao casamento (Coontz, 2005; Féres-Carneiro, 1995, 2001; Goldenberg,

2000; Jablonski, 1998, 1999; Preuss, 1999; Thornton, 1989; Thistle, 2006, cit. por Santos, 2009).

Hall (2006) conduziu um estudo com o propósito de analisar as diversas formas como as pessoas pensam acerca do casamento e identificou três grupos de pessoas: 1) as que mantêm uma visão mais tradicional e clássica acerca do casamento, percebendo-o como uma obrigação, com formato de relação mútua, romântica e moderadamente hierarquizada; 2) as que são mais auto-centradas, menos românticas e que encaram o casamento de um modo mais paralelo e menos hierarquizado, tendo sido considerado o grupo mais “prático e individualista”; e (3) as que se assemelham muito ao primeiro, contudo são mais extremistas relativamente ao estatuto do casamento, sendo ainda mais orientados para a obrigação e muito menos românticas, mas também mais pragmáticas e menos hierarquizadas. Poder-se-á talvez fazer um paralelismo entre estes três grupos de pessoas e os três grupos de famílias identificados por Doherty (1992, cit. por Santos, 2009): a família tradicional (onde se realça a autoridade paterna, o aspecto funcional do casamento e a ligação com a comunidade e os restantes familiares); a família moderna ou psicológica (muito influenciada pela atitude individualista e autónoma, menos complexa e mais nuclear, centrando-se bastante nos sentimentos e afecto) e, a família pluralística ou pós-moderna (caracterizada pela maior aceitação das diversas formas de família menos tradicionais, mais flexíveis e mais igualitárias que as anteriores).

Em Portugal, podemos observar no conjunto das mudanças que caracterizam a evolução das estruturas familiares, uma “desinstitucionalização” referente ao casamento – visto que existe um aumento significativo de vínculos conjugais informais, como é o caso da Coabitação e de outras novas formas de família - bem como uma “desfamiliarização”. Assim, a individualização e a autonomia assumem uma maior importância verificado através do aumento do número de indivíduos a viverem sozinhos (Wall & Aboim, 2003), ou seja, a ideia mais tradicional de família (constituída por um agregado familiar complexo) tem-se alterado, dando lugar a uma maior privatização da família, agora unicamente constituída por casais com ou sem filhos e a viverem sem outros parentes (Wall & Aboim, 2003).

Actualmente, as novas formas de conjugalidade convivem com as mais tradicionais no que diz respeito a diversos factores como os papéis de género, a sexualidade, a influência da religião, o adiamento das uniões, a diminuição do número de filhos, a opção pela coabitação, a importância dada ao amor (como factor que une e mantém os vínculos afectivos) e o aumento do número de divórcios (Diniz, 2009; Henriques, Féres-Carneiro & Jablonski, 2004; Machado, 2001; Wagner, 2003; cit. por Santos, 2009).

1.2. O Divórcio/Separação Conjugal

Na presente investigação, é estudada a separação conjugal, formalizada ou não com o divórcio legal entre o casal. Ou seja, é importante salientar, neste estudo, a ruptura da relação conjugal entre os pais dos adolescentes e não a questão legal do acontecimento, apesar de muita da bibliografia consultada se referir ao termo “divórcio”.

O divórcio/separação conjugal representa um complexo evento social e psicológico que, dada a sua natureza, vai influenciar várias esferas da vida das pessoas envolvidas: legais, sociais, psicológicas, económicas e parentais (Bohannon, 1970, 1985; Goode, 1956; Waller, 1930/1967; Weiss, 1975; citado por Kitson & Holmes, 1992). Nesta temática, Bohannon (1971, citado por Ahrons & Rogers, 1987) identificou seis experiências no divórcio: divórcio emocional, divórcio legal, divórcio económico (dinheiro e propriedades), divórcio co-parental (que envolve decisões acerca da custódia e visitas, sendo considerada a experiência mais dolorosa e complexa, por vezes com dificuldade em manter a relação), divórcio comunitário (mudança de amigos) e divórcio físico (autonomia individual).

O divórcio passou a ser mais aceite e não somente em situações de natureza instrumental, como o não cumprimento dos deveres e papéis conjugais (abandono, adultério, violência física) (Emery, 1988a; Katz, 1994; Price & McKenry, 1988 citado por Afonso, 1997). Após os anos setenta o divórcio começou a ser plausível em situações de natureza mais afectiva/emocional, ligadas ao bem-estar e à qualidade relacional, como a falta de intimidade e amor, o distanciamento emocional, os problemas de comunicação e às divergências nas expectativas e nos estilos de vida entre os membros do casal (Burns, 1984; Kitson, 1992; Gigy & Kelly, 1992, White, 1990 cit. por Afonso, 1997).

Este fenómeno tem-se vindo a acentuar, sendo cada vez mais aceite socialmente e até, de certo modo, “banalizado” nas culturas ocidentais (Afonso, 1997; Grzybowski, 2007 citado por Grzybowski & Wagner, 2010). De facto, é uma solução muitas vezes recorrida, como se pode observar pelos dados do INE (2003) em que no ano de 2002, 40% dos primeiros casamentos em Portugal acabam em divórcio e verificou-se, em 2007, um aumento deste número, perfazendo um total de 24 968 divórcios e separações em Portugal, mais 2 087 do que no ano de 2006 (INE, 2008). Dados mais recentes revelam que, em 2009, a nível nacional foram decretados 26 464 divórcios (INE, 2010).

Muita tem sido a investigação que afirma que o divórcio é uma crise de vida indutora de stress, envolvendo ajustamento e adaptação individual e familiar (Ahrons, 1994b; Kraus, 1979; Rice & Rice, 1986 cit. por Afonso, 1997). Neste processo a existência de filhos do

casamento aumenta a sua complexidade, na medida em que factores legais, emocionais e relacionais importantes, afectam cada elemento do triângulo familiar no modo como é encarado e tratado todo o processo (Kitson & Holmes, 1992; Grzybowski & Wagner, 2010).

A nível legal, as questões da custódia, também têm sofrido alterações. Num passado recente, as mulheres não tinham quaisquer direitos legais (“pertenciam” ao marido, assim como os seus filhos) logo, no término de um casamento, os filhos eram entregues ao pai. Hoje em dia, a custódia é geralmente concedida à mãe, a não ser que esta demonstre a ausência de suporte emocional, económico ou social para ficar com a criança (Weinraub, Horvath & Gringlas, 2002). Consequentemente, para os homens há um maior número de mudanças pois tendem a ser estes que deixam a casa, resultando num menor contacto com as crianças. A custódia partilhada ou “custódia conjunta” é também uma solução actual cada vez mais frequente, sendo importante tanto para a mãe como para o pai, mas principalmente para os filhos (McGoldrick, 1989; Leandro, 1987, Ribeiro, 1991, cit. por Afonso, 1997).

As relações vinculativas estabelecidas ainda na família antes do divórcio têm também um impacto muito importante na adaptação a esta ruptura. Um estudo de Booth e Amato (2001, citado por Fonseca, 2008) acerca do conflito interparental e das relações pais-filhos anteriores ao divórcio, revela que a separação pode ser positiva ou perigosa, conforme reduz ou aumenta o stress, dependendo da qualidade dessas relações. Barber (1998, citado por Domenico, 2006) refere que, na situação de separação, a vinculação dos filhos pode diminuir, aparecendo aliada a um possível desenvolvimento de condutas manipuladoras e menos altruístas, insegurança nas relações interpessoais, menor eficiência académica e baixa probabilidade de desenvolver um vínculo seguro com os seus filhos no futuro.

Assim, torna-se também relevante realçar o impacto que o divórcio tem no desenvolvimento psicossocial dos filhos, em particular nas relações íntimas. Isto acontece porque o envolvimento e qualidade da relação pais-filhos é um poderoso contributo para as representações gerais sobre as relações próximas, que constitui a base para as relações íntimas, podendo prejudicar o desenvolvimento da confiança nas relações futuras, caso a separação parental tenha ocorrido muito cedo na vida da criança (Fonseca, 2008). Tal pode ser acentuado ou amenizado, considerando o nível de envolvimento parental: baixos índices de envolvimento parental levam a uma maior insegurança e, por isso, a maior probabilidade de desenvolver um estilo de vinculação evitante e ansioso nas relações íntimas; por outro lado, um estilo autoritativo, onde os pais são educadores, consistentes e envolvidos, permite o desenvolvimento de comportamentos positivos nas relações íntimas (e.g. Fonseca, 2008; Whitton, Rhoades, Stanley & Markman, 2008).

1.2.1. Impacto nos adolescentes

Muitos estudos evidenciam o impacto que o divórcio parental pode ter nos filhos do casal, que se prendem na maioria com as diversas mudanças subsequentes. É muito comum que após o divórcio se constitua um núcleo familiar biparental com repercussões para os adolescentes, das quais se destacam as alterações a nível económico/financeiro, a mudança de escola por alterações da zona de residência e consequente alteração das relações de pares que até ali constituíam o seu contexto privilegiado fora da família; ainda, a alteração de rotinas, o esquema de visitas que se estabelece entre os pais após o divórcio, e outros factores associados (Grzybowski & Wagner, 2010).

De uma forma global, sabe-se que os filhos adolescentes vivenciam a separação dos seus pais como um choque, algo doloroso e angustiante (Wallestein, 1985; Urribarri & Urribarri, 1986 citado por Wagner, Falcke & Meza, 1997). Várias pesquisas realizadas realçam que os adolescentes de pais divorciados apresentam menores níveis de satisfação com a vida, mais sintomas de depressão e ansiedade e menor auto-estima, comparativamente aos adolescentes cujos pais ainda permanecem casados (Amato, 2003; Amato & Booth, 1997; Cherlin, Chase-Lansdale & McRae, 1998; Ross & Mirowsky, 1999; Tallman, Gray, Kullberg & Henderson, 1999; Webster, Orbuch, & House, 1995 cit. por Denninson & Koerner, 2006). Também são relatadas algumas diferenças de género que evidenciam uma maior vulnerabilidade das adolescentes raparigas à depressão e a problemas comportamentais quando enfrentam situações de stress familiar, como é o caso do divórcio (Gore, Aseltine & Colten, 1993; Leadbeater, Blatt & Quinlan, 1995; Compas & Wagner, 1991, cit. por Denninson & Koerner, 2006).

Como mencionado anteriormente, até à década de 70 o divórcio era visto como afectando sempre de forma negativa as crianças, causando-lhes problemas de ajustamento. No entanto, estes estudos com filhos de pais divorciados usavam amostras clínicas e salientavam apenas o impacto pós-divórcio. Posteriormente, estudos com amostras não-clínicas evidenciaram diferenças a curto e a longo prazo nos efeitos do divórcio, sendo que no momento da separação se verificam efeitos negativos, devido ao stress inicial, mas mais tarde, na generalidade, verifica-se o regresso ao funcionamento normal em poucos anos (Fonseca, 2008).

Contrariando a tendência de que o divórcio não oferecia oportunidades de desenvolvimento pessoal e familiar nos adultos, ou seja, de que seria sempre uma crise e algo

negativo, surgem estudos que indicam a funcionalidade psicológica do divórcio (Ahrns, 1994c; Kitson, 1992c; Veevers, 1991 cit. por Afonso, 1997). Aqui, são retiradas conclusões acerca da presença de reacções afectivas positivas e de respostas de bem-estar após o divórcio (Kaffman & Talman, 1984; Morrison, 1995; Richards & Schmiede, 1993 cit. por Afonso, 1997). Se entre adultos o divórcio não representa sempre um acontecimento negativo, entre os seus descendentes também se poderá inferir o mesmo, ou seja, o divórcio também poderá constituir uma oportunidade de desenvolvimento e crescimento (Amato, 2000; Kitson & Morgan, 1990; Morrison & Cherlin, 1995 citado por Rego, 2008). Neste âmbito, existem estudos que comprovam a existência de um elevado grau de resiliência entre os jovens cujos pais se divorciam, sendo que estes parecem demonstrar capacidade de adaptação, continuando a funcionar adaptativamente e a desenvolver inclusive maiores competências de responsabilidade, autonomia e independência relativamente a jovens cujos pais não se divorciaram (Amato, 1993, 2001; Gately & Schwebel, 1992; Kelly & Emery, 2003 cit. por Rego, 2008).

Tendo em conta o tema desta dissertação, considera-se pertinente referir os problemas a nível interpessoal que têm vindo a ser relacionados com o divórcio parental. Wallerstein e Blakeslee (1989, citado por Ottaway, 2010) relatam que depois de experienciarem o divórcio parental os adolescentes podem considerar difícil estabelecerem intimidade e considerarem-se pouco capazes de permanecerem estáveis e fiéis nos mesmos.

Whitton, Rhoades, Stanley & Markman (2008) também concluíram que o divórcio parental estaria associado a uma baixa confiança nos relacionamentos, operacionalizada como a intenção e o desejo de manter uma relação específica por um longo período (Stanley & Markman, 1992, cit. por Whitton, Rhoades, Stanley & Markman, 2008) e conseqüentemente um menor envolvimento e compromisso quando iniciam uma relação, ou seja, a crença de que o relacionamento será bem sucedido no futuro. Os mesmos autores concluíram também que esta falta de confiança e compromisso é bem mais marcante no caso das mulheres. Esta falta de confiança pode ser vista como uma natural consequência do facto de já terem testemunhado o fracasso das relações e dos casamentos através do divórcio dos seus pais e assim construírem a crença de que o compromisso das relações é algo arriscado (Ottaway, 2010).

Outros estudos referem também a existência de algumas diferenças de género no que respeita ao impacto do divórcio parental nos adolescentes e respectivos relacionamentos íntimos (Amato & Keith, 1991; Zaslów, 1989, cit. por Denninson & Koerner, 2006), sendo verificado um maior conflito relacional no caso das mulheres (Aro & Palosaari, 1992, cit. por

Ottaway, 2010). As mulheres tendem a perder mais o contacto com os pais após o divórcio, conduzindo a mais vinculações inseguras nas suas relações íntimas, enquanto os homens de pais divorciados tendem a envolver-se menos emocionalmente e a exibirem comportamentos mais distantes (Amato & Booth, 1994, cit. por Ottaway, 2010).

Segundo Amato (1996, cit. por Ottaway, 2010) estas dificuldades nos relacionamentos poderão ter fundamento se questionarmos as necessidades emocionais dos indivíduos que vivenciaram um divórcio parental. O autor sugere que existe uma procura de intimidade e de compromisso na esperança de suprimir as necessidades de afecto suscitadas pela separação dos seus pais, podendo esta procura de afecto e de relacionamentos íntimos, ser objectivada em termos de maior número de parceiros sexuais (Gabardi & Rosen, 1991 cit. por Ottaway, 2010).

1.2.1.1. Idade do adolescente na altura da separação/divórcio parental

O impacto que a separação ou divórcio parental tem ou poderá ter nos filhos do casal já foi anteriormente discutido, no entanto, a idade da criança/jovem na altura desse acontecimento poderá ser um factor importante. Na literatura verifica-se a falta de consenso relativamente ao efeito da idade do jovem no momento da separação/divórcio no comportamento nas suas relações íntimas, salientando duas perspectivas opostas. Alguns autores defendem que o impacto da separação/divórcio é menor quanto mais cedo ele tiver ocorrido na vida dos filhos (Wallerstein, 1984, cit. por Ottaway, 2010), mas outros defendem que quanto mais tarde ele tiver ocorrido, menor será o seu impacto (Hetherington, 1993, cit. por Ottaway, 2010).

Oderberg (1986, cit. por Ottaway, 2010) faz parte do segundo grupo e defende que quanto mais novo se é na altura da separação parental, mais problemas surgirão nos seus futuros relacionamentos íntimos. Estes problemas podem ser explicados pela incapacidade que a criança tem em perceber e lidar com a separação/divórcio dos pais. No mesmo sentido, Gabardi e Rosen (1992 cit. por Ottaway, 2010) concluíram que quantos mais anos tiverem passado desde a separação parental maior risco existe de formar crenças irrealistas acerca dos relacionamentos. Uma vez que o divórcio teve lugar muito cedo na vida dos adolescentes estes interpretam mais frequentemente os desacordos e problemas conjugais como experiências que conduzem ao fim de uma relação. Um outro factor que acresce à construção de crenças poderá ter a ver com o apoio social fora da família. Quando a separação/divórcio dos pais ocorre numa idade mais avançada do jovem maior é a oportunidade de receber apoio

fora da família, ao contrário das crianças mais pequenas sobre quem, no seio da família, se centram as atenções (Oderberg, 1986, cit. por Ottaway, 2010).

No entanto, investigações posteriores demonstram que há quanto mais tempo o divórcio tiver ocorrido, mais os indivíduos reportam confiança e altruísmo nas suas relações românticas actuais. Isto pode indicar que os pais que se divorciam quando os filhos são mais velhos podem comprometer as relações íntimas daqueles ao afectar a sua capacidade de confiar (Sprague & Kinney, 1997, cit. por Ottaway, 2010).

1.2.2. Percepção dos adolescentes em relação ao divórcio parental

Como será abordado mais à frente, o divórcio é um acontecimento cujas investigações apontam para uma correlação com as atitudes e expectativas dos adolescentes face ao futuro, especificamente em relação ao percurso dos seus relacionamentos amorosos e casamento. Stone e Hutchinson (1993) referem diversos estudos dirigidos por outros autores (e.g. Amato, 1988; Ganong, Coleman & Brown, 1981; Robson, 1982) acerca dos efeitos da estrutura familiar (divorciada, intacta, reconstruída) nas atitudes maritais dos adolescentes e em geral não encontraram diferenças significativas no que diz respeito às suas atitudes face ao casamento, o que pode ser explicado pelo facto de poder não ser propriamente o divórcio em si que promove estas atitudes, comportamentos e expectativas face ao futuro, mas antes a percepção que os adolescentes têm acerca do casamento dos seus pais, da sua qualidade marital e/ou dos conflitos existentes (Steinberg, Davila & Fincham, 2006; Stone & Hutchinson, 1993; Westervelt & Vandenberg, 1997, cit. por Ottaway, 2010; Gabardi & Rosen, 1991, cit. por Ottaway, 2010; Benson, Larson, Wilson & Demo, 1993; Fine & Hovestadt, 1984; Jennings, Salts & Smith, 1991, cit. por Larson, Benson, Wilson & Mendora, 1998). Esta percepção de qualidade ou de insatisfação do relacionamento dos pais irá contribuir significativamente para a formação das atitudes e expectativas futuras, apoiando a ideia de “integridade psicológica” ou seja, deixar de ver o divórcio como o evento negativo e colocar ênfase na qualidade do ambiente familiar, nomeadamente da qualidade marital (Stone & Hutchinson, 1993).

Muitas dessas crenças e atitudes face ao casamento e aos relacionamentos amorosos são construídas na adolescência. Através da maturação social e psicológica adquirida nesta fase de desenvolvimento, os jovens percebem os requisitos necessários ao estabelecimento e manutenção de uma relação romântica (Collins & Madsen, 2006, citado por

Denninson & Koerner, 2008), sendo usual que durante o processo da adolescência os indivíduos já se tenham envolvido pelo menos numa relação amorosa (Collins, 2003, cit. por Denninson & Koerner, 2008). As experiências passadas, nomeadamente as interacções com os membros da família durante a infância, irão logicamente desempenhar um papel importante na construção das ideias e crenças nos adolescentes, acerca das relações íntimas (Stryker, 1980, cit. por Denninson & Koerner, 2008). As experiências familiares precoces contribuem para a formação de esquemas (Baldwin, 1992, cit. por Hall, 2006) bastante estáveis durante a vida, que conduzem o indivíduo a interpretar as experiências que confirmam as hipóteses que se constroem dentro desse esquema (Lundeen, 1999, cit. por Hall, 2006), e assim se desenvolvem as atitudes e crenças mais positivas ou mais negativas relativamente aos relacionamentos românticos (Lee, 1995, cit. por Denninson & Koerner, 2008).

Abordando especificamente a relação entre o conflito parental e as atitudes maritais dos adolescentes, podemos enunciar vários estudos que afirmam que a existência de conflito na relação marital está associado a maiores dificuldades de intimidade da sua descendência (Gabardi & Rosen, 1991, cit. por Ottaway, 2010). Estes autores explicam estas dificuldades por um défice na aprendizagem, por parte das crianças, de estratégias para gerir os conflitos e comportamentos disfuncionais dos seus pais (Westervelt & Vandenberg, 1997, cit. por Ottaway, 2010). Desta forma, pode-se concluir que quanto maior o conflito parental, percebido pela descendência, menos são as atitudes positivas e favoráveis face ao casamento (Stone & Hutchinson, 1993).

Não só se considera pertinente avaliar a existência de conflito parental durante o casamento, e portanto a qualidade da relação marital, como também a existência de conflito parental após o divórcio que poderá ser relevante para a construção de atitudes negativas em relação ao casamento, por parte da descendência. Os autores Denninson e Koerner (2006) afirmam que, quanto maior é o conflito interparental após o divórcio, mais são as atitudes negativas dos adolescentes de ambos os sexos em relação ao casamento, confirmando as conclusões anteriormente referidas por outros autores, como por exemplo Jennings, Salts e Smith (1991, cit. por Denninson & Koerner, 2006).

1.3. O conceito de optimismo

Dentro da problemática da presente dissertação, em que as expectativas de futuro representam o principal objectivo de avaliação, torna-se relevante abordar o tema do

optimismo, visto que o desejo e intenção dos adolescentes de casar no futuro poderá ser bastante influenciado consoante o seu maior grau de optimismo ou pessimismo face ao futuro.

Na temática do optimismo será mais coerente abordar o conceito de acordo com a teoria de Carver e Scheier (2002), sendo que para os autores o optimismo é definido como a expectativa de que no futuro aconteçam coisas boas, neste caso específico, a construção de uma vida a dois através do casamento. Logo, as pessoas optimistas serão aquelas que apresentam expectativas de obterem bons resultados no futuro e as pessoas pessimistas aquelas que antecipam maus resultados (Carver & Scheier, 2002).

Segundo estes autores, o optimismo e o pessimismo são qualidades básicas da personalidade que influenciam a forma como as pessoas orientam os eventos das suas vidas, as suas experiências subjectivas quando confrontadas com problemas, bem como as suas acções quando tentam lidar com esses problemas. Assim, os optimistas e os pessimistas diferem em diversos aspectos importantes que têm um grande impacto nas suas vidas: na forma como encaram os problemas, as adversidades da vida e os desafios (Carver & Scheier, 2002). Coloca-se como hipótese que a forma como os adolescentes encaram a separação ou divórcio dos seus pais pode diferir consoante a sua postura mais ou menos optimista.

Dentro da teoria referida pode-se realçar duas grandes componentes: a motivação e a esperança. A motivação está relacionada com os objectivos que a pessoa estabelece para o seu futuro, ou seja, consistem em estados ou acções consideradas desejáveis ou indesejáveis, adoptando para tal um comportamento que irá ao encontro do que consideram desejável e afastando-se conseqüentemente do que consideram indesejável – “anti-objectivos”. Naturalmente que quanto mais importante é o objectivo para a pessoa, maior a relevância atribuída e, conseqüentemente, maior será a motivação para o concretizar, promovendo a acção na pessoa.

A esperança é a segunda componente do optimismo e relaciona-se com o sentimento de confiança ou de dúvida que a pessoa apresenta acerca do alcance ou concretização dos objectivos propostos, sendo que, a pessoa deslocar-se-á para a acção apenas na presença da confiança necessária para o fazer, mesmo com a coexistência de grandes adversidades (Carver & Scheier, 2002).

Como referido, existem diferenças na forma como as pessoas optimistas e pessimistas reagem às situações e às adversidades da vida logo, não será surpresa as conclusões retiradas pelos autores de que quando as pessoas optimistas se confrontam com determinados desafios adoptam uma postura de confiança, esperança e de persistência, assumindo que a adversidade poderá ser resolvida com sucesso. Pelo contrário, os pessimistas apresentam maiores dúvidas

e hesitações e antecipam o desastre face aos eventos menos positivos das suas vidas (Carver & Scheier, 2002).

Nesta mesma obra Carver e Scheier (2002) alertam-nos para duas grandes diferenças entre os optimistas e os pessimistas quando enfrentam um acontecimento mais negativo nas suas vidas – os **sentimentos** das pessoas quando se deparam com tais acontecimentos: de bem-estar ou de mal-estar, pelo que estaremos a falar de bem-estar subjectivo; e as suas **reações**, a forma como agem para lidar com as adversidades, ou seja, as suas estratégias de *coping* (conjunto de esforços cognitivos e comportamentais que permitem responder às exigências do meio percebidas (Lazarus & Folkman, 1984)).

Em relação aos sentimentos e ao seu bem-estar subjectivo, uma vez que os optimistas são pessoas que esperam ter resultados positivos no futuro, mesmo face às adversidades, o seu grau de confiança é superior ao dos pessimistas, proporcionando-lhes uma mistura de sentimentos que são relativamente positivos. Pelo contrário a dúvida, hesitação e antecipação de resultados negativos dos pessimistas proporciona-lhes uma grande tendência para a experimentação de sentimentos negativos como ansiedade, culpa, raiva, tristeza ou falta de esperança (Carver, & Scheier 1992; Carver & Scheier, 1998, cit. por Carver & Scheier, 2002).

Parece relevante referir relativamente às estratégias de *coping* que as dos optimistas são mais centradas no problema, especialmente quando a situação stressante é controlável. Mesmo em situações vistas como incontroláveis, os optimistas parecem estar em vantagem em relação aos pessimistas pois, para além de estratégias focadas no problema, apresentam também uma variedade de estratégias focadas nas emoções. Desta forma, apresentam uma tendência para a aceitação da realidade da situação, colocando-as sob a melhor visão possível, ou seja, evidenciando a capacidade de reformular positivamente o problema. Esta vantagem permite-lhes manterem-se activos e seguirem um determinado plano para o futuro, visto que quando se fala em aceitação da realidade do problema os autores não se referem a resignação, apatia ou aceitação fatalista das consequências negativas que eventualmente o problema acarreta, independentemente do quão verdadeiras elas sejam. Trata-se do oposto à tendência dos pessimistas, que frequentemente adoptam como estratégia de *coping* a evitação, negação e distanciamento do problema, que contribui para a tendência de desistir dos objectivos face à interferência do evento/acontecimento negativo (Carver & Scheier, 2002). De uma forma global, os optimistas apresentam estratégias de *coping* mais adaptativas que os pessimistas, uma vez que não apresentam uma tendência para a negação e evitamento, nem adoptam estratégias que diminuem a consciência do problema.

Como já foi dito, os otimistas tendem a persistir num plano e, portanto, são identificados como mais pró-ativos no que respeita à procura de um maior bem-estar, em vez de apenas reagirem à adversidade. Na revisão elaborada, Carver e Scheier (2002) referem os diversos estudos existentes no campo da saúde, em que as doenças constituem os eventos negativos e as adversidades da vida, demonstrando que os otimistas realizam verdadeiros passos para assegurar uma qualidade positiva no seu futuro. Transpondo para a actual investigação poder-se-á relacionar esse facto com o tema das expectativas de futuro dos adolescentes face ao casamento. Quando abordados os temas do namoro e do casamento poder-se-á perceber que passos estão a ser dados e adoptados para que as suas relações resultem e constituam um sucesso, apesar do insucesso verificado nas relações dos seus pais – ou seja, o que os adolescentes actualmente fazem ou consideram importante fazer para que o seu eventual casamento resulte.

Até agora foi evidenciado o lado positivo do optimismo e as melhores estratégias que as pessoas optimistas apresentam quando se deparam com eventos negativos, planeando o seu futuro e enquadrando-o numa visão mais positiva. No entanto, outros autores chamam a atenção para um possível perigo do excesso de optimismo (e.g. Tennen & Affleck, 1987; Schwarzer, 1994, cit. por Carver & Scheier, 2002). Poder-se-á falar de um “optimismo ingénuo” (Rodrigues, 1984, cit. por Santos, 2009) que pode ser prejudicial em alguns momentos, por se confiar demasiado no acontecimento de coisas positivas no futuro, e portanto a ausência de coisas negativas, pode promover o descuido e a despreocupação, nomeadamente com a sua saúde física. Aplicado ao tema em estudo, pode deixá-las despreocupadas no que diz respeito às suas atitudes ou acções para que um hipotético futuro casamento seja bem sucedido, podendo paradoxalmente torná-los menos activos pela sua confiança e optimismo.

1.4. Atitudes face ao casamento e a influência do divórcio/separação parental na sua construção

Começando por definir o conceito de atitude, Eagly e Chaiken (1993, citado por Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2003) afirmam que esta é um conjunto relativamente estável de visões mentais e de avaliações relativamente a uma ideia, um objecto, ou uma pessoa. As atitudes são construídas ao longo da vida, no processo de socialização, através da vivência de todas as experiências. Dentro dessas experiências destacam-se as mais precoces, que se

tornam muito marcantes, o que leva a considerar, as fases da infância e da adolescência como especialmente importantes na sua formação. Estas visões mentais são compostas por crenças individuais, constituindo um esquema rígido através do qual as pessoas baseiam e regem os seus pensamentos e, conseqüentemente, os seus comportamentos. Como referido, as atitudes também são compostas por avaliações relativamente a algo, que comporta sempre um sentimento em relação a essa ideia, objecto ou pessoa. Dessa forma pode-se dizer que as atitudes envolvem diferentes componentes que se interligam – Componente Cognitiva, Afectiva e Comportamental.

Dentro da componente cognitiva podemos destacar ideias, informações, esquemas e crenças mais rígidos que moldam a forma como a pessoa pensa, age e sente em relação a determinado objecto social (pessoa, grupo, objecto ou situação). A componente afectiva engloba o conjunto de valores, sentimentos e emoções que cada indivíduo tem em relação ao mesmo objecto social. Muitas vezes são estes sentimentos, mais positivos ou negativos que contribuem para a classificação de atitudes como sendo positiva ou negativa face a um determinado objecto social. Naturalmente que cada uma destas componentes influencia grandemente a componente comportamental que constitui uma resposta, acção e reacção normalmente lógica às ideias e sentimentos referidos em relação ao dito objecto social, uma vez que as atitudes funcionam como uma predição, mais ou menos correcta, da forma como cada um se comporta (Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2003).

Partindo deste princípio, percebe-se a importância de avaliar as atitudes dos indivíduos, neste caso em relação ao casamento e aos relacionamentos amorosos, de forma a retirar conclusões acerca das suas expectativas face ao futuro, onde a presença/ausência de optimismo pressupõe uma expectativa mais ou menos positiva face ao acontecimento de coisas boas.

Da mesma forma que a maioria das atitudes se formam na adolescência, as atitudes pré-existentes face ao casamento não são excepção (Denninson & Koerner, 2006). Assim, a experiência familiar durante a infância provavelmente influencia as percepções acerca do casamento (Hall, 2006; Starrels and Holm, 2000, citado por Willoughby, 2010).

Ao longo da revisão de literatura pode-se encontrar inúmeras formas de definir o que se entende por atitudes face ao casamento, entre elas a) a crença de que o casamento tem um benefício intrínseco (Clarkberg, Stolzenberg & Waite, 1995, cit. por Willoughby, 2010); b) a importância geral do casamento (Clarkberg et al., 1995, cit. por Willoughby, 2010); c) as mudanças positivas ou negativas que vêm com o casamento e que são antecipadas (Denninson & Koerner, 2006); d) a preparação para o casamento (Carroll, Badger, Willoughby, Nelson,

Madsen & Barry, 2009; Larson and Lamont, 2005, cit. por Willoughby, 2010); e) o desejo de casar (Mayhay & Lewin, 2007, cit. por Willoughby, 2010); f) expectativas em relação às características do relacionamento no casamento (Laner & Russell, 1994, cit. por Willoughby, 2010; Steinberg, Davila & Fincham, 2006); g) expectativas irrealistas em relação ao casamento (Flowers, Lyons, Montel & Shaked, 2001, cit. por Willoughby, 2010); h) expectativas para casar (Gassanov, Nicholson & Kock-Turner, 2008; Peake & Harris, 2002, cit. por Willoughby, 2010); i) idade esperada para casar (Plotnick, 2007, cit. por Willoughby, 2010), entre outras. No presente trabalho optou-se por fazer distinção entre o que se entende por “atitudes face ao casamento” e “expectativas face ao casamento” (explorado na secção 1.7.). Desta forma considera-se que as atitudes face ao casamento prendem-se essencialmente com as primeiras definições apresentadas, nomeadamente o benefício, mudanças positivas e negativas que os adolescentes antecipam com o casamento e a importância geral que o casamento tem para os indivíduos, bem como o seu significado. As restantes definições constituem, na visão da autora deste estudo, essencialmente expectativas em relação ao casamento, ou seja, o que os jovens esperam, desejam e antecipam face ao casamento.

Relativamente à ligação existente entre a estrutura familiar e as atitudes dos adolescentes face ao futuro casamento existem diversos estudos que apoiam a sua existência (Tasker, 1993; Valerian, 2002) e outros que afirmam não haver uma correlação significativa (Ganong, Coleman & Brown, 1987; Stone & Hutchinson 1993). Desta forma, aqueles que defendem a existência de uma relação significativa entre as duas variáveis (estrutura familiar e atitudes face ao casamento) relatam que os adolescentes que vivenciaram um divórcio parental têm atitudes mais negativas face ao casamento (Amato & DeBoer, 2001, cit. por Willoughby, 2010; Denninson & Koerner, 2006; Manning, Longmore & Giordano, 2007; Whitton, Rhoades, Stanley & Markman, 2008). Por outro lado, os que afirmam não haver uma relação entre as duas variáveis concluem que a estrutura familiar não explica as atitudes face ao divórcio, ou seja, adolescentes filhos de pais divorciados não são, nem a favor do divórcio, nem contra o casamento. Em vez disso, parecem valorizar a vida familiar da mesma forma que os outros jovens (Amato, 1988, cit. por Stone & Hutchinson, 1993).

As atitudes negativas face ao casamento podem influenciar de várias formas os comportamentos dos adolescentes e a percepção que cada um tem acerca do casamento e dos relacionamentos em geral, levando inclusive à adopção de uma postura “anti-casamento”, ou a esperarem e exigirem muito pouco das suas relações (Larson, Benson, Wilson & Medora, 1998). Observando os seus pais divorciados, os indivíduos aprendem com eles que o casamento não é permanente, comparando com aqueles cujos pais permanecem casados

(Amato & DeBoer, 2001, cit. por Whitton, Rhoades, Stanley, Markman, 2008). Muitos jovens de pais divorciados têm a crença geral de que os casais não têm a capacidade de ultrapassar conflitos conjugais e que as suas hipotéticas relações futuras irão provavelmente falhar (Wallerstein & Lewis, 2004, cit. por Whitton, Rhoades, Stanley, Markman, 2008).

Os autores Burgoyne e Hames (2002, cit. por Denninson & Koerner, 2008) avançaram uma explicação para as diferenças encontradas nos diversos estudos realizados, que se prende com a forma como é visto o casamento, ou seja, os adolescentes diferem nas suas respostas consoante o assunto for formulado a um nível individual – atitudes acerca do seu próprio futuro casamento – ou social – atitudes face ao casamento em geral, como instituição.

Se, por um lado, diversos autores relatam que os adolescentes cujos pais se divorciaram têm atitudes mais negativas face ao casamento, por outro lado, surge também muito associada a esta ideia a existência de atitudes favoráveis ao divórcio (Coleman & Ganong, 1984; Greenberg & Nay, 1982; Jennings, Salts & Smith, 1991; Kinnaird & Gerrard, 1986; Paddock-Ellard & Thomas, 1981, cit. por Larson, Benson, Wilson, Medora, 1998; Tasker, 1993; Manning, Longmore & Giordano, 2007). Por outro lado, também existem estudos que relatam que os adolescentes com pais divorciados não demonstraram mais atitudes favoráveis face ao divórcio que os que são de famílias cujo casamento se manteve (Stone & Hutchinson, 1993; Mazer, 1993, cit. por Wagner, Falcke, Meza, 1997; Ottaway, 2010), havendo opiniões distintas e por vezes contraditórias acerca deste tema.

Estas atitudes positivas dos adolescentes face ao divórcio podem ser demonstradas através da identificação do divórcio como um recurso, uma estratégia de saída, caso o casamento não resulte, havendo uma maior facilitação da crença de que o divórcio é uma boa solução no caso do não funcionamento da relação (Duran-Aydintug, 1997, cit. por Ottaway, 2010). Ao invés de trabalhar nos problemas existentes, o divórcio passa a constituir um caminho mais lógico para sair de uma má relação, em que os cônjuges já não se encontrem felizes (Johnston & Thomas, 1996, cit. por Ottaway, 2010).

1.4.1. Variáveis que influenciam as atitudes face ao casamento

Para além do acontecimento do divórcio parental por si só, alguns estudos indicam a existência de outras variáveis de igual importância na análise da sua influência nas atitudes dos adolescentes face ao casamento. Entre elas encontram-se: conflito parental/ qualidade da relação parental (Denninson & Koerner, 2006) e o género (Willoughby, 2010).

1.4.1.1. Conflito/qualidade da relação parental

A qualidade da relação marital dos pais tem sido associada a diversos tipos de atitudes dos jovens adultos, incluindo atitudes face ao casamento, coabitação e papéis de género (Amato & Booth, 2001, cit. por Willoughby, 2010). Um estudo de Denninson e Koerner (2006) alerta para o facto de determinadas variáveis, como o conflito entre os pais após o divórcio, contribuir para as atitudes dos adolescentes acerca do casamento e do seu futuro. Desta forma, elevados níveis de conflito interparental estão associados a atitudes mais negativas acerca do casamento entre os adolescentes que vivenciaram um divórcio parental. Como tem sido verificado, estas conclusões nunca são pacíficas e apesar da literatura científica evidenciar que quanto maior for o conflito parental percebido pelos adolescentes, menor são as atitudes positivas face ao casamento, Stone e Hutchinson (1993) não obtiveram as mesmas conclusões no seu estudo, o que pode suportar o facto de que elevados níveis de conflito não levam necessariamente a atitudes menos favoráveis face ao casamento. Assim, o conflito entre os pais pode não afectar as atitudes dos adolescentes face ao casamento, e portanto são claramente necessários mais estudos que aprofundem e estudem qualitativamente o fenómeno.

1.4.1.2. Género

As diferenças de género no que diz respeito às atitudes dos adolescentes face ao casamento também foram estudadas. Em regra geral, existem algumas evidências de que as mulheres dão mais importância ao casamento (Willoughby, 2010) logo, não será surpresa que as mulheres tenham atitudes mais positivas face ao casamento do que os homens (Carrol et al., 2007; Willoughby & Dworkin, 2009, cit. por Willoughby, 2010). Blakemore, Lawton e Vartanian (2005, cit. por Willoughby, 2010) afirmam que as mulheres tendem a dar maior importância e maior prioridade ao casamento, e a planear mais casar do que os homens, o que poderá ter fundamento quando olhamos para as consequências da socialização na mulher, ou seja, a ideia de que a mulher será social e culturalmente mais orientada para o casamento do que o homem (Gilligan, 1982, cit. por Whitton, Rhoades, Stanley, Markman, 2008).

Já no estudo de Larson e colaboradores (1998) parece não haver diferenças de género nas atitudes e sentimentos dos adolescentes face ao casamento, tendo em conta a sua estrutura familiar. No entanto, confirma-se o que foi anteriormente referido relativamente à maior

antecipação e preparação para o casamento por parte das mulheres (Larson, Benson, Wilson, & Medora, 1998).

1.5. Atitudes face à coabitação e a influência do divórcio parental na sua construção

Como referido, a sociedade portuguesa tem vindo a sofrer algumas alterações no que respeita à constituição de família, surgindo novas formas familiares, entre as quais a coabitação, que assume um papel importante. Também nos estudos internacionais se observam estas mudanças, como por exemplo no estudo de Manning, Longmore, e Giordano (2007), que investigaram a mudança do casamento como instituição, e as expectativas dos adolescentes de casar e coabitar. Os autores concluíram que os adolescentes incluem a coabitação como parte da trajectória de vida futura, mas raramente substituem a coabitação pelo casamento. Apesar de não haver uma clara substituição, os adolescentes consideram que a coabitação é actualmente considerada como uma parte importante do caminho para o casamento (Bumpass, 1998, cit. por Manning, Longmore, Giordano, 2007).

Dado o aumento do número de divórcios e a evolução da sociedade portuguesa nos formatos familiares e expectativas sociais, os adolescentes portugueses deveriam apresentar atitudes mais positivas face à coabitação. Com efeito estas têm vindo a aumentar entre os adolescentes de outros países, como mostram os estudos internacionais (Manning, Longmore, Giordano, 2007). Num estudo conduzido por Tasker (1993), 95% dos adolescentes filhos de pais divorciados consideram vir a coabitar, comparativamente com 85% dos adolescentes de famílias cujo casal se mantém junto. Tal facto revela que os adolescentes demonstram maior aceitação em relação à coabitação, identificando-a, inclusive, como a razão que justifica que os adolescentes com pais divorciados se mostrem mais negativos face ao casamento (Tasker, 1993). No entanto, parece existir ainda uma certa ambiguidade quanto à visão dos adolescentes em relação à coabitação, uma vez que esta não é claramente institucionalizada como o casamento (Nock, 1995, cit. por Manning, Longmore, Giordano, 2007), bem como pelo facto de não existir um evento simbólico que marque o início da união como por exemplo, uma cerimónia. Deste modo, os autores concluíram que os adolescentes estão abertos à coabitação mas não estão certos das suas crenças (Manning & Smock, 2005, cit. por Manning, Longmore, Giordano, 2007).

Muitas variáveis poderão influenciar a construção de atitudes face à coabitação, por parte dos adolescentes, como a religiosidade e o conservadorismo, quer dos próprios quer dos

seus pais. Sendo que estas variáveis apresentam uma correlação positiva entre elas ou seja, quanto mais religiosos são os indivíduos e as famílias, mais tradicionais tendem a ser (Manning, Longmore, Giordano, 2007). Este apego ao tradicional pode reflectir-se na permanência do casamento/ausência de divórcio, bem como na constituição de formas mais tradicionais de família, em detrimento das novas formas de família. O divórcio é encarado como uma atitude menos tradicional e menos religiosa, pelo que também poderá influenciar a construção de atitudes face à coabitação (Manning, Longmore, Giordano, 2007)

Dessa forma, os autores relatam que os pais divorciados/separados, menos religiosos têm atitudes mais positivas face à coabitação, assim como os seus filhos (Axinn & Thornton, 1996; Cunningham & Thornton, 2004 cit. por Manning, Longmore, Giordano, 2007), o que leva a concluir que o mesmo processo observado em relação às atitudes face ao casamento se repete para a coabitação (Manning, Longmore, Giordano, 2007).

1.6. Mudança de atitudes

Como todo o desenvolvimento e crescimento esperados ao longo de todas as fases da vida, também as atitudes são passíveis de mudança, podendo ser vários os agentes responsáveis pela formação e modificação das atitudes – e.g. a família, a escola, o grupo de pares, os *mass media*. A avaliação da mudança nas atitudes face ao futuro na área das relações amorosas (casamento, coabitação, relacionamentos) será relevante avaliar, tendo em conta a influência da presença/ausência de um relacionamento amoroso e da idade do adolescente.

Willoughby (2010) procurou averiguar se as atitudes maritais permanecem estáticas ao longo da vida, especificamente no período da adolescência, como a literatura desenvolvimentista implicitamente assume. Sassler e Schoen (1999; cit. por Willoughby, 2010) sugerem que as atitudes maritais podem mudar com base em diferentes contextos ambientais e de desenvolvimento. De facto, mediante tantas transformações durante a adolescência também as atitudes face ao casamento mudam, como verificou Thornton (1989, cit. por Willoughby, 2010), tendo em conta que os adolescentes colocam uma elevada prioridade no casamento à medida que transitam para a idade adulta.

Poderá existir por vezes um fenómeno denominado “dissonância cognitiva” que basicamente se pode caracterizar pela discordância entre uma determinada atitude em relação a algo e o comportamento efectivo da pessoa (Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2003). Ou seja, seria de esperar por exemplo, que na presença de uma atitude negativa face ao casamento, os adolescentes permanecessem solteiros (comportamento).

1.7. Expectativas futuras face ao casamento

Percepcionando as expectativas maritais como aquilo que os indivíduos esperam, desejam e antecipam face ao casamento, torna-se relevante, a avaliação do desejo que os adolescentes sentem em vir a casar no futuro, uma vez que os seus pais passaram uma experiência conjugal que resultou num insucesso. Existem bastantes estudos que demonstram o interesse por esta temática, sendo que a variável do estado marital dos pais desempenha, de facto, um papel importante nas expectativas futuras dos adolescentes, bem como o conflito parental, contribuindo para a formação de expectativas maritais negativas nos adolescentes (Steinberg, Davila, Fincham, 2006).

Amato (2000, cit. por Santos, 2009) e D’Onofrio e colaboradores (2007, pp. 21, cit. por Santos, 2009) relatam que “a separação, em parte, se aprende em casa”. Deste modo, jovens com pais divorciados dizem com bastante mais frequência que não querem casar no futuro, quando comparados com os adolescentes que permanecem em famílias sem experiência de divórcio ou separação, acreditando que os seus casamentos “não seriam para a vida” culminando também em divórcio (Santos, 2009). Desta forma, os adolescentes que cresceram em famílias com relações conjugais estáveis esperam casar-se e valorizam mais o casamento do que aqueles que cresceram noutros tipos de família (Willoughby, 2010). Contudo, a maioria continua a demonstrar desejo em casar em algum momento da sua vida (Tasker, 1993). Foi também verificado que os jovens cujos pais permanecem casados apresentam maiores expectativas de virem a casar no futuro (Manning, Longmore, Giordano, 2007).

Um estudo realizado por Denninson e Koerner (2008) refere que quando os adolescentes se focam no casamento como um assunto individual, e não social, aqueles que vivenciaram um divórcio parental podem ser ansiosos, receosos e pessimistas acerca dos seus futuros relacionamentos românticos. Uma explicação para estas atitudes face ao casamento poderá estar relacionado com o receio que os adolescentes filhos de pais divorciados/separados apresentam de serem magoados nas suas relações românticas, tornando-se apreensivos quanto à possibilidade de experienciarem uma ruptura semelhante (Wallerstein, 1987; Wallerstein & Blakeslee, 1989, cit. por Denninson & Koerner, 2008).

Os adolescentes demonstram preocupações em relação ao futuro casamento (algumas delas reflectem problemas dos próprios pais), sendo que 37,9% dos adolescentes entrevistados referem preocupação com o facto de que o seu próprio casamento futuro termine. Estes

resultados confirmam que os adolescentes de pais divorciados são mais ansiosos quanto ao seu futuro marital (Denninson & Koerner, 2008).

A observação e experiência do divórcio/separação dos pais podem influenciar negativamente as expectativas do adolescente em vir a casar, dependendo da forma como vê essa ruptura interpaparental, podendo também influenciar positivamente as suas expectativas de futuro. Ou seja, as visões acerca do casamento podem ser afectadas pelas razões que os adolescentes atribuem ao divórcio dos seus pais. Por exemplo, se atribuírem à causa do divórcio a incompatibilidade, isso pode encorajar o adolescente a desejar casar-se no futuro, quando encontrar o parceiro certo (Tasker, 1993). Esta ideia está ligada a uma idealização do “amor romântico”, onde os jovens acreditam que o amor é a “cura para todos os males” (Santos, 2009, pp. 10) antecipando casar-se no futuro. Da mesma forma, uma das características típicas desta etapa de desenvolvimento do indivíduo - a “ilusão de invulnerabilidade” - desenvolvida por Levine (2003, cit. por Santos, 2009) pode ter um carácter explicativo deste optimismo face ao futuro, em específico face ao casamento. A ideia de que as coisas más só acontecem aos outros, neste caso o divórcio, contribui para a formação de expectativas maritais positivas. Em estudos realizados, 0% dos adolescentes consideram que no futuro se irão divorciar e que “Com eles será diferente!”, existindo um crescimento da crença de que passarão o resto da vida com uma pessoa (Santos, 2009).

No estudo já citado de Denninson e Koerner (2008), existem evidências de optimismo e esperança no futuro, onde quase metade dos adolescentes (47,4%) referiram esperança em encontrar um parceiro adequado para o casamento, sendo que alguns referem inclusive, esperança em encontrar o “parceiro certo”. Relacionando com o conceito de “ilusão de invulnerabilidade”, um terço dos adolescentes tem esperança na duração do casamento e diz esperar evitar o divórcio confiando que, no geral, manterá um casamento positivo (24,6%).

Não subvalorizando a influência que a separação conjugal dos pais destes adolescentes tem no vivenciar dos seus relacionamentos amorosos e nas suas concepções acerca do casamento, esta poderá ser impulsionadora de maiores expectativas de eficácia quando se trata do próprio casamento. Apesar de muitos resultados demonstrarem que os adolescentes cujos pais se divorciaram/separaram tendem a apresentar mais atitudes negativas face ao casamento e conseqüentemente, menores expectativas de um dia virem a casar, efectivamente não é isso que se verifica, em todos os casos. Ou seja, apesar do aumento do número de divórcios, do casamento ser mais tardio e da potencial “desintitucionalização” do casamento (Cherlin, 2004, cit. por Manning, Longmore & Giordano, 2007) os adolescentes continuam a demonstrar expectativas elevadas de vir a casar, mais até do que de coabitar.

É também importante perceber que a coabitação e o casamento não são mutuamente exclusivos e que, actualmente, é mais provável a coexistência dos dois, em que um precede o outro, aliás, o estudo de Manning, Longmore e Giordano (2007) refere que metade dos adolescentes revelam a intenção de fazer, no futuro, as duas coisas. Portanto, mesmo tendo presente a possibilidade da existência de atitudes menos favoráveis em relação ao casamento por parte dos adolescentes que vivenciaram um divórcio parental, o casamento é um objectivo que permanece presente, sendo a sua rejeição no futuro pouco provável (Denninson & Koerner, 2008; Manning, Longmore & Giordano, 2007).

1.7.1. Variáveis que influenciam as expectativas face ao casamento

Nesta secção serão abordadas especificamente as variáveis que influenciam directamente as expectativas dos jovens de um dia, virem a casar, lembrando que as anteriormente mencionadas também terão a sua importância.

1.7.1.1. Idade actual do adolescente

Willoughby (2010) refere a existência de transformações ao nível das atitudes face ao casamento durante a adolescência, concluindo que as expectativas de casar aumentam com a idade, fazendo gradualmente parte dos pensamentos dos adolescentes que lhes atribuem cada vez mais importância. O desejo e a expectativa de casar vão aumentando ao longo desta fase, fazendo, cada vez mais, parte dos seus planos de vida, o que também contribui para a diminuição da idade antecipada para o casamento, pelo adolescente.

Este autor também encontrou diferenças nas atitudes dos adolescentes face ao casamento nos jovens de famílias sem divórcio/separação e restantes formas de família, sendo que os participantes de famílias da primeira tipologia terão atitudes mais centradas nessa forma de relação.

1.7.1.2. Género

Para além das diferenças encontradas nas atitudes e expectativas dos adolescentes face ao casamento, também são referidas diferenças ao nível do género. Desta forma, as raparigas

demonstram mais expectativas de casar do que os rapazes (Manning, Longmore, Giordano, 2007), antecipando e referindo mais esse desejo (Willoughby, 2010).

1.7.1.3. Presença/ausência de relacionamentos amorosos

Como mencionado, as interações com os membros da família durante a infância desempenham um papel importante na construção das ideias e crenças acerca das relações íntimas. Naturalmente que todas as outras interações interpessoais podem influenciar a consolidação e a transformação dessas mesmas crenças construídas. A experiência de um relacionamento amoroso pode ser uma fonte importante para a modificação das atitudes e expectativas face ao futuro. Manning, Longmore e Giordano (2007) no seu estudo acerca das expectativas dos adolescentes de coabitarem e casarem no futuro, colocaram a seguinte hipótese: “Adolescentes que têm uma boa interação com o sexo oposto, através do namoro ou do sexo terão expectativas mais fortes de formar uniões co-residenciais, coabitar, bem como de casar”(pp. 569), onde concluíram que, namorar e ter experiências sexuais com o sexo oposto podem estar associadas com as suas expectativas de coabitar e casar. O percurso normativo de um indivíduo passa por namorar, ter relações sexuais e formar uniões (Longmore et al., 2001, cit. por Manning, Longmore, Giordano, 2007) logo, os adolescentes que namoram e têm relações sexuais começaram uma sequência que precede a coabitação e o casamento. Desta forma pode-se considerar que o namoro e as relações sexuais contribuem para que os adolescentes comecem a considerar um futuro com os seus parceiros, aumentando as expectativas de casar no futuro (Manning, Longmore, Giordano, 2007).

Como se tem verificado, segundo a literatura científica, os adolescentes cujos pais se separaram ou divorciaram apresentam atitudes mais negativas face aos relacionamentos e ao casamento e portanto seria lógico pensarmos que estes atrasariam o casamento ou o rejeitassem. Porém, o que se observa é que a maioria dos jovens cujos pais se separaram são afectados por variáveis associadas ao casamento precoce, como o abandono da escola, do lar e se encontrarem num relacionamento sério/estável com um(a) namorado(a) (Tasker, 1993), acabando por se casar mais cedo que os adolescentes de famílias que não passaram pela(o) separação/divórcio (Kobrin & Waite, 1984; Kuh & Maclean, 1990; Bumpass, Sweet & Martin, 1991, cit. por Tasker, 1993). Tasker (1993) salienta aquilo que parece ser uma dissonância cognitiva nos adolescentes. Ou seja, não existe uma correspondência lógica entre as atitudes dos adolescentes cujos pais se separaram, face aos relacionamentos e o seu comportamento (e.g. permanecer solteiro). A hipótese levantada por parte autor de que apesar

dos adolescentes cujos pais se divorciaram serem mais negativos em relação ao casamento, acabam por se ver envolvidos em situações propícias ao casamento precoce, como o envolvimento em relacionamentos sérios/estáveis com um parceiro, parece ser apoiada pelos resultados encontrados, principalmente no caso das raparigas. Se as atitudes acerca do casamento fossem suportadas pelos comportamentos, esperaríamos que aqueles que disseram que não desejam casar-se permanecessem mais tempo na escola e em casa com os pais, e não que se envolvessem em relacionamentos sérios/estáveis. Uma vez que isto não se verifica, pode-se concluir que existe uma dissonância cognitiva entre os adolescentes cujos pais se separam e apesar de muitas vezes afirmarem que o casamento não faz parte dos seus planos futuros, parecem ser mais afectados pelas variáveis proporcionadoras do casamento do que os adolescentes de famílias sem separação e/ou divórcio. Estas circunstâncias podem influenciar as suas atitudes negativas e moldá-las, tendo como consequência a influência nas suas experiências íntimas (Tasker, 1993).

2. METODOLOGIA

2.1. Questão de partida

A presente investigação pretende tomar conhecimento acerca das atitudes que os adolescentes participantes têm acerca do casamento, do divórcio, bem como de outras novas formas de organização familiar, como a coabitação, explorando as expectativas que têm face ao futuro, em termos de relacionamentos amorosos, consoante vivenciaram ou não, um divórcio/separação parental. Desta forma a questão inicial que orientou esta investigação foi a seguinte: “Quais as atitudes e expectativas face aos eventuais futuros relacionamentos e casamento, de adolescentes que vivenciaram um divórcio/separação parental, comparando com adolescentes que não passaram por essa experiência?”

2.1.1. Questões de investigação

Após a questão de partida ter sido elaborada, existem algumas outras questões específicas que pretendem ser respondidas ao longo desta investigação, sendo elas:

Ao nível das implicações da relação parental

1) A experiência da separação/divórcio dos pais influencia as expectativas dos adolescentes face ao seu eventual futuro casamento?

2) Existe uma relação entre o estado marital dos pais e a construção de atitudes face ao casamento e face ao divórcio? Se sim, que características tem essa relação?

3) A percepção dos adolescentes acerca do ambiente familiar vivido durante o casamento dos pais, influencia as atitudes que constroem acerca dos relacionamentos amorosos em geral, nomeadamente acerca do casamento?

Ao nível das implicações da própria experiência amorosa

4) A experiência pessoal de uma relação amorosa influencia as atitudes dos adolescentes face aos relacionamentos amorosos?

5) A experiência pessoal de uma relação amorosa influencia as expectativas dos adolescentes face ao seu eventual futuro casamento?

2.2. Desenho da investigação

2.2.1. Objectivos

Tendo em consideração a questão de partida, formularam-se os seguintes objectivos de investigação:

Objectivos gerais:

- 1) Exploração da percepção dos adolescentes face à separação/divórcio dos pais;
- 2) Exploração da transição para a biparentalidade, por parte dos adolescentes;
- 3) Exploração dos relacionamentos amorosos actualmente existentes e/ou anteriormente experienciados pelos adolescentes;
- 4) Exploração das atitudes dos adolescentes face aos relacionamentos amorosos;
- 5) Exploração de expectativas dos adolescentes face aos seus relacionamentos amorosos futuros.

Objectivos específicos:

- 1) Perceber quais os aspectos positivos que o adolescente percebe no processo de separação/divórcio dos pais;
- 2) Explorar as forças pessoais dos adolescentes durante o processo de separação/divórcio dos pais;
- 3) Caracterizar o agregado familiar constituído após o divórcio;
- 4) Explorar a adaptação à biparentalidade, nomeadamente, os aspectos positivos dessa adaptação;
- 5) Identificar as mudanças mais significativas introduzidas nesta fase de adaptação (e.g. casa, escola), realçando o que consideram de positivo nestas mudanças;
- 6) Explorar as forças pessoais e virtudes descobertas pelos adolescentes durante esta fase de transição;
- 7) Percepcionar a existência de relacionamentos amorosos passados e actuais nos próprios adolescentes (e.g. namoro);
- 8) Perceber a duração/estabilidade das relações amorosas mantidas na perspectiva do adolescente, especificando o que estes consideram necessário para o seu sucesso;
- 9) Avaliar a percepção dos adolescentes acerca da influência da relação dos seus pais nos seus próprios relacionamentos amorosos;
- 10) Avaliar as atitudes (positivas ou negativas) que o adolescente tem acerca dos relacionamentos amorosos em geral;
- 11) Avaliar as atitudes face ao casamento;
- 12) Avaliar as atitudes face à coabitação;
- 13) Avaliar as atitudes face ao divórcio;
- 14) Avaliar o desejo/expectativa do adolescente de casar/coabitar;
- 15) Explorar o que o adolescente antecipa de positivo de um futuro relacionamento (casamento ou não);
- 16) Explorar a conceptualização que o adolescente tem acerca de um futuro relacionamento de sucesso, bem como o que será necessário em termos pessoais para tal acontecer.

2.2.2. Investigação qualitativa

Face ao objectivo supramencionado, a abordagem qualitativa parece a opção metodológica mais adequada. O recurso a entrevistas e à sua posterior análise de conteúdo

mostra-se mais adequado, já que se trata de um estudo exploratório e de uma investigação personalizada e dinâmica. A metodologia qualitativa considera a ciência como uma construção da subjectividade humana, de uma forma particular e dentro de um determinado sistema teórico, sendo que não pretende uma verificação directa dos resultados e conclusões mas visa compreender, apontar para um sentido da realidade, o fenómeno ou o processo estudado (Pinto, 2004). Esta definição coaduna-se com a necessidade do presente estudo, que pretende avaliar a percepção dos adolescentes face ao seu futuro casamento e dos assuntos relacionados com este projecto. Esta metodologia de investigação visa, principalmente, detectar as regularidades contidas num conjunto de elementos (entrevistas semi-estruturadas) que, directa ou indirectamente, poderão adquirir uma significação para a teoria, ou porque ainda não foram integradas na construção teórica ou porque vêm confirmar hipóteses teóricas específicas. Assim, essa forma de pesquisa científica procura realizar uma integração teórica sobre as relações entre eventos ou processos (Pinto, 2004) e perspectivá-la com base na subjectividade dos participantes.

A análise de conteúdo dos dados recolhidos através das entrevistas terá a sua habitual “função heurística” de “ver o que dá”, ou seja, de enriquecer a tentativa exploratória, aumentando a propensão à descoberta. Por outro lado, terá a função de “administração da prova” (Bardin, 2009).

Assim, podemos dizer que a análise de conteúdo recorrente na metodologia qualitativa é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2009). Descortinando esta definição, serão utilizadas algumas técnicas de análise do conteúdo das entrevistas realizadas (comunicações), que consistem na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens, surgindo diversos indicadores, ou categorias, que descrevem o conteúdo dessas mensagens, tendo como objectivo inferir, concluir e efectuar deduções lógicas e justificadas referentes à origem das mensagens em questão – no caso, as expectativas dos adolescentes face ao futuro casamento.

2.3. Participantes

Colaboraram na investigação um grupo de onze adolescentes com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, a frequentarem o 11º ano e o 12º ano de escolaridade

na Escola Secundária José Gomes Ferreira, em Benfica (Lisboa). No total foram entrevistados três rapazes e oito raparigas.

Os participantes do estudo foram seleccionados por conveniência, cujo único critério de participação foram a inclusão na faixa etária descrita (adolescentes a frequentar os últimos anos de escolaridade obrigatória), tendo, ou pais divorciados/separados e pais que permaneceram sempre casados.

2.4. Estratégia metodológica para recolha de dados

A recolha de dados da presente investigação baseou-se num único instrumento desenvolvido para esse efeito: uma entrevista semi-estruturada com duas versões, apresentado de seguida.

2.4.1. Instrumento

2.4.1.1. Entrevistas Semi-estruturadas

Após a revisão da literatura foram construídos dois guiões de uma entrevista semi-estruturada (Anexo A), um dirigido ao grupo de adolescentes com pais divorciados/separados e outro dirigido ao grupo de adolescentes com pais não divorciados/separados, com o intuito de abordar os temas considerados relevantes e pertinentes que permitissem a inferência, a dedução lógica e o acesso à experiência subjectiva, como referido anteriormente, a temática em estudo nesta investigação tem evidenciado resultados contrastantes, apelando a mais estudos qualitativos. A construção da entrevista teve assim como objectivo retirar informação e explorar os significados que a experiência da separação/divórcio dos pais teve para os adolescentes em causa, explorando assim o ambiente familiar vivido na altura, de forma a relacionar com as actuais atitudes que os adolescentes têm face aos relacionamentos amorosos e as projecções que fazem relativamente ao eventual casamento no futuro. Da mesma forma, as suas experiências pessoais no campo dos relacionamentos amorosos mostraram ser uma temática importante a abordar, pois segundo a literatura consultada, poderá ser inferida uma relação com as suas expectativas futuras no campo do casamento.

Assim, foram identificadas algumas temáticas centrais no guião da entrevista que, sendo exploradas em forma de conversa, respeitando a liberdade e espontaneidade do participante nos dariam informação relevante para a inferência pretendida. Essas temáticas

foram: 1) “Momento do divórcio/separação” e a exploração da percepção do adolescente face a esse acontecimento; 2) “Biparentalidade”, ou seja a exploração da percepção do adolescente face à transição para esta transição; 3) “Situação actual do adolescente”, no que diz respeito aos relacionamentos amorosos, as suas experiências pessoais e a percepção que tem face aos relacionamentos amorosos, eventualmente importantes para a formação de atitudes; 4) “Atitudes face aos relacionamentos amorosos”, estando aqui incluída a percepção que os adolescentes têm acerca do casamento, do divórcio e dos relacionamentos amorosos em geral. Por fim, 5) “Expectativas face ao futuro” onde foram averiguados os projectos e planos que os adolescentes antecipam que venham a acontecer no seu caso.

Os dois guiões construídos diferem apenas na ausência do tema “Momento do divórcio/separação parental” e “Biparentalidade” no guião dirigido aos adolescentes com pais não divorciados/separados.

A construção das questões presentes nos guiões tiveram em conta uma linha positiva e apreciativa, centrando-se nos aspectos positivos dentro dos assuntos abordados. Naturalmente que, se existirem, os aspectos mais negativos e dolorosos vividos pelo adolescente surgirão no contexto da entrevista, logo o objectivo de averiguar a presença desses mesmos aspectos será cumprido. Desta forma seria evitado um sentimento desagradável e doloroso suscitado ao recordar a experiência referida, uma vez que a sua lembrança e partilha acontece no contexto de questões positivas, delimitando o eventual impacto da sua negatividade. Pelo contrário, optando por esta linha construtiva facilitar-se-ia a ocorrência de *insights* positivos nos adolescentes acerca de si mesmos, por exemplo, na questão: “O que é que descobriste de melhor em ti por causa da separação/divórcio dos teus pais?”, tornando assim a própria entrevista uma estratégia interventiva e não apenas descritiva. É de supor que os adolescentes que participaram no presente estudo não tivessem ainda pensado acerca da experiência de divórcio/separação dos pais enquadrando-a numa perspectiva construtiva (Marujo, Neto, Caetano, & Rivero, 2007; Reed, 2007).

Tratando-se de uma entrevista focada nas experiências pessoais será importante a criação de um ambiente aceitante, seguro e envolvente com o adolescente, facilitando a expressão das suas opiniões e ideias. Face a esse objectivo existem questões que não são muito directivas e completamente direccionadas para a avaliação das expectativas dos adolescentes face ao eventual casamento futuro, mas sim propiciadoras à construção de uma relação mais estreita, quer com o entrevistador, quer com o próprio tema a ser abordado.

Após a conclusão dos guiões, foram realizadas cinco entrevistas-piloto para testar a eficácia do instrumento construído, sendo realizados alguns ajustes considerados pertinentes, nomeadamente em termos da construção de algumas perguntas e da linguagem usada.

2.5. Procedimentos

Antes de iniciar a investigação em causa foi enviado um pedido de autorização ao director da instituição escolar de onde eram oriundos os participantes (Anexo B) – Escola Secundária José Gomes Ferreira – tendo sido realizados alguns contactos presenciais para esclarecimento dos objectivos da investigação.

No processo de selecção dos participantes foram consideradas as turmas do 11º e 12º anos da escola referida, sendo realizada uma breve visita às turmas escolhidas (mediante disponibilidade dos professores responsáveis pela aula) com o objectivo de solicitar a colaboração aos alunos interessados. Em cada turma foi realizada, pela investigadora uma breve descrição do projecto, os seus objectivos e os critérios de inclusão já mencionados. Na sequência desta apresentação foi deixada uma folha de “pré-inscrição” (Anexo C) sendo que no final os alunos que escolheram inscrever-se receberam um pedido de autorização para entregar aos encarregados de educação para que estes tomassem conhecimento e permitissem a participação dos adolescentes no estudo (Anexo D). Uma vez inscritos, os adolescentes foram posteriormente contactados telefonicamente ou por e-mail para o agendamento da entrevista, que veio a acontecer numa sala disponibilizada pela própria escola.

No início das entrevistas, os adolescentes foram novamente informados acerca do conteúdo e dos temas que iriam ser abordados no decorrer da entrevista, bem como os seus objectivos. A questão da confidencialidade e do anonimato dos dados recolhidos foi novamente assegurada e pedida a autorização para proceder à gravação da entrevista em formato áudio (Anexo E). A realização das entrevistas decorreu entre os dias 5, 6, 7 e 8 de Abril de 2011.

Tendo em conta os objectivos da investigação, os adolescentes participantes foram divididos entre dois grupos: “Grupo com pais divorciados/separados” e “Grupo com pais não divorciados/separados”, sendo que o primeiro grupo era constituído por seis adolescentes e o segundo pelos restantes cinco adolescentes (ver Tabela 1).

Tabela 1

Distribuição dos participantes pelos dois grupos de estudo

Idades	Grupo	
	Adolescentes com pais divorciados/separados	Adolescentes com pais não divorciados/separados
16 anos	3 Raparigas 1 Rapaz	2 Raparigas
17 anos	1 Raparigas	2 Rapariga 1 Rapaz
18 anos	1 Rapaz	
Total	6	5

2.6. Estratégia metodológica para análise dos dados das entrevistas semi-estruturadas

A análise da informação proveniente das entrevistas realizadas foi feita sem apoio a programas informáticos e após a sua transcrição integral, foram identificadas as categorias principais. Surgiram ainda sub-categorias e sub-subcategorias, que permitiram retirar algumas deduções acerca das principais ideias e opiniões dos adolescentes. A análise de conteúdo foi realizada de forma individual nos dois grupos de participantes – “Grupo com pais divorciados/separados” e “Grupo com pais não divorciados/separados” (“Anexo F” e “Anexo G”, respectivamente).

3. ANÁLISE DE RESULTADOS

Como previamente referido, os resultados desta investigação foram obtidos através de entrevistas semi-estruturadas, tendo sido realizada posteriormente a sua análise de conteúdo.

3.1. Resultados do Grupo com pais divorciados/separados

A entrevista realizada ao grupo de adolescentes cujos pais se encontram divorciados/separados foi organizada em cinco grandes temas: **“Momento do divórcio/separação parental”, “Biparentalidade”, “Situação actual do adolescente”, “Atitudes face aos relacionamentos amorosos”** e **“Expectativas face ao futuro”**, que serão de seguida analisados.

“Momento da separação/divórcio”

Este tema teve como objectivo avaliar a percepção que os adolescentes têm acerca da divórcio/separação dos seus pais, fornecendo uma visão do ambiente familiar, nomeadamente da eventual existência de conflito parental. Foi possível perceber que a totalidade dos adolescentes entrevistados consegue objectivar a ocorrência de coisas boas associadas ao acontecimento em causa, na qual surgiu a categoria – **“Bem-estar”**¹, que se divide em três sub-categorias: **“Ausência de problemas/discussões”**², **“ Felicidade dos pais”** e **“Proximidade face aos pais”**.

Na sub-categoria **“Ausência de problemas/discussões”** os adolescentes identificam a separação/divórcio como a solução para um conflito ou para um mau-estar familiar: *“ (...) Eu lembro-me de certas coisas e uma delas era as discussões, que existiam muitas, e claro que uma vez dado o divórcio elas deixaram de existir.”* (MR.).

A **“ Felicidade dos pais”** - *“Para os meus pais, as coisas ficaram melhores (...)”* (I.), podendo estar relacionada com o surgimento de outros relacionamentos dos seus pais, ou com a permanência de uma relação de amizade entre o ex-casal, surgindo então as duas sub-subcategorias: **“Novos relacionamentos e descendência/Fratria”**³ – *“ (...) Eu consigo ver a minha mãe e o meu pai felizes (...) algo que não me lembro de ver antes e pronto, e deu-me uma irmã, que é sempre bom”* (T.) e **“Manutenção de boa relação do ex-casal”** – *“Eles continuam super amigos, a darem-se super bem (...) almoçamos todos juntos, jantamos todos juntos (...)”*(A.) Torna-se curioso perceber que metade dos adolescentes deste grupo identificaram esta última sub-categoria como sendo relevante para si, mostrando que, hoje em

¹ Todas as categorias encontram-se entre aspas, a negrito e sublinhadas.

² Todas as sub-categorias encontram-se entre aspas, a negrito.

³ Todas as sub-subcategorias encontram-se entre aspas, sublinhadas.

dia, o ex-casal parece estar preocupado com o bem-estar familiar e empenha-se na manutenção de uma relação saudável e cordial, promovendo bem-estar e adaptabilidade do adolescente face à nova situação familiar.

A terceira sub-categoria é a **“Proximidade face aos pais”**, sendo claro que os adolescentes em questão afirmam, após a separação terem-se aproximado mais de um ou de ambos os pais - por vezes o pai que saiu do lar – ou, por outro lado, aproximação face aquele com quem permaneceram a viver – *“O meu pai antes era, pronto, era distan... distanciava-se muito (...) depois do divórcio parece que o meu pai (...) percebeu, pronto, gostava imenso de mim (...) Agora... adoro o meu pai, adoro estar com ele, é excelente”* (CE.).

“Biparentalidade”

Este tema visava perceber como os adolescentes ultrapassaram e se adaptaram à nova situação familiar. Os adolescentes identificaram algumas mudanças inerentes ao processo, muitas delas relacionadas com a saída de casa por parte do pai, ou com questões mais logísticas, como a mudança de casa. Aqui surge a categoria **“Estratégias internas”**, para superar da melhor forma esta fase, constituída por seis sub-categorias: **“Abstracção/ Diversão”**, **“Ver o lado positivo”**, **“Fé”**, **“Capacidade de adaptação”**, **“Aceitação da realidade”** e **“Força/Paciência”**. Por outro lado surgem as **“Estratégias externas”** objectivadas em dois factores: **“Tempo”** - *“(…) Foi passando (...)”* (I.), confirmando a ideia já adiantada de que no momento da separação se verificam efeitos negativos, com stress inicial, mas mais tarde, na generalidade, verifica-se o regresso ao funcionamento normal em poucos anos (Fonseca, 2008); e **“Apoio”**, integrando as sub-subcategorias: **“Escola”**, **“Amigos”** e **“Família”**.

Relativamente à sub-subcategoria **“Família”**, pode-se compreender a importância que tem para os adolescentes a manutenção de um bom relacionamento entre o ex-casal nesta fase de adaptação, surgindo ainda as sub-subsubcategorias: **“Bom relacionamento do ex-casal/Liberdade de visitas”**⁴ - *“(…) Nós não temos aqueles dias específicos para estar com um e com o outro, estamos com quem quiser, quando nos apetecer e então passou-se bem.”* (A.) e **“Novos relacionamentos dos pais”** - *“(…) A minha mãe arranjou um namorado, com o qual eu tinha um relacionamento muito bom, portanto... quer dizer também tive sempre uma presença... masculina na minha vida(…)”* (MR.).

⁴ Todas as sub-subsubcategorias encontram-se entre aspas.

Por último, constituiu-se a categoria **“Ausência de percepção”**, uma vez que dois adolescentes mostraram dificuldade em avaliar a forma como se adaptaram às novas situações decorrentes da separação parental, pois eram muito novos na altura do acontecimento - *“(…) Eu não me lembro de muito, e do que me lembro, não foi uma coisa que me custou muito, porque, pronto, tinha três anos(…)”*(MR.). Isto pode apoiar a ideia proposta por Wallerstein (1984, cit. Ottaway, 2010) que o impacto da separação/divórcio é menor quanto mais cedo ele tiver ocorrido na vida dos filhos.

Quando questionados acerca dos conselhos a dar aos restantes jovens na mesma situação que a sua, para ultrapassar da melhor forma esta fase, os adolescentes referem, na sua maioria, estratégias **“Semelhantes às estratégias adoptadas”** por si, o que nos sugere que as consideram úteis. Porém, surgem também conselhos relacionados com o oposto das suas estratégias, menos adaptativas – **“Diferentes das estratégias adoptadas”**, especificamente o **“Não sobrecarregar os pais com sentimentos negativos”** – *“(…) Não descarregar nos pais, porque acho que foi algo que eu fiz sobre a minha mãe muitas vezes, ahh, não se deve fazer.”* (T.).

Quanto às virtudes pessoais que os adolescentes identificam como presentes na altura do divórcio/separação surgiram as seguintes categorias: **“Capacidade de recuperar de acontecimentos desagradáveis ou stressantes”**, **“Altruísmo”** e **“Fé”**.

A categoria **“Capacidade de recuperar de acontecimentos desagradáveis ou stressantes”** surgiu no discurso de todos os participantes, incorporando as seguintes sub-categorias: **“Abstracção/ Diversão”** - *“(…)Acho que sozinho consegui ultrapassar isto, distrair-me o máximo possível, jogando, lendo, fazendo desenhos ou assim, qualquer coisa que me distraísse na altura, acho que sozinho consegui fazer muita coisa para ultrapassar esta situação.”* (T.), **“Ver o lado positivo”**, **“Maturidade”** e **“Inteligência”**. A categoria **“Altruísmo”** surgiu mediante o indicador: *“Pensar no que é que é melhor para os nossos pais”* (CE.) e **“Fé”**.

Nas qualidades/virtudes pessoais descobertas durante esta fase, até então desconhecidas surgiu a mesma categoria **“Capacidade de recuperar de acontecimentos desagradáveis ou stressantes”**, agora objectivada através das sub-categorias **“Capacidade de adaptação”** – *“(…) Talvez facilidade de adaptação e de conseguir não ver nenhum mal naquilo em que geralmente até cria conflitos nas crianças (…).”* (MR.); **“Resistência/força”** - *“(…) Que sou mais resistente do que achava (…).”* (T.), bem como **“Ver o lado positivo”** - *“Não sei, acho que esta mania minha, que eu tenho de ver sempre o lado bom das coisas, o lado bom das pessoas, isso, não sei se tinha consciência disso (…).”* (I.). Foram também

identificadas as categorias **“Autonomia”** - *“Talvez que, sei lá, talvez que tivesse de ser mais independente, nessa altura comecei a ganhar mais independência (...) (R.) Descobriste que eras capaz de o fazer? (E.) Sim.” (R.)* e a **“Influência na fratria”**, com a sub-categoria **“Promoção de bem-estar”** - *“(…) Por exemplo, a minha irmã, consegui animar a minha irmã, não sabia que, pronto, conseguia ter assim tanta influência nela, não é?!(…) consegui sempre... meti-a sempre a rir e não sei o quê e a dizer “isto não é drama nenhum, está tudo bem!”, portanto (...) descobri que, vá ainda tenho influência na miúda” (A.).*

“Situação actual do adolescente”

Com este tema pretendia-se perceber a existência de relacionamentos amorosos presentes e passados nos adolescentes entrevistados. Todos os participantes afirmaram terem já vivenciado uma experiência amorosa, algo já antecipado por Collins (2003, cit. por Denninson & Koerner, 2008). Para além disso, pretendeu-se avaliar a percepção que os adolescentes têm da influência da relação dos seus pais nas suas experiências amorosas, objectivando aquilo que retiraram como aprendizagem da relação marital dos pais. Assim, foi possível perceber que todos os adolescentes afirmaram estarem/ter sido felizes nas suas relações amorosas, considerando-as na sua maioria estáveis e sérias - *“Sim, séria e estável, sim” (MR.).* Dois dos participantes afirmam ter uma percepção diferente hoje, quando se reportam à relação passada, surgindo as categorias **“Sim, na altura”** e **“Sim, não para casar”** - *“Ahh, considero (...) Quer dizer, não é sério de “Eu vou casar!” (CE.).*

Na questão acerca do envolvimento pessoal dos jovens entrevistados têm/tiveram na manutenção dessa relação estável, começam a surgir as grandes categorias presentes ao longo de toda esta temática e que se repetirão inúmeras vezes no que diz respeito às percepções e atitudes dos adolescentes face aos relacionamentos amorosos (última temática abordada). Estas categorias sugerem que existe uma integração por parte dos adolescentes dos requisitos necessários ao estabelecimento e manutenção de uma relação romântica, típica desta fase de desenvolvimento como afirmam Collins e Madsen (2006, cit. por Denninson & Koerner, 2008). As categorias são: **“Bem-estar”**, **“Suporte”**, **“Amor”** e **“Cordialidade”**.

A categoria **“Bem-estar”** engloba as sub-categorias **“Conforto”** formulada através de indicadores como *“Sentir-se confortável consigo e com a outra pessoa (...) Eu sentia-me confortável quando estava com ele (...) sentir-se bem com aquilo que estava a fazer (...)” (MR.); “Gestão de tempo casal/meio social: Actividades individuais/conjunto” - “(...) Estou com ele, estou com os meus amigos, não deixo ninguém de parte” (A.), “Humor” -*

*“(...) Eu sou uma pessoa que gosta muito de pessoas bem-humoradas, e ele é!” (...)*Faz-me rir e eu adoro rir, adoro. Acho que isso é... pronto, há que nos mantermos felizes, não é?! E pronto, o bom-humor é sem dúvida, aquela coisa(...)” (CE.) e **“Agradar”** referente às actividades e posturas desempenhadas pelos participantes para agradar ao parceiro romântico, podendo ser ainda decomposta pelas sub-subcategorias “Surpresas”, “Empenho” e “Ausência de controlo”.

Na categoria **“Suporte”** identificou-se a subcategoria **“Presença”** - *“(...)Estávamos imenso juntos(...)passávamos imenso tempo juntos basicamente” (I.)*, tendo como sub-subcategorias a “Disponibilidade Atensão/preocupação” - *“Preocupava-me sempre com ela, estava sempre com ela, era sempre atencioso (...)” (R.)*; “Apoio” - *“(...) Tinha sempre paciência para (...) para as coisas dela, que ela às vezes tinha(...) para a ouvir sempre, acho que era isso que eu fazia de melhor” (R.)* e “Confiança” - *“É assim, tenho confiança no meu namorado, não desconfio dele, até ao momento em que ele me der razões para desconfiar dele (...)” (A.)*.

A categoria **“Amor”** diz respeito ao sentimento, nomeadamente à intensidade do amor sentido pelo parceiro romântico, que constitui naturalmente um factor importante para que os adolescentes considerassem a sua relação estável e séria - *” Nós gostávamos imenso um do outro e isso, pronto, acho que é a base de tudo, se não há isso não há nada (...)” (I.)*. Decorrentes desta categoria emergem as sub-categorias **“Amizade”** - *“(...) e porque é que era estável... porque já éramos amigos muito antes disso (...)” (I.)* e **“Compromisso”** - *“É isso, é o comprometermo-nos um ao outro, não é?! É um namoro, não é aquela coisa de miúdo, de namorar uma semana e depois na outra já ter outro namorado (...)” (CE.)*.

Por fim, a última categoria, **“Cordialidade”**, foi proposta através do indicador *“(...)Dávamo-nos, sempre nos demos bem(...)” (I.)*.

Na questão relacionada com a percepção que os adolescentes têm acerca da influência que a relação dos seus pais teve nas suas relações amorosas, é notório a aprendizagem que os adolescentes dizem ter realizado, quer da **“Aprendizagem do que fazer”**, quer da **“Aprendizagem do que não repetir”**. Este facto comprova que a interacção e as experiências familiares durante a infância têm um papel importante na formação de percepções e atitudes face aos relacionamentos amorosos (Hall, 2006; Starrels & Holm, 2000, cit. por Willoughby, 2010), e na construção de princípios ligados aos requisitos para a construção e manutenção de um relacionamento amoroso (Collins & Madsen, 2006, cit. por Denninson & Koerner, 2008). Os próprios adolescentes realçam o facto de tentarem espelhar as ditas aprendizagens nas suas relações amorosas. Curiosamente, surgiu uma terceira

categoria relacionada com a aprendizagem através dos novos relacionamentos dos pais, e não somente com o relacionamento do ex-casal – **“Aprendizagem através de novos relacionamentos dos pais”** - *“Apreendi muita coisa com os meus pais e ainda agora com o meu pai e com a minha madrasta, acho que ainda me serve de modelo.” (T.).*

Dentro da categoria **“Aprendizagem do que fazer”** os adolescentes referem as sub-categorias: **“Partilha”**, **“Amor”**, **“Bem-estar”**, **“Suporte”**, **“Ponderação: Cuidado nas decisões”**, **“Cordialidade”**, **“Resolução de problemas”** e **“Valores: Religião/Conduta do Ser Humano”**.

Na sub-categoria **“Partilha”** - *“Ensinou-me (...) a contar sempre as coisas e a ser verdadeira (...) a não esconder as coisas, basicamente. Se eu me sentia mal, dizia que me sentia mal, se eu me sentia bem, dizia que me sentia bem (...)” (I.)*, surgem as sub-subcategorias: **“Diálogo”** - *“(…)Apreendi que não é bem essa a maneira de resolver as coisas, é conversar e ter calma principalmente.” (T.)* e **“Actividades de casal”** - *“(…)Estão sempre a fazer actividades juntos (...)” (T.)*

Apesar do casamento dos seus pais ter terminado em divórcio, os adolescentes conseguem identificar mesmo assim os aspectos positivos das suas relações, principalmente quando o ambiente familiar era intitulado como positivo e sem conflito aparente e visível para os adolescentes. Deste modo, a sub-categoria **“Amor”** surge como algo aprendido através da vivência da relação parental - *“Os meus pais, quando estavam juntos, não são aquele casal de ter medo de dar a mão ou estar agarrado (...) Não são aquele casal distante (...) Eles estavam casados porque gostavam mesmo um do outro e pronto estavam sempre aos miminhos, não é?!” (CE.).* Dentro da sub-categoria em questão surgem as sub-subcategorias **“Dedicação”** e **“Sinceridade”**, baseadas, respectivamente, em indicadores como: *“A minha madrasta faz tudo pelo meu pai, basicamente tudo mesmo (...) Dedicam-se muito um ao outro (...)” (T.)* e *“Ensinou-me (...) a contar sempre as coisas e a ser verdadeira e, pronto isto é um bocado piroso, mas é verdade (risos) (...)” (I.).*

A sub-categoria **“Bem-estar”** volta a ser referida, surgindo novamente as sub-subcategorias: **“Agradar: Surpresas”** - *“Olha, os meus pais, por exemplo, faziam sempre surpresas, como eu estou sempre a fazer (...)” (A.)*, **“Diversão”** e **“Gestão de tempo: casal/meio social”** - *“(…)Sempre me ensinaram que temos de ter tempo para os amigos e para o namorado, não podemos dedicarmo-nos só a uma coisa (...) Tiravam sempre uns dias para eles, para estarem a namorar (...)” (A.).*

Na sub-categoria **“Suporte”**, surgiram novamente as sub-subcategorias **“Presença”** e **“Confiança”**, baseadas, respectivamente, nos indicadores *“(…)Estão sempre muito tempo*

juntos (...)” (T.) e *“Os meus pais nunca desconfiaram um no outro (...) temos de confiar muito um no outro (...)*” (A.).

A nova sub-categoria **“Ponderação: Cuidado nas decisões”** foi apenas identificada por um adolescente, estando esta muito ligada à visão mais negativa que o adolescente apresenta da relação parental, tendo inclusive cortado relações com a figura paternal: *“ Talvez me ensinou a ver que tenho de ver as coisas com mais cuidado e com mais... com mais cabeça! Não fazer coisas assim sem pensar. Acho que me ajudou um pouco nisso ”* (R.).

A sub-categoria **“Cordialidade”** foi originada pelos restantes jovens que realçam um bom relacionamento entre os pais e uma percepção positiva acerca do ambiente familiar, e divide-se nas sub-subcategorias: **“Boa relação do casal”** - *“Eles nunca discutiam à nossa frente (...) a relação dos meus pais era óptima, que eu considerava óptima (...) acho que é sempre bom, ter assim um modelo em casa(...)*” (I.), **“Bom relacionamento após divórcio”** - *“Eu, tal como tinha dito há pouco (...) mantiveram uma relação de amizade, após o divórcio, e eu acho que isso é importante (...)*” (MR.), e **“Ver aspectos positivos da relação”** - *“(...)Talvez o facto da minha mãe estar sempre a dizer “ Ah, porque eu amei muito o teu pai, filha” e eu acho que isso é óptimo (...) de conseguirem ver os aspectos positivos da relação que tiveram e não dos aspectos negativos, ajudou-me muito, porque eu reparo, por acaso, que quando eu tenho uma relação que acaba, tento sempre ver os aspectos positivos para que a minha relação posteriormente a essa separação seja boa, lembrando-me sempre dos aspectos negativos para não voltarem a acontecer numa outra relação, não é?!”* (MR.)

A resolução dos maiores problemas dos pais destes adolescentes resultou no divórcio/separação, no entanto, os adolescentes identificam como aprendizagem a **“Resolução de problemas”**, acreditando que esta é **“Exequível/Possível”** - *“(...)Tentar resolver tudo pelo melhor(...)*” (A.) ; *“(...) Aprendi que não é bem essa a maneira de resolver as coisas, é conversar e ter calma principalmente.”* (T.).

Por último, a sub-categoria **“Valores: Religião/Conduta do Ser Humano”**, relaciona-se com a educação e transmissão de valores, onde o participante afirma ter realizado uma aprendizagem relativamente aos relacionamentos amorosos - *“Ensinaam-me (...) a ter valores... eu sou católica e pronto acho que os valores da religião católica são muito fortes e eu também os adquiero, não é?!”* (...) *Ensinaam-me a ser boa pessoa, não é?! (...)*” (CE.).

A categoria **“Aprendizagem do que não repetir”** foi apenas referida por um dos participantes, e poderá estar relacionada com o ambiente familiar em questão, marcado por inúmeras discussões, levando o adolescente a concluir o que gostaria de evitar numa relação sua, dadas as consequências dos comportamentos.

“Atitudes face aos relacionamentos amorosos”

Começam agora a surgirem dados que nos indicam as atitudes que os adolescentes têm acerca dos relacionamentos amorosos, nomeadamente acerca do casamento, coabitação, e divórcio. Santos (1986/1993, cit. por Santos, 2009) encontrou nos seus estudos cinco categorias para a resposta à questão, “o que faz durar um casamento?” – amor, respeito mútuo, companheirismo, confiança e sexo. Os dados da presente investigação vão em grande parte ao encontro das conclusões do autor mencionado, pois na questão que se assemelha a esta, surgiram as categorias: **“Amor”**, **“Bem-estar”**, **“Suporte”**, **“Suporte”** e **“Partilha”**.

A categoria **“Amor”** *“Acho que é o amor!” (R.)*, integra as sub-categorias **“Amizade”** - *“(…) Ser companheiro, ser amigo(…) Ao fim ao cabo, nós temos de ser amigos primeiro, não é?! (…)” (CE.)*, **“Sinceridade”** - *“Seremos honestos para connosco e para com o outro(…)” (CE.)* e **“Compromisso/Fidelidade”** - *“Comprometermo-nos com...uns aos outros, não é?! (…).fiéis (…)” (CE.)*.

A categoria **“Bem-estar”**, apresenta as sub-categorias **“Empenho/Agradar”** - *“(…) como já referi o empenho (…)” (MR.)*, **“Conforto”** - *“Acho que o sentirem-se confortáveis com a outra pessoa (…)” (T.)*, **“Felicidade”** - *“Poder partilhar uns com os outros a alegria, não é?! A felicidade (…)” (CE.)*, **“Estabilidade económica”** - *“Ahh, outros aspectos materiais, como (….) a estabilidade financeira, isso é bastante importante (…)” (MR.)*, **“Diversão/Alegria”** - *“(…) Há que ser divertido, não é?! Há que ter uma maneira de estar na vida muito alegre.” (CE.)* e **“Saúde da relação”**.

A categoria **“Suporte”** decompõem-se na **“Confiança”** - *“Eu acho que a base é mesmo a confiança, se não confiarmos uns nos outros, não dá (…)” (A.)* **“Apoio”** - *“(…) Dar afecto ao outro, ser atencioso, ser companheiro, ser amigo(…)” (CE.)* e **“Presença”** especificando-se na sub-subcategoria **“Atenção/Disponibilidade”** - *“(…) Mas para mim mesmo gosto é da disponibilidade e da atenção (…)” (T.)*.

Por último, a categoria **“Partilha”** - *“(…)Se contarmos um ao outro o que é que se passa, mesmo que, pronto, tenhamos cometido algum erro, se (….) partilharmos, pronto, acho que se ultrapassa isso muito mais facilmente (…)” (A.)* integra a sub-subcategoria **“Gostos/Pensamentos/Projectos”** - *“E depois... tem que se partilhar qualquer coisa, partilhar qualquer coisa em comum, tem que se, não é gostar das mesmas coisas(…) tem de haver (….) a partilha de alguma coisa que ambos gostamos muito de fazer ou de ter ou de ser (….) para haver motivos para estarmos juntos(…)” (L.)*

Outros dados referentes aos aspectos mais positivos de um casamento vão ao encontro dos dados encontrados em estudos anteriores de Santos (1986/1993, cit. por Santos, 2009) como a “Intimidade/Partilha” (Vida em comum, estar junto o tempo todo, incluindo os momentos difíceis, companheirismo, etc.), “Condições ideais para ter filhos”, “Constituição de uma família/lar”, “Satisfação psicológica a nível individual”, “Melhoria da sexualidade” e “Possibilidade de ter um relacionamento estável” (mais segura, com mais amor). Os resultados desta investigação corroboram as conclusões do autor, tendo surgido exactamente as mesmas categorias apresentadas para a questão anterior, apenas com algumas variações a nível das sub-categorias, acrescentando em alguns casos algumas ideias e não emergindo outras. É o caso das sub-categorias: **“União”** - *“Ahhh, acho que é mesmo a união, o facto de nunca estarem, nunca ser apenas o meu pai, apenas a minha madrasta, não, são os dois a fazerem tudo, juntos (...)”* (T.), **“Altruísmo”** - *“A partilha! Muito, não pensarmos só em nós mas pensarmos na nossa relação, não é?!”* (CE.) e **“Descendência”** - *“É...o poder criar uma família, visto que eu quero ter filhos(...)”* (A.), integradas na categoria **“Partilha”**.

As categorias mencionadas voltam a surgir quando os adolescentes enunciam alguns dos conselhos para um casal ser feliz. Na categoria, **“Partilha”** salienta-se a sub-categoria **“Diálogo”**, nomeadamente as **“Expectativas/prioridades da relação”**, de forma a prevenir futuros sentimentos de frustração, ou desilusão, quando estas não são alcançadas, e a sub-categoria **“Projectos futuros”** - *“(...) Conversarem, ahh, planearem o futuro, acho que é isso (...)”* (R.). Acrescenta-se ainda, a sub-categoria **“Convicção/certeza”** à categoria **“Amor”** - *“Bom, que tenham a noção que é com aquela pessoa que querem estar, epah, e que tenham consciência que vai ser com aquela pessoa que vão estar (...)”* (R.)

Relativamente à coabitação, foi possível compreender que a maioria dos adolescentes a identificam como uma opção legítima e muito semelhante ao casamento, surgindo então a categoria **“Igual/Semelhanças face ao casamento”** nomeadamente em relação ao **“Amor”**, à **“Felicidade”**, **“União”**, e **“Seriiedade”**, que constituem as sub-categorias. Neste âmbito surgiu uma metáfora curiosa: - *“Ahh, essa forma de união, na minha opinião, é... pronto tem a ver com as características de cada um... eu não tenho que assinar um papel para afirmar que gosto de uma pessoa (...) é como comprar uma casa, eu posso comprar uma casa e dizer que ela é minha, e posso arrendar uma casa e dizer que ela é minha também, porque na verdade, sou eu que estou lá, e... eu não sei se me estou a fazer entender na ligação (...)”* (MR.). No entanto os mesmos adolescentes acabam por objectivar algumas diferenças que originaram a categoria **“Diferenças face ao casamento”**, que inclui o **“Carácter menos definitivo”**- *“(...)Se assumires casar com uma pessoa, estarias a dizer que isso é para toda a*

vida... (E.) *Claro que sim (...)*” (MR.), que se refere às sub-subcategorias “Facilidade de Experimentação” e “Liberdade/Preparação”, ou seja, a preparação que a pessoa tem para assumir um compromisso desse género.

Para além destas sub-categorias surgiram a **“Ausência de pressão”**; **“Não oficial”** - *“O casamento é só formalizar essa união (...)*” (T.), destacando-se a sub-subcategoria “Menor significado/seriedade” - *“(…)Se eles tomam a decisão de eles viverem juntos, é porque têm uma relação forte e pronto (...) Eu acho que se têm uma relação forte, eu acho que não faz sentido não casar(...) o casamento dá mais sentido. Porque é tipo oficializar, pronto. (...) é mais, tornar mais verdadeiro, mais real(...)*” (I.); e **“Ausência de compromisso com Deus”**- *“ E acho que o casamento é...é também comprometermo-nos com Deus, quem é católica, certo? Comprometermo-nos naquela relação, sermos fiéis (...)*” (CE.).

Relativamente às formas úteis que os adolescentes identificam para resolver os problemas que um casal pode enfrentar ao longo do casamento surgiram as categorias “Comunicação”, “Cordialidade”, “Suporte” e “Amor”.

Dentro da categoria “Comunicação” surge a sub-categoria **“Diálogo”** - *“(…) Com muita conversa... lá vai a conversa... ahh, tentar resolver aquilo(...)*” (I.), onde os adolescentes consideram ser importante a “Avaliação” - *“(…) Temos de fazer uma avaliação, daquilo que se está a passar e...realmente perante essa avaliação, tentar ver o que é que está mal, o que é que está bem, e se é realmente aquilo que se quer (...)*” (MR) e a “Calma” - *“(…) Conversar sempre com o outro, o máximo possível, sinceridade acima de tudo, ahh, e manter a calma quando acontece alguma coisa de mal (...)*” (T.). Juntando a esta sub-categoria surge a **“Partilha”** - *“Ahh, principalmente não guardar nada para nós mesmos (...)*” (T.).

A categoria “Cordialidade” expressa-se através das sub-categorias **“Consenso”** - *“(…) temos de ver o que é que um fez mal e o outro fez mal, para chegarmos a um consenso, não é?!”* (CE.), **“Desdramatização”** - *“(…) Mas para ultrapassar os problemas, acho que não podemos dramatizar uma situação, às vezes temos de deixar, às vezes temos de deixar de lado, não é?! Pronto, não ligar muito à situação (...)*” (CE.), **“Cedências”** - *“(…) Porque eu, tanto amizades como outras relações, não vale a pena, por orgulho, estragar uma relação (...)* os problemas que existem também se devem ao orgulho que as pessoas têm e à não capacidade de compreender quando devem estar, quando devem admitir que estão certas ou não.” (MR.), **“Acções de perdão: Surpresas”** e por fim a sub-categoria **“Compreensão”**, que inclui a “Aceitação do significado do casamento/Aceitação do erro Humano” como sub-subcategoria - *“(…) Apesar de alguma coisa ter corrido mal, que o casamento é o casamento,*

no bem e no mal, na doença e não sei o quê e não sei o quê, não sei bem, mas é tipo na alegria e na tristeza e portanto (...) se estamos casados é porque, pronto é aquilo, nos amamos completamente e estamos lá um para o outro e não é uma dificuldade que vai, de repente, estragar aquilo tudo e fazer com que não sirva de nada.” (I.) “; (...) Pronto, toda a gente erra e há-de haver coisas más, ninguém é perfeito, não é?! Mas que, primeiro, principalmente é...aceitar...que alguém, eu ou outra pessoa errou, e depois com muita conversa (...) tentar resolver aquilo (...)” (I.).

A categoria **“Suporte”** volta a englobar a sub-categoria anteriormente referida: **“Confiança”**, surgindo a nova sub-categoria de **“Apoio Externo: Especialistas/terapia”**. Apesar de mencionada exclusivamente por um dos participantes, considera-se pertinente referir a percepção do apoio externo e especializado na área da psicologia - *“(...) Se eu passava uma fase da minha vida em que todos os dias discutia por tudo e por nada, ou consultava uma pessoa especialista (...) Consultava uma pessoa que me fizesse ajudar, não é?! Porque sempre tive uma mente muito aberta nessas coisas (...) porque quando as pessoas têm problemas, têm que ser resolvidos de qualquer forma... ahh, ou então, se não fosse o caso de consultar um especialista (...) ou diria para ser ele a consultar um especialista ou diria para irmos os dois, porque pronto, as coisas têm que ser tratadas e resolvidas.” (MR.).*

Por fim, surge a categoria **“Amor”**, que segundo os participantes facilitará em grande parte a resolução dos problemas existentes.

Relativamente à questão acerca do divórcio ser uma boa opção para solucionar os ditos problemas, surgiram as categorias: **“Atitudes”** e **“Causas-Boa solução”**.

A primeira categoria diz respeito às atitudes dos adolescentes face ao divórcio, mostrando que os adolescentes identificam uma variedade de soluções primárias a este, surgindo as sub-categorias: **“Necessidade de Ponderação devido aos filhos”**, **“2ª oportunidade de felicidade”** e **“Última opção/Extrema”**. Muitas das soluções adiantadas pelos adolescentes (sub-categorias) tinham já sido referidas na questão anterior acerca da forma de resolver problemas, são elas: **“Diálogo”**, integrando a sub-subcategoria **“Avaliação do problema”**; **“Compreensão/Aceitação do erro Humano: Perdão”**; **“Dar um tempo”** - *“(...) simplesmente separam-se e vêem o que é que dá, não é?! (...) Acho que sim, têm que dar um tempo, têm que estar um tempo afastados para ver o que é que dá para cada, para os dois, ver se há, pronto, se podemos melhorar em alguma coisa, se pode haver outra volta, não é?!” (CE.); e “Terapia”*.

A categoria **“Causas- Boa solução”** refere-se às situações para as quais os adolescentes consideram que o divórcio é uma boa opção – que englobam duas sub-

categorias: **“Ausência”** e **“Presença”**, ou seja, uma vez ausentes as condições que unem um casal, (“Amor”, “Felicidade” e “Bem-estar”, nomeadamente o “Conforto”), estas serão consideradas justificações pertinentes para o divórcio, na opinião dos adolescentes entrevistados, como diversos autores já haviam mencionado (Burns, 1984; Kitson, 1992; Gigy & Kelly, 1992; White, 1990, cit. por Afonso, 1997). Pelo contrário, a presença de “Maus tratos psicológicos/emocionais: traição”, também seriam para um dos participantes uma razão óbvia para o divórcio.

Na questão relativa ao papel da sociedade e das pessoas no prolongamento do amor, tendo em conta o aumento do número de divórcios a que se tem assistido, as respostas dos adolescentes enquadram-se em duas categorias distintas: **“Causas”** para o aumento do número de divórcios e as possíveis **“Soluções”**.

Dentro das causas para o aumento deste número, os adolescentes referem uma **“Mudança na mentalidade”** das pessoas, objectivada pela “Perda de valores morais” - *“ Bem, eu acho que...a causa disto, uma das causas disto não perdurar é porque a sociedade (...) tem cada vez menos vindo a adquirir valores absolutos e universais que todos temos de ter, não é?! (...) a honestidade, o altruísmo, a sinceridade, a solidariedade, o companheirismo, acho que (...) cada vez mais, as pessoas não ligam aos valores (...)”* (CE.); “Pouca ponderação / Preparação no casamento/ Precipitação” - *“(...) Hoje em dia as pessoas (...) vão para um casamento a pensar que, que é uma festa e que é giro dizer que se está casado (...) a mentalidade passou a ser assim, sem dúvida, e acho que se as pessoas tivessem mais cabeça e pensassem que realmente era uma coisa importante, uma coisa que deveria durar para sempre, acho que se calhar não se casam tanto, porque se calhar ficavam com mais dúvidas e iriam, com certeza, diminuir o divórcio.”* (MR.) e por fim, “Paradigma do casamento: “Não é para a vida”” - *“Eu acho que o mal nas sociedades, não é saber o que é que devem fazer para o amor perdurar, é sem dúvida meterem-se numa coisa ou que não estão preparados ou que pensam que pode ser mudada, porque eu acho que hoje em dia, as pessoas não vão para um casamento a pensar que é para a vida (...)”* (MR.).

A segunda causa identificada pelos adolescentes para o aumento do número de divórcios diz respeito ao **“Mercado de trabalho”**, responsável pelo menor “Tempo dedicado à família” - *“(...) Acho que hoje em dia está tudo muito ligado ao trabalho e esquecem-se do resto e depois discussões e... divórcio (...)”* (A.) e uma maior “Monotonia” - *“(...) Deviam... fugir à rotina. Porque, pronto, têm problemas, é normal, são adultos, têm problemas, o trabalho, essas coisas, mas se fugirem, acho que alivia um bocado, descontraem (...)”* (A.).

Referente à categoria **“Soluções”**, surge a **“Ponderação/preparação”** no casamento, como forma de evitar um futuro divórcio e o **“Trabalho/Empenho”** por parte das pessoas, nomeadamente na relação, evitando assim o divórcio. Desta forma surgem as sub-subcategorias “Ausência de rotina: Actividades/Descontracção”, “Felicidade” e “Agradar/Cedências”.

Os adolescentes mostraram ter consciência da existência de mudanças aquando a passagem do namoro para o casamento. Santos (2009) nos seus estudos, deparou-se com o fenómeno da “Idealização do amor” por parte dos jovens, devido às inúmeras referências ao “Amor”, podendo apresentar um menor sentido da realidade por não percepcionarem outros factores importantes para a manutenção do casamento, como por exemplo as negociações necessárias à divisão de tarefas, cordialidade e bem-estar do casal. Este fenómeno poderá eventualmente estar presente nos adolescentes entrevistados, permanecendo num registo ilusório; no entanto, os resultados desta investigação demonstram que os adolescentes em causa têm presentes diversos factores assim como estratégias a adoptar na transição de um namoro para um casamento. Contudo, é importante ressaltar que o resultado poderá ser diferente em termos comportamentais no futuro. Assim, surgem as categorias **“Relação”** e **“Indivíduo”**, correspondendo respectivamente a mudanças a nível da relação e a nível individual. Surge ainda uma outra categoria **“Não muda”**, que diz respeito ao facto dos adolescentes considerarem que não há mudanças face a essa transição. Neste último caso apenas dois adolescentes identificaram a **“Independência”** como permanecendo igual.

A nível da **“Relação”** os adolescentes consideraram existir um aumento de diversos aspectos, surgindo as sub-categorias **“Mais Amor”** - *“ Ahh, não pensei bem nisso, mas... não sei, acho que o amor e a confiança que eles têm um pelo outro, acho que pode aumentar e pode levar a uma maior felicidade dos dois (...)”* (T.), **“Suporte”**, englobando **“Mais Confiança”** - *“ (...) Normalmente as rotinas que temos em nossa casa passamos a tê-las juntas e isso muda mas não faz com que seja pior, às vezes até melhor, fortalece, mais confiança (...)”* (A.) e **“Mais Presença”** - *“ Só acho que o tempo que um passa com o outro, acho que isso passa a ser cada vez mais constante e regular.”* (T.), **“ Mais Partilha”**, categoria que reuniu maior consenso entre os adolescentes, tendo sido identificada por todos, e objectivada através das sub-subcategorias **“Divisão de tarefas”** - *“ A partir do momento que vivem juntos, já não somos só nós a lavar a loiça, ou a arrumar a casa, já são as duas pessoas, já têm de dividir tarefas, depende do casal, mas acho que sim.”* (R.), **“Tomada de decisão”** - *“ (...) Mais em conjunto, (...)”* (A.) e **“Conhecimento do outro/Descoberta”** - *“ Acho que se desde o início têm... forem sinceros um com o outro, acho que não mudam,*

porque ambos já sabem como é que um e outro é, o que é que fazem, como é que são, óbvio, que quando estão juntos, há coisas que ficamos sempre a saber novas, não é?! (...)” (A.).

Por fim, surge a última sub-categoria “**Significados**”, emergentes na relação após essa transição: “Mais Responsabilidades” - “*Do namoro para viverem juntos, acho que muda um bocado, porque já há mais responsabilidades, já não é só nossa, já não é só dele, é nossa, (...). Acho que já...aquele namoro de dois já se tornam num, numa pessoa só (...)*” (R.), nomeadamente através do “Sustento financeiro” das suas próprias casas; “Seriedade: Possibilidade de Planificação do futuro”, objectivando o casamento como algo mais sério - “*Primeiro é aquela coisa de ser mais a sério! (...) De ser mais a sério, porque namorados, pode a pessoa já ter tido muito, pronto, podia ser mais um, mas quando casam deixa de ser mais um, passa a ser “o”.*” (I.). Por fim, existe também a possibilidade de “Construção de família”, corroborando as conclusões retiradas por Santos (1986/1993 cit. por Santos, 2009).

“**Individualmente**”, os adolescentes referem mudanças caracterizadas por “Mais Dependência/Menor Liberdade”, podendo assistir-se à necessidade de “Justificações/Cobranças”, bem como a “Mais Isolamento social” provocado por uma maior concentração na vida do casal e nas suas actividades partilhadas em detrimento da vida social e por actividades mais independentes. Para além desta maior dependência surge também como sub-categoria a “**Adaptação**”, especificada através das “Cedências” e de melhor “Gestão de tempo/espço”.

A última questão referente a este tema, pretendia perceber que tipo de conselhos os adolescentes dariam aos seus colegas para que fossem felizes numa relação de amor, considerando que estes estivessem na mesma situação que a sua (pais divorciados/separados). Cinco dos seis jovens entrevistados referem “**Conselhos idênticos à felicidade de um casal**”, mencionando conselhos já enumerados nessa questão. Na mesma questão referem “**Conselhos específicos aos jovens em questão**”, como: “**Ponderação na escolha do parceiro**” - “*O que é que eu diria... primeiro... não é logo o primeiro que aparecer e pronto, não é que isto agora, se tivermos agora um namorado, não é com ele que nos vamos casar muito provavelmente, claro que é possível mas, claro que não é assim a coisa mais séria do mundo. Mas mesmo assim, acho que é estúpido, ahh, é isso, pouca ponderação e não sei o quê (...)*” (I.); “**Calma**” - “*Ter calma, ter (...) e não entrar em pânico (...)*” (T.); “*(...) Esquecer os dramazinhos todos... pronto. E depois, olha, é... deixa andar e ver onde é que (...)*” (I.) e “**Gestão de tempo**” - “*(...) Arranjar tempo de alguma maneira (...)*” (T.). Por último, a sub-categoria mais referida pelos adolescentes - “**Optimismo/Arriscar/Acreditar**” - “*Para não terem medo de arriscar... em ter uma relação, porque há muitas, depois de os*

pais se terem divorciado, há muitos que sofreram com a separação, que não querem arriscar numa relação, ou assim. Eu acho que não têm de ter medo de arriscar, porque o que acontece com os nossos pais, não tem que acontecer connosco, e eles foram felizes! (...) (A.); *“(...) eu acho que por vezes, as pessoas sentem-se de alguma forma... ameaçadas(...) têm medo de assumir certas relações por causa daquilo que viram, que é normal mas, mas lá está, eu diria para terem uma mente aberta nesse aspecto e para deixarem que as coisas acontecessem (...)*” (MR.). Esta categoria demonstra de facto, optimismo face ao futuro, e contraria algumas das ideias adiantadas por diversos autores (Wallerstein e Blakeslee, 1989; Whitton et al., 2008), relativamente à confiança nos relacionamentos amorosos por terem testemunhado o fracasso das relações e dos casamentos através do divórcio dos seus pais e assim constituírem a crença de que o compromisso é algo arriscado (Ottaway, 2010). Ainda mais específico surge a “Abstracção face à relação parental/Escolhas pessoais/próprias” - *“(...) nós não temos que ver a nossa vida influenciada pelo que os nossos pais fizeram, pelas atitudes dos nossos pais (...)*” (MR.).

“Expectativas face ao futuro”

O último tema abordado, tinha como objectivo avaliar as expectativas que os adolescentes têm acerca do seu eventual futuro casamento e o que esperam dessa relação, nomeadamente se acreditam que irão ser felizes e que o casamento será eterno. Todos os jovens entrevistados têm expectativas de vir a ter um relacionamento amoroso estável e duradouro, independentemente de se tratar de um casamento ou de uma forma de união através da coabitação. Especificamente em relação a esta questão surgiram as categorias: “Casar”, “Coabitar”, ou “Indiferente”, os adolescentes mostram-se algo ambivalentes, havendo por isso sobreposição de participantes nas diversas categorias. A título de exemplo, um dos participante que assume ser a sua intenção “Casar”, embora apresente dúvidas realistas de que venha a acontecer - *“Sim, claro que sim (...) Eu penso em vir a casar. Claro que também, não tenho a certeza absoluta não sei, sei lá?! Mas a minha ideia é que sim.”* (I.), e outros que assumem essa possibilidade, bem como a coabitação, valorizando a opinião do parceiro, assumindo fazer cedências perante a posição do outro. Um dos participantes assume “Coabitar” como sendo a sua opção, recusando mesmo o casamento - *“É isso que eu quero fazer! Eu não me quero casar, mas sim, Ok, viver junto tudo bem (...)*” (A.). Nesta categoria estão presentes também as respostas dos restantes participantes que assumem a

possibilidade de um dia casarem, surgindo a sub-categoria “**Pré-casamento**”, onde a coabitação significa um primeiro passo para o casamento.

A categoria “**Indiferente**” surge mediante o indicador “ *Para mim tanto me faz (...) se a outra pessoa quiser muito, não me importo, se calhar, para mim, não (...) talvez sim, talvez não (...) acho que nem há vantagem nem há desvantagem (...)*” (R.). Apenas um dos adolescentes referiu ser-lhe indiferente as duas opções mencionadas, parecendo ainda não ter uma ideia formada acerca do assunto, no entanto, afirma fazer-lhe mais de sentido a coabitação.

Relativamente ao que os adolescentes esperam dessa eventual futura união, voltam a surgir as categorias anteriormente mencionadas no tema da vantagem do casamento: “**Suporte**”, que inclui a “**Presença**” e o “**Apoio/Ajuda**”; “**Amor**”, com a sub-categoria “**Harmonia**”; “**Partilha**”, desdobrada em “**Descendência**” e “**Hábitos/Tradições**” - “ (...) *Ter as minhas próprias tradições, em casa, que eu acho que é muito giro (...)*.” (MR.) e “**Bem-estar**”, composta por “**Estabilidade Económica**”, “**Agradar/Surpresas**” e “**Felicidade**”, esta última também alcançada através do “**Conhecimento do outro**”.

Verificou-se que os adolescentes antecipam um elevado grau de felicidade nas suas futuras relações, estabelecendo o “**8,5**” como o número mais baixo nesta escala, sendo que para o participante em questão este número significa – “ (...) *Ahh, um 8,5 (...) porque acho que vou ser muito feliz (...)*” (CE.). Para além desta categoria surge ainda o “**9**” e o “**10**”, identificadas por quatro dos seis adolescentes. Estes números vão ao encontro da teoria de Carver e Scheier (2002), pois os adolescentes entrevistados têm expectativas positivas face ao seu futuro no campo dos relacionamentos amorosos, assumindo uma perspectiva otimista face ao futuro casamento ou relacionamento. Os jovens assumem mais uma vez que as estratégias para garantirem o aumento dessa escala de felicidade e a manutenção do seu nível máximo passam pelas categorias indicadas previamente: “**Partilha**”, “**Amor**”, “**Suporte**” e “**bem-estar**”.

Na última questão colocada acerca da expectativa que os adolescentes têm de que o seu futuro relacionamento seja único e eterno, cinco dos seis adolescentes afirmam ter essa expectativa, desejo ou intenção de que seja “Para o resto da vida”, formando então a categoria “**Expectativa positiva**” - “ *Eu quero acreditar que sim (...)*” (CE.). Apenas um dos adolescentes apresentou algumas dúvidas quanto a essa possibilidade, pelo que se enquadra na categoria “**Expectativa negativa**”.

3.2. Resultados do Grupo com pais não divorciados/separados

Através da análise de conteúdo realizada foi possível verificar que as categorias, sub-categorias e sub-subcategorias que surgiram neste grupo de adolescentes foram idênticas às já referidas no grupo anterior, pelo que serão aqui apresentados os resultados que se mostram diferentes dos já encontrados e explicitados.

“Situação actual do adolescente”

Em relação ao envolvimento pessoal dos adolescentes no estabelecimento de uma relação amorosa estável e séria, dentro da categoria **“Amor”**, surgem duas novas sub-categorias: **“Respeito”** - (...) *havia, sei lá, respeito (...)* (S.) e **“Sinceridade”** - “*Sim, isso, a sinceridade sobretudo, ahh, sim acho que era mais isso.*” (S.).

Quanto à influência que os adolescentes percebem da relação dos pais nas suas próprias relações amorosas, dentro da sub-categoria **“Partilha”**, surge a sub-subcategoria **“Tomada de decisão”**, que uma vez que os seus pais permanecerem casados - “ (...) *Ahhh, por exemplo, quando é para tomarem decisões, reparo sempre que tem sempre o consentimento um do outro, se um diz que não, o outro... perguntam-me sempre “Então mas já perguntaste à tua mãe?” e eu... já, “então o que é que ela disse?” Não, “então pronto, já sabes a resposta!” (risos) (...)*” (C.).

Na sub-categoria **“Suporte”** surge a sub-subcategoria **“Apoio/Ajuda”** - “ (...) *acho que é um dos nossos melhores amigos, que nós podemos confiar, e que podemos, por exemplo, pedir uma opinião, um conselho, que... ajuda (...)*” (M.).

Curiosamente, surge também a categoria **“Aprendizagem do que não repetir”**, nomeadamente as **“Discussões”** - “*Sinceramente, acho que os meus pais funcionam é mais ao contrário. Eu vejo o que eles fazem e faço o contrário (...)* Mas em relação à relação deles, é uma coisa que eu não gosto, não gosto nada da relação deles, por isso penso sempre que quero ser de outra forma, não quero ser assim quando (...) O facto deles estarem sempre a discutir, por tudo, pelas mínimas coisas (...)” (S.); a **“Ausência de actividades partilhadas”** - “ (...) *já não vão fazer nada juntos, ahhh, pronto (...)*” (S.) e a **“Ausência de entusiasmo”** - “ (...) *não haver aquela estabilidade e aquele entusiasmo, já não há entusiasmo nenhum (...)*” (S.). Esta categoria e sub-categorias são unicamente referidas por um participante que aparenta ter conflito familiar e que afirma não gostar da relação dos pais. Este caso

exemplifica que não é a condição marital que influencia as atitudes mais ou menos positivas face ao casamento, mas sim a percepção do ambiente familiar como negativo (noção de “integridade psicológica”) (Stone & Hutchinson, 1992).

“Atitudes face aos relacionamentos amorosos”

Confirmando mais uma vez as conclusões retiradas por Santos (1986/1993, cit. por Santos, 2009), as categorias referentes ao que mantem duas pessoas felizes, permanecem idênticas às do outro grupo aqui estudado. Os adolescentes acrescentam dentro da categoria **“Amor”**, a sub-categoria **“Paixão”** - “(...) é o facto de estarem apaixonados e gostarem muito um do outro (...)” (M.); **“Admiração/ Orgulho”** - “(...) uma certa admiração, não sei, orgulho pela pessoa, e vontade de a ver feliz e de a fazer feliz, e de se sentir bem ao lado dela, pronto é isso.” (S.) e **“Respeito”** - “ (...) E pronto, o respeito um pelo outro, também.” (B.). Da mesma forma, na categoria **“Bem-estar”**, surge ainda a sub-categoria **“Conhecimento do outro/Desafio/Descoberta”** - “Acho que é necessário, mais que necessário para ter uma relação com uma pessoa, conhecê-la muito bem (...) Sim, eu acho que se conhecesse perfeitamente uma pessoa, a pessoa deixava de ser, entre aspas, um desafio para mim... eu quero sempre conhecer mais, descobrir novas coisas (...)” (P.). Por fim, na categoria **“Partilha”** surge o **“Diálogo”** - “O também saber, por exemplo, se uma coisa está mal, em vez de fechar os olhos, falar sobre isso (...)” (C.); a **“União”** - “Claro que, é um conjunto de factores, é o facto de estarem apaixonados e gostarem muito um do outro, e mais...a união (...)” (M.) e a **“Descendência”** - “E os filhos também ajudam! (Risos)(...) Acho que une o casal mais, porque... como se tivessem uma coisa mesmo em comum, porque aquilo é mesmo (...)” (C.).

Para além de todos os aspectos enunciados surge os **“Benefícios legais”**, associado à categoria **“Bem-estar”** - “De mais positivo e melhor....ahhh, não sei... tem benefícios perante o estado (risos).” (B.). Assim como, na categoria **“Amor”**, os adolescentes acrescentam a sub-categoria **“Amizade”** - “ (...) Ahhh, sim e haver amor e haver amizade, e haver... se for mesmo uma pessoa com quem nos damos bem (...)” (S.). Por fim, os adolescentes acrescentam à categoria **“Suporte”** as sub-categorias **“Confiança”** e **“Segurança”**, que se baseiam respectivamente nos indicadores “Sim, porque também há uma confiança completamente diferente num casal ou num, num... em amigos (...) Confiança, união (...)” (M.) e “A sensação de segurança, de sabe que a pessoa vai lá estar sempre, que

podem construir um futuro juntos.... Ahhh, sim essa sensação, não sei, de ser aquela pessoa que vai estar connosco sempre ao nosso lado para o resto da nossa vida (...) (S.).

As atitudes dos adolescentes cujos pais permanecem casados face à coabitação parecem ser muito idênticas aos adolescentes que formam o grupo com pais divorciados/separados, sendo que existe um maior número de participantes a referir a sub-categoria ”**Carácter menos definitivo**” da coabitação face ao casamento. Neste caso surge a sub-subcategoria – “Facilidade de término” - “(...) Não é uma coisa definitiva, portanto se calhar não há aquela pressão de “tem mesmo de resultar (...) (S.) Por um lado é mais fácil se entretanto, como tu disseste, não resultar, é isso? (E.) Pois, não há tantas consequências, não há aquelas politiquices todas de casamento, ahh, pronto.” (S.).

Quanto à resolução de problemas e às diversas estratégias adoptadas, verificou-se que os adolescentes cujos pais se encontram divorciados parecem ser mais elaborados nas ideias, mais específicos do que os adolescentes cujos pais permanecem casados. Neste grupo surge ainda a categoria “Acções” com as sub-categorias **“Preventivas de conflitos”** - “Talvez, ahh, fazer tudo para não deixar que o casamento se torne demasiado monótono, sempre a mesma coisa, que se vá inovando algumas vezes, que se tente sempre (...) Sim, sair da rotina (...)” (S.) e **“Punitivas”** - “Ahh, depende, depende, se for um problema assim que não tenha muita importância, se for só uma chaticezinha (...) também podemos fazê-los sofrer um bocadinho (risos), um bocadinho chateada, ou amuo também não faz mal a ninguém (...)” (M.).

No que diz respeito aos conselhos de felicidade, os adolescentes cujos pais permanecem casados, enunciam também a **“Descendência/Preservar actividades de casal”**, na categoria “Partilha” - “ (...) Se tiverem filhos,... eu acho melhor, que também têm que arranjar, às vezes, um tempo só para os dois, nem que seja umas férias ou assim, deixem com os avós (risos) (...)” (C.); no “Amor”, referem ainda o **“Respeito”** - “ (...) depois, depois não sei... ahhh, acaba por cair outra vez na parte da confiança e do respeito, se não houver isso, o gostar da pessoa também não chega.” (B.).

Dentro da categoria “Bem-estar”, a sub-categoria **“Felicidade”** engloba ainda o “Conhecimento do outro” – “ (...) Exactamente, é muito importante conhecer o outro, o que ele gosta, para tentar (...)É normalmente quando uma pessoa está com outra, há muita coisa em comum (...)” (C.) e a “Desconstracção” - “ (...)Ahhh, o facto de ser uma relação descontraída... são as coisas mais importantes para mim (...)” (C.). Dentro desta categoria surge uma nova sub-categoria **“Resolução de problemas”** - “ (...) claro que vão ter os seus arrufos e chatices, para tentarem resolver o máximo possível (...)” (M.).

Acrescenta-se também, a categoria **“Cordialidade”**, integrando a sub-categoria **“Compreensão”** dividindo-se na sub-subcategoria **“Aceitação do erro humano/ Ausência de crítica: Perdão”** - *“(...) Acho que ninguém é perfeito e preciso é saber isso e saber perdoar e saber que às vezes fazes coisas sem intenções que se pareça à primeira vista, tentar sempre entender um ao outro, ... sim compreensão.” (S.).*

Os adolescentes entrevistados parecem apresentar exactamente a mesma percepção das causas do aumento do número de divórcios, considerando haver uma facilidade na opção pelo divórcio, dando origem à sub-subcategoria **“Paradigma do casamento: não é para a vida, facilidade da opção do divórcio”** - *“(...) não digo que antigamente o facto de não haver divórcio é que era bom, (...) mas por não haver, as pessoas sentiam-se obrigada a tentar trabalhar a relação e por vezes acho que isso é bom (...) eu não digo que... não sou a favor de não existir o divórcio mas, em certos casos o divórcio chegou e veio facilitar demasiado as coisas.” (B.).* Ainda nas **“Soluções”** surge dentro do **“Trabalho/Empenho”**, o **“Equilíbrio tempo trabalho/família”** - *“(...) e se calhar se fizerem um esforço, para tentarem conciliar um bocado e, nem que seja um jantar em família, não é preciso terem filhos, entre eles os dois, sei lá, terem uns tempos em que possam falar sobre o dia, o dia que tiveram, os problemas (...)” (C.)* e a **“Presença/diálogo”** - *“(...) se começarem a passar cada vez mais ao lado, e deixarem muito de se falarem e de estarem juntos, é possível que essa relação acabe por acabar (...)” (C.).*

As atitudes face ao divórcio como solução, bem como as razões plausíveis para o mesmo parecem repetir-se, no entanto comparativamente ao outro grupo, não surge a sub-categoria **“2ª oportunidade de felicidade”**.

Relativamente às mudanças existentes na passagem de um namoro para um casamento, os adolescentes identificam também dentro da sub-categoria **“Partilha”**, a **“Cumplicidade”** - *“Um namoro em que o casal não vive um com o outro, portanto estão menos tempo juntos, não há aquela partilha da cumplicidade quando se vive na mesma casa (...)” (S.).* Em relação à sub-categoria **“Significados”** surge a sub-subcategoria **“Mais Definitivo”** - *“(...) ahh, pronto e isso obviamente é diferente e o casamento, se mudar alguma coisa é porque é uma coisa mais definitiva, é mesmo pensar que a pessoa com quem nós estamos vai ser a pessoa com quem vamos estar o resto da vida.” (S.).* Finalmente, na categoria **“Não muda”**, os adolescentes afirmam que **“Em termos pessoais”** também não existe alterações - *“Eu acho que não se deve mudar, acho que a pessoa, quer dizer... se estavam juntos bem, antes de se casarem, sem, sendo cada um quem é, não há grande*

mudança. Se calhar há um bocado de mudança, na relação deles, mas em termos de pessoa não muda, as pessoas estão lá.” (C.).

“Expectativas face ao futuro”

Igualmente ao grupo de adolescentes cujos pais se encontram divorciados/separados, os adolescentes pertencentes a este grupo mostram-se bastante ambivalentes quanto às suas expectativas futuras no campo dos relacionamentos amorosos (casamento versus coabitação), sendo que todos eles antecipam ter um relacionamento estável e duradouro no futuro. Um participante afirma convictamente que quer **“Casar”** - *“ Eu quero-me casar! (...)” (C.)* enquanto os outros ponderam essa possibilidade, assim como **“Coabitar”**, onde mais uma vez a opinião do outro é significativa e haverá cedências, prescindindo do casamento. Apenas um participante afirma não querer casar, apenas coabitar, apesar de conseguir prever uma cedência, caso do casamento ser muito significativo para o seu parceiro romântico - *“(…) casar talvez não mas ter uma relação e viver com essa pessoa, sim (...) O casamento não.” (P.).* Por fim, dentro da categoria **“Indiferente”**, encontram-se todos os participantes que assumiram como irrelevante a forma de união em que se encontrarão no futuro - *“(…) Acho que sim, não é uma coisa que eu olhe e diga “não, não vou fazer”, se ocorrer, acho que ocorre (...) é mais se acontecer aconteceu, se não (...)” (B.).*

Os resultados demonstram que os adolescentes esperam o mesmo dessa forma de união, sendo que os participantes deste grupo acrescentam à categoria **“Partilha”**, as sub-categorias **“Projectos futuros”** - *“ (...)... o futuro, o poder pensar no futuro e imaginar o futuro com essa pessoa, sabendo que o mais provável é que virá a acontecer (...)” (S.)* e **“Experiências boas/bons momentos”** - *“Sei lá, eu acho que são todos os momentos, mais os bons, não é?! Os maus... claro que também fazem, cresce a relação, alguns, acho que também cresce, mas... os bons momentos, ficam sempre marcados e acho que, ficando juntos, depois mais tarde, ficam boas experiências (...)” (M.).*

Na categoria **“Bem-estar”** surge ainda as sub-categorias: **“Descoberta de novos sentimentos”** - *“ (...) Ahh, depois seria, se calhar a descoberta de novos sentimentos que hoje não conheço e poderia vir a conhecer (...) de depender (...) de necessitar de uma pessoa (...) de realmente importar-me com alguém e de gostar mesmo, mesmo de alguém, acho que isso.. até agora nunca senti e por isso...gostava de vir a experimentar.” (B.)* e **“Resolução de problemas”** - *“ (...) que a relação tem de ser forte o suficiente para pelo menos isso superar*

(...) (M.) portanto, pelo menos uma coisa boa que tu antecipas é que consigas superar esses problemas também? (E.) Sim, sim.” (M.).

Em relação à escala de felicidade, os adolescentes referem como número mais baixo o **“8”**, seguindo-se o **“8,5”** e por fim o **“10”**, existindo um maior peso no primeiro. Este facto pode eventualmente ser explicado pelo facto de terem maior contacto com a realidade de um casamento e portanto apresentarem um optimismo mais realista, apresentando dessa forma expectativas algo mais baixas - *“Claro que não espero só o casamento perfeito, cheio de coisinhas boas não é?! (...) (M.).*

Como forma de aumentar ou manter a escala de felicidade surgem três novas sub-categorias no **“Bem-estar”**: **“Acontecimentos significativos”** - *“ (...) por exemplo, casamento mesmo, o casamento, seja exactamente o pico de felicidade... sei lá, quando se sabe que se está grávida, se quiser, não é?! , também é capaz de ser, sei lá... em termos de relação acho que isso são picos muito importantes (...)” (C.)* , **“Bem-estar familiares/amigos”** - *“ (...) ahhh, a nossa felicidade não passa só por nós, passa também pelas pessoas que nos rodeiam, eu nunca serei feliz com a pessoa com quem estou, se os meus amigos, os meus pais, os pais da minha companheira, estiverem descontentes ou tristes, por qualquer razão. Mudar isso, acho que é a única coisa que eu posso fazer para subir (...)” (P.)* e **“Ausência de problemas externos”** - *“(...) se vivêssemos só nós os dois, com filhos e sem problemas exteriores, seria 10, sem dúvida, mas há sempre problemas exteriores que, que não deixam esse 10 chegar (...)” (P.).* Na categoria **“Suporte”**, surge ainda a **“Confiança”** - *“ (...) e pronto, para estabelecer aquela confiança e cumplicidade.” (S.).*

Finalizando a análise de resultados, podemos verificar que as expectativas do grupo de adolescentes cujos pais permanecem casados, face a um relacionamento amoroso eterno também é uma **“Expectativa positiva”**, integrando quatro dos cinco jovens entrevistados - *“ Acho que sim, espero que sim.” (S.).* Apenas as respostas de um dos participantes se enquadra na categoria **“Expectativa negativa”** - *“ (...) não tenho a certeza que isso vai acontecer, diria que também não tenho 50% a certeza de que isso vai acontecer. (B) Tens mais ou menos que 50%... que isso vá acontecer, de certeza que isso vá acontecer? (E.) Talvez um bocadinho menos (...) (B.) De alguma maneira, acreditas que 60 e pouquinhos% é mais provável que (...) (E.) (...) que não dure para sempre.” (B.).*

4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONCLUSÕES

A presente investigação tinha como objectivo avaliar as atitudes e expectativas dos adolescentes que vivenciaram um divórcio parental, face ao seu eventual futuro casamento, comparando com um outro grupo de adolescentes cujos pais permaneceram sempre casados. Segundo a literatura, estas expectativas seriam influenciadas por uma atitude mais ou menos positiva face ao casamento, percebidas por exemplo, através de variáveis como: a) avaliação do benefício do casamento (Clarkberg et. al, 1995, cit. por Willoughby, 2010); b) as mudanças que os adolescentes antecipam com o casamento (Denninson & Koerner, 2006 cit. por Willoughby, 2010); e c) a importância geral que lhe atribuem (Clarkberg et. al, 1995 cit. por Willoughby, 2010). Assim, o conjunto de expectativas face ao futuro casamento seriam operacionalizadas através de variáveis como: a) o desejo de casar (Mayhay & Lewin, 2007 cit. por Willoughby, 2010); b) expectativas para casar (Gassonov et.al, 2008 cit in Willoughby, 2010); e c) expectativas em relação às características do relacionamento no casamento, ou seja, aquilo que esperam e antecipam que venha a acontecer no seu eventual casamento (Laner & Russel, 1994; Steinberg, et. al, 2006, cit in Willoughby, 2010).

Dada a semelhança de categorias encontradas nos dois grupos em qualquer um dos temas e assuntos abordados, os resultados desta investigação apontam para a ausência de diferenças nas opiniões e percepções dos adolescentes cujos pais se divorciaram/separaram e dos adolescentes cujos pais permaneceram casados. Nesta semelhança destacam-se os temas: o que une duas pessoas num casamento feliz; o que existe de mais positivo num casamento; o seu próprio envolvimento pessoal para a construção e manutenção de um relacionamento estável e sério; a forma de resolução de problemas num casamento. Pode-se então, concluir que não parecem existir diferenças marcantes entre os dois grupos analisados, logo o estado marital dos pais não será determinante no entendimento dos processos avaliados, contrariando as conclusões retiradas por Tasker (1993) e apoiando Ganong, Coleman e Brown (1987) e Stone e Hutchinson (1993).

Segundo alguns estudos, os adolescentes cujos pais se encontram divorciados/separados, apresentam atitudes mais negativas face ao casamento (Amato & DeBoer, 200,1 cit. por Willoughby, 2010; Denninson & Koerner, 2006; Manning, Longmore & Giordano, 2007; Whitton, Rhoades, Stanley & Markman, 2008), algo que não foi verificado nesta investigação, pois independentemente da condição marital dos seus pais, os adolescentes não parecem apresentar atitudes negativas face ao casamento. Isto é também demonstrado pela experiência pessoal da investigadora, já que durante as entrevistas era

visível o agrado e sorriso expresso nas caras dos adolescentes quando falavam do casamento, corroborando assim as conclusões retiradas pelo autor Amato (1988, cit. por Stone & Hutchinson, 1993). Estes autores referem que os adolescentes filhos de pais divorciados não são, nem a favor do divórcio, nem contra o casamento, não sendo igualmente encontradas diferenças entre os dois grupos, nas atitudes face ao casamento, o que pode ser explicado pelo facto de poder não ser propriamente o divórcio em si que promove estas atitudes, comportamentos e expectativas face ao futuro, mas antes a percepção que os adolescentes têm acerca do casamento dos seus pais, da sua qualidade marital ou dos conflitos existentes (Steinberg, Davila & Fincham, 2006; Stone & Hutchinson, 1993; Westervelt & Vandenberg, 1997 cit. por Ottaway, 2010; Gabardi & Rosen, 1991 cit. por Ottaway, 2010; Benson, Larson, Wilson & Demo, 1993; Fine & Hovestadt, 1984; Jennings, Salts & Smith, 1991, cit. por Larson, Benson, Wilson & Mendora, 1998).

Os resultados desta investigação enquadram-se no referido por Stone & Hutchinson (1993) para quem a percepção que os adolescentes têm da qualidade do relacionamento dos pais contribui para a formação de atitudes face ao casamento. A maioria dos adolescentes entrevistados tem uma ideia positiva da relação dos seus pais, identificando esses mesmos aspectos, o que leva a concluir que um aparente bom ambiente familiar antes do divórcio (no caso dos adolescentes com pais divorciados/separados) e um bom ambiente familiar actual (no caso dos adolescentes com pais não divorciados/separados), pode influenciar as suas atitudes positivas face ao casamento, apoiando a ideia de “integridade psicológica”. Apenas dois adolescentes entrevistados pertencentes a diferentes grupos mostraram uma visão negativa da relação parental (R. e S.), mas mesmo estes não aparentam ter uma visão propriamente negativa do casamento.

A relação dos pais após o divórcio também se mostrou uma variável importante, levando três adolescentes cujos pais são divorciados/separados a afirmar que os seus pais mantêm uma boa relação de amizade, o que corrobora a ideia lançada por Denninson e Koerner (2006). Estes autores afirmam que quanto maior o conflito interparental após o divórcio, maiores são as atitudes negativas dos adolescentes de ambos os sexos em relação ao casamento, chegando à mesma conclusão que outros autores (Jennings, Salts e Smith, 1991, cit. por Denninson & Koerner, 2006). Os dados da presente investigação não revelam que na ausência dessa relação positiva entre o ex-casal, a conclusão óbvia seja essa, corroborando, mais uma vez, as conclusões tiradas por Stone e Hutchinson (1993).

Os dois grupos parecem identificar diversas formas que consideram ser úteis para a resolução de problemas, tendo os adolescentes cujos pais se encontram divorciados listado um

maior número de estratégias conseqüentemente, um maior número de categorias nesta questão, sendo mais pormenorizados relativamente àqueles cujos pais permanecem casados. Os dados do presente estudo confirmam-nos que durante a fase da adolescência os indivíduos percebem, através da maturação social e psicológica, os requisitos necessários ao estabelecimento e manutenção de uma relação romântica (Collins & Madsen, 2006, cit in Denninson & Koerner, 2006), sendo que para todos, o divórcio constitui sempre um último recurso na resolução dos problemas existentes entre um casal. Desta forma pode-se concluir que os adolescentes entrevistados, independentemente do grupo que integraram e, portanto, das suas experiências de vida, não apresentam uma visão mais favorável em relação ao divórcio, como defendido por alguns autores (Coleman & Ganong, 1984, Greenberg & Nay, 1982, Jennings et al., 1991; Kinnaird & Gerrard, 1986; Paddock-Ellard & Thomas, 1981, cit. por Larson, Benson, Wilson, Medora, 1998; Tasker, 1993; Coleman & Ganong, 1984; Manning, Longmore & Giordano, 2007). Os dados da presente investigação são mais concordantes com as conclusões retiradas por Stone e Hutchinson, (1993), Mazer (1993, cit. por Wagner, Falcke, Meza, 1997) e Ottaway (2010).

De facto, os adolescentes entrevistados percebem o divórcio como um recurso, uma estratégia de saída, caso o casamento não resulte, o que poderia indicar a presença de atitudes positivas face ao mesmo (Duran-Aydintug, 1997 cit. por Ottaway, 2010). Neste caso, existe uma maior facilitação da crença que o divórcio é uma boa solução caso a relação não funcione porém, esta percepção não é diferente quando se compara com os restantes jovens cujos pais permanecem casados. Apesar da percepção deste tipo de solução, os dados não parecem confirmar a ideia de Johnston e Thomas (1996, cit. por Ottaway, 2010) de que em vez de trabalhar nos problemas existentes, o divórcio passa a constituir o caminho mais lógico para sair de uma má relação, onde os conjugues já não se encontrem felizes.

As atitudes demonstradas pelos adolescentes face à coabitação e o papel importante que esta assume nas expectativas futuras dos jovens, estão de acordo com a ideia de que a sociedade portuguesa tem vindo a sofrer algumas alterações na constituição de família, confirmado também por alguns estudos internacionais, como por exemplo Manning, Longmore e Giordano (2007). Estes autores concluíram que os adolescentes incluem a coabitação como parte da trajectória de vida futura, o que também se verifica na presente investigação. Apesar de não haver uma clara substituição da coabitação pelo casamento, os adolescentes consideram-na hoje, uma parte importante do caminho contemporâneo para o casamento (Bumpass, 1998 cit. por Manning, Longmore, Giordano, 2007), como se pode verificar pela presença da sub-categoria **“Pré-casamento”**, apoiando as conclusões de

Manning, Longmore, Giordano (2007) e Tasker (1993), em estudos internacionais, que esta forma de união reúne cada vez mais atitudes positivas entre os adolescentes.

Relativamente às suas expectativas, pode-se concluir que os adolescentes, independentemente do seus pais terem tido sucesso nos seus casamentos, apresentam uma expectativa positiva face ao futuro relativamente aos relacionamentos amorosos. Apesar de não apresentarem ainda uma ideia clara da sua intenção de casar ou de coabitar, afirmam que desejam e esperam vir a encontrar “o” parceiro romântico. Naturalmente apresentam dúvidas quanto ao futuro relacionamento no entanto, não apresentam sinais de receio ou baixa confiança nas suas expectativas de futuro, revelado através da sua intenção e desejo de manter uma relação por um longo período (Stanley & Markman, 1992, cit. Whitton, Rhoades, Stanley & Markman, 2008). Como proposto por Wallerstein e Blakeslee (1989, cit. por Ottaway, 2010), não consideram que as suas hipotéticas relações futuras irão provavelmente falhar, contrariando o que Wallerstein e Lewis (2004, cit. por Whitton, Rhoades, Stanley & Markman, 2008) supunham.

Assim, neste estudo não há indicações que os adolescentes filhos de pais divorciados sejam mais ansiosos, receosos e pessimistas acerca dos seus futuros relacionamentos românticos como alguns autores referiram (Wallerstein, 1987; Wallerstein & Blakeslee, 1989 cit. por Denninson & Koerner, 2008). Também não foi verificado que os adolescentes cujos pais se encontram divorciados/separados dizem mais frequentemente que não querem casar do que os adolescentes cujos pais permanecem casados (Amato, 2000; D’Onofrio et. al, 2007, cit. por Santos, 2009). Pelo contrário, os adolescentes parecem apresentar um grau considerável de optimismo, esperando no futuro ter um relacionamento estável, sério, duradouro e antecipando ser bastante felizes nesse relacionamento (numa escala de 1 a 10, referem estar sempre acima do nível 8), apoiando o concluído por Denninson e Koerner (2008). Segundo Levine (2003, cit. por Santos, 2009) este optimismo poderá ser explicado pelo conceito de “ilusão de invulnerabilidade”, característica desta fase de desenvolvimento, em que os adolescentes acreditam que “o mal só acontece aos outros” e que “com eles será diferente”, o que contribui para a construção de expectativas positivas face ao futuro casamento (Santos, 2009). Por outro lado, também a forma como os adolescentes explicam a ruptura interparental poderá influenciar positivamente as suas expectativas de futuro. Tomando o exemplo de um adolescente que refere “ (...) *Sim, os meus pais...é assim, eles davam-se bem, não é?! Não foi... o divórcio deles foi... pronto o casamento deles já não ia para a frente, entendes? Não foi nada de traição, nem nada (...)*” (CE.) (adolescente cujos pais se encontram divorciados), este vai ao encontro às conclusões de Tasker (1993), de que

quando os adolescentes atribuem a incompatibilidade como a causa do divórcio, isso poderá encorajar o desejo do adolescente em casar-se no futuro quando encontrarem o parceiro certo.

No que diz respeito à expectativa que os adolescentes têm de que esse hipotético relacionamento futuro seja eterno – “para o resto da vida” – os adolescentes, apesar de não estarem convictos de que isso acontecerá, antecipam que seja possível e esperam que venha a acontecer. Não se encontraram de novo diferenças entre os adolescentes representativos do grupo com pais divorciados/separados e do grupo com pais não divorciados/separados.

Existiram diversas variáveis que poderiam influenciar as atitudes e expectativas dos adolescentes face ao casamento, como a idade, o género, a raça e as aspirações educacionais, que não foi possível avaliar na presente investigação, devido à limitação do número de participantes, que por ser aleatória e voluntária, não é representativa nem permite conclusões nessas áreas. Todos os adolescentes entrevistados eram de origem caucasiana e maioritariamente raparigas. Apenas a variável “Presença/ausência de um relacionamento amoroso” foi passível de estudo, contudo não foi possível retirar conclusões, uma vez que todos os jovens entrevistados já teriam tido ou têm presentemente uma relação amorosa, não havendo um termo de comparação com outros que não passaram por essa experiência.

Assim, pode-se concluir que os adolescentes filhos de pais divorciados, participantes desta investigação, não apresentam atitudes negativas face ao casamento e apresentam expectativas de um dia virem a casar, da mesma forma que os adolescentes cujos pais permanecem casados. Este facto, refuta as conclusões retiradas por diversos autores, como Willoughby (2010) e confirma as conclusões de Santos (2009), Denninson & Koerner (2008) e Manning, Longmore e Giordano (2007). Importa referir que a coabitação assume um papel importante nas expectativas futuras dos adolescentes, sendo que esta e o casamento não são mutuamente exclusivos, observado pela sobreposição das categorias **“Casar”** e **“Coabitar”**, o que vem corroborar os resultados encontrados no estudo de Manning, Longmore e Giordano (2007), onde os adolescentes revelam a intenção de fazer, no futuro, ambas as coisas. Assim, na generalidade podemos concluir que os adolescentes, independentemente da condição marital dos seus pais e da experiência de divórcio parental, apresentam um elevado grau de optimismo face ao futuro (Carver & Scheier, 2002).

Como tinha sido antecipado na construção do instrumento para a recolha de dados, muitas das questões formuladas tinham objectivo, que não se prendia apenas com a recolha de informação relevante ao tema das atitudes e expectativas futuras dos adolescentes, mas também com o serem por si mesmas interventivas, fornecendo uma oportunidade de *insight* aos adolescentes. Alguns dos participantes demonstraram ser a primeira vez que pensavam

acerca de alguns assuntos abordados, como foi o caso das virtudes presentes e descoberto na altura da separação/divórcio, vindo no decorrer da conversa a perceberem terem adquirido e descoberto novas qualidades e virtudes pessoais, o que eventualmente lhes poderá ter proporcionado bem-estar (Marujo, Neto, Caetano, & Rivero, 2007; Reed, 2007).

Em investigações futuras, será interessante avaliar as variáveis referidas que não foram possíveis averiguar na presente investigação, como o género, a raça, bem como a idade. Para além disso sugere-se o recurso a uma faixa etária mais larga de forma a perceberem as diferenças existentes e concluir eventualmente a mudança de atitudes e o crescente aumento de expectativas maritais como afirma Willoughby (2010). O mesmo estudo aplicado a adolescentes em contextos de risco e inseridos em famílias multiproblemáticas, que vivenciaram situações familiares dramáticas como violência doméstica, ou mesmo a experiência de um divórcio parental litigioso poderia conduzir a conclusões interessantes e relevantes para o tema estudado.

Será também interessante, através de um estudo longitudinal fazer uma correspondência entre as atitudes face ao casamento e aos relacionamentos amorosos dos adolescentes e aos seus reais comportamentos no contexto do casamento, verificando assim a consistência entre eles, e uma possível correlação entre atitudes, expectativas e comportamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, H. (1997). *A separação conjugal em mulheres e os contributos para a qualidade da relação entre ex-cônjuges*. Tese de doutoramento, manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Ahrons, C., & Rogers, R. (1987) *Divorced families: A multidisciplinary development view*. New York: Norton & Company.
- Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios familiares: uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Pinto, E. (2004). The qualitative research in clinical psychology. *Psicologia USP*, 15(1/2), 71-80.
- Carver, C., & Scheier, M., (2002). Optimism. In C. Snyder, & S. Lopez (Eds.). *Handbook of positive psychology* (pp. 231-243). New York: Oxford University Press.
- Cunningham, M., & Thornton, A. (2006). The influence of parents' marital quality on adult children's attitudes toward marriage and its alternatives: Main and moderating effects. *Demography*, 43(4), 659-672.
- Denninson, R., & Koerner, S. (2008). A look at hopes and worries about marriage: The views of adolescents following a parental divorce. *Journal of Divorce & Remarriage*, 48(3/4), 91-107. doi: 10.1300/J087v48n03_06
- Denninson, R., & Koerner, S. (2006). Post-divorce interparental conflict and adolescents' attitudes about marriage: The influence of maternal disclosures and adolescent gender. *Journal of Divorce & Remarriage*, 45(1/2), 31-49. doi: 10.1300/J087v45n01_02
- Domenico, R. (2006). Familias Separadas y Apego. *Psicología-Segunda Época*, 25(2), 6-18.

- Fonseca, P. (2008). *Compromisso e confiança nas relações íntimas dos jovens adultos filhos de pais separados*. Tese de mestrado, manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Gleitman, H., Fridlund, A., & Reisberg, D. (2003). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grzybowski, L., & Wagner, A. (2010). Casa do pai, casa da mãe: Coparentalidade após o divórcio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 77-87.
- Hall, S. (2006). Marital meaning: Exploring young adults' belief systems about marriage. *Journal of Family Issues*, 27(10), 1437-1458. doi: 10.1177/0192413X06290036
- Instituto Nacional de Estatística (2003). *Estatísticas demográficas – Divorcialidade resultados definitivos de 2002*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística IP.
- Instituto Nacional de Estatística (2008). *Indicadores sociais 2008*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística IP.
- Instituto Nacional de Estatística (2010). *Estatísticas demográficas 2009*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística IP.
- Kitsen, G.C., & Holmes, W. (1992). *Portrait of divorce*. New York: Guilford.
- Larson, J., Benson, M., Wilson, S., & Mendora, N. (1998). Family of origin influences on marital attitudes and readiness for marriage in late adolescents. *Journal of Family Issues*, 19(6), 750-768.
- Lazarus, R. & Folkman (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer Publishing Company.
- Manning, W., Longmore, M., & Giordano, P. (2007). The changing institution of marriage: Adolescents' expectations to cohabit and marry. *Journal of Marriage and the Family*, 69(3), 559-575.

- Marujo, H., Neto, L., Caetano, A., & Rivero, C. (2007). Revolução positiva: Psicologia positiva e práticas apreciativas em contextos organizacionais. In *Comportamento Organizacional e Gestão* (ISPA), 13(1), 115-136.
- McGoldrick, M. (1989). Women and the family life cycle. In B. Carter & M. McGoldrick, *The changing family life cycle: A framework for family therapy* (pp. 29-69). Boston: Allyn and Bacon.
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito inter-parental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127-152.
- Ottaway, A. (2010). The impact of parental divorce on the intimate relationships of adult offspring: A review of the literature. *Graduate Journal of Counseling Psychology*, 2(1), 36-50.
- Reed, J. (2007). *Appreciative inquiry: Research for change*. London: Sage.
- Rego, C. (2008). “A mãe e o pai vão separar-se”: Falar com os filhos sobre a separação conjugal. Tese de mestrado, manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Relvas, A. (2004). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Remédios, C. (2010). *O bem-estar psicológico e as competências pessoais e sociais na adolescência*. Tese de mestrado, manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Santos, D. (2009). Atitudes e expectativas de jovens solteiros frente à família e ao casamento: duas décadas de estudos. Retirado de http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2009/relatorio/ctch/psi/diego.pdf
- Steinberg, S., Davila, J., & Fincham, F. (2006). Adolescent marital expectations and romantic experiences: Associations with perceptions about parental conflict and adolescent

attachment security. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(3), 333-348. doi: 10.1007/s10964-006-9042-9

Steinberg, L. & Silk, J. (2002). Parenting Adolescents. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting: Children and Parenting* (pp. 103-126). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Stone, M., & Hutchinson, R. (1993). Familial conflict and attitudes toward marriage: A psychological wholeness perspective. *Journal of Divorce & Remarriage*, 18(3), 79-91.

Tasker, F. (1993). Anti-marriage attitudes and motivations to marry amongst adolescents with divorced parents. *Journal of Divorce & Remarriage*, 18(3), 105-119.

Wagner, A., Falcke, D., & Meza, E. (1997) Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projectos de vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1). doi: 10.1590/S0102-79721997000100011.

Wall, K., & Aboim, S. (2003). Perfis regionais de mudança familiar: Síntese final. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, 97-100.

Weinraub, M., Horvath, D., & Gringlas, M. (2002). *Single parenthood*. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (pp. 109-140). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publisher.

Whitton, S., Rhoades, G., Stanley, S., & Markman, H. (2008). Effects of parental divorce on marital commitment and confidence. *Journal of Family Psychology*, 22(5), 789-793. doi: 10.1037/a0012800

Willoughby, B. (2010). Marital attitude trajectories across adolescence. *Journal Youth Adolescence*, 39, 1305-1317. doi: 10.1007/s10964-009-9477-x

ANEXOS

ANEXO A

Guiões da entrevista semi-estruturada

Guiões da Entrevista Semi-Estruturada

1. Apresentação

- a. Elementos: Catarina Silva
- b. Objectivo da dissertação: Exploração das expectativas futuras dos adolescentes face aos seus eventuais casamentos futuros comparando os que vivenciaram um divórcio parental com os que não passaram por essa experiência.

Para adolescentes filhos de pais separados/divorciados

“A minha investigação tem como objectivo avaliar as expectativas futuras dos adolescentes face ao próprio casamento. Vou entrevistar e estudar um grupo de jovens cujos pais se separaram e outros cujos pais viveram sempre casados e ver se isso influencia a forma como os jovens pensam acerca do futuro, do casamento e especificamente as expectativas de um dia virem a casar. Ao entrevistar-te vou poder perceber de que forma a separação dos teus pais influenciou as tuas expectativas de um dia vires a casar. Por isso vamos falar de temas como a forma como ultrapassaste a experiência da separação dos teus pais, o que achas acerca do namoro e de um possível casamento, se pensas nesses assuntos...”

Para adolescentes filhos de pais casados

“A minha investigação tem como objectivo avaliar as expectativas futuras dos adolescentes face ao próprio casamento. Vou entrevistar e estudar um grupo de jovens cujos pais se separaram e outros cujos pais viveram sempre casados, como é o teu caso, e ver se isso influencia a forma como os jovens pensam acerca do futuro, do casamento e especificamente as vossas expectativas de um dia virem a casar.

- c. Os dados do trabalho são confidenciais e anónimos e é necessária a permissão dos entrevistados para gravar a entrevista (formato áudio).

“Existem perguntas que são sobre a tua vida pessoal e o teu passado que podes considerar de carácter íntimo. Se não te sentires à vontade ou não quiseres responder não precisas de responder, mas era muito importante que o fizesses, até

porque eu posso assegurar-te que tudo o que for aqui conversado é totalmente confidencial e anónimo, e apenas será usado para a minha investigação. Ninguém saberá que foste tu que respondeste às questões, nem haverá quem possa identificar quem tu és. Apenas as respostas aparecerão no estudo, nunca a identificação de quem respondeu.”

2. Questionário demográfico

a. Idade _____

b. Sexo _____

c. Caso os pais estejam divorciados

Idade na altura da separação/divórcio dos pais _____

d. Caso os pais estejam casados

Duração do casamento _____

3. Temas da entrevista

Para Adolescentes filhos de pais separados/divorciados

Tema	Objectivos Gerais	Objectivos Específicos	Exemplos de Perguntas
Momento do Divórcio/Separação Parental	<u>Exploração da percepção do adolescente face à divórcio/separação dos pais</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber como o adolescente percebe, em termos positivos, o processo de separação/divórcio dos pais. • Exploração das forças pessoais dos adolescentes durante o processo de separação/divórcio dos pais. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Houve coisas positivas na separação/divórcio dos teus pais? ➤ No caso de ter sido um momento difícil para ti, como é que conseguiste superar esse momento? ➤ Que conselhos darias aos outros jovens cujos pais se separaram para ultrapassarem esta fase das suas vidas?
Biparentalidade	<u>Exploração da percepção do adolescente face transição para a</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação do agregado familiar constituído após o divórcio. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Depois da separação/divórcio, como passou a ser a tua vida? (ficaste a viver com quem?)

	<p><u>Biparentalidade</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explorar a adaptação à biparentalidade, nomeadamente, os aspectos positivos os adolescentes realçam. • Identificação das mudanças mais significativas introduzidas nesta fase (casa, escola, emprego, etc.), realçando o que consideram de positivo nestas mudanças. • Exploração das forças pessoais e virtudes descobertas pelos adolescentes durante esta fase de transição. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Houve algumas mudanças que tiveram de acontecer, nessa altura? (escola, casa...) ➤ Que coisas positivas consideras que existiram nessas mudanças - quando passaste a viver só com a mãe/pai; noutra casa, na escola...? ➤ Como te adaptaste a essas mudanças? Se foram difíceis, como ultrapassaste? Em quem ou em quem é que te apoiaste? ➤ O que descobriste de melhor em ti por causa da separação/divórcio dos teus pais? ➤ Quais achas que foram as tuas qualidades e forças pessoais que puseste em prática nesse momento?
<p>Situação actual do adolescente</p>	<p><u>Exploração da percepção do adolescente face aos relacionamentos amorosos</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Percepcionar a existência de relacionamentos passados e actuais. • Perceber a duração/estabilidade das relações amorosas na perspectiva do adolescente, especificando o que estes consideram necessário para o seu sucesso. • Avaliar a percepção dos adolescentes acerca da influência da relação dos seus pais nos seus próprios relacionamentos amorosos. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Actualmente tens ou já tiveste alguma relação amorosa? (namoro, “curte”, por ex.). ➤ Sentes-te/Sentias-te feliz nessa relação? ➤ Na tua opinião, consideras/consideravas essa tua relação estável e/ou séria? ➤ O que achas que fazes/fazias para que essa relação seja/fosse estável ou séria e assim consegues estar no teu melhor? ➤ De que forma achas que a relação entre os teus pais te ensinou formas boas de maneres uma relação amorosa?

			<p>➤ De que forma achas que o que viste e viveste na relação entre os teus pais te ajudou a ter uma relação de qualidade?</p>
<p>Atitudes face aos relacionamentos amorosos</p>	<p><u>Exploração das atitudes dos adolescentes face aos relacionamentos amorosos</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Percepcionar qual as atitudes (positivas ou negativas) que o adolescente tem acerca dos relacionamentos amorosos. • Percepcionar atitudes face ao casamento. • Percepcionar atitudes face à coabitação. • Percepcionar atitudes face ao divórcio 	<p>➤ Na tua opinião, o que achas que mantém duas pessoas unidas e felizes numa relação de amor?</p> <p>➤ O que tens aprendido/aprendeste de bom com a relação entre os teus pais? O que realças de bom na relação dos teus pais?</p> <p>➤ O que achas que há de mais positivo e melhor num casamento?</p> <p>➤ Muitas vezes as pessoas vivem juntas sem casar. O pensas acerca dessa forma de união?</p> <p>➤ Durante o casamento é possível que haja determinados problemas entre o casal. O que achas que é necessário para que esses problemas sejam resolvidos?</p> <p>➤ Que conselhos darias aos elementos de um casal para que fossem felizes enquanto pessoas?</p> <p>➤ Tendo em conta o aumento do número de divórcio o que achas que as pessoas e as sociedades poderiam fazer para que o amor entre o casal seja possível?</p> <p>➤ O divórcio é para ti uma boa solução para os problemas de um casamento? Porquê? Vês outras soluções?</p> <p>➤ Consideras que possam existir mudanças quando duas pessoas decidem</p>

<p>Atitudes face aos relacionamentos amorosos</p>	<p><u>Exploração das atitudes dos adolescentes face aos relacionamentos amorosos</u></p>		<p>viver juntas ou casar? Que tipo de mudanças achas que poderão ou deverão acontecer quando se tomam decisões desse género? (mudanças a nível pessoal, independência; cedências, partilhas, tomadas de decisões, etc.) Achas que as duas pessoas a nível individual/pessoal mudam quando se casam? ➤ O que gostarias de dizer aos outros jovens com pais separados/divorciados, como livro de receitas para serem felizes no futuro numa relação de amor?</p>
<p>Expectativas face ao futuro</p>	<p><u>Exploração das Expectativas futuras dos adolescentes face ao casamento</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar o Desejo/expectativa de casar/coabitar do adolescente • Explorar o que o adolescente antecipa de positivo de um futuro relacionamento (casamento ou não) • Explorar a conceptualização que o adolescente tem acerca de um futuro relacionamento de sucesso, bem como o que será necessário em termos pessoais para tal acontecer. 	<p>➤ Idealizas no futuro vir a ter uma relação e viver com alguém?</p> <p>➤ Quando pensas no futuro pensas em vir a viver junto com uma pessoa sem casar? Ou pensas casar?</p> <p>➤ Quando pensas no futuro, no que diz respeito ao casamento, quais são as coisas boas que mais esperas dessa união?</p> <p>➤ Se imaginares uma escala de 1 a 10, em que o 10 é o máximo de felicidade e o 1 o mínimo, quão feliz consideras que vais ser numa relação conjugal com alguém?</p> <p>➤ Porque não escolheste o número abaixo?</p> <p>➤ O que achas que seria preciso para conseguires subir ½ ponto?</p> <p>➤ Imaginas-te, no futuro casado com a mesma pessoa durante toda a vida? O que achas que</p>

			podes fazer para que isso aconteça?
--	--	--	-------------------------------------

Para Adolescentes filhos de pais casados

<p>Situação Actual do adolescente</p>	<p><u>Exploração da percepção do adolescente face aos relacionamentos amorosos</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Percepcionar a existência de relacionamentos passados e actuais. • Perceber a duração/estabilidade das relações amorosas na perspectiva do adolescente, especificando o que estes consideram necessário para o seu sucesso. • Avaliar a percepção dos adolescentes acerca da influência da relação dos seus pais nos seus próprios relacionamentos amorosos. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Actualmente tens ou já tiveste alguma relação amorosa? (namoro, “curte”, por ex.) ➤ Sentes-te/Sentias-te feliz nessa relação? ➤ Na tua opinião, consideras/consideravas a tua relação estável e/ou séria? ➤ O que achas que fazes/fazias para que essa relação seja/fosse estável ou séria e assim conseguires estar no teu melhor? ➤ De que forma achas que a relação entre os teus pais te ensina formas boas de maneres uma relação amorosa? ➤ De que forma achas que o que vês e vives na relação entre os teus pais te ajudou/ajuda a ter uma relação de qualidade?
--	--	--	---

Atitudes face aos relacionamentos amorosos

Exploração das atitudes dos adolescentes face aos relacionamentos amorosos

- Percepcionar qual as atitudes (positivas ou negativas) que o adolescente tem acerca dos relacionamentos amorosos.
- Percepcionar atitudes face ao casamento.
- Percepcionar atitudes face à coabitação.
- Percepcionar atitudes face ao divórcio.

- Na tua opinião, o que achas que mantém duas pessoas unidas e felizes numa relação de amor?
- O que tens aprendido de bom com a relação entre os teus pais? O que realças de bom na relação dos teus pais?
- O que achas que há de mais positivo e melhor num casamento?
- Muitas vezes as pessoas vivem juntas sem casar. O pensas acerca dessa forma de união?
- Durante o casamento é possível que haja determinados problemas entre o casal. O que achas que é necessário para que esses problemas sejam resolvidos?
- Que conselhos darias aos elementos de um casal para que fossem felizes enquanto pessoas?
- Tendo em conta o aumento do número de divórcio o que achas que as pessoas e as sociedades poderiam fazer para que o amor entre o casal seja possível?
- O divórcio é para ti uma boa solução para os problemas de um casamento? Porquê? Vês outras soluções?
- Consideras que possam existir mudanças quando duas pessoas decidem viver juntas ou casar? Que tipo de mudanças achas que poderão ou deverão acontecer quando se tomam decisões desse

<p>Atitudes face aos relacionamentos amorosos</p>	<p><u>Exploração das atitudes dos adolescentes face aos relacionamentos amorosos</u></p>		<p>género? (mudanças a nível pessoal, independência; cedências, partilhas, tomadas de decisões, etc.) Achas que as duas pessoas a nível individual/pessoal mudam quando se casam?</p> <p>➤ O que gostarias de dizer aos jovens com pais separados/divorciados, como livro de receitas para serem felizes no futuro numa relação de amor?</p>
<p>Expectativas face ao futuro</p>	<p><u>Exploração das expectativas futuras dos adolescentes face ao casamento</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar o Desejo/expectativa de casar/coabitar do adolescente. • Explorar o que o adolescente antecipa de positivo de um futuro relacionamento (casamento ou não). • Explorar a conceptualização que o adolescente tem acerca de um futuro relacionamento de sucesso, bem como o que será necessário em termos pessoais para tal acontecer. 	<p>➤ Idealizas no futuro vir a ter uma relação e viver com alguém?</p> <p>➤ Quando pensas no futuro pensas em vir a viver junto com uma pessoa sem casar? Ou pensas casar?</p> <p>➤ Quando pensas no futuro, no que diz respeito ao casamento, quais são as coisas boas que mais esperas dessa união?</p> <p>➤ Se imaginares uma escala de 1 a 10, em que o 10 é o máximo de felicidade e o 1 o mínimo, quão feliz consideras que vais ser numa relação conjugal com alguém?</p> <p>➤ Porque não escolheste o número abaixo?</p> <p>➤ O que achas que seria preciso para conseguires subir ½ ponto?</p> <p>➤ Imaginas-te, no futuro casado com a mesma pessoa durante toda a vida? O que achas que podes fazer para que isso aconteça?</p>

ANEXO B

Pedido de autorização ao director do estabelecimento de ensino Escola Secundária José Gomes Ferreira

Exmo. Senhor
Director da Escola Secundária José Gomes Ferreira
Professor Manuel Esperança
Rua José Sebastião e Silva
1500-500 Lisboa

Lisboa, de Fevereiro de 2011

Exmo. Senhor Director

O meu nome é Catarina Silva, sou licenciada em Ciências Psicológicas e estou actualmente a realizar o curso de Mestrado na área de *Psicologia Clínica e da Saúde* da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL). No âmbito desta formação encontro-me a realizar uma investigação sobre as expectativas futuras acerca do casamento de uma população adolescente que vivenciou um divórcio parental. A tese está a ser desenvolvida sob a orientação da Professora Helena Águeda Marujo, docente da referida Faculdade. Dado que esta investigação é de índole empírica, necessito de aceder a casos reais para recolha de dados através de entrevistas aos adolescentes, gravadas em formato áudio. Assim, venho por este meio, como ex-aluna da Escola Secundária José Gomes Ferreira, solicitar a autorização de V.^a Ex.^a para aceder à população adolescente do Estabelecimento de Ensino que dirige, no sentido de realizar o estudo pretendido, o qual respeitará as orientações ético-deontológicas previstas para os contextos clínicos e de investigação. Para a realização do estudo seria necessário entrevistar os adolescentes que se voluntariem, após a explicação do objectivo da investigação em causa, mais especificamente entre o 10º e o 12º ano, cujos pais se encontrem separados/divorciados, bem como aqueles cujos pais permanecem casados (para efeitos da constituição de um grupo de controlo). Desta forma, necessitaria da sua permissão para aceder às turmas de forma a informar os alunos e requerer os voluntários para o estudo. Seria também bastante útil a disponibilização de uma sala onde se realizariam as entrevistas.

Neste sentido, ficarei grata pela possibilidade que me vier a ser dada de aceder à V/ população e assim contribuir, tal como é prática internacional, para estudos que directa ou indirectamente poderão ser úteis à comunidade científica.

Agradeço a melhor atenção ao meu pedido e, na expectativa de uma resposta favorável, apresento a V.^a Ex.^a os meus mais respeitosos cumprimentos.

Catarina Marques Ferreira da Silva

ANEXO C

Folha de Pré-inscrição para a participação na
investigação

ANEXO D

Pedido de autorização aos encarregados de educação
dos participantes no estudo

Pedido de autorização ao Encarregado de Educação

O meu nome é Catarina Silva, sou licenciada em Ciências Psicológicas e estou actualmente a realizar o curso de Mestrado na área de *Psicologia Clínica e da Saúde* da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL). No âmbito desta formação encontro-me a realizar uma investigação sobre as expectativas futuras acerca do casamento da população adolescente. Dado que esta investigação é de índole empírica, necessito de aceder a casos reais para recolha de dados através de entrevistas aos adolescentes, gravadas em formato áudio. Todo o estudo realizado respeitará as orientações ético-deontológicas previstas para os contextos clínicos e de investigação, nomeadamente no que diz respeito às questões da confidencialidade e anonimato. A entrevista tem uma duração prevista de cerca de 30 minutos, onde serão abordados temas como o namoro, as expectativas do adolescente um dia vir a casar e a constituir uma relação conjugal, bem como no caso de ser filho de pais separados e/ou divorciados, a forma como ultrapassou essa fase da vida, tendo em conta os seus recursos pessoais.

Desta forma, necessitaria da sua permissão para realizar a entrevista ao seu educando, estando completamente disponível para outros esclarecimentos.

Para efeitos de contacto:

Catarina silva

Tel: 917938760

e-mail: silva.catarinamf@gmail.com

Eu _____, autorizo o meu educando, _____ a participar numa entrevista individual, gravada em formato áudio, para efeitos da realização do projecto de investigação de final de curso de Psicologia cujo o tema são as “Expectativas futuras dos adolescentes face aos seus eventuais casamentos futuros”.

Encarregado de Educação

ANEXO E

Pedido de autorização aos participantes do estudo

Consentimento Informado

Consentimento Informado

Eu, _____, autorizo a gravação desta entrevista individual, em formato áudio, para efeitos da participação no projecto de investigação de final de curso de Psicologia cujo tema são as “Expectativas futuras dos adolescentes face aos seus eventuais casamentos futuros”.

Participante

ANEXO F

Análise de conteúdo do Grupo com pais divorciados/
separados

Análise de Entrevistas – Grupo com pais divorciados/separados

Tema	Perguntas	Categorias	Sub-categorias	Indicadores	
Momento da separação/divórcio	Aspectos positivos do divórcio	Bem-estar	Ausência de problema/discussões [3] ⁵	“ (...) Eu lembro-me de certas coisas e uma delas era as discussões, que existiam muitas, e claro que uma vez dado o divórcio elas deixaram de existir.” (MR.)	
			Felicidade dos pais [5]		“Para os meus pais, as coisas ficaram melhores (...) E se casaram os dois, eu acho que só pode ter sido para melhor” (I.)
				Novos relacionamentos e Descendência/Fratria [1]	“ (...) Eu consigo ver a minha mãe e o meu pai felizes (...) algo que não me lembro de ver antes e pronto, e deu-me uma irmã, que é sempre bom” (T.)
				Manutenção de boa relação do ex-casal [3]	“Eles continuam super amigos, a darem-se super bem (...) almoçamos todos juntos, jantamos todos juntos (...)”(A.)
			Proximidade face aos pais [3]	“O meu pai antes era, pronto, era distan... distanciava-se muito (...) depois do divórcio parece que o meu pai (...) percebeu, pronto, gostava imenso de mim.” (CE.) “ (...) Agora... adoro o meu pai, adoro estar com	

⁵ Os números presentes em cada categoria e/ou subcategorias representam o número de participantes que deram respostas que se enquadram na categoria e/ou subcategorias em questão.

				ele, é excelente” (CE.)
Biparentalidade	Como ultrapassou?/ Adaptou às mudanças inerentes ao processo	Estratégias Internas	Abstracção/ Diversão [3]	“Distrair-me o máximo possível, jogando, lendo, fazendo desenhos ou assim, qualquer coisa que me distraísse na altura (...)” (T.) “Tentei não pensar demasiado nisso (...)” (CE.) “ (...) Divertir-me para esquecer (...)” (T.)
			Ver o lado positivo [1]	“ Eu não tenho nada de negativo em relação à separação dos meus pais (...)” (A.) “ (...) Estou sempre a ver o lado positivo das coisas (...)” (A.)
			Fé [1]	“Eu sou cristã, pronto e acho que isso ajudou imenso, saber que se calhar tudo aquilo tem um motivo e saber que tem alguma razão para ser (...)” (I.)
			Capacidade de adaptação [1]	“Ai adaptei-me muito bem, sempre fui uma pessoa que se adapta muito bem às novas coisas (...)” (MR.)
			Aceitação da realidade [3]	“Teve de passar.” (I.) “ (...) Pronto, são assim, os sentimentos mudam, as coisas acontecem (...)” (A.)
			Força/Paciência [1]	“Tinha de ser forte, paciência, passar à frente” (R.)
		Estratégias Externas	Tempo [3]	“Passei bem, ainda estou aqui, não é?!” (R.) “ (...) Tem de ser (...)” (R.) “ (...) Foi passando (...)” (I.)

			Apoio	Escola [1]	“ (...) Acho que a escola, principalmente, ajudou-me bastante a ultrapassar isto (...)” (T.)	
				Amigos [2]	“ (...) E os meus amigos e (...) acho que me ajudaram porque me distraíam e eu não pensava no assunto” (T.)	
				Família [4]		“ (...) Como é que eu consegui superar... muita ajuda da família, muita mesmo (...)” (I.) “ Não...não liguei muito a isso, tinha a minha mãe para me ajudar nessas coisas (...) sim, foi um grande apoio (...)” (R.)
					Bom relacionamento do ex-casal/ Liberdade de visitas [1]	“ (...) Nós não temos aqueles dias específicos para estar com um e com o outro, estamos com quem quiser, quando nos apetecer e então passou-se bem.” (A.)
					Novos relacionamentos dos pais [1]	“(...) A minha mãe arranjou um namorado, com o qual eu tinha um relacionamento muito bom, portanto... quer dizer também tive sempre uma presença... masculina na minha vida(...)” (MR.)
Ausência de Percepção [2]	Idade precoce do adolescente aquando do divórcio	“(...) Eu não me lembro de muito, e do que me lembro, não foi uma coisa que me custou muito, porque, pronto, tinha três anos(...)”(MR.)				
Conselhos dados aos outros jovens para ultrapassar o processo	Semelhantes às estratégias adoptadas [5]			“Conselhos bons...pensar que é assim, que não somos nós que decidimos as coisas só (...)” (R.) “ (...) Tentarem distrair-se como eu fiz na altura.” (T.) “(...) não podemos pensar tanto no assunto (...) temos de nos abstrair disso e tentar não tomar partido nenhum (...) apoiar nos dois (...)” (CE.)		

			“(…), digo sempre para pensarem pelo lado positivo, vão ter mais prendas, e os castigos são pela metade, porque só um é que mete (risos)” (A.)
		Confiança nos pais Bem-estar familiar [2]	“ Pensar no que é melhor para os nossos pais, porque se eles se separaram por alguma razão foi, não é?!” (CE.) “ E depois é confiar que os nossos pais têm cabeça e que estão a fazer o melhor para nós, quer dizer para nós, para eles e para as coisas ficarem bem, não... e pensarem que se aquilo está a acontecer é porque se calhar tem que ser e é para melhor (...)” (I.)
		Ausência de culpa nos adolescentes [1]	“(…) Primeiro uma coisa que muita gente pensa e acho que é muita mau de se pensar, é que nós temos a culpa(...)primeiro isso...fora, mesmo(...)” (I.)
	Diferentes das estratégias adoptadas	Não sobrecarregar os pais com sentimentos negativos	“(…)Não descarregar nos pais, porque acho que foi algo que eu fiz sobre a minha mãe muitas vezes, ahh, não se deve fazer.” (T.)
Virtudes presentes na altura	Capacidade de recuperar de acontecimentos desagradáveis ou stressantes [6]	Abstracção/ Diversão [3]	“ (...) Se calhar por nunca ter pensado no assunto, muito (...)” (MR.) “ (...)Acho que sozinho consegui ultrapassar isto, distrair-me o máximo possível, jogando, lendo, fazendo desenhos ou assim, qualquer coisa que me distraísse na altura, acho que sozinho consegui fazer muita coisa para ultrapassar esta situação.” (T.)

		Ver o lado positivo [1]	“Eu sou muito positiva, então...pronto, eu estou sempre alegre, sempre a rir, ou seja, estou sempre a ver o lado positivo das coisas e não me deixo ir muito abaixo” (A.)
		Maturidade [1]	“ (...)Já tinha a cabeça no lugar (risos), que já conseguia ver as coisas como elas são(...) (R.)
		Inteligência [1]	“ (...)Já conseguia ver as coisas como elas são e que o meu pai fazia atitudes erradas e apercebia-me disso, acho que já tinha a inteligência suficiente para perceber isso, acho que foi isso que fez com que conseguisse passar à frente, que me ajudou” (R.)
		Altruísmo [1]	“Pensar no que é que é melhor para os nossos pais” (CE.)
		Fé [1]	“ (...) Eu sou cristã, pronto e acho que isso ajudou imenso (...) isso era uma característica que eu tinha, ou seja, essa fé, mas que se intensificou imenso, pronto.” (I.)
Capacidade de recuperar de acontecimentos desagradáveis ou stressantes [6]	Capacidade de adaptação [2]	“Que sou capaz de lidar melhor com as situações (...)” (T.) “ (...) Talvez facilidade de adaptação e de conseguir não ver nenhum mal naquilo em que geralmente até cria conflitos nas crianças (...)” (MR.)	
	Resistência/força [3]	“ (...) Que sou mais resistente do que achava (...)” (T.) “Eu comecei a aperceber-me que sinceramente era uma pessoa muito forte, percebes?!” (...)	

				Acho que, como soube reagir muito bem, que tive a coragem de enfrentar não?! De não me ir abaixo (...)" (CE.) " (...)Era mais forte do que aquilo que pensava porque pensava que ia ficar muito, muito mais triste e que ia ser muito diferente (...)" (A.)
			Ver o lado positivo [1]	"Não sei, acho que esta mania minha, que eu tenho de ver sempre o lado bom das coisas, o lado bom das pessoas, isso, não sei se tinha consciência disso (...)." (I.)
		Autonomia [1]		" Talvez que, sei lá, talvez que tivesse de ser mais independente, nessa altura comecei a ganhar mais independência (...)(R.) Descobriste que eras capaz de o fazer? (E.) ⁶ Sim." (R.)
		Influência na fratria [1]	Promoção de bem-estar	"(...) Por exemplo, a minha irmã, consegui animar a minha irmã, não sabia que, pronto, conseguia ter assim tanta influência nela, não é?!(...) consegui sempre... meti-a sempre a rir e não sei o que e a dizer "isto não é drama nenhum, está tudo bem!", portanto (...) descobri que, vá ainda tenho influência na miúda" (A.)

Tema	Perguntas	Categorias	Sub-categorias	Indicadores
Situação actual do Adolescente	Relacionament os amorosos	Actualmente tem [2]		"Sim, tenho" (A.) "Tenho" (CE.)
		Já teve [4]		" Sim, não tenho, já tive" (R.) "Não tenho actualmente, mas já tive" (T.)

⁶ (E.) Representa o discurso da Entrevistadora.

	Felicidade nos relacionamentos	Sim [6]		“Sim.” (T.) “Sinto, sinto.” (CE.) ”Muito.” (A.)
	Duração da relação	Férias de Verão (1-3 meses) [3]		“Durou três meses (...)” (I.) “Foi um mês, o mês de Agosto.” (T.)
		≥6 meses [1]		“A minha última relação foi, sem ser mesmo curtas, mesmo relação, foi... acabou no início deste ano e foi durante seis meses” (MR.)
		≥ 1 ano [2]		“Um ano e vai fazer dois meses, um ano e dois meses.” (CE.)
	Estabilidade/seriedade da relação amorosa	“Sim” [4]		“Sim.” (A.) “Sim, acho que era séria” (R.) “Sim, séria e estável, sim” (MR.)
		“Sim, na altura” [1]		“ Era estável, mas acho que, se fosse agora, fazia as coisas diferente (...)mais maturidade para... falar mais (...) mas era estável” (I.)
		“Sim, não para casar” [1]		“Ahh, considero (...) Quer dizer, não é sério de “Eu vou casar!” (CE.)
	Envolvimento pessoal na estabilidade/seriedade da	Bem-estar	Conforto [1]	“Sentir-se confortável consigo e com a outra pessoa (...) Eu sentia-me confortável quando estava com ele (...) sentir-se bem com aquilo que estava a fazer (...)” (MR.)

	relação		Gestão de tempo Casal/meio social: Actividades individuais/conjunto [1]	<p>“Temos de ter tempo para...eu tenho de ter tempo para mim, tenho de ter tempo para ele, mas também tenho de ter tempo para os meus amigos, para a minha família, para as minhas coisas, para estudar, tenho de ter tempo para tudo, acho que, pronto, giro bem o nosso tempo” (A.)</p> <p>“(...) Estou com ele, estou com os meus amigos, não deixo ninguém de parte” (A.)</p>	
			Agradar	Surpresas [1]	“(...) O factor surpresa, gosto de estar sempre a fazer surpresas e assim(...)” (A.)
				Empenho [1]	<p>“(...) Empenho para que as coisas corressem bem (...) Porque eu até nunca fui uma pessoa de conseguir manter uma relação durante muito tempo, até, pronto devido a isso, devido ao empenho, e devido a se calhar, não me dedicar tanto à outra pessoa como merecia, e nessa relação foi uma das coisas que eu tentei melhorar, e melhorei, tanto que foi durante 6 meses (...)” (MR.)</p> <p>“ (...) pela vontade (...) porque noutras relações(...) se calhar deixei de sentir vontade porque deixei de me empenhar na relação, e nesta não” (MR.)</p>
				Ausência de controlo [1]	“(...)Não o controlo, cada um tem a sua vida, os seus amigos (...) não o controlo, porque acho que isso é...eu não gosto de ser controlada(...)” (A.)
		Humor [1]	“(...) Eu sou uma pessoa que gosta muito de pessoas bem-humoradas, e ele é!” (...)Faz-me rir e eu adoro rir, adoro. Acho que isso é... pronto,		

				há que nos mantermos felizes, não é?! E pronto, o bom-humor é sem dúvida, aquela coisa(...)" (CE.)
	Suporte	Presença [4]		"(...)"Estava sempre com ela (...)" (R.) "(...)"Estávamos imenso juntos(...)"passávamos imenso tempo juntos basicamente" (I.)
			Disponibilidade /Atenção/preocupação [2]	"Acho que o principal para mim era a disponibilidade e a vontade de estar com ela e acho que isso foi uma grande base para a relação poder continuar (...)" (T.) "A disponibilidade e a atenção." (T.) "Preocupava-me sempre com ela, estava sempre com ela, era sempre atencioso (...)" (R.)
		Apoio [1]		" (...)"Tinha sempre paciência para o que ela... para as... para as coisas dela, que ela às vezes tinha(...)" para a ouvir sempre, acho que era isso que eu fazia de melhor" (R.)
		Confiança [1]		"É assim, tenho confiança no meu namorado, não desconfio dele, até ao momento em que ele me der razões para desconfiar dele (...)" (A.)
		Amor [3]		"(...)"Uma pessoa tem que gostar mesmo para estar numa relação(...)" (MR.) " Nós gostávamos imenso um do outro e isso, pronto, acho que é a base de tudo, se não há isso não há nada (...)" (I.)
		Amizade [1]		" (...)" e porque é que era estável... porque já éramos amigos muito antes disso(...)" (I.)

			Compromisso [1]	“É isso, é o comprometermo-nos um ao outro, não é?! É um namoro, não é aquela coisa de miúdo, de namorar uma semana e depois na outra já ter outro namorado (...)” (CE.)	
		Cordialidade [1]		“(...)Dávamo-nos, sempre nos demos bem(...)” (I.)	
	Influência da relação dos pais numa relação sua	Aprendizagem do que fazer	Partilha [3]		“Ensinou-me (...) a contar sempre as coisas e a ser verdadeira (...) a não esconder as coisas, basicamente. Se eu me sentia mal, dizia que me sentia mal, se eu me sentia bem, dizia que me sentia bem... e a ser natural nas coisas e não estar a fingir que estou bem ou que estou mal (...)” (I.)
				Diálogo	“(...)Aprendi que não é bem essa a maneira de resolver as coisas, é conversar e ter calma principalmente.” (T.) “Não arranjar discussões, não discutir por aqueles motivos parvos que às vezes discutem(...)” (A.)
				Actividade de casal	“(...)Estão sempre a fazer actividades juntos(...)”(T.)
		Amor [5]		“Os meus pais, quando estavam juntos não são aquele casal de ter medo de dar a mão ou estar agarrado (...) Não são aquele casal distante (...) Eles estavam casados porque gostavam mesmo um do outro e pronto estavam sempre aos mimosinhos, não é?!” (CE.)	

				Dedicação [2]	“A minha madrasta faz tudo pelo meu pai, basicamente tudo mesmo (...) Dedicam-se muito um ao outro (...)” (T.)
				Sinceridade [2]	“Ensinou-me (...) a contar sempre as coisas e a ser verdadeira e, pronto isto é um bocado piroso, mas é verdade (risos), a não esconder as coisas, basicamente. Se eu me sentia mal, dizia que me sentia mal, se eu me sentia bem, dizia que me sentia bem... e a ser natural nas coisas e não estar a fingir que estou bem ou que estou mal (...)” (I.)
			Bem-estar	Agradar: Surpresas [1]	“Olha, os meus pais, por exemplo, faziam sempre surpresas, como eu estou sempre a fazer (...)” (A.)
				Diversão [2]	“Há sempre muitas festas por semana, é uma animação, e pronto, divertem-se muito juntos (...)” (T.) “Tiravam sempre uns dias para eles, para estarem a namorar (...)” (A.)
				Gestão de tempo Casal/meio social	“(...)Sempre me ensinaram que temos de ter tempo para os amigos e para o namorado, não podemos dedicarmo-nos só a uma coisa, porque podemos não ficar junto para sempre como podemos, mas independentemente disso temos de ter espaço para os nossos amigos porque antes de termos namorado temos os nossos amigos e temos de saber cuidar de ambas as relações, das amorosas, das amizades(...)” (A.) “(...)Tiravam sempre uns dias para eles, para estarem a namorar, ou seja, nós fomos habituados a não levar isso a mal, do género, lá

				está, tem de ter o tempo deles independentemente de terem filhos, pronto é que eu faço, às vezes, é “olha mãe, vou passar um fim-de-semana fora”, ou assim... e pronto é isso, não levo a mal, a minha mãe não leva a mal, porque fomos habituados assim, cada um tem o seu espaço, temos de ter o nosso espaço, não é?!” (A.)	
			Suporte	Presença [1]	“(…)Estão sempre muito tempo juntos (…)” (T.)
				Confiança [1]	“Os meus pais nunca desconfiaram um no outro (…) temos de confiar muito um no outro (…)” (A.)
			Ponderação Cuidado nas decisões [1]		“Ahhh, talvez ajudou-me a ver que os namoros... têm-se de escolher bem, não pode ser um qualquer (…)” (R.) “ Talvez me ensinou a ver que tenho de ver as coisas com mais cuidado e com mais... com mais cabeça! Não fazer coisas assim sem pensar. Acho que me ajudou um pouco nisso” (R.)
			Cordialidade	Boa relação do casal [3]	“Os meus pais nunca discutiram à minha frente, nunca, nunca(…)” (CE.) “Eles nunca discutiam à nossa frente (…) a relação dos meus pais era ótima, que eu considerava ótima(…) acho que é sempre bom, ter assim um modelo em casa(…)” (I.)

			<p>Bom relacionamento após divórcio [3]</p>	<p>“Eu, tal como tinha dito há pouco, mantiveram uma relação, mantiveram uma relação de amizade, após o divórcio, e eu acho que isso é importante, tanto para a saúde deles como para as nossas, para as filhas e eu acho que sem dúvida, essa capacidade de manterem uma amizade após um divórcio (...)” (MR.)</p>
			<p>Ver aspectos positivos da relação</p>	<p>“(...)Talvez o facto da minha mãe estar sempre a dizer “ Ah, porque eu amei muito o teu pai, filha” e eu acho que isso é ótimo (...)” (MR.) “(...) de conseguirem ver os aspectos positivos da relação que tiveram e não dos aspectos negativos, ajudou-me muito, porque eu reparo, por acaso, que quando eu tenho uma relação que acaba, tento sempre ver os aspectos positivos para que a minha relação posteriormente a essa separação seja boa, lembrando-me sempre dos aspectos negativos para não voltarem a acontecer numa outra relação, não é?!” (MR.)</p>
		<p>Resolução de problemas [3]</p>		<p>“(...)Tentar resolver tudo pelo melhor(...) (A.) “(...) Aprendi que não é bem essa a maneira de resolver as coisas, é conversar e ter calma principalmente.” (T.)</p>
			<p>Exequível /Possível [1]</p>	<p>“(...)Ajudou-me, acho que é sempre bom, ter assim um modelo em casa, ou que eu me lembre, pronto, nessa altura já não estavam juntos, mas de ter, de ter um exemplo de uma relação que durou não sei quantos anos, e que era ótima e era sólida e isso tudo... primeiro dá-nos sempre aquela sensação de que é possível e de que vai correr tudo bem e que podem correr coisas mal pelo caminho, mas que vai correr tudo bem e</p>

				acho que sim... fez ver que é possível, perfeitamente possível, que há chatices mas que se resolvem.” (L.)
		Valores: Religião/ Conduta do Ser humano [1]		“Ensinaam-me (...) a ter valores... eu sou católica e pronto acho que os valores da religião católica são muito fortes e eu também os adquiero, não é?!” (CE.) “Ensinaam-me a ser boa pessoa, não é?! (...)” (CE.)
		Aprendizagem do que não repetir [2]		“Ensinaou-te determinadas coisas que tu não gostarias de repetir, é isso? (E.) Sim” (R.)
			Ausência de calma na resolução de conflitos	“Ahh, lembro-me principalmente de pensar em manter a calma numa discussão porque eles muitas vezes não tinham mesmo calma nenhuma, entravam em pânico e, não sei, aprendi que não é essa a maneira de resolver as coisas (...)” (T.)
		Aprendizagem através de novos relacionamentos dos pais [1]		“Aprendi muita coisa com os meus pais e ainda agora com o meu pai e com a minha madrasta, acho que ainda me serve de modelo.” (T.)

Tema	Perguntas	Categorias	Sub-categorias	Indicadores
Atitudes face aos relacionamentos amorosos	O que mantém duas pessoas felizes e unidas numa relação de amor	Amor [5]		“Acho que é o amor!” (R.) “Sim, sem falar no amor que eles têm que ter um pelo outro, não é?! (...)” (MR.) “(...)Amarem-se mutuamente e o continuarem a seguir esse sentimento durante muito tempo (...)” (T.)

		Amizade [1]	“(...)Ser companheiro, ser amigo(...) Ao fim ao cabo, nós temos de ser amigos primeiro, não é?! Para estabelecermos uma relação amorosa, não é?(...)” (CE.)
		Sinceridade [1]	“Seremos honestos para connosco e para com o outro(...)” (CE.)
		Compromisso/ Fidelidade [1]	“Comprometermo-nos com...uns aos outros, não é?! (...) fiéis (...)” (CE.)
	Bem-estar	Empenho/ Agradar [1]	“(...) a partir do momento em que há um casamento, há várias coisas que eu acho que influenciam a relação, desde as características pessoais de cada um, como já referi o empenho (...)” (MR.)
		Conforto [1]	“ Acho que o sentirem-se confortáveis com a outra pessoa (...)” (T.)
		Felicidade [1]	“Poder partilhar uns com os outros a alegria, não é?! A felicidade (...)” (CE.)
		Estabilidade económica [2]	“Ahhh, as duas terem uma vida estável, não é?! Terem um bom emprego, terem os dois, terem um bom futuro, acho que isso ajuda imenso.” (R.) “Ahh, outros aspectos materiais, como ahh,...ai a estabilidade financeira, isso é bastante importante (...)” (MR.)
		Diversão/alegria [2]	“ (...) Há que ser divertido, não é?! Há que ter uma maneira de estar na vida muito alegre.” (CE.) “ (...) Aproveitar cada momento(...)” (T.)
		Saúde da relação [1]	“ (...) A saúde, não... sim a saúde da... (...) a saúde da relação (...)” (MR.)

		Suporte	Presença	Atenção/ Disponibilidade [3]	“(…) Ser atencioso (…)” (CE.) “(…) Mas para mim mesmo gosto é da disponibilidade e da atenção (…)” (T.) “Essa disponibilidade e amor, fundamentalmente é aquilo que tu consideras que mantém duas pessoas unidas e felizes numa relação de amor (E.). Acho que sim.” (R.)
			Confiança [1]		“ Eu acho que a base é mesmo a confiança, se não confiarmos uns nos outros, não dá (….) porque acho que se confiarmos um no outro é tudo muito mais fácil (….)” (A.)
			Apoio		“(…)Dar afecto ao outro, ser atencioso, ser companheiro, ser amigo(…)” (CE.)
		Partilha [2]			“Seremos verdadeiros e não fingirmos as coisas que não sentimos ou qualquer coisa que... não escondermos, principalmente não escondermos, isso é das coisas mais importantes (….)” (I.) “(…)Se contarmos um ao outro o que é que se passa, mesmo que, pronto, tenhamos cometido algum erro, se (….) partilharmos, pronto, acho que se ultrapassa isso muito mais facilmente(…)” (A.).
			Gostos/Pensamentos/Projectos [1]		“E depois... tem que se partilhar qualquer coisa, partilhar qualquer coisa em comum, tem que se, não é gostar das mesmas coisas(…) tem de haver alguma coisa em comum, a partilha de alguma coisa que ambos gostamos muito de fazer ou de ter ou de ser, ou(…) para haver motivos para estarmos juntos(…)” (I.)

Aspectos mais positivos num casamento	Partilha [4]		“(…) É o poder partilhar uns com os outros a alegria, não é?! A felicidade, os aniversários, sei lá, tudo, não é?! (….) A partilha!(CE.) “ Ahhh, eu acho que quando olho para um casal, casado... eu, gosto de ver... sei lá, pronto gosto de ver a... a partilha, o amor... eu acho que isso é, sem dúvida o mais importante, não é?!” (MR.)
		União [2]	“Ahhh, acho que é mesmo a união, o facto de nunca estarem, nunca ser apenas o meu pai, apenas a minha madrasta, não, são os dois a fazerem tudo, juntos (….)” (T.)
		Altruísmo [1]	“ A partilha! Muito, não pensarmos só em nós mas pensarmos na nossa relação, não é?!” (CE.)
		Descendência [1]	“ É...o poder criar uma família, visto que eu quero ter filhos(….)” (A.)
	Bem-estar	Felicidade [2]	“A felicidade que os dois têm.”(R.) “É o poder partilhar uns com os outros a alegria, não é?! A felicidade, os aniversários, sei lá, tudo, não é?! (….) A partilha! (CE.)
	Amor [2]		Ahhh, eu acho que quando olho para um casal, casado... eu, gosto de ver... sei lá, pronto gosto de ver a... a partilha, o amor... eu acho que isso é, sem dúvida o mais importante, não é?!” (MR.)
		Fidelidade [1]	“(…) dar afecto ao outro(…) O casamento é a união, é ser fiel(…)” (CE.)“
	Suporte	Presença	“Ahhh, acho que é mesmo a união, o facto de nunca estarem, nunca ser apenas o meu pai, apenas a minha madrasta, não, são os dois a fazerem tudo, juntos

				(...)" (T.) "Há aquilo de...sei lá, nunca estarmos sozinhos, temos sempre aquela pessoa que está lá e que ... é tipo incondicional (...)" (I.)
			Apoio	" (...) Temos sempre aquela pessoa que está lá e que ... é tipo incondicional, está lá para nós, sempre que precisamos, quando não precisamos, sempre, pronto." (I.)
	Coabitação	Igual/Semelhanças face ao casamento [5]	Amor [5]	" (...) Eu tenho uma opinião assim um bocado estranha sobre o casamento, que é que não é um papel que muda nada, acho que as pessoas estão bem, estão juntas e não é o papel que diz " olha estás casado comigo" que muda o que se sente pela outra pessoa" (A.) "(...) Não é por nos casarmos que quer dizer que gostemos mais daquela pessoa(...)" (CE.) "Eu não tenho que assinar um papel para afirmar que gosto de uma pessoa. Não tenho que assinar um papel para dizer quê estou com essa pessoa (...) E acho que, se viver junto com uma pessoa, não é uma questão de gostar menos ou de não gostar (...)" (MR.)
			Felicidade [3]	"Acho que é...como igual às outras, não é preciso casar-se para se ser feliz." (R.) "Acho muito bem. Apoio o casamento mas também as pessoas que querem ser feliz, não é?! Só, não precisam de uma aliança ou assinar um papel...na igreja, ou... pronto." (CE.)
			União [3]	"Talvez hajam pessoas que levam isso mais a sério, talvez acham que se forem casados vão ser mais unidos e mais felizes talvez é isso. Mas no meu caso,

				<p>acho que não diferencia muito.” (R.)</p> <p>“O casamento é só formalizar essa união mas viver junto acho que é praticamente a mesma coisa (...) desde que essa união já esteja consciente nas duas pessoas... acho que o casamento só serve para formalizar o amor que eles têm um pelo outro.” (T.)</p>
			Seriedade	<p>“Acho que fica tudo igual, a não ser que ficamos com o rótulo “estamos casados um com o outro”, portanto eu digo que quero casar-me com um post-it colado no frigorífico.” (A.)</p>
		Diferenças face ao casamento	Carácter menos definitivo [1]	<p>“(…)Se assumires casar com uma pessoa, estarias a dizer que isso é para toda a vida... (E.) Claro que sim (...)” (MR.)</p>
			Facilidade de Experimentação [1]	<p>“(…) Se nunca me sentir preparada para afirmar...portanto...vamos ver...isto depende muito, porque é assim... aquilo que eu disse há bocado do casamento ser para a vida, é sem dúvida uma coisa muito importante, e , e eu posso gostar de uma pessoa e nunca me sentir preparada para afirmar uma coisa que penso que é para todo o sempre, não é?!” (MR.)</p>
			Liberdade/Preparação [1]	<p>“Deixa essa liberdade na medida em que... em que, lá está o casamento é uma coisa muito importante e uma pessoa tem que saber muito bem o que...naquilo a que se está a meter(...) E acho que, se viver junto com uma pessoa, não é uma questão de gostar menos ou de não gostar, é uma questão de não me sentir preparada para tal.” (MR.)</p>

			Ausência de pressão [1]	<p>“ (...) Eu acho que o papel às vezes é o que trás mais discussões e acho que é o que faz muitas vezes acabar as relações, porque torna as coisas muito mais pesadas. (A.)</p> <p>E achas que o viver junto não traz esse peso? (E.)</p> <p>Acho que não, acho que, não sei, continua tudo muito mais leve, como era antes, como quando eram namorados e uma coisa muito mais feliz e alegre que o casamento (...)” (A.)</p>
			Não oficial [2]	<p>“O casamento é só formalizar essa união (...)” (T.)</p>
			Menor significado/seriedade	<p>“ (...)Se eles tomam a decisão de eles viverem juntos, é porque têm uma relação forte e pronto, têm uma relação forte, certo?(...) Eu acho que se têm uma relação forte, eu acho que não faz sentido não casar(...) o casamento dá mais sentido. Porque é tipo oficializar, pronto. (...) é mais, tornar mais verdadeiro, mais real(...)” (I.)</p> <p>“(...)Mudaria se calhar a maneira como eu tomava aquilo, como... se calhar tomava aquilo como uma coisa mais sério, mais, mais importante (...) estar casada é mesmo estar casada. É assim uma coisa mais a sério.” (I.)</p>
			Ausência de compromisso com Deus	<p>“ E acho que o casamento é...é também comprometermo-nos com Deus, quem é católica, certo? Comprometermo-nos naquela relação, sermos fiéis (...)” (CE.)</p>
	Resolução de problemas	Comunicação	Diálogo [5]	<p>“(...) Com muita conversa... lá vai a conversa... ah, tentar resolver aquilo(...)” (I.) “(...)Procurar sempre a melhor maneira de resolver os problemas, conversando.” (T.)</p>

			Avaliação [2]	<p>“(…) Nesse conflito temos de ver o que é que um fez mal e o outro fez mal, para chegarmos a um consenso, não é?! (…) De falar, pronto(…)” (CE.)</p> <p>“(…) Temos de fazer uma avaliação, daquilo que se está a passar e...realmente perante essa avaliação, tentar ver o que é que está mal, o que é que está bem, e se é realmente aquilo que se quer (…)” (MR).</p>
			Calma [1]	<p>“(…) Conversar sempre com o outro, o máximo possível, sinceridade acima de tudo, ahh, e manter a calma quando acontece alguma coisa de mal (…)” (T.)</p>
			Partilha [2]	<p>“Ahh, principalmente não guardar nada para nós mesmos (…)” (T.)</p> <p>“Ahh, então se for uma coisa que englobe os dois, ou seja, tentar resolvê-los juntos, se for um problema só com uma das pessoas, uma das partes deve conta-lo à outra, para poderem juntos, para arranjam uma maneira mais fácil, mais eficaz de resolver o problema (…)” (A.)</p>
		Cordialidade	Consenso [3]	<p>“(…)Procurar sempre a melhor maneira de resolver os problemas, conversando.” (T.)</p> <p>“(…) Tentar resolvê-los juntos, se for um problema só com uma das pessoas, uma das partes deve conta-lo à outra, para poderem juntos, para arranjam uma maneira mais fácil, mais eficaz de resolver o problema(…)” (A.)</p> <p>“(…)temos de ver o que é que um fez mal e o outro fez mal, para chegarmos a um consenso, não é?!” (CE.)</p>
			Desdramatização [1]	<p>“(…) Mas para ultrapassar os problemas, acho que não podemos dramatizar uma situação, às vezes temos de deixar, às vezes temos de deixar de lado, não é?!”</p>

				Pronto, não ligar muito à situação (...)” (CE.)
			Cedências [1]	<p>“ (...) Porque eu, tanto amizades como outras relações, não vale a pena, por orgulho, estragar uma relação (...) os problemas que existem também se devem ao orgulho que as pessoas têm e à não capacidade de compreender quando devem estar, quando devem admitir que estão certas ou não.” (MR.)</p> <p>“(...) Eu considero que, que se uma pessoa está numa relação e das duas uma, ou dá o braço a torcer, na medida em que “pronto, Ok, vou dizer que a culpa é minha, para isto ficar bem” ou então mão, faz com que a outra pessoa chegue(...) compreenda que está mal(...)” (MR.)</p>
			Acções de perdão: Surpresas [1]	“Ahh, não sei, se calhar fazia-lhe uma surpresa qualquer, se eu tivesse...se eu tivesse deixado em baixo, se alguma forma (...)se alguma vez desapontei-a de alguma forma... acho que noutra altura, que fazia-lhe uma surpresa que ela ficasse muito surpreendida e que me perdoasse” (R.)
			Compreensão [2]	“(...)Pronto, não ligar muito à situação, mas sermos sempre compreensivos, sempre, sempre, sempre(...)” (CE.)
			Aceitação do significado do casamento Aceitação do erro Humano [1]	“ (...) Apesar de alguma coisa ter corrido mal, que o casamento é o casamento, no bem e no mal, na doença e não sei o quê e não sei o quê, não sei bem, mas é tipo na alegria e na tristeza e portanto (...) se estamos casados é porque, pronto é aquilo, nos amamos completamente e estamos lá um para o outro e não é uma dificuldade que vai, de repente, estragar aquilo tudo e fazer com que não sirva de nada.” (I.) “ (...)”

					Pronto, toda a gente erra e há-de haver coisas más, ninguém é perfeito, não é?! Mas que, primeiro, principalmente é...aceitar...que alguém, eu ou outra pessoa errou, e depois com muita conversa (...) tentar resolver aquilo(...)" (I.)
		Suporte	Confiança [1]		Preciso... o que é preciso...muita confiança no outro (...)" (I.)
			Apoio Exterior Especialistas/terapia [1]		"(...) Se eu passava uma fase da minha vida em que todos os dias discutia por tudo e por nada, ou consultava uma pessoa especialista, pronto porque com certeza se eu vejo tudo mal à minha volta, se calhar o problema está em mim e não nos outros. Consultava uma pessoa que me fizesse ajudar, não é?! Porque sempre tive uma mente muito aberta nessas coisas (...) porque quando as pessoas têm problemas, têm que ser resolvidos de qualquer forma... ahh, ou então, se não fosse o caso de consultar um especialista e se realmente a culpa não fosse minha e fosse do meu parceiro, eu então não, ou diria para ser ele a consultar um especialista ou diria para irmos os dois, porque pronto, as coisas têm que ser tratadas e resolvidas." (MR.)
		Amor [3]			"Bom, eu acho que se esse casal tiver esse amor, que eu falei há bocado, acho que há-de haver sempre uma maneira de se resolver, há-de haver sempre uma solução para isso...vai haver sempre discussões mas também vai haver sempre uma solução" (R.) "(...)Se estamos casados é porque, pronto é aquilo nos amamos completamente e estamos lá um para o outro e não é uma dificuldade que vai, de repente, estragar aquilo tudo(...)" (I.) "(...) E por vezes, é isso que as pessoas se esquecem,

				é que, que o amor que sentem umas pelas outras ultrapassa muito(...)" (MR.)
Conselhos de felicidade	Partilha	Diálogo [5]		“ (...) se alguma coisa estivesse mal, algum dia, para confrontar... (MR.) Conversar, portanto era importante, para ti? (E.) Sim. Ah, completamente.” (MR.) “(...)A partir do momento em que já não querem estar, que deveriam logo dizer e não esconder esse sentimento. Acho que o essencial é falar, numa relação.” (R.)
			Expectativas/prioridades da relação	“ Ahh, para definirem bem as suas prioridades para mostrar à outra pessoa que têm essas prioridades (...) em relação ao trabalho, em relação ao amor em si, em relação à família, aos amigos(...)para, por exemplo, não termos de esperar demais do outro e menos do outro e ficar desapontados de alguma maneira(...)" (T.)
		Projectos futuros [1]	“(...) Conversarem, ahh, planerarem o futuro, acho que é isso, não sei também... é um bocado relativo também.” (R.)	
	Amor	Convicção/certeza [3]	“Bom, que tenham a noção que é com aquela pessoa que querem estar, epah, e que tenham consciência que vai ser com aquela pessoa que vão estar (...)" (R.) “(...) para namorarem muito(...)" (A.)	
		Sinceridade [2]	“Serem sinceros(...) sejam vocês mesmo, ahh, sim e não mudar! Não nos deixarmos mudar pela outra pessoa, sermos nós próprios como sempre fomos, não é por uma pessoa não gostar de uma característica	

				<p>nossa que temos que a mudar.! (A.)</p> <p>”A partir do momento em que já não querem estar, que deviam logo dizer e não esconder esse sentimento.” (R.)</p>	
		Suporte	Presença [2]	“Passarem tempo juntos(...)” (R.) “(...)namorarem muito(...)” (A.)	
			Confiança [1]	“Eu... diria para, acima de tudo confiarem e serem fiéis, porque uma relação tem de ter (...) como base a confiança e eu acho que isso é muito importante nas relações e eu, sem dúvida que diria isso, era a confiança e se alguma coisa estivesse mal, algum dia, confrontar(...)” (MR.)	
		Bem-estar	Actividades conjuntas (casal) [2]	“Passarem tempo juntos, conversarem, ahh, planearem o futuro (...)” (R.) “(...)Namorarem muito(...)” (A.)	
			Agradar	Surpresas [1]	“(...)Fazerem surpresas uns aos outros, porque anima a relação, manterem-na viva, não é?! (...)” (A.)
				Ausência de rotina	“(...)Anima a relação, manterem-na viva, não é?! (A.) Fora da rotina, é isso? (E.) Sim (...)” (A.)
			Felicidade/ Realização pessoal [1]	“Ahh, têm que, primeiro serem felizes e comple... não é completos, mas sentirem-se realizados, consigo mesmo, não é?! E depois têm que se completar um ao outro. Acho que, pronto é isso. Numa relação, o que faz que ela, pronto, evolua, é nós, cada dia, nos completarmos uns aos outros, não é?!” (CE.)	
			Aproveitamento dos bons momentos [2]	“Então a minha opinião, é que aproveitem as coisas boas, porque pode dar muitas chatices de vez em quando, mas também traz muita coisa boa, de certeza absoluta e se nós estamos a ligar sempre às coisinhas	

					más, nunca mais saímos daqui. E pronto, há-de haver muita coisa boa e é olhar para essas e não olhar para as más.” (I.)
	Aumento do nº de divórcios/Prorrogamento do amor	Causas	Mudança na mentalidade [4]	Perda de valores morais [1]	“ Bem, eu acho que...a causa disto, uma das causas disto não perdurar é porque a sociedade cada (...) tem cada vez menos vindo a adquirir valores absolutos e universais que todos temos de ter, não é?!(...) Olha, a honestidade, o altruísmo, a sinceridade, a solidariedade, o companheirismo, acho que (...) cada vez mais, as pessoas não ligam aos valores(...)” (CE.)
				Pouca ponderação / Preparação no casamento/ Precipitação [3]	“(...) Hoje em dia as pessoas (...) vão para um casamento a pensar que, que é uma festa e que é giro dizer que se está casado. Não digo isto de uma maneira de insulto, digo isto na maneira em que a mentalidade passou a ser assim, sem dúvida, e acho que se as pessoas tivessem mais cabeça e pensassem que realmente era uma coisa importante, uma coisa que deveria durar para sempre, acho que se calhar não se casam tanto, porque se calhar ficavam com mais dúvidas e iriam, com certeza, diminuir o divórcio.” (MR.) “(...) Eu acho que, primeiro as pessoas têm de pensar muito bem antes de casar.(...) primeiro tem de ser uma coisa muito pensada, porque supostamente casamento é para a vida toda, não é?! É esse o princípio do casamento (...) os meus pais, quando, durante imensos anos, quando estavam juntos, deram o CPM, acho que é curso de preparação para o matrimónio, é (...) tipo um mini-curso, tipo 3 dias ou assim uma coisa, em que principalmente ouvem casais, já casados, já com as suas próprias experiências, a falar sobre imensas coisas e acho que ter noção disso e ter noção que... ter algum

					acompanhamento, não estou a dizer, tipo terapias e coisas assim do género, mas ter... até pode ser alguém da família, qualquer coisa, com que se sintam à vontade para falar e para...(I.) Conversar sobre o que é ser um casal? (E.) Exactamente, e... primeiro perceber o que é que implica, o que é que implica o casamento, o que é que vai trazer de bom e todas as implicações que vai trazer (...) há casos ridículos de pessoas que se casam e ao fim de uma semana divorciam-se e coisas do género, que eu acho ridículo, porque é que não perceberam antes que não... e acho que isso é claramente falta de preparação(...)" (I.)
				Paradigma do casamento: "Não é para a vida"	"Eu acho que o mal nas sociedades, não é saber o que é que devem fazer para o amor perdurar, é sem dúvida meterem-se numa coisa ou que não estão preparados ou que pensam que pode ser mudada, porque eu acho que hoje em dia, as pessoas não vão para um casamento a pensar que é para a vida (...)" (MR.)
			Mercado de trabalho [1]	Tempo dedicado à família	"(...) Acho que hoje em dia está tudo muito ligado ao trabalho e esquecem-se do resto e depois discussões e... divórcio (...)" (A.)
				Monotonia	" (...) Deviam... fugir à rotina. Porque, pronto, têm problemas, é normal, são adultos, têm problemas, o trabalho, essas coisas, mas se fugirem, acho que alivia um bocado, descontraem. Ou seja, depois acabam por discutir um com o outro sem terem motivo para discutirem um com o outro, são problemas de fora, o trabalho ou com amigos ou assim que transportam para dentro do casamento (...) não é necessário haver discussões, acho que se forem passar o fim-de-semana fora ou assim, e relaxarem, acho que depois quando voltarem, está tudo muito melhor (...)" (A.)

		Soluções	Ponderação/p reparação [3]		“ Ahh, para já, acho que há muita gente que se casa muito cedo, por exemplo, sem saber se aquela é mesmo a pessoa certa, ahh, acho que isso aí é quase um passo para o divórcio, acho que se tem mesmo de se ter a certeza que aquela é mesmo a pessoa certa e só aí sim (...)” (T.)
			Trabalho/Em penho		“É trabalhar, trabalhar, quando digo trabalhar é entre aspas (...) trabalhar para isso, trabalhar para haver...para estender esse amor e para aumentar, se for possível (...)” (R.)
				Ausência de rotina: Actividades/ Desconstracção [2]	”O sair da rotina, e as tais surpresas que tu também dizes, de alguma forma, anima a relação e permaneça viva e isso ajuda a que perdure o amor, é isso? (E.) Hmhm” (A.) “(...) Fugir à rotina (...) descontraem(...) passar o fim-de-semana fora (...) e relaxarem(...)” (A.) “Acho que hoje em dia, as pessoas deviam ter mais paciência e não serem tão extremas, acho que...levar a vida com calma...acho que é importante.” (R.)
				Felicidade [2]	“Fazer a outra pessoa feliz, eu acho que a partir do momento em que e faz a outra pessoa feliz, também eu sou feliz!” (R.)
				Agradar/ Cedências [1]	“Bom, ela, por exemplo, ela gostava muito de passear e estar sempre na rua e estar sempre a correr e aos saltos e essas coisas e eu não gostava muito disso, eu sou uma pessoa mais calma, mais passiva, mas eu sacrificava-me, entre aspas, e eu também saía e ia à praia e ia fazer essas coisas todas que ela queria (...)” (R.)

	Divórcio como solução	Atitudes	Necessidade de ponderação devido aos filhos [1]	<p>“ (...) Depende, por exemplo, eu se calhar habituei-me melhor, por exemplo, um casal em que tivessem um filho, e que tivesse a haver o divórcio, se calhar o filho não ia aceitar isso muito bem, no meu caso, aceitei bem, não me fez muita diferença, mas por exemplo, noutra (...)Se fosse outra pessoa qualquer, se calhar, levava isso muito a mal e provavelmente sofrer algum trauma por causa disso e acho que os pais tinham de ter cuidado com isso (...) (R.)</p> <p>Nesse caso, tu achas que o divórcio poderia ser uma boa solução, ou não? (E.) Ahh, acho que não, porque também temos que ver o filho, que fomos nós que o criámos e nesse momento, é o nosso futuro, fomos nós que o criámos e se calhar devíamos esperar mais um pouco até porque nesse tempo que estávamos a esperar, se calhar havia alguma coisa, podia haver alguma coisa e assim seria uma solução boa. “ (R.)</p>
			2ª oportunidade de felicidade [1]	<p>“ (...) Acontece algo que não dá para suportar mais, claro que sim, sou a favor do divórcio. Acho que as pessoas têm todo o direito de segundas oportunidades e de mudar a sua vida quando quiserem... Ahh, acho que, acho que... lá está, devia acontecer o divórcio se realmente as razões forem as correctas e se realmente o casamento fosse levado a sério, tão a sério como eu gostaria que fosse levado, que não é.” (MR.)</p>
			Última opção/Extrema (existem outras opções primeiro) [6]	<p>“ Acho que o divórcio é a última, sempre a última solução” (R.)</p> <p>“Ahh, acho que o divórcio é levar a situação de um casal ao extremo, é acabar com uma relação a longo prazo da maneira mais, eu acho, agressiva (...)” (T.)</p>

				<p>Diálogo [4]</p>	<p>Acho que até ao divórcio é preciso haver muito diálogo, muitas conversas sobre os problemas que têm, ahh, pronto e em último caso, se as coisas não estiverem a resultar mesmo, aí sim.” (T.) “Ahh, não, não sei, há, claro que há soluções, o conversar, se calhar se conversarem de menos... conversarem mais (...)” (A.)</p>
				<p>Avaliação do problema [3]</p>	<p>“ (...) ver quais são os problemas, o que é que podem mudar, tentar mudar algumas coisas, não como nós somos mas aquilo que fazemos, as nossas atitudes, muitas das nossas atitudes porque cometemos alguns erros, pronto e não sei, se não der mais, então divorciar, mas também acho que não devemos partir logo para o divórcio, ver o que está mal e tenta mudar, primeiro.” (A.)</p>
				<p>Compreensão/Aceitação do erro Humano: Perdão [1]</p>	<p>“Hmm, o perdão, acho que é esse, é isso (...) Então, se alguma pessoa faz alguma coisa errada, que não devia ter feito e que teve consciência que o que fez é errado e que não voltará a fazer e se a outra pessoa notar isso, ou mesmo se não notar... não sei, mas que veja que pode mudar, para que isso não volte a fazer, acho que o perdão é sempre dar uma segunda oportunidade, é sempre bom (...) Ninguém é perfeito, ninguém consegue ver as coisas como... ninguém pode prever o que vai acontecer, ou que não vai acontecer, pode haver sempre alguma coisa, que nós fazemos na nossa vida... tem que haver sempre o perdão (...)” (R.)</p>
				<p>“Dar um tempo” [2]</p>	<p>“(...) simplesmente separam-se e vêem o que é que dá, não é?! (...) Acho que sim, têm que dar um tempo, têm que estar um tempo afastados para ver o que é que dá para cada, para os dois, ver se há, pronto, se</p>

				<p>podemos melhorar em alguma coisa, se pode haver outra volta, não é?!” (CE.)</p> <p>“(…) Por vezes ser as melhores, a melhor coisa a fazer, não é, claramente, a primeira coisa a fazer (…)</p> <p>Dependendo imenso do caso, como é óbvio, pode haver desde...ahh, dar um tempo, que acho que normalmente é uma coisa que não dá resultado, mas pode dar resultado...pronto, é possível que resulte nalguns casos. Ahh, depois, sei lá, conversar, conversar, conversar, vai ser sempre por aí, vai dar ao mesmo.” (I.)</p>
			Terapia [1]	“(…) Sim, lá está, eu já disse há bocado, consultar especialistas para que realmente os problemas sejam resolvidos (…)” (MR.)
		Causas – Boa solução	Ausência	<p>Amor [1]</p> <p>“(…) Acho que só devia haver divórcio quando as duas pessoas notavam que...o divórcio era o mesmo que o relacionamento entre namorados também acabar, acho que é a mesma coisa, era a mesma coisa... mais uma vez, o amor, já não havia esse amor nas duas pessoas, acho que sim, acho que o divórcio era a única solução.” (R.)</p>
			Felicidade [3]	<p>“ Não é uma boa solução, mas acho que às vezes, se calhar, é o melhor a fazer. Não é que seja...”ah, um problema, vamo-nos divorciar”, mas nalguns casos, isto também depende imenso de pessoa para pessoa, nalguns dos casos eu acho que é a melhor opção. Porque se as duas pessoas não estão bem, ahh, e não conseguem estar bem, depois de tentar, tentar continuam sem estar bem, acho que...também não vamos bater no ceguinho.” (I.)</p> <p>”Eu acho que se uma pessoa não se sentir feliz deve-se divorciar, não deve estar ali por pena, por</p>

					favor...nem pelos filhos sequer. Acho que isso é uma ideia muito parva e que muita gente faz isso – “Ahh, os filhos são pequeninos e tal”, acho que não, acho que têm... quando não se sentem bem é melhor... se se sentem bem, tudo bem, ok, fiquem juntos, se não se sente bem se acha que vai estar melhor sozinho, acho que sim, acho que deve divorciar-se, porque é como eu digo, não morre ninguém, habituamo-nos, não é nada por aí além.” (A.)
				Bem-estar: [3]	“ (...) Quando não se sentem bem é melhor (...) se não se sentem bem se acha que vai estar melhor sozinho, acho que sim, acho que deve divorciar-se (...)” (A.)
				Conforto [1]	“ (...) Sem dúvida, o desconforto dentro dessa relação, quer dizer, eu nunca na minha vida iria estar numa relação ao sentir-me mal comigo mesma, ao sentir-me desconfortável comigo e com a outra pessoa, ao fazer com que tudo à minha volta também ficasse mal, quer dizer, eu iria logo mudar isso e ia logo pedir o divórcio.” (MR.)
			Presença	Maus-tratos Psicológicos/emocionais: Traição [1]	“As razões certas é, ou traição, por parte da outra pessoa e quando há uma traição quer dizer que algo não está, de todo, bem.” (MR.)
	Mudanças namoro - casamento	Relação	Mais Amor [1]		“ Ahh, não pensei bem nisso, mas... não sei, acho que o amor e a confiança que eles têm um pelo outro, acho que pode aumentar e pode levar a uma maior felicidade dos dois, mas acho que não há muitas mudanças significativas na relação.” (T.)
			Suporte	Mais Confiança [3]	“ (...) Normalmente as rotinas que temos em nossa casa passamos a tê-las juntas e isso muda mas não faz com que seja pior, às vezes até melhor, fortalece, mais

				<p>confiança (...)" (A.)</p> <p>" (...) Acho que o amor e a confiança que eles têm um pelo outro, acho que pode aumentar e pode levar a uma maior felicidade dos dois (...)" (T.)</p>
			Mais Presença [4]	<p>" (...) quando estão casados, pensam que têm de passar muito mais tempo juntos com aquela pessoa, que é verdade, têm de passar tempo com o marido ou com a mulher(...)" (A.)</p> <p>" Só acho que o tempo que um passa com o outro, acho que isso passa a ser cada vez mais constante e regular." (T.)</p> <p>" Há mudanças, acho que há mudanças, nós acordarmos e vemos só nós, outra coisa é vemos a nossa pessoa, que nós gostamos ao nosso lado... acho que muda um pouco, não é?" (R.)</p>
			Mais Partilha [6]	<p>"(...) Positivas é poder partilhar as coisas uns com os outros, pronto ter mais aquela privacidade, não é?" (CE.)</p> <p>"Acho que mudam. Porque, acho que viver junto, ahh... têm que ter uma esfera mais abrangente do que estar simplesmente juntos, não vivendo juntos. Ahh, acho que, uma pessoa passa a ter uma vida a dois, ahh, e quer dizer, onde tem que partilhar tudo, onde tem que se sentir muito mais confortável para poder partilhar tudo... onde o confronto e a sinceridade aumentam substancialmente, porque não há outra hipótese e se calhar isso até faz bem a uma relação, bem ou mal, dependendo de como as pessoas vêem isso ou sentem isso, portanto acho que muda completamente a atitude de cada um." (MR.)</p>

				<p>Divisão de tarefas [2]</p>	<p>“ A partir do momento que vivem juntos, já não somos só nós a lavar a loiça, ou a arrumar a casa, já são as duas pessoas, já têm de dividir tarefas, depende do casal, mas acho que sim.” (R.) “(…) Mais organização e partilha (…)” (I.)</p>
				<p>Tomada de decisão [3]</p>	<p>“(…) Já não somos só nós a viver, já não temos de tomar conta só de nós, temos outra pessoa ao lado, temos de ter em conta isso também. Não, já não estamos a viver sozinhos, já temos uma pessoa ao lado que, provavelmente, se calhar não vai gostar ou que não vai achar muito boa ideia (…)” (R.) “(…) Como um só, as decisões são baseadas só em nós, só o que nós pensamos, mas quando estamos com outra pessoa, estamos numa relação, acho que as decisões não só de um elemento, são de dois. E as decisões têm que se complementar. “ (CE.) “(…) Mais em conjunto, (…)” (A.)</p>
				<p>Conhecimento do outro/ Descoberta [2]</p>	<p>“ Acho que se desde o início têm... forem sinceros um com o outro, acho que não mudam, porque ambos já sabem como é que um e outro é, o que é que fazem, como é que são, óbvio, que quando estão juntos, há coisas que ficamos sempre a saber novas, não é?! (…)” (A.) ”Ao princípio não deverão mudar, não é?! Mas, eu acho que, na minha opinião, as pessoas não mudam, eu acho que é o que eu disse, as pessoas começam a conhecer-se outra vez... mais, estão a conhecerem-se mais, cada vez mais, cada dia que passa, e pronto isso pode originar coisas negativas.” (CE.)</p>

			Significados	Mais responsabilidade [2]	“ Do namoro para viverem juntos, acho que muda um bocado, porque já há mais responsabilidades, já não é só nossa, já não é só dele, é nossa, é isso que eu quero dizer. Acho que já...aquele namoro de dois já se tornam num, numa pessoa só (...)” (R.)
				Sustento financeiro [1]	“Aumentam, aumentam sem dúvida, as responsabilidades. Ahh, viver junto implica uma quantidade de coisas na nossa vida, por exemplo, nós, nós, quando eu disse nós, geração classe média desta escola especialmente, vivemos sempre com os nossos pais, viveríamos... acho que havemos de viver com os nossos pais, até acabarmos os nossos cursos, porque os nossos pais, têm, têm essa capacidade de manter, pronto, a estabilidade financeira. Acho que iria ser completamente diferente do que uma pessoa que já vive junto, que já vive, pronto separado dos pais. Eu, se aos 18 anos viver com os meus pais, as minhas responsabilidades perante uma relação, vão ser completamente diferentes se eu for viver com essa pessoa, do que uma pessoa que já vive sozinha. Ou seja, eu deixo de ser abrigada e de ser financiada? (...) Sustentada, pelos meus pais, passo a ter uma vida em que eu tenho de trabalhar para sustentar a minha casa, para sustentar as minhas necessidades e claro que, isso muda totalmente a atitude de uma pessoa (...)” (MR.)
				Seriedade: Possibilidade de Planificação do futuro	“ Primeiro é aquela coisa de ser mais a sério! (...) De ser mais a sério, porque namorados, pode a pessoa já ter tido muito, pronto, podia ser mais um, mas quando casam deixa de ser mais um, passa a ser “o”.” (I.) “ (...) Sei lá, há muito mais, pode haver mais projectos, assim para o futuro, do género... coisas que

					os dois querem e sei lá, há um projecto qualquer, de...(I.) Há uma maior planificação? (E.) Exactamente. Seja ter filhos, seja ter um carro, seja casa, seja o que for... De tentarem em conjunto, seja o que for, não é?! Pensar mais o futuro e... porque ao casar abre imensas portas e imensas coisas, que sei lá, nem percebo nada disso.” (I.)
				Construção de família	“ (...) Depois... não sei, há sempre aquela possibilidade de ter filhos e não sei o quê (...)” (I).
		Individuo	Mais Dependência/ Menor Liberdade [3]		<p>“Se num casal houver segredos, obviamente que sim, que se calhar já não pode fazer, já não tem tanta liberdade para fazer o que fazia antes quando vivia sozinho, ou não sei, depende. Acho que já não têm tanta liberdade para fazer essas coisas (...) Sim, perde-se um bocadinho de independência.” (R.)</p> <p>“ Acho que muda a independência de cada um, porque é isto, é o partilhar, não é?! (...) E uma maior dependência.” (CE.)</p>
				Justificações/cobrança [1]	“ (...) Às vezes é o dar justificações, não é?! Que não dávamos antes... “Porque é que chegas tarde a casa?” “Porque é que não almoçaste em casa?”, não é?! “Porque é que vais sair hoje?”, essas coisas, podem acontecer. (CE.) Há uma maior cobrança, também? (E.) Há (...)” (CE.)
				Mais Isolamento social [1]	“ Ahh, mas lá está, às vezes, quando estão casados, pensam que têm de passar muito tempo juntos com aquela pessoa, que é verdade, tem de se passar mais tempo com o marido ou com a mulher e algumas esquecem-se dos amigos, que é o que estava a dizer, mesmo com adultos, há aquelas pessoas que se esquecem completamente dos amigos, quer dizer...

					quando namoravam, iam sair e, os outros também saem, não é?! Iam sair e bebem café e combinam jantares, e depois começam a viver juntos, casados e isso acabou... é só aquela pessoa e isso depois, acho que cansa, as pessoas cansam-se umas das outras, não podem estar sempre juntas, acho que precisam do seu espaço, de estar com os amigos, desanuviar (...)" (A.)
			Adaptação [5]		“ Acho que devem respeitar-se uns aos outros, não criticar as rotinas um do outro, porque sempre foram habituadas a fazer-las assim, são as suas rotinas, não é por estarem casados que tem que as mudar, tê, é que as respeitar umas às outras e adaptar uma à outra (...) Sim, adaptar fazer com que possam ambos fazer as coisas ” (A.) “(...) conciliarem-se! O tempo, o espaço, isso tudo.” (I.)
				Cedências [3]	“ Acho que posso ceder, posso mudar, posso moldar, de maneira a que nenhum fique mal e pronto beneficie eu e ele (...)” (A.) “Já não estamos a viver sozinhos, já temos uma pessoa ao lado que, provavelmente, se calhar não vai gostar ou que não vai achar muito boa ideia (...)” (R.)
				Gestão do tempo/espaço [2]	“Hmm, eu acho que há pessoas que se calhar não mudam muito, porque se calhar, há sempre foram assim... altruístas e organizadas e essas coisas assim. Mas aquelas pessoas que se calhar, estão habituadas a viver sozinhas ou a viver ou com os pais ou sei lá...e que de repente se vêem a viver com outra pessoa, só com outra pessoa, casados ou assim uma coisa, precisam de muita... ahh, organização e partilha, e arranjam tempo para fazerem as suas coisas, que já faziam antes quando estavam separados e ao mesmo

					tempo fazerem coisas em comum, em conjunto. Ahh, e organizarem as suas vidas que dê para, para fazer isso tudo ao mesmo tempo e... pronto.” (I.)
		Não muda	Independência [2]		<p>“Ahhhh, depende do tipo de casamento... pode haver aquele tipo de casamento, na minha opinião, não são, são um bocado estúpidos, em que uma pessoa é completamente limitada ou pelo tempo do outro, ou pelo que o outro faz, ou... isso é um bocado perder a independência e estar completamente sujeito (...) na maioria dos casos, assim normais, ahhh, cada um vai fazendo a sua vida e a nível de independência acho que não muda muito.” (I.)</p> <p>“Não. Mas, lá está isso sou eu, porque se calhar não deixava mudar, porque não quero que seja um namorado meu a mudar, eu se tiver que mudar, mudo por mim própria por...pela idade, não é?! Vou percebendo o que é que devo fazer ou não, se estou errada nalgumas atitudes que tenho tomado ou assim, acho que a minha independência continua a ser a mesma... posso pedir opinião, mas não quer dizer que cumpra, ou que o outro diga “não gosto”, não é por isso que eu não vou fazer, “ ok, tu não gostas mas eu gosto, eu faço, pronto.” (A.)</p>
	Livro de receitas para jovens com pais separados/divorciados	Conselhos idênticos à felicidade de um casal [5]			<p>“ Portanto, confiança, amor, diversão, independência e...juízo.” (A.)</p> <p>“ Amor, companheirismo, amizade, honestidade, humor... é preciso ter humor, não ser egoísta, pensar no outro, ahhh, pronto. Um bocadinho de carinho ali, não sei (...)” (CE.)</p> <p>“ Os ingredientes que eu dava...amor, sinceridade, honestidade (...) conforto (...)” (MR.)</p>

		Conselhos específicos aos jovens em questão	Ponderação na escolha do parceiro [1]	“O que é que eu diria... primeiro... não é logo o primeiro que aparecer e pronto, não é que isto agora, se tivermos agora um namorado, não é com ele que nos vamos casar muito provavelmente, claro que é possível mas, claro que não é assim a coisa mais séria do mundo. Mas mesmo assim, acho que é estúpido, ahh, é isso, pouca ponderação e não sei o quê (...)” (I.)
			Calma [2]	“ Ter calma, ter, arranjar tempo de alguma maneira, ahh, e não entrar em pânico (...)” (T.) “ (...) Esquecer os dramazinhos todos... pronto. E depois, olha, é... deixa andar e ver onde é que(...)” (I.)
			Gestão de tempo [1]	“ (...) Arranjar tempo de alguma maneira (...)” (T.)
			Optimismo/ Arriscar/Acreditado [4]	“Para não terem medo de arriscar... em ter uma relação, porque há muitas, depois de os pais se terem divorciado, há muitos que sofreram com a separação, que não querem arriscar numa relação, ou assim. Eu acho que não têm de ter medo de arriscar, porque o que acontece com os nossos pais, não tem que acontecer connosco, e eles foram felizes! Os nossos pais foram felizes, durante muitos anos, portanto é isso que têm de pensar, pensar no momento em que se está agora, não é “será que amanhã vai acontecer isto”, não, é viver o momento, agora e o que interessa é o que estamos neste momento e não o que vai acontecer amanhã, entre nós, pronto.” (A.) “ (...) nós que temos os pais separados, divorciados, podemos distanciarmo-nos ou do amor ou do afecto, não é?! E acho que é aí que nós devemos dizer “não, olha, vais para uma relação amorosa, sê carinhoso, sê amigo, companheiro”, não é?! (...) ter mais afecto,

				<p>ter em conta mais o outro, não nos distanciarmos das pessoas, deixarmo-nos levar, não é?! Pela amizade, pelo amor, acho que é isso.” (CE.)</p> <p>“(…) eu acho que por vezes , as pessoas sentem-se de alguma forma... ameaçadas(...) têm medo de assumir certas relações por causa daquilo que viram, que é normal mas, mas lá está, eu diria para terem uma mente aberta nesse aspecto e para deixarem que as coisas acontecessem, porque uma pessoa tem de deixar que as coisas aconteçam (...)” (MR.)</p> <p>“Depende, porque se calhar há pessoas que os pais se divorciaram e se calhar ficaram um bocadinho, tipo não é trauma..., sim, meio traumatizados (...) meios marcados e a achar que nunca dá certo, e que, pronto eu acho que isso acontece imenso, pessoas a achar que “com os meus pais não resultou, com os meus tios não resultou, com os não-sei-quantos não resultou”, portanto, o casamento não resulta e não há o “feliz para sempre” e não sei o quê e para eles... eu acho que há, continuo a achar que há, não... não é sempre, nem todos, se calhar conseguem, é verdade, porque se calhar ou não é a pessoa certa ou não foi no tempo certo, sei lá, qualquer coisa, mas que isso existe e que não desistam assim, só porque acham que (...) que com os pais não resultou, ou... Ou seja, que independentemente do que aconteceu com os pais ou com outras pessoas que conheçam, que independentemente disso tentem (...) independentemente do que se tenha passado com os pais ou com outras pessoas, fazerem de novo, também pode dar mal ou pode dar bem, não sabem, portanto, limpar e fazer de novo.” (I.)</p>	
				<p>Abstracção face à relação parental/</p>	<p>“(…)nós não temos que ver a nossa vida influenciada pelo que os nossos pais fizeram, pelas atitudes dos</p>

				Escolhas pessoais/próprias [2]	nossos pais (...)" (MR.) " Ahh, fazerem as suas próprias escolhas, não é? Não serem influenciados por outras pessoas, nem só por causa que "os meus pais se separaram, ahh, vou fazer aquilo, vou escolher outro caminho", acho que isso é a coisa mais errada, acho que nós devíamos ter a nossa personalidade e que devíamos escolher aquilo que nós gostamos e o que é melhor e não o que as outras pessoas irão gostar... acho que isso está errado, acho que não faz sentido nenhum não irmos para aquilo que gostamos e só por causa que os nossos pais se separaram, não podemos fazer, ou que ficamos presos num canto, entre aspas, parados, só porque disso (...)" (R.)
--	--	--	--	--------------------------------	--

Tema	Perguntas	Categorias	Sub-categorias	Indicadores
Expectativas face ao futuro	Expectativa de relacionamento futuro	Casar [4]		<p>" Sim, claro que sim (...) Eu penso em vir a casar. Claro que também, não tenho a certeza absoluta não sei, sei lá?! Mas a minha ideia é que sim." (I.)</p> <p>" Bem... por um lado, acho que viver só com uma pessoa acho que, pronto, já nos sentimos completos, não é?! Não precisamos de casar, mas sendo católica, é uma parte da minha vida que gostava de ter, não é?! Casar na igreja (...)" (CE.)</p> <p>" (...) Depende de... do, do que eu vou querer com essa pessoa, porque posso sentir-me preparada para umas coisas e não preparadas para outras, mas claro que sim, se encontrar uma pessoa de quem realmente venha a ver uma vida em união e para sempre, claro que o casamento (...) Faz, faz sentido e está lá presente." (MR.)</p>

		Coabitar [4]		<p>“Pondero, sim, exacto.” (MR.) “Também, também, posso ser católica e seguir a religião cristã, mas também me faz sentido viver, ter só, ter um companheiro.” (CE.)</p> <p>“É isso que eu quero fazer! Eu não me quero casar, mas sim, Ok, viver junto tudo bem (...)” (A.)</p> <p>“Não, tudo menos, aquele casamento que... igreja, convidados e festa. Festa, Ok, eu até, só que...lá está, o meu casamento, casamento entre aspas... vou viver junto com uma pessoa, posso dar a festa na mesma, como o copo de água dos casamentos, eu dou a festa, e tudo e não tenho um papel a dizer que estou casada com ele, porque não é isso vai mudar o sentimento entre nós.” (A.)</p> <p>“ E o viver junto com alguém? (E.) Acho que isso já me diz alguma coisa (...) Acho que sim, acho que é mais importante que o casamento.” (R.)</p>
			“Pré-casamento” [1]	<p>“ Eu penso em viver junto e passando...estas são as minhas perspectivas, tudo pode mudar, mas eu espero viver junto com alguém durante algum tempo e depois sim, após conhecer muito bem essa pessoa e ter a certeza que ela é a pessoa certa, sim, aí caso com a pessoa“ (T.)</p>
		Indiferente [1]	Opinião/desejo do outro	<p>“ Para mim tanto me faz (...) se a outra pessoa quiser muito, não me importo, se calhar, para mim, não (...) talvez sim, talvez não (...) acho que nem há vantagem nem há desvantagem (...)” (R.)</p>
	Coisas boas mais espera dessa união	Suporte	Presença [2]	<p>“ (...)acho que é sempre bom, nós acordarmos e termos ao lado aquela pessoa que nós gostamos e que... e estar sempre com ela, acho que é sempre bom... e chegar a casa, ou chegar do trabalho ou coisa assim e termos a mulher ou o homem que nós gostamos em casa, acho que isso é uma coisa muito</p>

			boa e estar sempre com ela...não ter saudades, acho que é bom isso.” (R.) “ (...) nunca estar sozinho no mundo (...)” (T.)
		Apoio/ Ajuda [1]	“ (...) E depois o apoio que tenho sempre ao meu lado e ter sempre... não é bem um amigo, mas é uma pessoa mais que amiga ao nosso lado e que nos ajude sempre e está connosco em todos os momentos, quer precisemos quer não.” (T.)
	Amor [3]		“ Principalmente o sentimento de ser amado (...)” (T.)
		Harmonia [1]	“ (...) Ahh, espero viver em harmonia, e paz, e ... e ter especialmente amor de todos os membros da minha família (...)” (MR.)
	Partilha [3]		“ (...) partilhar as coisas com os outros, as alegrias, os maus momentos, como o casamento, é como dizem, não é?! As alegrias... acho que é isso (...)” (CE.)
		Descendência [2]	“ Ai, não sei, eu vou adorar casar, vai ser tipo o meu sonhos da minha vida, e sei lá... quero ter filhos e, não sei... (risos), quero... o que é que eu quero? Quero viver numa casinha com ele com os meus filhos e...pronto, viver a nossa vidinha, e pronto (risos)” (I.) “ Ai, espero, espero muitos filhos (risos)” (MR.)
		Hábitos/Tradições [1]	“ (...) Ter as minhas próprias tradições, em casa, que eu acho que é muito giro... e pronto, é isso.” (MR.)
	Bem-estar	Estabilidade económica [1]	“ (...) Espero uma estabilidade financeira boa (...)” (MR.)
		Agradar/ Surpresas	“ Espero (...) que tenha mais surpresas (...)” (A.)

			Felicidade [3]		“ Ahhh, espero ser feliz, acho que isso é o mais importante, quando queremos estar numa relação queremos ser felizes, não é?! (...)” (CE.)
				Conhecimento do outro	“Ahh... acho que vamo-nos conhecer mais um ao outro, apesar de nos conhecermos bem, nunca conhecemos a 100% a outra pessoa, conhecemos sempre mais um bocadinho, todos os dias vamos conhecendo mais um bocadinho, por certas coisas que fazemos, maneiras de fazer...sei lá, de estar deitado, de ver televisão, de comer... pequenas coisas que... percebemos os pequenos pormenores de cada pessoa, um do outro e assim, espero que conheça melhor, que tenha mais surpresas, que seja, pronto que esteja ali toda feliz e não sei o quê (...)” (A.)
	Escala de felicidade antecipada	8,5 [1]			“ Hmmm, depende da pessoa, não é?! E depende de como eu vou evoluir como mulher, e como pessoa também, mas tomando como princípio que vou evoluir para melhor, e que vou encontrar alguém, pronto... Ahh, um 8,5 (...) porque acho que vou ser muito feliz, acho que sim, acho que é isso que temos de ter em mente, que vamos ser felizes.” (CE.)
		9 [1]			“ Ahh, um 9, acho que a felicidade total, total, acho que nunca hei-de conseguir atingir (risos) (...) quando eu sonho com alguma coisa tem que ser a coisinha mais perfeita que alguma vez penso ser... e assim sendo, não há muitas coisas negativas (...)“ (T.)
		10 [4]			“ Ahh, depende... se for com a pessoa que eu gosto, obviamente que espero que seja um 10 (...) se é a pessoa que eu gosto, obviamente que vai ser o máximo, não é? Se não, não era a pessoa que eu

					<p>gostava mesmo. Acho que aqui não há intermédio, não... ou se gosta ou não.” (R.)</p> <p>“Espero um 10 (...) Porque eu tento sempre fazer as coisas de maneira a que eu possa tirar o máximo de felicidade das coisas, lá está eu tento não me chatear com coisas que não valem a pena e então acho que é com isso que eu consigo ser feliz, se me perguntam se eu tenho problemas – tenho os problemas mas nada que afecte a minha felicidade, portanto acho que consigo ser sempre muito feliz e muito positiva também, sou sempre positiva, óbvio, sei que há o lado negativo das coisas mas há sempre um lado positivo no lado negativo (...)” (A.)</p> <p>“Ahh, se eu vier a casar, sem dúvida um 10 (...) porque se eu me meto num projecto que eu considero tão importante, devo estar no meu auge de felicidade.” (MR.)</p> <p>“ Vou ser 10 (...) se eu vou escolher aquela pessoa para eu me casar, e para eu viver a vida toda, teoricamente, pronto. Eu acho que para isso, eu acho que se tiver abaixo do 10 é mau sinal, portanto vai estar sempre no 10.” (I.)</p>
	<p>Aumento da escala de felicidade / O que poderão fazer para que o relacionamento perdure.</p>	<p>Bem-estar</p>	<p>Empenho/Agradar</p>	<p>Conhecer o outro [2]</p>	<p>“ Vou continuar a ser a pessoa que era antes, porque foi assim que me conheceram, foi assim que se apaixonaram por mim. E vou tentar conhecer bem a pessoa (...)” (A.)</p> <p>“ Eu acho que é mesmo difícil manter esse 10 sempre (...) com o passar dos anos deixa de ser novidade, deixa de ser novo, não é?! (...) em vez de ser nos fartarmos ou qualquer coisa, tem de ser uma maneira de conhecermo-nos ainda melhor e ajudar no relacionamento, ou seja, já ser uma coisa mais madura, não sei.” (I.)</p>

			<p>Dedicação [2]</p>	<p>“ Ahhh, dedicar-me muito mais à pessoa com quem estou, mostrar que amo mesmo essa pessoa e fazê-la sentir-se feliz, todos os dias (...)” (T.) “ (...) vou tentar conhecer bem a pessoa, vou... mais ainda, vou fazer com que tenha confiança em mim, com que possa contar tudo, que perceba que estou lá (...)” (A.)</p>
			<p>Mudança de características pessoais [1]</p>	<p>“Ahh, não sei... olha, eu tenho um feitio muito complicado (risos), se calhar melhorar o meu feitio (...) o deixar de ser tão reservada... é assim eu sou reservada, no sentido em que eu não mostro o que sinto, não é não mostrar o que sinto, mas por exemplo, quando estou triste, não gosto percebes? (...) Iria ser mais aberta, não é?! Partilhar mais as coisas, tanto emocionalmente como afectivamente (...)” (CE.)</p>
			<p>Cedências [1]</p>	<p>“ (...) O que é que eu posso fazer para manter esse 10... acho que é fazer a outra pessoa feliz, acho que a resposta é a mesma que eu dei há bocado é o mesmo que digo agora... ao fazer a outra pessoa feliz, faço também a mim feliz e ao a outra pessoa estar feliz também vai querer que eu seja feliz... acho que isso é uma coisa linda (...) fazer tudo por ela, não sei... fazer sacrifícios, que provavelmente não faria por outras pessoas, acho que sim... fazer coisas, que provavelmente, com ela que com outras nunca faria na vida (...)” (R.)</p>
			<p>Encarar o decorrer dos anos positivamente: Formas ≠ de conhecer o outro [1]</p>	<p>“ Eu acho que é mesmo difícil manter esse 10 sempre. Pronto, eu estou aqui a falar muito bonito, pronto, o 10 e felicidade e não sei o quê... mas é uma coisa que deve ser... pronto, ao principio deve ser sempre tudo novo e tudo diferente e é aquela coisa “somos jovens e estamos casados” e pronto é tudo assim à nossa frente</p>

				e depois claro que com o passar dos anos deixa de ser novidade, deixa de ser novo, não é?! E... mas isso não pode afectar, aliás isso só pode melhorar o nosso relacionamento e já nos conhecermos há tanto tempo e vivermos juntos o tempo que passou, não é?! E isso tem de ser uma maneira, em vez de ser nos fartarmos ou qualquer coisa, tem de ser uma maneira de conhecermo-nos ainda melhor e ajudar no relacionamento, ou seja, já ser uma coisa mais madura, não sei (...) esse 10 ao início pode ser por razões diferentes que esse 10 no fim, porque a relação vai mudando, da mesma pessoa, vai mudando porque nós também vamos crescendo, tornando diferentes, não é?! E portanto pode mudar mas continuar o 10, mas ser só de maneira diferente.” (I.)
		Amor [2]		“(...) mostrar que amo mesmo essa pessoa e fazê-la sentir-se feliz, todos os dias e amá-la!” (T.)
			Sinceridade [1]	“Tudo aquilo que eu venho, vim a dizer até agora... ahhh, frontalidade, sinceridade, amor e... paciência.” (MR.)
			Respeito/ Fidelidade [1]	“ Não enganá-la, não é?! Ser sempre fiel (...) fieldade” (R.)
		Suporte	Confiança [2]	“ (...) vou mais ainda, vou fazer com que tenha confiança em mim, com que possa contar tudo, que perceba que estou lá (...)” (A.) “ (...)Tem de haver também confiança, tem que haver... acho que é isso tudo, confiança, responsabilidade, fieldade, acho que... paciência, felicidade, acho que são as coisas muito importantes.” (R.)

		Apoio [1]	“(…) Conversar muito, sobre tudo o que aconteça, os problemas, mesmo que não seja entre nós, estar com um namorado não é só um namorado, também é um amigo, ou seja, antes de ser namorado era amigo, e então há ali uma relação muito forte, acho que devemos sempre contar um com o outro.” (A.)
	Partilha [4]		“(…) Ser mais aberta, não é?! Partilhar mais as coisas, tanto emocionalmente, como afectivamente (…)” (CE.)
		Diálogo [3]	“(…) conversar muito, sobre tudo o que aconteça, os problemas, mesmo que não seja entre nós (….)acho que devemos sempre contar um com o outro.” (A.) “ Acima de tudo, conhecer bem essa pessoa, e sempre que tivermos algum problema, conversar com essa pessoa sobre os problemas que temos, sobre o que sentimos e pronto (…)” (T.)
		Descendência [1]	“(…)Não deixar que os anos afectem, ou seja, que seja uma maneira diferente de nos relacionarmos mas que não seja uma maneira pior, seja só diferente (….)pronto, é isso de ir melhorando e depois ter sempre... eu acho que uma pessoa quando casa e começa a ter uma vida em conjunto, e depois começa a ter filhos e não sei o quê, isso também ajuda porque é uma coisa em comum, que partilhamos e que é nosso e isso vai ajudar imenso na relação, acho eu. Acho que um casal sem filhos deve ser muito mais complicado manterem-se juntos sempre, porque é monótono, é monótono (….) na educação dos filhos, vê-los crescer e faz parte do papel de pai e de mãe e pronto, isso também é uma das coisas que ajuda.” (I.)

	Expectativa de relacionamento eterno	Expectativa positiva [6]	Dúvidas/Otimismo realista/ Desejo [6]	<p>“Sim, é possível, mas... como é que eu hei-de explicar, ahh (...) até agora não sei se essa pessoa vai ser aquela que eu quero ficar casada para o resto da minha vida... eu não sei o futuro, e prever nada, nunca sei assegurar se aquela pessoa vai ser a pessoa que eu vou casar para o resto da vida, mas ainda assim espero casar-me com alguém para o resto da vida.” (T.)</p> <p>“Sim. Acho que me vejo.” (R.)</p> <p>“É assim, eu acho que pode durar, se fizermos por isso, mas que não há garantias de nada, e tudo depende de nós, não depende só de mim nem só dele, depende de nós os dois (...)sim, quando dizem que as relações não duram para sempre eu digo sempre “olhem para os vossos avós”, portanto... se os nossos avós estão juntos há sessenta e tal anos porque é que eu não hei-de estar, porque é que eu não hei-de ficar com aquela pessoa para o resto da vida se gosto dela, mas lá está, eu não penso... neste momento eu não penso “será que eu e o meu namorado vamos durar mais cinco meses, mais seis meses?” Não, amanhã estamos juntos, “boa, mais um dia”, e no dia a seguir, “olha estamos mais um” e acho que é assim que conseguimos, não pensar demasiado no tempo que estamos juntos, porque quando damos por isso, já passou muito tempo. E se estivermos sempre a pensar nisso, estamos sempre, pronto, “ai está quase a fazer dois meses, ai está quase a fazer três meses” e acho que ficamos demasiado ansiosos e começamos a discutir por coisas parvas (...)” (A.)</p> <p>“ Sim.” (MR.)</p> <p>“ Eu quero acreditar que sim (...)” (CE.) “Hmm, é assim o que eu espero é que seja para toda a vida, e que seja a pessoa certa para toda a vida, para todo o sempre e...claro que isso não é um facto, claro que, se</p>
--	--------------------------------------	--------------------------	--	--

				calhar vai correr mal, e não sei o quê, mas... aquilo que eu espero e aquilo que eu queria e aquilo que eu vou querer quando me casar, é que aquilo seja para sempre se não também não fazia sentido, pronto, e portanto espero que seja para sempre e sei lá, fazer os possíveis e não sei o quê, mas claro que não é garantido.” (I.)
		Expectativa negativa [1]		“ (...) Não serem influenciados por outras pessoas, nem só por causa que “os meus pais se separaram, ahh, vou fazer aquilo, vou escolher outro caminho”, acho que isso é a coisa mais errada, acho que nós devíamos ter a nossa personalidade e que devíamos escolher aquilo que nós gostamos e o que é melhor e não o que as outras pessoas irão gostar... acho que isso está errado, acho que não faz sentido nenhum não irmos para aquilo que gostamos e só por causa que os nossos pais se separaram, não podemos fazer, ou que ficamos presos num canto, entre aspas, parados, só porque disso... é uma coisa que acontece, também nos vai acontecer a nós, provavelmente, no futuro, por isso... temos que, temos que passar à frente (...) Pois, é provável... pode acontecer a mim como pode não acontecer...isso não sei, isso é o futuro, não posso adivinhar o futuro (...)” (R.)

ANEXO G

Análise de conteúdo do Grupo com pais não divorciados/ separados

Análise de Entrevistas – Grupo com pais não divorciados/separados

Tema	Perguntas	Categorias	Sub-categorias	Indicadores
Situação actual do Adolescente	Relacionamentos amorosos	Actualmente tem [2] ⁷		“Eu tenho namorado.” (C.) “Já tive e neste momento tenho.” (P.)
		Já teve [3]		“Sim, mas agora não” (M.) “Já tive, actualmente não tenho.” (B.) “Tive (...) acabou há 2 meses.” (S.)
	Felicidade nos relacionamentos	Sim [5]		“Muito.” (S.) “Sim.” (B.) “Sim, sim.” (P.)
	Duração da relação	1-4 meses [3]		“Um mês e qualquer coisa.” (B.) “Ah, durou um mês.” (M.) “4 meses.” (C.)
		≥ 1 ano [2]		“Tive, durante 3 anos e acabou há 2 meses.” (S.) “Um ano e meio...acho eu.” (P.)
	Estabilidade/ seriedade da relação amorosa	“Sim” [3]		“Sim.” (S.) “Sim... estável e séria ela é, a dificuldade é das distâncias mas de resto (...)” (P.) “Acho que sim.” (C.)
		“Sim, na altura” [1]		“Talvez, não sei bem (...) não sei...estável acho que sim, acho que também é um bocado... visto que também não durou muito... não deveria ser assim tão estável... não sei (...)” (B.)
		“Sim, não para casar” [1]		“ Sim, era... não uma coisa que fosse durar para... claro que na altura, quando... não estava a pensar “bem, um dia vamos...naquele dia vamos acabar e acabou tudo”, não. Mas,

⁷ Os números presentes em cada categoria e/ou subcategorias representam o número de participantes

				não (...) no sentido sério de... de namoro, não uma coisa muitoo séria a ponto de (...) (M) (...) a ponto de pensares que fosses casar com essa pessoa (...) (E.) ⁸ Sim, claro.” (M.)
Envolvimento pessoal na estabilidade/seriedade da relação	Bem-estar	Conforto		“Sentia-me bem porque... eu tenho uma certa dificuldade em falar com as pessoas sobre mim, e então... sobre coisas mesmo pessoais, e então, pronto, nessa relação eu conseguia falar abertamente e acho que nesse aspecto fazia-me bem, era sério (...)” (B.)
		Agradar	Surpresas	“ (...) Tento fazer o máximo de surpresas possível, gosto que ela se sinta bem (...)” (P.)
			Empenho	“ Tento agradar ao máximo (...) Tudo o que ela me peça ou ache, acho que seja necessário eu fazer, eu faço, sempre. Mesmo qualquer entrave que haja, eu faço tudo para ultrapassar esse problema...até agora ainda não apareceu nenhum problema que eu não pudesse resolver por isso, acho que sim, acho que estou no meu máximo.” (P.)
	Suporte	Presença [3]		“ Tento, primeiro tento estar com ela o máximo de vezes possível, visto que estamos tão (...) distantes (...)” (P.) “ Não sei... estava com ele (...)” (S.) “Combinamos muito mais coisas juntos, tipo, quando estamos em casa...tempos livres, normalmente estamos juntos, mas ele também é da minha turma, por isso (...)” (C.)
		Apoio/ Ajuda [1]		“(...) Havia, sei lá respeito, havia entre-ajuda, apoio, pronto! (S.)
			Compreensão /Abertura	“Sentia-me bem porque... eu tenho uma certa dificuldade em falar com as pessoas sobre mim, e então... sobre coisas mesmo pessoais, e então, pronto, nessa relação eu conseguia falar abertamente e acho que nesse aspecto fazia-me bem, era sério (...)” (B.)

⁸ (E.) Representa o discurso da Entrevistadora.

		Amor [3]		<p>“ Era eu mesma (...) em termos de personalidade e isso, claro que não mudei nada, não mudei (...) Sei lá, ahhh, eu gostava...eu acho que bastava gostar da pessoa (...)” (M.)</p> <p>“ (...) É muito mais sério e eu gosto muito mais dele do que gostava dos outros.” (C.)</p>
			Respeito [1]	(...)havia, sei lá, respeito (...)” (S.)
			Sinceridade [2]	“ Sim, isso, a sinceridade sobretudo, ahh, sim acho que era mais isso.” (S.)
			Compromisso: Fidelidade [1]	“Primeiro, é para aí a relação mais séria que já tive (...)Que eu não sou muito de relações sérias, mas... (risos) (...)As outras eu não tinha propriamente, assim... um compromisso (...)E agora tenho. Por exemplo, imagina que eu estava com um rapaz, mas não namorava com ele, tipo... se eu quisesse... isto até parece mal dizer, mas se quisesse estava logo com outro uma semana a seguir. Aqui não, não é?!” (C.)
	Influência da relação dos pais numa relação sua	Aprendizagem do que fazer	Partilha [2]	<p>“ (...), o facto de falarmos e de... não só falar de... ter uma relação aberta em relação ao falar de tudo e não ter... claro que há coisas que é da vida pessoal que se calhar, não sei, não se quer falar, mas (...) (M.) E.- É importante o facto de poderes partilhar com aquela pessoa os teus problemas ou (...) (E.) Sim e eu acho que, para além de ser o namorado e isso (...)acho que é um dos nossos melhores amigos, que nós podemos confiar, e que podemos, por exemplo, pedir uma opinião, um conselho, que... ajuda (...)” (M.)</p>
				<p>Diálogo [2]</p> <p>“ Acho que podemos ultrapassar os problemas mesmo que...a não ser que sejam muitoooooooo grandes e que não tenham mesmo solução a nível de...união e isso, que se podem resolver, falando e essas coisas assim (...)” (M.)</p> <p>“ (...) Eu sei que eles falam muito um com o outro, principalmente a minha mãe com o meu pai.” (B.)</p>

			Tomada de decisão [1]	<p>“ (...)Ahhh, por exemplo, quando é para tomarem decisões, reparo sempre que tem sempre o consentimento um do outro, se um diz que não, o outro... perguntam-me sempre “Então mas já perguntaste à tua mãe?” e eu... já, “então o que é que ela disse?” Não, “então pronto, já sabes a resposta!” (risos). Sei lá, ahhh, acho que é basicamente isso (...)e depois também, por exemplo, nós somos quatro, e é preciso algum tempo, ainda por cima quando éramos mais pequeninos, para estarem connosco e sei lá, os meus pais combinaram, entre si, que ... eles são os dois arquitectos mas o meu pai, por exemplo, é chefe lá do departamento dele e a minha mãe já foi convidada para ser chefe do departamento dela, mas decidi não aceitar porque... foi tipo uma combinação que eles fizeram, sei lá foi... o meu pai, se calhar, subia um bocado mais na carreira, a minha mãe abdicava um bocado mais disso para estar mais tempo connosco.” (C.)</p>				
			Amor [1]	<p>“Principalmente a confiança e eles gostarem muito um do outro, acho que isso é o mais importante.” (B.)</p>				
			Bem-estar	<table border="1"> <tr> <td>Agradar/ Surpresas [1]</td> <td> <p>“ Talvez, outra vez a história das surpresas, o meu pai e a minha mãe às vezes fazem surpresas um ao outro, acho que é, do casamento deles, é o que passou mais.” (P.)</p> </td> </tr> <tr> <td>Diversão /Descontração [1]</td> <td> <p>“Contribuiu tudo (risos). Ahhh, admiro muito os meus pais e a relação deles, por isso...também é um bocado..., numa relação que eu tenha ou que eu venha a ter é sempre essa imagem que eu tenho em mente (...) os meus pais quando estão um com o outro, tipo, estão bem, estão divertidos, sei lá, é assim uma relação mais (...) descontraída, exacto. E para mim isso é importante, porque também estar com uma pessoa e não poder ser quem é ou tipo estar ali na linha e não sei o quê... não faz sentido.” (C.)</p> </td> </tr> </table>	Agradar/ Surpresas [1]	<p>“ Talvez, outra vez a história das surpresas, o meu pai e a minha mãe às vezes fazem surpresas um ao outro, acho que é, do casamento deles, é o que passou mais.” (P.)</p>	Diversão /Descontração [1]	<p>“Contribuiu tudo (risos). Ahhh, admiro muito os meus pais e a relação deles, por isso...também é um bocado..., numa relação que eu tenha ou que eu venha a ter é sempre essa imagem que eu tenho em mente (...) os meus pais quando estão um com o outro, tipo, estão bem, estão divertidos, sei lá, é assim uma relação mais (...) descontraída, exacto. E para mim isso é importante, porque também estar com uma pessoa e não poder ser quem é ou tipo estar ali na linha e não sei o quê... não faz sentido.” (C.)</p>
Agradar/ Surpresas [1]	<p>“ Talvez, outra vez a história das surpresas, o meu pai e a minha mãe às vezes fazem surpresas um ao outro, acho que é, do casamento deles, é o que passou mais.” (P.)</p>							
Diversão /Descontração [1]	<p>“Contribuiu tudo (risos). Ahhh, admiro muito os meus pais e a relação deles, por isso...também é um bocado..., numa relação que eu tenha ou que eu venha a ter é sempre essa imagem que eu tenho em mente (...) os meus pais quando estão um com o outro, tipo, estão bem, estão divertidos, sei lá, é assim uma relação mais (...) descontraída, exacto. E para mim isso é importante, porque também estar com uma pessoa e não poder ser quem é ou tipo estar ali na linha e não sei o quê... não faz sentido.” (C.)</p>							

			Suporte	Presença [2]	“Ahh, essa de se estar sempre presente, de se estar sempre presente para resolver os problemas, para ajudar e fazer surpresas e manter, manter contacto o máximo de vezes possíveis, ahhh, acho que é isso.” (P.)
				Confiança [3]	“Principalmente a confiança e eles gostarem imenso um do outro (...)” (B.) “ A confiança, muito um no outro (...)” (C.) “ (...) acho que é um dos nosso melhores amigos, que nós podemos confiar(...)” (M.)
				Apoio/ Ajuda [2]	“ (...) acho que é um dos nossos melhores amigos, que nós podemos confiar, e que podemos, por exemplo, pedir uma opinião, um conselho, que... ajuda (...)” (M.) “ (...) e depois também, por exemplo, nós somos quatro, e é preciso algum tempo, ainda por cima quando éramos mais pequeninos, para estarem connosco e sei lá, os meus pais combinaram, entre si, que ... eles são os dois arquitectos mas o meu pai, por exemplo, é chefe lá do departamento dele e a minha mãe já foi convidada para ser chefe do departamento dela, mas decidi não aceitar porque... foi tipo uma combinação que eles fizeram, sei lá foi... o meu pai, se calhar, subia um bocado mais na carreira, a minha mãe abdicava um bocado mais disso para estar mais tempo connosco.” (C.)
			Cordialidade	Boa relação do casal	“ Os meus pais sempre se deram bem, às vezes têm aquelas...não têm discussões mas, aquelas coisas normais. Nunca assisti assim a uma discussão. (...) admiro muito os meus pais e a relação deles (...) numa relação que eu tenha ou que eu venha a ter é sempre essa imagem que eu tenho em mente (...)” (C.) “ (...) confiam muito um no outro e que se dão bem... às vezes discutem, como é óbvio, mas...nada de especial (...)” (B.)
			Resolução de problemas		“ Acho que podemos ultrapassar os problemas mesmo que... a não ser que sejam muitooooooooo graves e que não tenham

			<p>mesmo solução a nível de...união e isso, que se podem resolver, falando e essas coisas assim (...)" (M.)</p> <p>" Ahhh, essa de se estar sempre presente, de se estar sempre presente para resolver os problemas, para ajudar (...)" (P.)</p>
	Aprendizagem do que não repetir	Discussões	<p>"Sinceramente, acho que os meus pais funcionam é mais ao contrário. Eu vejo o que eles fazem e faço o contrário, mas por outro lado, eu também sei que há várias coisas que tenho um pouco deles, por exemplo, ahhh, características da minha personalidade que às vezes são um bocadinho mais chatinhas.... Mas em relação à relação deles, é uma coisa que eu não gosto, não gosto nada da relação deles, por isso penso sempre que quero ser de outra forma, não quero ser assim quando (...).O facto deles estarem sempre a discutir, por tudo, pelas mínimas coisas, por (...) não sei também há uns certos problemas porque o meu pai tem cancro e vai ter dois anos e tal de vida só, e portanto agora as coisas estão um bocado diferentes mas houve uma altura em que, pronto, eram só discussões, discussões, depois de vez em quando, há umas que são mesmo grandes, em que dizem que se vão separar, mas depois não se separam... pronto e isso para além de afectar os dois, também afecta a nós, a mim e às minhas irmãs e pronto é esse tipo de coisas que eu não quero que aconteça na minha vida, mais tarde, quero ter uma coisa mais estável e que se perlongue, que não seja só o amor no início e depois aquela coisa de estarem juntos porque tem de ser e não porque querem." (S.)</p>
		Ausência de actividades partilhadas	<p>"(...), já não vão fazer nada juntos, ahhh, pronto (...)" (S.)</p>
		Ausência de entusiasmo	<p>" (...) não haver aquela estabilidade e aquele entusiasmo, já não há entusiasmo nenhum (...)" (S.)</p>

Tema	Perguntas	Categorias	Sub-categorias	Participantes
Atitudes face aos relacionamentos amorosos	O que mantém duas pessoas felizes e unidas numa relação de amor	Amor [3]		“Principalmente amor (...)” (B.)
			Amizade	“ Ahh, amizade acima de tudo (...) o amor tem sempre uma amizade por trás, portanto, sim, é as duas coisas.” (S.) “Claro que, é um conjunto de factores, é o facto de estarem apaixonados e gostarem muito um do outro (...) uma relação amigável, a cima de tudo, não só amorosa, e acho que é tudo um pouco, amizade (...)” (M.)
			Paixão	“(...) é o facto de estarem apaixonados e gostarem muito um do outro (...)” (M.)
			Admiração/ Orgulho	“(...) uma certa admiração, não sei, orgulho pela pessoa, e vontade de a ver feliz e de a fazer feliz, e de se sentir bem ao lado dela, pronto é isso.” (S.)
			Respeito	“(...) E pronto, o respeito um pelo outro, também.” (B.)
		Bem-estar	Empenho /Agradar [2]	“(...) Vontade de a ver feliz e de a ver feliz (...)” (S.) “ Na verdade não sei explicar, acho que só... só de me sentir bem ao lado de uma pessoa quando estou com ela, pensar muitas vezes nela e saber o que gosta, saber o que fazer, acho que mantém as pessoas felizes e faz-nos pensar nessas pessoas e pronto, quer dizer (...)” (P.)
			Conhecimento do outro/ Desafio/Descoberta [2]	“Acho que é necessário, mais que necessário para ter uma relação com uma pessoa, conhecê-la muito bem (...) Sim, eu acho que se conhecesse perfeitamente uma pessoa, a pessoa

				deixava de ser, entre aspas, um desafio para mim... eu quero sempre conhecer mais, descobrir novas coisas, porque se for sempre uma pessoa que eu já sei tudo, sempre igual e não muda, acho que não, não me sinto atraído por uma pessoa assim (...)" (P.)
			Conforto [4]	<p>" (...) Vontade de a ver feliz e de a ver feliz, e de se sentir bem ao lado dela (...)" (S.)</p> <p>" (...) também, essa parte do descontraído, do poder falar de tudo e de trocar ideias, tipo, sem ser julgado (...)" (C.)</p> <p>"Principalmente amor mas depois é o à vontade uma com a outra (...)" (B.)</p> <p>" (...) me sentir bem ao lado de uma pessoa quando estou com ela (...)" (P.)</p>
		Suporte	Confiança [2]	<p>"Ahh, eu acho que a confiança, muito, acho que é a mais importante (...)" (C.)</p> <p>"(...)e como eu já tinha dito a confiança, não é?! (...)" (B.)</p>
		Partilha	Diálogo [1]	<p>"O também saber, por exemplo, se uma coisa está mal, em vez de fechar os olhos, falar sobre isso (...)" (C.)</p> <p>" (...) Trocar ideias, tipo sem ser julgado (...) (C.) A partilha, também? Estavas a dizer a partilha das ideias e troca de ideias entre eles e depois também a confiança que isso permite (...) (E.)"</p>
			União [1]	<p>"Claro que, é um conjunto de factores, é o facto de estarem apaixonados e gostarem muito um do outro, e mais...a união (...)" (M.) Da partilha? (E.) " Sim, sim (...)" (M.)</p>
			Descendência [2]	<p>" (...) Se for mesmo uma pessoa com quem nos damos bem, ahh isso é bom e partilhar tudo, e partilhar filhos e ser avós e tudo isso (...)(S.)</p> <p>"E os filhos também ajudam! (Risos)(...) Acho que une o casal mais, porque... como se tivessem uma coisa mesmo em</p>

				comum, porque aquilo é mesmo (...).E ajuda, tipo uma criança a crescer e a tratar dela, também, principalmente o primeiro filho, sei lá, a minha mãe teve o primeiro filho aos 24, ainda era um bocadinho novinha, tinha acabado de fazer o curso e também eu percebo que é preciso o apoio, muito do marido e da mulher que é para conseguirem, pronto (...).Sim, depois ao verem crescer, ao verem (...)o sucesso, sei lá, acaba por unir um bocado... acho que os filhos também ajudam.” (C.)
Aspectos mais positivos num casamento	Partilha [2]	União	“Acho que é o facto de... para além de todas, de todos os problemas que possam existir e... acho que é mesmo a união e a amizade (...).” (M.)	
		Descendência [1]	“ (...) Ahh, isso é bom e partilhar tudo, e partilhar filhos e ser avós e tudo isso (...).” (S.)	
	Bem-estar	Conforto [2]	“ (...)Ahhh, acho que está tudo relacionado com isso, na medida em que se uma pessoa sente bem ao lado da outra (...).” (S.) “Que existe de mais positivo... estar-se com a pessoa de quem gosta (risos), acho que é isso, sentir-se bem, está-se com aquela pessoa porque se escolheu estar com aquela pessoa, ahh, de livre vontade e portanto é uma coisa que nós queremos e nos faz feliz... pronto.” (C.)	
		Benefícios Legais [1]	“De mais positivo e melhor...ahhh, não sei... tem benefícios perante o estado (risos).” (B.)	
	Amor [4]		“(...)estar-se com a pessoa de quem gosta.” (C.) “E depois também depende dos ideais de cada pessoa, se para um certo casal, o casamento é uma forma de conciliar o amor que têm um pelo outro, acho que sim, que é importante. Depois, sei lá...há-de haver casos em que simplesmente juntar há-de ser suficiente.” (B.)	

			Amizade [2]	<p>“ (...) Ahhh, sim e haver amor e haver amizade, e haver... se for mesmo uma pessoa com quem nos damos bem (...)” (S.)</p> <p>“Acho que é o facto de... para além de todas, de todos os problemas que possam existir e... acho que é mesmo a união e a amizade (...)” (M.)</p>
		Suporte	Presença [3]	<p>“ (...) estar-se com a pessoa de quem gosta (risos), acho que é isso, sentir-se bem, está-se com aquela pessoa porque se escolheu estar com aquela pessoa (...)” (C.)</p> <p>“ (...) Ahhh, sim essa sensação, não sei, de ser aquela pessoa que vai estar connosco sempre ao nosso lado para o resto da nossa vida (...)” (S.)</p> <p>“Mais positivo... o casamento não obriga a duas pessoas estarem juntas mas acho que a parte mais positiva do casamento é as pessoas estarem juntas, na verdade o casamento só... só..é escritor no papel que essas duas pessoas estão juntas mas não acho necessário para duas pessoas terem uma relação normal.” (P.)</p>
			Apoio/ Ajuda [1]	<p>“ Sim, de apoio, estar sempre ali alguém, sempre ali alguém que nos pode ouvir, que nos pode ajudar, pronto, que vai estar connosco.” (S.)</p>
			Confiança [2]	<p>“Sim, porque também há uma confiança completamente diferente num casal ou num, num... em amigos (...) Confiança, união (...)” (M.)</p>
			Segurança [1]	<p>“A sensação de segurança, de sabe que a pessoa vai lá estar sempre, que podem construir um futuro juntos.... Ahhh, sim essa sensação, não sei, de ser aquela pessoa que vai estar connosco sempre ao nosso lado para o resto da nossa vida (...)” (S.)</p>

	Coabitação	Igual/Semelhanças face ao casamento	Partilha [1]		<p>“ (...) mas por outro lado, pronto é um grande passo, é uma forma de partilhar e de estar presente na vida de outra pessoa (...) Não, não há assim grandes diferenças (...)” (S.) (...) Em termos de viver junto ou de partilha, como estavas a dizer, é semelhante para ti? (E.) Sim é semelhante.” (S.)</p>
		Diferenças face ao casamento	Carácter menos definitivo [4]		<p>“Acho bem, acho que é uma forma de... não é uma coisa definitiva, portanto se calhar não há aquela pressão de “tem mesmo de resultar”, mas por outro lado, pronto é um grande passo, é uma forma de partilhar e de estar presente na vida de outra pessoa.” (S.)</p> <p>“ (...) Se acham que preferem não estar casados para a relação funcionar melhor... muito bem, eles, se é uma escolha, acho que fazem muito bem. Mas também não faz sentido uma pessoa casar, só por casar, porque a partir do momento que se casa, supostamente... deveria... quando uma pessoa se casa supostamente deveria ser assim para a vida inteira. Também há os divórcios, mas pronto. A pessoa tem de ter a consciência de que quando se vai casar, que quer mesmo aquilo e se a pessoa não tem a certeza... até pode ter a certeza mas acha que não faz sentido casar-se para não ser uma coisa tão (...) Definitiva? (E.) Sim, é isso, oficializada, pronto. Acho que fazem bem em não se casarem(...)” (C.)</p> <p>“Não, não acho... por exemplo... não, não acho mal, acho que são opções que se fazem... não sei bem, porque acho que quando as pessoas se querem casar, querem mesmo ter um compromisso muito sério e ficar com essa pessoa... pelo menos, no casamento, tencionam ficar com essa pessoa para o resto da vida, mesmo que isso não aconteça, quando casam... é o normal que se pense (...)” (M.)</p>
			Facilidade /Experimentação/ Preparação [3]	<p>“(...) Acho que... não... não... mas acho que o casamento é um passo para depois viver junto, não sei bem (...) Sim. Temos de saber se a pessoa com quem vivemos, pelo menos, vamos viver diariamente, supostamente para o resto das nossas</p>	

				<p>vidas, que se é... não é tão boa pessoa, mas se é (...) Sim, mas não pelo facto de ser para viver junto ou não, para... se gostamos da pessoa como ela é em casa, ou se é tão boa pessoa em casa como é quando (...) (M.) Como era quando eram namorados? (E.) Sim, exactamente.” (M.)</p> <p>“(...)provavelmente, por exemplo, o caso da minha irmã, foi viver junto com uma pessoa e agora vão-se casar. Provavelmente seria isso que eu acabaria por fazer, se depois achasse pertinente casar... aí se calhar...casaria, ou não, não sei (...) (B.) Ahh, de alguma forma pensarias no viver junto com alguém como se fosse um pré-requisito para depois eventualmente casar, ou não? (E.) (...) Depois também depende das circunstâncias, não é? Não tem de ser assim... e só depois é que resulta, mas iria depender, não sei (...)” (B.)</p> <p>“ Eu acho que, quer dizer, uma pessoa também pode, ir viver com o companheiro e só depois casar-se, não é preciso casar-se para viver junto, ... mas acho que também esse passo de se viver junto, já é como se fosse um “pré-casamento” (risos), acho que é tipo uma preparação para quando acharem que (...)” (C.)</p>
			Facilidade de término [1]	<p>“(...) Não é uma coisa definitiva, portanto se calhar não há aquela pressão de “tem mesmo de resultar (...) (S.) Por um lado é mais fácil se entretanto, como tu disseste, não resultar, é isso? (E.) Pois, não há tantas consequências, não há aquelas politiquices todas de casamento, ahh, pronto.” (S.)</p>
			Ausência de Pressão [2]	<p>“(...)Acho que apenas juntas, é mais simples, e não tem a necessidade de um compromisso legislativo que por vezes estraga essa relação (...) Sim, complica um bocado.” (P.)</p> <p>“ (...) Não é uma coisa definitiva, portanto se calhar não há aquela pressão de “tem mesmo de resultar (...) (S.)</p>

			Não oficial [1]	<p>“Eu acho que é melhor, porque às vezes o casamento traz muito aqueles problemas que, de dividir os bens, que se escolhe mas, por vezes essa divisão de bens e essa necessidade de... os problemas que o casamento traz, como lei, acho que traz muitos problemas que não haveriam se as pessoas estivesse apenas juntas. Acho que apenas juntas, é mais simples, e não tem a necessidade de um compromisso legislativo que por vezes estraga essa relação.” (P.)</p>
Resolução de problemas	Comunicação	Diálogo [4]		<p>“Então... falar, não é?!” (C.) “A conversar, essencialmente, e a expor, não esconder e conversar depois ou contar depois, acho que tem de ser logo exposto o caso.” (B.) “Depende do problema, um problema... se for... por exemplo, uma traição, acho que aí tem de se falar muito bem no assunto, e sinceramente não sei se é perdoável ou não, mas no caso, se for um problema mais soft, uma zanga ou, por exemplo, deixou as meias não sei aonde, aí, não tão a brincar mas se for uma coisa mais séria, acho que aí, se calhar, acho que se resolvem as coisas falando, a não ser que já tenha sido mais de muitas, muitos milhões de vezes que se tenha tido essa conversa (...)” (M.)</p>
			Calma/ Paciência [1]	<p>“ (...)também ajuda depois para falarem com o outro, para terem temas de conversa, para partilharem experiências e tudo e isso (...)Paciência, muita paciência, calma, ahhh, não sei, pensar sempre que a pessoa não nos quer magoar e não querer magoar a pessoa também (...)Ahhh, quando discutimos ou quando estamos chateados com alguma coisa temos o hábito de esquecer tudo e ter a cabeça quente e dizer o que não devemos, mas pronto a ideia é acalmar primeiro, não deixar que isso aconteça, porque depois dizem-se coisas que não se devem, magoam-se demasiado, pronto e isso (...)” (S.)</p>
			Partilha	<p>“(...)Tento estar presente, perguntar sempre o que é que se</p>

		[3]		passa, (...) ahhh, temos de ter uma relação em que possamos falar de tudo, porque se se esconde alguma coisa, normalmente é um problema que se inicia, a existência de segredos entre um e o outro, mas falar é importantíssimo e pronto, resolver os problemas, depende do problema que é.” (P.) “Também ajuda depois para falarem com o outro, para terem temas de conversa, para partilharem experiências e tudo e isso (...)” (S.) “ (...) expor, não esconder e conversar depois ou contar depois, acho que tem de ser logo exposto o caso.” (B.)
	Cordialidade	Cedências [1]		“ (...)Acho que também, quando a pessoa está... partilha o mesmo sitio com outra pessoa e está casada, também tem de ter a noção que também tem de haver algumas cedências e também não pode ser tudo como ela quer e acho que se falar com a pessoa conseguimos chegar a um consenso em que as duas pessoas fiquem felizes e que acabem por resolver os problemas, se calhar às vezes temos de abdicar um pouco de algumas coisas que preferíamos ter, mas se calhar o que vamos abdicar, vai dar... vai fazer com que... o fruto disso, seja muito melhor (...)” (C.)
		Consenso [2]		“(…) Na minha opinião, quando eu casar, não vai haver problema nenhum que... claro que se houver... uma pessoa... eu acho que uma pessoa não vai mudar assim tanto... que eu goste, com quem eu vá casar, acho que não vai mudar assim tanto ao ponto de eu me querer divorciar com ela... dela... mas se houver problemas, tendo resolvê-los ao máximo, como faço agora, tento sempre arranjar uma solução, e fazer o melhor possível para manter o casamento (...)” (P.) “(…)Tentar chegar um meio termo (...)” (C.)
	Suporte	Presença/ Atenção [1]		“Tento estar presente, perguntar sempre o que é que se passa (...)” (P.)

		Acções	Preventivas de conflitos [1]	<p>“Talvez, ahh, fazer tudo para não deixar que o casamento se torne demasiado monótono, sempre a mesma coisa, que se vá inovando algumas vezes, que se tente sempre (...) Sim, sair da rotina (...)” (S.)</p> <p>(...) num casal acho importante estarem juntos, mas ao mesmo tempo, cada um ter as suas coisas, ter as suas actividades, ter as suas diversões fora de casa também, fora um do outro, também ajuda depois para falarem com o outro, para terem temas de conversa, para partilharem experiências e tudo e isso (...)” (S.)</p>
			Punitivas [1]	<p>“Ahh, depende, depende, se for um problema assim que não tenha muita importância, se for só uma chaticezinha, que se veja que é um arrufo de namorados, uma coisa assim... também podemos fazê-los sofrer um bocadinho (risos), um bocadinho chateada, ou amuo também não faz mal a ninguém (...)” (M.)</p>
	Conselhos de felicidade	Partilha [3]		<p>“ (...) Sei lá, quando chegam a casa os dois, não se sentar cada um para seu lado... juntarem-se, conversarem, fazerem qualquer coisa que os una e não que os separe, por exemplo... o homem vai-se sentar no sofá a ler o jornal e a mulher vai, sei lá, fazer outra coisa qualquer, vai trabalhar para outro lado, para o escritório, computador, não interessa. Acho que é necessário, quando se chega a casa, conversar, ter algo que os una naquele momento, se não, vai sendo a cada dia uma separação maior até que um dia vão estar completamente separados e vão... esses problemas que teriam solução se estivessem (...) mais presentes (...)” (P.)</p>
			Descendência/ Preservar actividades de casal [1]	<p>“ (...) Se tiverem filhos,... eu acho melhor, que também têm que arranjar, às vezes, um tempo só para os dois, nem que seja umas férias ou assim, deixem com os avós (risos)...qualquer coisa, durante um tempo, porque é importante... para mim acho que é importante (...)” (C.)</p>

		Diálogo [2]	<p>“(…) claro que vão ter os seus arrufos e chatices, para tentarem resolver o máximo possível (...) (M.) Hmhm. Outra vez o diálogo? (E.) Sim.” (M.)</p> <p>“Acho que é necessário, quando se chega a casa, conversar, ter algo que os una naquele momento, se não, vai sendo a cada dia uma separação maior até que um dia vão estar completamente separados (...)” (P.)</p>
	Amor [2]		“Tem de se gostar da pessoa, primeiro (...)” (B.)
		Convicção/Certeza [1]	“Individualmente, é mesmo sentir se a pessoa está feliz com aquela pessoa e se gosta mesmo a sério, e se quer assumir mesmo um compromisso sério, ou pensava nisso... e enquanto casal, ahhh... enquanto casal...se gostam muito um do outro, que sejam felizes e que... claro que vão ter os seus arrufos e chatices, para tentarem resolver o máximo possível (...)” (M.)
		Amizade [1]	“(…) Serem amigos acima de tudo (...)” (S.)
		Respeito [1]	“(…) depois, depois não sei... ahhh, acaba por cair outra vez na parte da confiança e do respeito, se não houver isso, o gostar da pessoa também não chega.” (B.)
	Suporte	Presença [2]	<p>“(…) Estarem juntos mas também fazerem outras coisas fora dessa relação (...)” (S.)</p> <p>“Eu acho que estarem juntos o mais, o máximo tempo possível, falarem (...)” (P.)</p>

			<p>Confiança [3]</p>	<p>“Acho que... devem ter muita confiança um no outro (...)” (C.) “(...)terem muito, confiarem um no outro, hmmm, é que eu conheço imensos casais amigos que têm relações completamente instáveis e pouco (...)” (S.) “Tem de se gostar da pessoa, primeiro... e depois, depois não sei... ahhh, acaba por cair outra vez na parte da confiança e do respeito, se não houver isso, o gostar da pessoa também não chega.” (B.)</p>
	Bem-estar	<p>Actividades conjuntas (casal) [2]</p>		<p>“(...) Se tiverem filhos,... eu acho melhor, que também têm que arranjar, às vezes, um tempo só para os dois, nem que seja umas férias ou assim, deixem com os avós (risos)...qualquer coisa, durante um tempo, porque é importante... para mim acho que é importante (...)” (C.) “(...) Quando chegam a casa os dois, não se sentar cada um para seu lado... juntarem-se, conversarem, fazerem qualquer coisa que os una e não que os separe, por exemplo... o homem vai-se sentar no sofá a ler o jornal e a mulher vai, sei lá, fazer outra coisa qualquer, vai trabalhar para outro lado, para o escritório, computador, não interessa. Acho que é necessário, quando se chega a casa, conversar, ter algo que os una naquele momento (...)” (P.)</p>
		<p>Felicidade [2]</p>		<p>“(...)E serem felizes! (...)É assim, isso depende muito de cada relação, mas (...)conselhos para uma pessoa ser feliz...supostamente quando se está com uma pessoa já se é feliz, mas... não sei, depende muito da pessoa com quem se está e do que é que se gosta... eu posso ser feliz a fazer uma coisa, mas uma amiga minha pode... não gostar nada disso e ser feliz noutra coisa, portanto isso é uma questão de gostos (...)” (C.) “(...)se gostam muito um do outro, que sejam felizes (...)” (M.)</p>

				Conhecimento do outro [1]	“(…) Não sei, depende muito da pessoa com quem se está e do que é que se gosta... eu posso ser feliz a fazer uma coisa, mas uma amiga minha pode... não gostar nada disso e ser feliz noutra coisa, portanto isso é uma questão de gostos e de (...) Exactamente, é muito importante conhecer o outro, o que ele gosta, para tentar (...)E normalmente quando uma pessoa está com outra, há muita coisa em comum (...)” (C.)
				Desconstracção [1]	“(…)Ahhh, o facto de ser uma relação descontraída... são as coisas mais importantes para mim (...)” (C.)
				Resolução de problemas [1]	“(…) claro que vão ter os seus arrufos e chatices, para tentarem resolver o máximo possível (...)” (M.)
		Cordialidade	Compreensão	Aceitação do erro Humano/Ausência de crítica: Perdão [1]	“Ahhhh, darem-se bem, pronto, serem amigos acima de tudo, estarem juntos mas também fazerem outras coisas fora dessa relação, terem muito, confiarem um no outro, hmmmmm, é que eu conheço imensos casais amigos que têm relações completamente instáveis e pouco...mas isso também tem a ver com a maturidade das pessoas, porque há pessoas que não, que parece que estão sempre à espera que a outra pessoa erre para lhe atirar isso à cara, ou qualquer coisa assim, faz-me um bocado confusão...parece que não há aquela confiança, não há aquela liberdade para agir bem conforme aquilo que se quer fazer... não sei, não sei se me estou a explicar bem (...) Acho que ninguém é perfeito e preciso é saber isso e saber perdoar e saber que às vezes fazes coisas sem intenções que se pareça à primeira vista, tentar sempre entender um ao outro,... sim compreensão.” (S.)
Aumento do nº de divórcios /Prolongamento do amor	Causas	Mudança na mentalidade	Pouca ponderação no Casamento /	“É o que eu já disse, eu não sei o... para mim, o casamento vai ser um, só um e vai ser para sempre. E se acabar por qualquer razão não vai haver outro. Mas acho que para casar, acho que... é preciso saber-se o que se vai fazer... o casamento é	

				<p>Precipitação [1]</p> <p>uma coisa importante que vai unir para sempre uma pessoa à outra... se acontecer o divórcio, não... mas tem de ser algo (...) Muito bem pensado, não pode ser “Ah, agora vamos casar porque te amo muito”, não pode ser assim, tem de ser algo que se sinta mesmo “isto vai-me fazer feliz.” (P.)</p>
				<p>Paradigma do casamento: “Não é para a vida”/ Facilidade da opção divórcio [3]</p> <p>“(...) as pessoas quando... antigamente o casamento era para a vida e ponto. Mas sim, acho que agora, não sei bem (...) mas acho que se calhar, cada vez mais, o casamento, acho que para as pessoas, não se sabe se o casamento já é tão... um compromisso tão sério (...)” (M.)</p> <p>“(...) Acho que cada vez, a história do casamento é mais, “vamos viver juntos”, já está mais associado ao casamento. Antigamente o casamento era algo mais importante, “vamos casar e vamos viver para sempre juntos” e não “vamos viver juntos por tempo indeterminado (...)” (P.)</p> <p>“(...) antigamente as pessoas casavam e ponto. Pronto, se casavam mais que uma vez, ai meus Deus, que escândalo (...) É isso, se calhar há mais, há mais liberdade e, não no mau sentido, mas se calhar o olhar para as relações, mais abertas (...) as pessoas... não é precipitar, mas se calhar pensam que é uma coisa muito séria num determinado tempo e não... depois acontece qualquer coisinha, ou a relação não é muito... não é forte o suficiente para resolver, ou as pessoas, estão completamente afastadas e não acham que o casamento foi o... foi forte o suficiente para sobreviver (...) ao problema e divorciam-se(...)” (M.)</p> <p>“(...)ahhh.... não sei...., se calhar já falei nisso, se calhar hoje em dia os casais divorciam-se pela mínima coisa, pela mínima discussão, não é muito viável, quer dizer, há sempre discussões, os casais discutem sempre, é importante também discutirem, a questão é lidar bem com isso e não olhar sempre para isso como (...) (S.) O final do casamento? (E.) Sim.” (S.)</p> <p>“Não sei, mas eu acho que em certas, não estou a dizer sempre, mas há-de haver certas circunstâncias em que ao mínimo</p>

					<p>problema as pessoas desistem e talvez seja por isso que depois as coisas não resultem. Acho que... não digo que antigamente o facto de não haver divórcio é que era bom, porque havia casos em que não era, mas por não haver, as pessoas sentiam-se obrigada a tentar trabalhar a relação e por vezes acho que isso é bom (...) eu não digo que... não sou a favor de não existir o divórcio mas, em certos casos o divórcio chegou e veio facilitar demasiado as coisas.” (B.)</p>
			<p>Mercado de trabalho [2]</p>	<p>Tempo dedicado à família [2]</p>	<p>“Assim, no geral, ahhh, se calhar hoje em dia, trabalha-se demasiado, já ouvi, a minha professora de psicologia já falou sobre isso, que hoje em dia, as pessoas saem de casa às 8.00h e voltam a casa às 20.00h e não têm tempo no fim-de-semana para fazerem nada com a família (...)” (S.)</p> <p>“Eu acho que primeiro, nós estamos em crise, não é?! E as pessoas têm que trabalhar muito... mas às vezes há muita gente que passa muito tempo no trabalho e mesmo, quando têm filhos, arranjam uma baby-sitter ou uma ama e deixam os filhos, e chegam a casa tipo às nove da noite e deitam-se e no dia a seguir, já saíram antes das crianças acordarem e mesmo, têm horários diferentes... e se calhar se fizerem um esforço, para tentarem conciliar um bocado e, nem que seja um jantar em família, não é preciso terem filhos, entre eles os dois, sei lá, terem uns tempos em que possam falar sobre o dia, o dia que tiveram, os problemas... se começarem a passar cada vez mais ao lado, e deixarem muito de se falarem e de estarem juntos, é possível que essa relação acabe por acabar (...) É difícil, eu sei que isto falar é muito fácil, eu ainda estudo, mas quer dizer, acho que as pessoas, às vezes, nem chegam a fazer esse esforço de tentar... conciliar as duas coisas (...)” (C.)</p>

				Monotonia [1]	“ (...) hoje em dia, trabalha-se demasiado (...) portanto isso dificulta muito depois aquela ideia de não deixar cair na rotina e evitar a monotonia e acho que é importante por isso, arranjar sempre forma de ter algum tempo para estar com as pessoas de quem gostamos, é importante o casal estar junto (...)” (S.)
		Soluções	Ponderação [1]		“ (...) Muito bem pensado, não pode ser “Ah, agora vamos casar porque te amo muito”, não pode ser assim, tem de ser algo que se sinta mesmo “isto vai-me fazer feliz.” (P.)
			Trabalho/Empenho [2]		“(…) não digo que... não sou a favor de não existir o divórcio mas, em certos casos o divórcio chegou e veio facilitar demasiado as coisas. (B.) Hmhm, não existe o tal trabalho mútuo (...) (E.) Sim.” (B.)
				Equilíbrio tempo trabalho/ família [1]	“Eu acho que primeiro, nós estamos em crise, não é?! E as pessoas têm que trabalhar muito... mas às vezes há muita gente que passa muito tempo no trabalho e mesmo, quando têm filhos, arranjam uma baby-sitter ou uma ama e deixam os filhos, e chegam a casa tipo às nove da noite e deitam-se e no dia a seguir, já saíram antes das crianças acordarem e mesmo, têm horários diferentes... e se calhar se fizerem um esforço, para tentarem conciliar um bocado e, nem que seja um jantar em família, não é preciso terem filhos, entre eles os dois, sei lá, terem uns tempos em que possam falar sobre o dia, o dia que tiveram, os problemas... se começarem a passar cada vez mais ao lado, e deixarem muito de se falarem e de estarem juntos, é possível que essa relação acabe por acabar (...) É difícil, eu sei que isto falar é muito fácil, eu ainda estudo, mas quer dizer, acho que as pessoas, às vezes, nem chegam a fazer esse esforço de tentar... conciliar as duas coisas (...)” (C.)

				Presença/ Diálogo [1]	“ (...) e se calhar se fizerem um esforço, para tentarem conciliar um bocado (...)sei lá, terem uns tempos em que possam falar sobre o dia, o dia que tiveram, os problemas... se começarem a passar cada vez mais ao lado, e deixarem muito de se falarem e de estarem juntos, é possível que essa relação acabe por acabar (...)” (C.)
	Divórcio como solução	Atitudes	Necessidade de ponderação [3]		“ (...)não é uma solução que eu considerasse de ânimo leve, tem de ser uma coisa mesmo bem pensada e sobretudo tinha de haver um consenso, tinha mesmo de chegar à conclusão que não dava mais.” (S.) “(...) Por isso, quem se quer mesmo divorciar, acho que se deve divorciar, mas também não acho que tenha de ser um gesto tão leviano como às vezes eu acho que é.” (B.) “(...) se não se está feliz, mais vale divorciar-se, mas as coisas devem ser feitas de uma maneira pensada (...)” (C.)
			Última opção /Extrema (existem outras opções primeiro) [5]		“É uma solução extrema (...)” S. “Acho que seria uma última opção, depois de tentar tudo, ou pelo menos comigo própria, tentar sentir-me bem comigo própria, se eu visse que não resultaria, aí sim. Não é, tipo... seria uma última hipótese e nem é... nem seria por aí que eu me sentiria melhor, provavelmente até... pronto, acaba por ser uma derrota pessoal, por isso (...)” (B.) “Depende dos problemas, se for um problema bastante grave, acho que sim, é uma solução, mas... não (...)Para mim, pessoalmente não é.” (P.) “(...) mas também não acho que seja a primeira solução que... pronto, se houver um problema “pronto, vamos divorciar-nos”, acho que não deve ser assim. Devem fazer o máximo, porque se se casaram, foi porque, supostamente sentiam alguma coisa, muito grande, entre eles e se há algum problema... fazer o máximo para tentar resolver esse problema e para tentar chegar ao ponto onde começaram a relação. (...)” (C.)

				Diálogo [4]	<p>“Sim, por exemplo (...) ou diálogo (...)” (S.)</p> <p>“Claro, primeiro que tudo, falar (...)” (M.)</p>
				Avaliação do problema/ Cedências [1]	<p>“Mas acho que é sempre possível as pessoas, se calhar, porem um bocado de lado, o orgulho de parte e tentarem ceder um bocado e tentar perceber o que é que está mal, porque não é suposto, não é?! Então, se perceberem o que é que está mal e percebem o que é que têm que fazer para que isso não esteja mal... se esse abdicar dessa coisa que está a formar o problema, não os vai fazer mais feliz? Se calhar vai... se não fizer, então a relação está um bocado má mesmo.” (C.)</p>
				Apoio Externo	<p>Terapia [2]</p> <p>“ (...)a terapia até, hoje em dia também se faz isso, terapia de casal, tudo isso são sempre soluções antes do divórcio.” (S.)</p> <p>“ (...)uma consulta de planeamento familiar(...)” (M.)</p>
				Amigos/ Familiares [1]	<p>“Sim. Acho que sim, e se calhar há sempre o apoio de amigos e assim e essas coisas que também não só a opinião de uma pessoa que está por dentro, mas também das pessoas, claro as mais conhecidas, não vou chegar a um desconhecido... a não ser que seja um psicólogo, a falar sobre essas situações e acho que neste caso devemos ter o apoio, não só dos pais, amigos e... mais próximos (...)” (M.)</p>
				“Dar um tempo” [2]	<p>“Sim, por exemplo, uma separaçõzinha, uma separação durante um tempo (...)” (S.)</p> <p>“Olhe, eu tirar um tempo de férias, da pessoa e resolver as coisas (risos)... não sei... isso depois também depende muito do problema que se está a tratar.” (C.)</p>
		Causas – Boa solução	Ausência	Amor [1]	<p>“ (...) já não existe amor, já não há aquela vontade de estar com a pessoa e aquela admiração, pronto, o que causa (...)” (S.)</p>

				<p>Felicidade [2]</p> <p>“ (...) Se não der, acho muito bem que se divorciem, porque não vale a pena estar numa relação que não se queira e... o objectivo... nós vivemos para sermos felizes, não é?!... e se não se está feliz, mais vale divorciar-se, mas as coisas devem ser feitas de uma maneira pensada (...)” (C.)</p> <p>“ (...)depois também começa-se a culpar a pessoa por estar a prender-nos de alguma forma e pronto, a essa altura não vale a pena estar numa relação que só nos faz mal, que não traz nenhuma felicidade na nossa vida, acho que é mais isso (...)” (S.)</p>
				<p>Bem-estar [3]</p> <p>“Bem... eu que também , desde o momento em que... se se pensa em divorciar, é preciso que a relação esteja mal, e acho que sim, acho que se devem divorciar, se não está a funcionar e principalmente se tiverem filhos, está a prejudicar um bocado os filhos e se, acho que é possível separar e viver em casas separadas não precisam de se dar mal (...) acho que se se divorciarem conseguem ter uma relação amigável e que isso faz sentir bem os filhos, não é?!” (C.)</p> <p>“Sim, é quando se chega à conclusão que já não há nenhum prazer em estar com a pessoa, que já não é uma prioridade na nossa vida, e as discussões geralmente é isso (...)” (S.)</p>
		Presença	<p>Maus tratos físicos/psicológicos/e emocionais [2]</p>	<p>“Depende dos problemas. Por exemplo, se eu imaginar um caso de agressão, acho que sim, o divórcio é uma solução, mas... sei lá, se... não vou dizer uma traição, porque isso também depende das pessoas e do nível a que é que isso foi feito, mas há-de haver pequenas infidelidades de cada parte que às vezes não... às vezes até poderiam ser desculpáveis, não sei, depois também depende dos sentimentos que cada pessoa tem... mas também não defendo uma pessoa ficar agarrada a outra só porque sim.” (B.)</p> <p>“Se for o caso, de uma coisa muito séria, por exemplo... posso dar o exemplo da traição, acho que não é uma coisa que... correcta, vá... acho que, se fosse eu, não, não, se calhar não</p>

					conseguiu perdoar, em caso de casamento, porque quando uma pessoa se casa, Ok, é natural que queira ficar com essa pessoa para o resto da vida, e... pelo menos é o que diz o casamento, não é?! E em qualquer situação acho que se devem apoiar um ao outro, mas claro que há limites (...)" (M.)
	Mudanças namoro - casamento	Relação	Suporte	Mais Presença [4]	<p>“Sim, é muito diferente. Um namoro em que o casal não vive um com o outro, portanto estão menos tempo juntos (...) quando vão viver juntos vêem-se muito mais vezes, estão muito mais vezes juntos (...)ganha-se mais presença na vida da pessoa (...)” (S.)</p> <p>“ (...)vão viver os dois na mesma casa, seja casamento ou viver junto (...)” (P.)</p>
			Mais Partilha [5]		<p>“ Muda. Acho que, não é quando se diz, quando se casa – “o que é meu é teu”, pronto, e até normalmente se juntam as contas bancárias, às vezes, não é... sim, isso é bastante importante porque é aquele momento em que, supostamente, vamos ficar a viver felizes para sempre, como nos contos de fada (risos), eu sei que não é assim, mas acho que sim, acho que a partilha torna-se muito mais constante e muito mais forte.” (C.)</p> <p>“ (...) claro que existem mudanças porque começam a ter uma vida juntos e a partilhar e começam a conhecer-se mais (...)” (B.)</p> <p>“ (...)há que haver muito mais partilha, partilha das coisas, vão viver os dois na mesma casa, seja casamento ou viver junto, que tem que se partilhar as coisas, é a mesma casa, as coisas são dos dois, acho que a diferença pode ser... pode-se partilhar muito menos no namoro do que mais tarde no casamento. No casamento vai haver muito mais partilha, depois outra vez a história do falar muito, se estiverem duas pessoas mortas dentro de casa, sem falar, não vai servir para nada, e pronto acho que é o que muda mais.” (P.)</p>

				Cumplicidade [1]	“Um namoro em que o casal não vive um com o outro, portanto estão menos tempo juntos, não há aquela partilha da cumplicidade quando se vive na mesma casa (...)” (S.)
				Conhecimento do outro/Descoberta [1]	“(...) se calhar também há mais aquela fase excitação e de conhecer-se um ao outro, porque têm menos oportunidade para isso depois quando vão viver juntos vêem-se muito mais vezes (...) paixão inicial (...) Sim, e o imprevisto, aquela coisa de poder acontecer tudo ainda e não estar nada, não haver nenhuma rotina definida, e a novidade e tudo isso, mas depois isso perde-se um bocadinho (...) O essencial é adquirirmos e aprender, descobrirmos o que a pessoa quer, como a pessoa é, como é que se comporta, para podermos responder a isso e agir com ela e lidar com ela.” (S.)
				Tomada de decisão [1]	“Muda. Não é só a opinião do... de, de quem tem o problema, ou a ideia que tem de formular... não é só a opinião dessa pessoa, a opinião de quem está a viver com essa pessoa também faz parte (...)” (P.)
			Significad s	Mais Responsabilidade [1]	“Há mais responsabilidade (...)” (S.) “(...) já não estamos a fazer as coisas só por nós, preocupados só connosco, quando fazemos alguma coisa, sabemos que se calhar isso também vai ter consequências para a outra pessoa (...) Sim, sim, acho que a responsabilidade aumenta bastante.” (C.)

				<p>Seriedade [4]</p>	<p>“ (...)claro que vai aumentando de seriedade (...)Sim, acho que sim. Não é, agora vou namorar com uma pessoa, vou logo mudar para casa dela, não. Claro que não, primeiro acho que há, vá, uma fase de adaptação, chamemos assim e depois se calhar começam a pensar mais nas coisas e se calhar assumir uma coisa mais séria e não tão namoro, ou uma relação menos séria.” (M.)</p> <p>“É muito mais oficializado, é assim uma coisa muito mais séria! E toda a gente já sabe (risos) (...)Eu acho que até na mentalidade das pessoas, que muda muito, porque sei lá quando uma pessoa diz, por exemplo, agora eu tenho namorado, mas eu sei que se eu disser isto a alguém, é do género, pronto, é da juventude, pronto e quando se diz estou casado, pronto já é uma coisa mesmo séria, já... as pessoas já sentem (...)” (C.)</p>
				<p>Mais Definitivo [1]</p>	<p>“(...) ahh, pronto e isso obviamente é diferente e o casamento, se mudar alguma coisa é porque é uma coisa mais definitiva, é mesmo pensar que a pessoa com quem nós estamos vai ser a pessoa com quem vamos estar o resto da vida.” (S.)</p>
				<p>Construção de família [1]</p>	<p>“(...)acho que a partir do casamento... quando uma pessoa se casa é para construir uma família e isso muda tudo... não precisa de ser logo, não é?! (...)” (C.)</p>
		Individuo	Mais Dependência [3]		<p>“ Muda um bocadinho (...)Porque as pessoas já não pensa só em si, a pessoa já, quando faz as coisas, já pensa também no outro e porque... acaba por depender um bocado dele, não é?! Também não é nenhuma agarradinha (risos) à pessoa não é?!, mas acaba por mudar um bocado, porque já não estamos a fazer as coisas só por nós, preocupados só connosco, quando fazemos alguma coisa, sabemos que se calhar isso também vai ter consequências para a outra pessoa.” (C.)</p> <p>“Há-de haver uma certa independência que se perde mas acho que também não se pode perder toda, não é?!” (B.)</p>

					<p>“Sim, quando estão numa... quando estão numa relação simples, acho que há independência de cada um, cada um tem a sua vida, naquele momento há um ramo, que é o namoro, que está ligado entre os dois, mas quando estão juntos, acho que é... mais uma vez tem de se partilhar e é... já não se é tão independente, já se está dependente do que o companheiro ou companheira tem a dizer também. Também faz parte das suas opiniões, das suas... das suas ideias de tudo o que faz também é importante.” (P.)</p>
			Adaptação [4]		<p>“Acho que a nível pessoal só mesmo o facto de, por exemplo, se é uma pessoa muito desorganizada ou não, começar a ter alguma ordem naquilo que faz, porque já não está a viver sozinha, ou com os pais, ou uma coisa assim...já está a viver com a pessoa, quer dizer, a não ser que se goste de ter tudo de pantanas e (...) (risos)” (M.)</p> <p>“ (...) O facto de estar só a conviver com uma pessoa tão perto faz com que tenhamos que nos moldar a essa pessoa, há algumas coisas que temos de aprender para aprender a lidar com essa pessoa.” (S.)</p> <p>“Não sei, mas acho que as pessoas começam-se a talhar um bocadinho para se encaixarem uma na outra e se calhar tentam esconder tanto... esconder não, mas aperfeiçoar os defeitos e não sei, acho que acaba por ser, nem que seja por apanhar tiques da outra pessoa ou assim, mas acabam sempre por... vê-se que (...)” (B.)</p>

				<p>Cedências [4]</p> <p>“Sim, claro, mas por exemplo, se for uma pessoa completamente, no caso de um homem ou no caso de uma mulher, completamente machista ou feminista, acho que vai haver ali um certo... e têm de chegar a um consentimento, se querem viver juntos mesmo assim, quer dizer, pelo menos comigo, deveria haver um meio-termo e não, por exemplo, mulheres na cozinha e homem no sofá a beber a cerveja, com os pés em cima da mesa, não é?! Acho que tem de ser (...) Sim, claro porque uma pessoa a viver sozinha passa a duas pessoas a viverem debaixo do mesmo tecto, logo aí, há coisas que mudam completamente, quer dizer, pelo menos comigo, não é?!” (M.)</p> <p>“Acho que é um bocadinho de tudo, há sacrifícios e há coisas boas. O essencial é adquirirmos e aprender, descobrirmos o que a pessoa quer, como a pessoa é, como é que se comporta, para podermos responder a isso e agir com ela e lidar com ela.” (S.)</p> <p>“Sim... quer dizer, acaba-se por ter Acho que cedências, quer dizer também não é abdicar de tudo o que se gosta, porque senão estar a trabalhar para a felicidade do outro enquanto se é infeliz, acho que também não faz sentido... mas, acho que, sei lá, temos de ter muita atenção ao que o outro está a sentir e ao que pensa e como está a relação para saber se é preciso e se faz sentido fazer alguma cedência no casamento ou mesmo no namoro, acho que também não muda assim tanto, acho que as cedências acabam por ser mais ou menos as mesmas... o objectivo é estarem os dois felizes.” (C.)</p>
		Não muda	Independência [1]	<p>“Não, acho que pelo menos não deveria ser, não sei se é mas, pelo menos não deveria ser... acho eu, porque a relação continua a mesma (...)” (M.)</p>

			Em termos pessoais	<p>“ Eu acho que não se deve mudar, acho que a pessoa, quer dizer... se estavam juntos bem, antes de se casarem, sem, sendo cada um quem é, não há grande mudança. Se calhar há um bocado de mudança, na relação deles, mas em termos de pessoa não muda, as pessoas estão lá.” (C.)</p>
	Livro de receitas para jovens com pais separados /divorciados	Conselhos idênticos à felicidade de um casal [4]		<p>“ Confiança, a partilha, as cedências, a tal descontração (...)A atenção um ao outro, Às vezes... ter muita atenção, acho que isso é muito importante, ao que o outro está a sentir, porque às vezes e ter a vontade para, para, sei lá... dizer o que está mesmo a sentir e se acha que não está a correr bem, em vez de fechar os olhos e deixar aquilo ficar cada vez mais... se agravar mais, falar! Porque às vezes quando os problemas são pequeninos, Às vezes, não, quando os problemas são pequeninos, são muito mais fáceis de resolver e então não vale a pena deixá-lo crescer, ter a vontade para dizer logo, “epah, isto não está a correr bem, portanto...” alguma coisa tem de mudar.” (C.)</p> <p>“ Diria a mesma coisa que diria a uma pessoa com pais juntos ou não, o que disse há bocado, acho eu, é sempre a mesma coisa, a meu ver (...)” (B.)</p> <p>“Eu acho, na minha opinião, das pessoas divorciadas que eu conheço, as relações de amor são muito menores, normalmente (...)Do que as pessoas que eu conheço que ainda têm os pais casados. Mas eu acho que, havendo casamento ou não... os pais sendo casados ou não, acho que se têm... se se sabe o que fazer numa relação, agora... quando os pais estão divorciados há a sensação de que (...)o casamento não é para sempre, então a relação pode ser muito, muito menos duradoura porque... porque os pais também acabaram. Se os pais também acabaram “eu também acabo” (...) Não, os conselhos seriam iguais.” (P.)</p>
		Conselhos específicos aos jovens em questão	Optimismo/ Arriscar/acreditar	<p>“ (...) mas acho que uma relação não faz as outras todas, acho que cada um é por si... Ok, aquela relação se calhar correu mal mas não implica que a deles tenha que correr mal (...) Acho que pode correr bem na mesma.” (M.)</p>

				Abstracção face à relação parental/ Retirar aspectos positivos [2]	<p>“Não vale a pena ficar a penar, “ai se os meus pais estivessem juntos”, não sei o que, acho que não, se estão separados, estão separados, acabou, pronto acho que... ir para a frente e aproveitar o que se calhar vai sair de melhor dessa... não relação.” (C.)</p> <p>“ Acho que eles não devem ligar, não é ligar não ligar ao facto de os pais se terem separados, não é, claro que não é isso. Mas acho que têm de ter atenção a... claro que se tem de ter atenção à relação (...) acho que cada um é por si (...)” (M.)</p>
--	--	--	--	--	--

Tema	Perguntas	Categorias	Sub-categorias	Participantes
Expectativas face ao futuro	Expectativa de relacionamento futuro	Casar [3]		<p>“ Eu quero-me casar! (...)” (C.)</p> <p>“Num futuro próximo, casamento não, mas eventualmente sim, vou casar, hei-de ter filhos, hei-de ter uma família (...)” (S.)</p> <p>“Gostava de casar.” (M.)</p>
		Coabitar [3]		<p>“(…) temos de ver se... todos os factores, por exemplo, se quero passar o resto da vida com a pessoa mesmo que quiséssemos ou a pessoa não ligasse muito ao casamento para ser feliz e não sei o quê... acho que não é preciso um casamento para uma pessoa ser feliz.” (M.)</p> <p>“(…) casar talvez não mas ter uma relação e viver com essa pessoa, sim (...)O casamento não.” (P.)</p> <p>“ (...) mas talvez pense um bocadinho mais...sim um bocadinho mais a viver junto, mais do que em casar (...)” (B.)</p>

		Indiferente [4]	Opinião/desejo do outro	<p>“Isso depende sempre das duas pessoas (...) Acho que não me faria muita diferença. Desde que houvesse aquele compromisso, não fosse uma coisa, ahh, se a única coisa que não houvesse fosse o casamento em si, acho que não.” (S.)</p> <p>“Acho que isso aí, não é só eu que tenho que querer casar, acho que as duas pessoas...e podermos chegar... claro que não é preciso um casamento para as pessoas serem felizes, não é?! (...), prescindia do casamento.” (M.)</p> <p>“ (...) se a minha companheira quiser mesmo o casamento, se for algo que ela queira mesmo, eu vou ter...terei de ceder ou terá ela de ceder mas em princípio, eu... casamento não é algo que eu... que seja tão assustador assim que eu não possa ceder um pouco para...e casar.” (P.)</p> <p>“(...) Acho que sim, não é uma coisa que eu olhe e diga “não, não vou fazer”, se ocorrer, acho que ocorre (...) é mais se acontecer aconteceu, se não (...)” (B.)</p>
	Coisas boas mais espera dessa união	Suporte	Presença [2]	<p>“ (...) E poder... estar sempre com essa pessoa (...)” (P.)</p> <p>“ (...) Ter ali alguém à minha espera (...) uma vida de todos os dias estar ao lado de alguém (...)” (S.)</p>
			Apoio/Ajuda/Segurança [1]	<p>“ (...)exacto e a segurança, de poder chegar a casa e ter alguém à minha espera, talvez por ficar feliz por me ver..., todas essas coisas (...)” (S.)</p>

		Partilha [5]		<p>“ (...) mas acima de tudo saber que tenho alguém com quem eu posso partilhar tudo e que saiba tudo de mim e que esteja sempre a descobrir coisas novas (...)” (P.)</p> <p>“ (...) espero a tal partilha, a tal cumplicidade (...)partilhar tudo com essa pessoa, e partilhar tudo aquilo que sentimos (...)” (S.)</p>
			Descendência [3]	<p>“Quero muito ter filhos, não muitos mas pelo menos dois ou três.” (P.)</p> <p>“Ahh, não sei... há-de haver... sei lá... a vida fica diferente... nem que fosse pelo facto de, provavelmente, vir a ter filhos (...)” (B.)</p> <p>“ (...) criar uma família... eu quero ter 5 filhos, já sei! (risos) (...)” (C.)</p>
			Projectos futuros [1]	<p>“ (...),... o futuro, o poder pensar no futuro e imaginar o futuro com essa pessoa, sabendo que o mais provável é que virá a acontecer (...)” (S.)</p>
			Experiências boas/ bons momentos [1]	<p>“Sei lá, eu acho que são todos os momentos, mais os bons, não é?! Os maus... claro que também fazem, cresce a relação, alguns, acho que também cresce, mas... os bons momentos, ficam sempre marcados e acho que, ficando juntos, depois mais tarde, ficam boas experiências (...)” (M.)</p>
		Bem-estar	Agradar/ Surpresas [2]	<p>“ (...) que eu possa surpreender sempre, a qualquer minuto e pronto (...)” (P.)</p> <p>“ (...) e tentar fazê-la feliz.” (S.)</p>
			Felicidade [4]	<p>“ Coisas boas... ser feliz, não é?! (...)” (C.)</p>

			<p>Conhecimento do outro [2]</p>	<p>“Ser eu própria, conhecê-lo e fazer aquilo que eu também sei que ele gosta e que ele quer e ao mesmo tempo claro receber também, dar e receber (...)” (S.)</p>
			<p>Descoberta de novos sentimentos [2]</p>	<p>“ (...) Ahh, depois seria, se calhar a descoberta de novos sentimentos que hoje não conheço e poderia vir a conhecer (...) Não sei, talvez, a sensação de depen... de depender não, de necessitar de uma pessoa, não de necessitar totalmente, ao ponto de eu não conseguir fazer mais nada sem essa pessoa, mas de realmente importar-me com alguém e de gostar mesmo, mesmo de alguém, acho que isso.. até agora nunca senti e por isso...gostava de vir a experimentar.” (B.)</p> <p>“ (...) Não sei, o casamento é sempre aquela imagem que eu tenho que a partir daí, sei lá, é como se começasse outra etapa, completamente diferente das outras da vida (...) sei lá, desde o momento em que se casa, aí é que se torna completamente adulto e é uma independência dos pais, mas ao mesmo tempo uma dependência da outra pessoa (...)” (C.)</p>
			<p>Resolução de problemas [1]</p>	<p>“Claro que não espero só o casamento perfeito, cheio de coisinhas boas não é?! Claro que toda a gente tem os seus problemas e às vezes afectam quem vive, quem está connosco e acho que a relação tem de ser forte o suficiente para pelo menos isso superar (...) (M.) portanto, pelo menos uma coisa boa que tu antecipas é que consigas superar esses problemas também? (E.) Sim, sim.” (M.)</p>
	<p>Escala de felicidade antecipada</p>	<p>8,5 [1]</p>		<p>“ (...) 8,5 (risos) (...) sei lá, 8 também era mau, mas 9, quer dizer, numa relação, eu estou a falar... existem sempre picos de felicidade, não é?! Na vida de uma pessoa... e eu estou a falar no geral, acho</p>

				que a partir do 6,5, vá, já é porque é uma relação bastante boa, então como eu quero melhor que bastante boa...8,5, mas quer dizer também tenho de deixar espaço para depois ter os picos de felicidade (risos).” (C.)
		8 [3]		<p>“Escolho um... 8 (...)sentir-se feliz, toda a gente gosta de se sentir feliz, não iria escolher o 10 porque sentir-se sempre feliz, a felicidade acabava por ser banal, portanto também tenho de ter alguma infelicidade para depois valorizarmos, mas se calhar 7 acabaria por ser um bocadinho baixo, não sei (...)” (B.)</p> <p>“Para aí, um 8. Acho que felicidade máxima, não vai existir porque vão sempre haver os problemas e isso, acho que felicidade máxima é o casamento perfeito, e isso duvido que haja, por isso (...)o 1 é um grau de infelicidade enorme mesmo e acho que o 10 também é extremo, mas acho que, numa relação futura, acho que, espero que seja um 7 ou um 8.” (M.)</p> <p>“ (...)o objectivo é 10, como é óbvio. O objectivo é sempre ser o mais feliz possível, mas sei lá... se vivêssemos só nós os dois, com filhos e sem problemas exteriores, seria 10, sem dúvida, mas há sempre problemas exteriores que, que não deixam esse 10 chegar, talvez 8.” (P.)</p>
		10 [1]		“10 (risos) (...) Pelo menos da experiência que eu já tive, quando é mesmo verdadeiro, quando se gosta mesmo da pessoa, a felicidade pronto é mesmo o máximo.” (S.)
	Aumento da escala de felicidade / O que poderão fazer	Bem-estar	Empenho/Agradar [4]	“ (...) fazer tudo o que eu já disse (...) (P.) As surpresas? (E.) Sim, acho que isso é bastante importante porque se tivermos uma vida monótona, igual todos os dias, perde o interesse.” (P.)

	<p>para que o relacionamento perdure</p>		<p>“ (...) se calhar... não sei, tipo, um pouco mais de empenho (...) Principalmente teria que querer aumentá-la (...)E... visto que eu já estaria no 8, já estaria feliz e acho que teria de esforçar-me um bocadinho mais, para atingir mais felicidade, teria que ser vindo de mim, visto que ser feliz já estava, já fazia parte de mim e independentemente de vir do exterior ou de mim e acho que esse meio, já teria que vir inteiramente de mim (...)” (B.)</p> <p>“ (...) É isso que é também, um bocado o casamento, é trabalharmos não só para a nossa felicidade mas para a felicidade do outro que depois se vai traduzir na nossa felicidade (...)É deixar um bocado as coisas ir... tomar atenção aos pormenores e tentar que a relação vá sempre... que corra sempre bem e nunca deixar, ahhh, não sei dizer a palavra, mas tipo... morrer, pronto.” (C.)</p> <p>“ (...)não deixar que seja ele a fazer tudo, também fazer sempre um pouco, tentar sempre dinamizar as coisas (...)” (S.)</p>	
		<p>Cedências [2]</p>		<p>“ É preciso... eu acho que as tais cedências é muito importante, sei lá, é que desde o momento em que nós casamos, é aquilo que eu estava a dizer há bocado, deixamos de pensar só... quer dizer, nós também não pensamos só em nós... parece um bocado rude, mas não,.. mas sei lá, temos muito a noção de que... se calhar, o fazer cedências, acho que vai fazer com que o outro seja feliz e acho que a felicidade do outro acaba por também nos fazer feliz (...)” (C.)</p> <p>“Sim, e fazer os tais sacrifícios que às vezes implica uma relação, sei lá (...)” (S.)</p>

		Acontecimentos significativos [1]	“ (...) por exemplo, casamento mesmo, o casamento, seja exactamente o pico de felicidade... sei lá, quando se sabe que se está grávida, se quiser, não é?!, também é capaz de ser, sei lá... em termos de relação acho que isso são picos muito importantes (...)” (C.)
		Bem-estar familiares/amigos [1]	“ (...) a minha vida não pode ficar presa só nessa pessoa e nesses filhos que eu terei ou não... ahhh, a nossa felicidade não passa só por nós, passa também pelas pessoas que nos rodeiam, eu nunca serei feliz com a pessoa com quem estou, se os meus amigos, os meus pais, os pais da minha companheira, estiverem descontentes ou tristes, por qualquer razão. Mudar isso, acho que é a única coisa que eu posso fazer para subir... porque, dentro, dentro da nossa família, da minha família, seja com a minha mulher e com os meus filhos, ahhh, vai estar sempre no máximo.” (P.)
		Ausência de problemas externos [2]	“ (...) se vivêssemos só nós os dois, com filhos e sem problemas exteriores, seria 10, sem dúvida, mas há sempre problemas exteriores que, que não deixam esse 10 chegar (...)” (P.) “Não houvesse grandes problemas, se fossem mais pequeninos... em vez de ser um grande, fossem vários pequeninos (risos).” (M.)
	Amor [2]		“ (...) opah, ter-se a noção de que quando se está a casar é porque se gosta mesmo da pessoa, para depois não acontecer aquelas coisas que agora acontece muito que são as traições. Porque, quer dizer, então, se está junto com uma pessoa, qual é o interesse, se gosta de estar com essa pessoa, se gosta assim tanto para se casar... qual é a necessidade? Foi

				porque ou o sentimento morreu ou então nunca chegou a haver esse sentimento tão... tão grande, não é?! (...)” (C.)
			Sinceridade [1]	“ (...) Portanto, se a pessoa está a pensar em trair a outra, se calhar, mais vale, pronto, acabar ali a relação (...)” (C.)
			Respeito/ Fidelidade [2]	“Sim, porque eu acho que quando um divórcio acontece porque não está a correr bem, acho que, pronto, até se aceita bem, agora um divórcio causado por uma traição, acho que é natural que os filhos e qua a relação, quer dizer, fique péssima (...) Agora aquilo de uma traição, ninguém consegue perceber o que é que se passou ali, não é?” (C.) “Exacto, ahh, nada de traições, nada disso, pronto, sempre fiel, leal (...)” (S.)
		Suporte	Confiança [1]	“ (...)e pronto, para estabelecer aquela confiança e cumplicidade.” (S.)
			Presença [1]	“ (...)tomar atenção aos pormenores (...) “ (C.)
		Partilha	Diálogo [1]	“ (...)tomar atenção aos pormenores e tentar que a relação vá sempre... que corra sempre bem e nunca deixar, ahhh, não sei dizer a palavra, mas tipo... morrer, pronto. (C.) Como é que achas que se pode deixar indo morrer uma relação? (E.) Não falar, a falta de diálogo, acho que é o mais importante (...)” (C.)

	Expectativa de relacionamento eterno	Expectativa positiva [4]	Dúvidas/Optimismo realista/ Desejo [4]	<p>“ Acho que sim, espero que sim.” (S.)</p> <p>“É um bocado estranho... não, não é... sei lá, acho que (...) Imagino (...)Espero. Acho que, agora faz-me um bocado de impressão, na cabeça, porque, quer dizer, eu também ainda só tenho 16 anos e não é natural que assim pessoas da nossa idade e não sei o quê, pensem numa relação para toda a vida (...)vai chegar o momento, em que aí sim, vamos querer estar com essa pessoa para o resto da vida (...)Sim, e que tenha muitos filhos e depois que eles tenham filhos e que eu tenha netos (risos).” (C.)</p> <p>“Sim. Não vou casar com uma pessoa e dizer “só quero que a relação seja um determinado tempo”, não, acho que não (...)” (M.)</p> <p>“ Sim, claro, tem de ser (...)Sim... a não ser que haja qualquer problema que seja mesmo de uma gravidade assim acima do normal, nesse caso, terei de me separar mas nunca mais me casarei, vai ser uma vez.” (P.)</p>
		Expectativa negativa [1]		<p>Eu gostava que durasse...se vir que der para durar, sim. Mas também não quero dizer que quero que dure e garanta isso para mim e depois vir que não dá mesmo para durar (...) eu acho que sim... um bocadinho (...)Não digo... não tenho a certeza que isso vai acontecer, diria que também não tenho 50% a certeza de que isso vai acontecer. (B) Tens mais ou menos que 50%... que isso vá acontecer, de certeza que isso vá acontecer? (E.) Talvez um bocadinho menos (...) (B.) De alguma maneira, acreditas que 60 e pouquinhos% é mais provável que (...) (E.) (...) que não dure para sempre.” (B.)</p>

ANEXO H

Transcrição de duas das entrevistas realizadas

4ª Entrevista

Grupo: Adolescentes com pais não divorciados/separados

Entrevistado: C.

Sexo: Feminino

16 anos

E⁹.- Então C., tinha-te dito que a minha investigação é sobre as expectativas dos adolescentes face ao próprio casamento,... e portanto eu vou estudar um grupo de jovens cujos pais se divorciaram ou separaram e outro cujos pais permaneceram sempre casados e ver se isso de alguma forma influencia as expectativas que vocês têm face ao futuro e nomeadamente face ao casamento e especificamente face às vossas expectativas de um dia virem a casar... e por isso, eu tinha-te dito que íamos falar sobre temas como o namoro, sobre o que vocês pensam sobre o casamento e essas coisas...

Tens alguma dúvida quanto ao facto de ser gravada a entrevista?

C.- Não.

E.- Pronto, de qualquer forma para além da autorização dos teus pais, eu vou precisar que tu assines um consentimento em como... basicamente é um consentimento em como... aceitas que ela seja gravada....

C.- É o nome todo ou é só...

E.- Podes escrever o primeiro e o último, não precisas de escrever todo... e depois assinas em baixo, se faz favor.

(...)

Obrigada.

Ahh, vão haver algumas perguntas que tu possas considerar que sejam de carácter íntimo, ou sobre o teu passado e que eventualmente podes não te sentir à vontade para responder. Se isso acontecer, de facto, não precisas de responder mas era importante que o fizesses, já que... (Risos), de qualquer forma eu posso assegurar-te a confidencialidade dos dados, ou seja, as tuas respostas vão efectivamente aparecer na minha investigação, mas não vão passar para além disso e nunca a tua identificação irá aparecer, portanto ninguém vai saber que foste tu exactamente que respondeste àquelas perguntas e que respondeste daquela maneira... por isso podes estar à vontade para responder.

⁹ E. – Representa o discurso da entrevistadora.

C.- Ok.

E.- Eu queria saber qual era o teu caso, se os teus pais estão juntos ou...

C.- Estão juntos.

E.- Ok. Há quanto tempo é que eles são casados?

C.- Ahh, 19 ou 20 anos, mais ou menos.

E.- 19 ou 20, Ok. Que idade é que tu tens?

C.- Tenho 16.

E.- 16. Tens irmãos?

C.- Tenho três. Um mais velho e dois mais novos.

E.- Que idade é que eles têm?

C.- O mais velho tem 18, vai fazer 19... o outro tem 13 e o outro tem 8.

E.- Ok. E vivem todos juntos?

C.- Sim.

E.- Então, como os teus pais estão juntos, eu ia começar por falar um bocadinho sobre o namoro contigo e eu gostava de saber em primeiro lugar, se actualmente tu tens ou se já tiveste uma relação amorosa?

C.- Eu tenho namorado.

E.- Tens namorado agora.

C.- Sim.

E.- Ahhh, e sentes-te feliz nessa relação?

C.- Sim (risos).

E.- Sim?! Há quanto tempo é que namoras?

C.- 4 meses (Risos).

E.- 4 meses... ele é daqui da escola?

C.- Sim.

E.- Consideras que a tua relação é estável ou séria, mais séria?

C.- Acho que sim.

E.- Hmhm, o que é que tu achas que fazes para que ela seja séria e tu estares no teu melhor nessa relação?

C.- Uiuuu, para ser séria... sei lá... não sei muito bem mas... ahhh... não sei bem...

E.- O que é que achas que fazes para conseguires estar no teu melhor nessa relação?

C.- Primeiro, é para aí a relação mais séria que já tive.

E.- Hmhm.

C.- Que eu não sou muito de relações sérias, mas... (risos)

E.- E o que é que tu achas que diferencia, por exemplo, esta relação que tu agora consideras séria de outras que tu já não consideraste tão sério? O que é que tu achas que é diferente?

C.- As outras eu não tinha propriamente, assim... um compromisso.

E.- Ahaha.

C.- E agora tenho. Por exemplo, imagina que eu estava com um rapaz, mas não namorava com ele, tipo... se eu quisesse... isto até parece mal dizer, mas se quisesse estava logo com outro uma semana a seguir. Aqui não, não é?! É muito mais sério e eu gosto muito mais dele do que gostava dos outros.

E.- Tens mais sentimento por ele do que por outras pessoas que tiveste e nesse sentido achas que por isso é que também é mais sério?

C.- Sim.

E.- O que é que tu achas... não sei o que é que costumavas fazer com eles, mas há alguma coisa que tu identifies que faças agora de diferente e que também te torne mais estável essa relação?

C.- Combinamos muito mais coisas juntos, tipo, quando estamos em casa... tempos livres, normalmente estamos juntos, mas ele também é da minha turma, por isso...

E.- Ok, facilita?

C.- Sim.

E.- O facto de estarem mais tempo juntos.

C.- Sim.

E.- Há alguma mais alguma coisa que tu aches que torne a tua relação mais séria e mais estável? Por alguma coisa que tu agora faças. Estás mais tempo com ele, já me disseste, e de certa maneira tens um compromisso maior com ele.

C.- Sim.

E.- E assumas que não podes ficar com outras pessoas enquanto estás com ele, é isso?

C.- Sim, sim, sim.

E.- É isso que torna mais séria a tua relação?

C.- Ahah.

E.- O que é que tu achas que... aquilo que vês... ahhh, o que é que tu achas que a relação dos teus pais, uma vez que estão casados e tu assistes, provavelmente, à relação deles, o que é que tu achas que a relação deles te ensinou formas boas de, agora, maneres uma relação amorosa?

C.- Os meus pais sempre se deram bem, às vezes têm aquelas... não têm discussões mas, aquelas coisas normais. Nunca assisti assim a uma discussão. Ahhh, por exemplo, quando é para tomarem decisões, reparo sempre que tem sempre o consentimento um do outro, se um diz que não, o outro... perguntam-me sempre “Então mas já perguntaste à tua mãe?” e eu... já, “então o que é que ela disse?” Não, “então pronto, já sabes a resposta!” (risos). Sei lá, ahhh, acho que é basicamente isso.

E.- O facto de serem, ... e isso..., o facto de não discutirem também e o facto de se darem sempre muito bem é uma coisa que eles te ensinaram, quando tu vês a relação deles, te ensinaram de alguma forma agora a tu maneres uma relação...

C.- Sim, e depois também, por exemplo, nós somos quatro, e é preciso algum tempo, ainda por cima quando éramos mais pequeninos, para estarem connosco e sei lá, os meus pais combinaram, entre si, que ... eles são os dois arquitectos mas o meu pai, por exemplo, é chefe lá do departamento dele e a minha mãe já foi convidada para ser chefe do departamento dela, mas decidi não aceitar porque... foi tipo uma combinação que eles fizeram, sei lá foi... o meu pai, se calhar, subia um bocado mais na carreira, a minha mãe abdicava um bocado mais disso para estar mais tempo connosco.

E.- Hmhm, isso é uma coisa que tu consideras que eles te...

C.- Sim, acho que sim, porque eu sei que, nos dias de hoje, a maior parte das pessoas não têm muitos filhos, porque não há tempo e nos empregos cada vez exigem mais tempo e muitas vezes já têm em conta o número de filhos para aceitarem ou não uma pessoa, para...para o emprego e pronto, acho que os meus pais, ao fazerem isso, ... sei lá... mostram que... ao mesmo tempo conseguem ter... nós temos bom apoio financeiro e ao mesmo tempo eu sempre senti que os meus pais estivessem presentes e não estivessem sempre no trabalho ou assim... sempre, todos os dias via o meu pai, apesar de termos empregada, tive sempre com os meus pais, desde pequenina, por isso, acho que é uma coisa boa.

E.- Ahh, e aquilo que tu vês e o que tu vives mesmo na relação dos teus pais, o que é que achas que contribuiu para tu, agora, teres uma relação de qualidade?

C.-

E.- É um bocadinho parecida a pergunta...

C.- Sim.

E.- E eu percebo, mas.... De qualquer forma, aquilo que tu vês na relação dos teus pais e presenças, o que é que tu achas que contribuiu para tu agora teres uma boa relação de qualidade?

C.- Contribuiu tudo (risos). Ahhh, admiro muito os meus pais e a relação deles, por isso...também é um bocado..., numa relação que eu tenha ou que eu venha a ter é sempre essa imagem que eu tenho em mente, por isso...

E.- Queres... consegues desenhar um bocadinho essa imagem? Consegues falar um bocadinho dessa imagem, ou seja, o que é que tu, por exemplo, realças de bom na relação dos teus pais que agora tu também queres espelhar na tua.

C.- A confiança, muito um no outro,... ahhh, sei lá... e depois, também não é uma relação, assim que... às vezes eu vejo umas relações que parece que o marido e a mulher quase nem se falam e é tudo muito sério... sei lá, ahh, os meus pais quando estão um com outro, tipo, estão bem, estão divertidos, sei lá, é assim uma relação mais...

E.- É descontraído?

C.- Sim, mais descontraída, exacto. E para mim isso é importante, porque também estar com uma pessoa e não poder ser quem é ou tipo estar ali na linha e não sei o quê... não faz sentido.

E.- Sentes uma descontração na relação dos teus pais e um divertimento que transparece, é isso?

C.- Sim.

E.- Ok. Ahh, na tua opinião, o que é que tu achas que mantém duas pessoas felizes e unidas numa relação de amor?

C.- Ahh, eu acho que a confiança, muito, acho que é a mais importante, ahhh, também, essa parte do descontraído, do poder falar de tudo e de trocar ideias, tipo, sem ser julgado...

E.- Hmhm.

C.- O também saber, por exemplo, se uma coisa está mal, em vez de fechar os olhos, falar sobre isso...

E.- O diálogo?

C.- Exacto.

E.- A partilha, também? Estavas a dizer a partilha das ideias e troca de ideias entre eles e depois também a confiança que isso permite.

C.- E os filhos também ajudam! (Risos)

E.- Os filhos também ajudam?

C.- Pois. Eu acho que sim.

E.- É importante ter filhos para, por exemplo, um casal ser feliz?

C.- É.

E.- Porque é que achas que é importante?

C.- Acho que une o casal mais, porque... como se tivessem uma coisa mesmo em comum, porque aquilo é mesmo...

E.- Acabam por ter mesmo um fruto da relação deles...

C.- Exacto. Sim.

E.- E isso fortalece.

C.- E ajuda, tipo uma criança a crescer e a tratar dela, também, principalmente o primeiro filho, sei lá, a minha mãe teve o primeiro filho aos 24, ainda era um bocadinho novinha, tinha acabado de fazer o curso e também eu percebo que é preciso o apoio, muito do marido e da mulher que é para conseguirem, pronto...

E.- Achas que se apoiaram muito....

C.- Sim, depois ao verem crescer, ao verem....

E.- O sucesso?

C.- Exacto, o sucesso, sei lá, acaba por unir um bocado... acho que os filhos também ajudam.

E.- Quanto a isso... o que é que tu achas que existe de mais positivo num casamento?

C.- Que existe de mais positivo... estar-se com a pessoa de quem gosta (risos), acho que é isso, sentir-se bem, está-se com aquela pessoa porque se escolheu estar com aquela pessoa, ahh, de livre vontade e portanto é uma coisa que nós queremos e nos faz feliz... pronto.

E.- Aquilo que tu mais... que tu consideras de mais positivo é basicamente conseguires estar ao lado da pessoa que escolheste e que...

C.- Sim.

E.- Ok. Ahhh, muitas vezes as pessoas vivem juntas mas sem casar. O que é que tu achas dessa forma de união?

C.- Eu quero-me casar! (Risos) Mas... quer dizer... eu não tenho grande opinião sobre isso porque acho que isso é uma escolha de cada pessoa, se acham que preferem não estar casados para a relação funcionar melhor... muito bem, eles, se é uma escolha, acho que fazem muito bem. Mas também não faz sentido uma pessoa casar, só por casar, porque a partir do momento que se casa, supostamente... deveria... quando uma pessoa se casa supostamente deveria ser assim para a vida inteira. Também há os divórcios, mas pronto. A pessoa tem de ter a consciência de que quando se vai casar, que quer mesmo aquilo e se a pessoa não tem a certeza... até pode ter a certeza mas acha que não faz sentido casar-se para não ser uma coisa tão... não sei explicar...

E.- Definitiva?

C.- Sim, é isso, oficializada, pronto. Acho que fazem bem em não se casarem, mas eu gostava de me casar e acho importante.

E.- Para ti, não te fazia sentido...

C.- Não casar.

E.- Viver junto e não casar, por exemplo?

C.- Não.

E.- Não te fazia sentido, é isso?

C.- Sim, sim, faz-me sentido uma pessoa casar-se.

E.- Imaginas que para ti isso iria acontecer e portanto não te faz sentido partires para uma vida a dois, sem casar...

C.- Sem casar... Exacto.

E.- Ok. Que conselhos é que tu darias... além de... num casamento, já deves se calhar ter presenciado alguma coisa, se calhar não muito marcante mas, há determinados conflitos ou determinados problemas que possam surgir num casamento.

C.- Sim.

E.- Como é que tu achas que esses problemas podem ser resolvidos?

C.- Então... falar, não é?! Acho que também, quando a pessoa está... partilha o mesmo sitio com outra pessoa e está casada, também tem de ter a noção que também tem de haver algumas cedências e também não pode ser tudo como ela quer e acho que se falar com a pessoa conseguimos chegar a um consenso em que as duas pessoas fiquem felizes e que acabem por resolver os problemas, se calhar às vezes temos de abdicar um pouco de algumas coisas que preferíamos ter, mas se calhar o que vamos abdicar, vai dar... vai fazer com que... o fruto disso, seja muito melhor.

E.- Portanto, consideras que também, uma boa forma de resolver os problemas é haver o diálogo e a conversa entre os dois e de alguma forma...

C.- Tentar chegar um meio termo...

E.- ...chegar a um consenso ou meio termo, havendo cedências de ambas as partes, se calhar, da origem, se calhar, do conflito ou do problema.

C.- Exacto.

E.- Ahh, que conselhos é que tu darias aos elementos de um casal para que fossem felizes, enquanto pessoas, por exemplo?

C.- Acho que... devem ter muita confiança um no outro, acho que também, se tiverem filhos,... eu acho melhor, que também têm que arranjar, às vezes, um tempo só para os dois, nem que seja umas férias ou assim, deixem com os avós (risos)...qualquer coisa, durante um tempo, porque é importante... para mim acho que é importante...

E.- Para o casal, ter, permanecer com um tempo para eles?

C.- Sim, exacto. Ahhh, o facto de ser uma relação descontraída... são as coisas mais importantes para mim. E serem felizes!

E.- Serem felizes? Ok. O que é que tu achas que é possível para se ser feliz, por exemplo, como estavas a dizer? Serem felizes, era um bom conselho que tu darias, como é que achas que as pessoas poderiam ser felizes?

C.-É assim, isso depende muito de cada relação, mas...

E.- Sim.

C.- Eu acho que isso não dá muito bem para definir... assim, conselhos para uma pessoa ser feliz...supostamente quando se está com uma pessoa já se é feliz, mas... não sei, depende muito da pessoa com quem se está e do que é que se gosta... eu posso ser feliz a fazer uma coisa, mas uma amiga minha pode... não gostar nada disso e ser feliz noutra coisa, portanto isso é uma questão de gostos e de...

E.- De conhecer o outro?

C.- Exactamente, é muito importante conhecer o outro, o que ele gosta, para tentar....

E.- Para tentar então saber o que lhe faz feliz.

C.- E normalmente quando uma pessoa está com outra, há muita coisa em comum, portanto...

E.- Hmhm, portanto há provavelmente coisas que ambos... os faz feliz...

C.- São as mais importantes.

E.- Ok. Tendo em conta o número de divórcios, que tem vindo a aumentar, que eu não sei se é uma percepção que tu tens...

C.- Sim, é.

E.-...de qualquer forma é algo que tem vindo a ser mais marcante, o que é que tu achas que as sociedade ou as pessoas poderiam fazer para que o amor perdurasse entre um casal?

C.- Eu acho que primeiro, nós estamos em crise, não é?! E as pessoas têm que trabalhar muito... mas às vezes há muita gente que passa muito tempo no trabalho e mesmo, quando têm filhos, arranjam uma baby-sitter ou uma ama e deixam os filhos, e chegam a casa tipo às nove da noite e deitam-se e no dia a seguir, já saíram antes das crianças acordarem e mesmo, têm horários diferentes... e se calhar se fizerem um esforço, para tentarem conciliar um bocado e, nem que seja um jantar em família, não é preciso terem filhos, entre eles os dois, sei

lá, terem uns tempos em que possam falar sobre o dia, o dia que tiveram, os problemas... se começarem a passar cada vez mais ao lado, e deixarem muito de se falarem e de estarem juntos, é possível que essa relação acabe por acabar...

E.- Achas que neste momento, a sociedade também influencia muito o facto de...

C.- Acho que sim.

E.-... Exigir um bocadinho mais de... um bocadinho mais de... grande, um bocadinho grande de tempo para o trabalho e para o mercado de trabalho e isso influencia de alguma forma a felicidade...

C.- Exacto, influencia muito.

E.- E que, de alguma forma se isso fosse ponderado mais ou se fosse tentado controlar um bocadinho mais, e dar um bocadinho de equilíbrio...

C.- É difícil, eu sei que isto falar é muito fácil, eu ainda estudo, mas quer dizer, acho que as pessoas, às vezes, nem chegam a fazer esse esforço de tentar... conciliar as duas coisas...

E.- Pelo menos, tentar encontrar um equilíbrio entre elas, para que depois nem uma coisa nem outra...

C.- Acabe por...

E.- Acabe por ser prejudicada.

C.- Exacto.

E.- Ahh, o divórcio é para ti, uma boa solução para os problemas que existem entre um casal?

C.- Bem... eu que também , desde o momento em que... se se pensa em divorciar, é preciso que a relação esteja mal, e acho que sim, acho que se devem divorciar, se não está a funcionar e principalmente se tiverem filhos, está a prejudicar um bocado os filhos e se, acho que é possível separar e viver em casas separadas não precisam de se dar mal, como eu sei que há muitas pessoas que quando se divorciam levam tudo a tribunal e quem acaba por se prejudicar são os filhos e sei lá... acho que se se divorciarem conseguem ter uma relação amigável e que isso faz sentir bem os filhos, não é?! Ahh, e sem causar muitos problemas, mas também não acho que seja a primeira solução que... pronto, se houver um problema “pronto, vamos divorciar-nos”, acho que não deve ser assim. Devem fazer o máximo, porque se se casaram, foi porque, supostamente sentiam alguma coisa, muito grande, entre eles e se há algum problema... fazer o máximo para tentar resolver esse problema e para tentar chegar ao ponto onde começaram a relação. Se não der, acho muito bem que se divorciem, porque não vale a pena estar numa relação que não se queira e... o objectivo... nós vivemos para sermos felizes, não é?!... e se não se está feliz, mais vale divorciar-se, mas as coisas devem ser feitas de uma maneira pensada e não como às vezes eu ouço casos de que , aquilo não corre muito bem e levam tudo a tribunal e...

E.- Hmhm, achas portanto, que existem outras opções primeiro do que o divórcio.

C.- Sim.

E.- Quais é que são essas opções para ti?

C.- Olhe, eu tirar um tempo de férias, da pessoa e resolver as coisas (risos)... não sei... isso depois também depende muito do problema que se está a tratar.

E.- Que se está a lidar...

C.- Mas acho que é sempre possível as pessoas, se calhar, porem um bocado de lado, o orgulho de parte e tentarem ceder um bocado e tentar perceber o que é que está mal, porque não é suposto, não é?! Então, se perceberem o que é que está mal e percebem o que é que têm que fazer para que isso não esteja mal... se esse abdicar dessa coisa que está a formar o problema, não os vai fazer mais feliz? Se calhar vai... se não fizer, então a relação está um bocado má mesmo.

E.- Então, de alguma maneira, a cedência é importante e tentar perceber o que é que está mal no outro e o que é que está mal na relação, de forma a conseguir encontrar então o tal consenso que tu tinhas estado a falar.

O que é que tu... consideras que... imagina, quando se passa de um namoro para um casamento, consideras que existem mudanças entre o casal?

C.- Existem.

E.- Que mudanças é que tu achas que existem?

C.- É muito mais oficializado, é assim uma coisa muito mais séria! E toda a gente já sabe (risos) e é... não sei... acho que a partir do casamento... quando uma pessoa se casa é para construir uma família e isso muda tudo... não precisa de ser logo, não é?!, mas..., acho que, normalmente, as pessoas só começam a viver juntas quando, desde o momento em que se casam... quer dizer, agora já nem tanto, mas...

E.- Era aquela questão que nós estávamos a falar, há pessoas que decidem viver...

C.- Pois, antigamente é que quando se casavam...viviam... era aí que se...

E.- Que se passava a viver junto...

C.- Exacto.

E.- Para ti, consideras que... faz sentido isso para ti, ou seja, tu vais casar e viver junto com essa pessoa a partir desse momento? Ou tu pensas, por exemplo, apesar de ser um objectivo sempre teu o casamento, de qualquer forma, para ti faz-te sentido, tu, por exemplo, saires da casa dos teus pais e casares e então aí vives com o teu companheiro.

C.- Eu acho que, quer dizer, uma pessoa também pode, ir viver com o companheiro e só depois casar-se, não é preciso casar-se para viver junto, ... mas acho que também esse passo de se viver junto, já é como se fosse um “pré-casamento” (risos), acho que é tipo uma preparação para quando acharem que... porque às vezes também, ou cada vez..., por

exemplo, antes era tirar o curso e tinha-se logo emprego ou estagiar, agora muita gente tira o curso, depois tem de tirar o mestrado porque não há emprego e ...

E.- E isso atrasa um bocado...

C.- E isso atrasa um bocado, mas quer dizer, durante esse tempo, podem se calhar estar a viver junto, até estarem a receber e até estarem por si, porque uma pessoa não vai viver junto enquanto não tem...

E.- Estabilidade?

C.- Não é independente, está independente mas pronto, não tem estabilidade económica e não sei o quê. Quando, se calhar já tiver mais estável e não sei o quê, já podem pensar em casamento, não é preciso apressar as coisas.

E.- Então tu consideras que de alguma maneira, quando esse passo acontece, existem mudanças em termos de...de? O que é que achas que... o que é que achas que muda, para além de o mostrar efectivamente aos outros que aquela relação existe, como tu estavas a dizer, e é muito mais oficial, o que é que tu achas que muda...

C.- Eu acho que até na mentalidade das pessoas, que muda muito, porque sei lá quando uma pessoa diz, por exemplo, agora eu tenho namorado, mas eu sei que se eu disser isto a alguém, é do género, pronto, é da juventude, pronto e quando se diz estou casado, pronto já é uma coisa mesmo séria, já... as pessoas já sentem...

E.- E as pessoas já encaram de outra maneira.

C.- Exacto. Acho que sim.

E.- Perante os outros.

C.- Perante os outros e perante si próprio.

E.- E tu própria se tivesses esse... se dissesse o meu companheiro ou o meu marido, a coisa iria ser diferente...

C.- Era muito diferente.

E.- ... do que tu dizeres agora o meu namorado.

C.- Sim.

E.- Ok. Enquanto pessoas, ahh, cada elemento do casal, tu achas que mudam individualmente quando passam para um casamento?

C.- Eu acho que não se deve mudar, acho que a pessoa, quer dizer... se estavam juntos bem, antes de se casarem, sem, sendo cada um quem é, não há grande mudança. Se calhar há um bocado de mudança, na relação deles, mas em termos de pessoa não muda, as pessoas estão lá.

E.- Então, e em termos de relação, o que é que tu achas que pode mudar?

C.- Acho que acaba por ficar muito mais forte a relação, ou deveria ficar mais forte, ahhh, acho que é isso...

E.- Em termos, por exemplo de responsabilidade, independência, por exemplo, cada elemento do casal, tu achas que esses conceitos mudam? Ahhh, a independência de cada um, é capaz de mudar? Quando passam para um casamento?

C.- Muda um bocadinho...

E.- Porque é que achas que muda?

C.- Porque as pessoas já não pensa só em si, a pessoa já, quando faz as coisas, já pensa também no outro e porque... acaba por depender um bocado dele, não é?! Também não é nenhuma agarradinha (risos) à pessoa não é?!, mas acaba por mudar um bocado, porque já não estamos a fazer as coisas só por nós, preocupados só connosco, quando fazemos alguma coisa, sabemos que se calhar isso também vai ter consequências para a outra pessoa.

E.- E portanto há também, uma certa responsabilidade que acresce nesse sentido?

C.- Sim.

E.- Porque temos que pensar também no outro e não só em nós...

C.- Sim, sim, acho que a responsabilidade aumenta bastante.

E.- Em, termos de cedências, como tu estavas a dizer, também existe muito no namoro, não é?

C.- Hmhm.

E.- O facto também de fazer o outro feliz, também parte um bocadinho daí, como tu disseste, e em termos de cedência no casamento, tu achas que muda também esse conceito?

C.- Sim... quer dizer, acaba-se por ter Acho que cedências, quer dizer também não é abdicar de tudo o que se gosta, porque senão estar a trabalhar para a felicidade do outro enquanto se é infeliz, acho que também não faz sentido... mas, acho que, sei lá, temos de ter muita atenção ao que o outro está a sentir e ao que pensa e como está a relação para saber se é preciso e se faz sentido fazer alguma cedência no casamento ou mesmo no namoro, acho que também não muda assim tanto, acho que as cedências acabam por ser mais ou menos as mesmas... o objectivo é estarem os dois felizes.

E.- Ok. Em termos, por exemplo de partilha, tu achas que passando de um namoro para um casamento, por exemplo, isso é uma coisa que muda?

C.- Muda. Acho que, não é quando se diz, quando se casa – “o que é meu é teu”, pronto, e até normalmente se juntam as contas bancárias, às vezes, não é... sim, isso é bastante importante porque é aquele momento em que, supostamente, vamos ficar a viver felizes para sempre, como nos contos de fada (risos), eu sei que não é assim, mas acho que sim, acho que a partilha torna-se muito mais constante e muito mais forte.

E.- Hmhm, Ok. Ahhh, o que é que tu gostarias de dizer aos jovens, cujos pais, por exemplo, se divorciaram, que não é o teu caso, mas colegas teus, que provavelmente também conheces que os pais estão divorciados, o que é que gostarias de dizer a eles, para ... como se fosse... dizer...

C.- consolação... (risos).

E.- Não, como se fosse um livro de receitas em que tu tivesses de dar os ingredientes para que eles serem felizes numa relação de amor, o que é que tu darias como ingredientes....

C.- Para serem felizes quem?

E.- Eles, ou seja, colegas teus, que eventualmente passaram por uma situação em que os pais se divorciaram, que livro, que receitas é que tu, que receita é que tu lhe darias?

C.- acho que primeiro, muitos dos filhos que depois os pais se divorciam ficam um bocado frustrado e ficam... parece que também acabam por tornar as coisas ainda mais difíceis e acho que se calhar, o que eu digo normalmente a amigos meus que têm os pais a divorciarem-se, é que provavelmente isto vai passar para melhor, porque se se divorciaram é porque algo não está a correr bem. Porque continuar a insistir numa relação que não está a correr bem e se se divorciaram foi porque pensaram muito nisso antes, os pais, não é?! E que portanto isso vai mudar para muito melhor... é bom ter duas casas e duas festas de anos (risos).

E.- Há vantagens?

C.- Há.

E.- Ok.

C.- Quer dizer, eu acho que há mais desvantagens que vantagens, mas pronto. Sei lá, mas acho que as pessoas têm é que se agarrar mas é às vantagens.

E.- Hmhm.

C.- Não vale a pena ficar a pensar, “ai se os meus pais estivessem juntos”, não sei o que, acho que não, se estão separados, estão separados, acabou, pronto acho que... ir para a frente e aproveitar o que se calhar vai sair de melhor dessa... não relação.

E.- Não relação (risos). Ahh, isso, ou seja, deste-me uns bons ingredientes para eles serem felizes, tendo em conta a situação, se calhar, mais difícil que eles estejam a passar... e o que é que tu achas que era importante para eles serem felizes numa relação de amor, eles próprios?

C.- Eles próprios, quem?

E.- Os teus colegas que tiveram que passar por essa situação....

C.- Eles terem uma relação e amor?

E.- Exactamente. Um dia, eles a terem uma relação de amor, que ingredientes é que tu darias para eles serem felizes nessa relação?

C.- Acho que é um bocado o que eu já tinha dito antes, que eram os ingredientes para uma relação, para uma boa relação, portanto...ahhh,

E.- A confiança...

C.- A confiança, a partilha, as cedências, a tal descontração....

E.- A atenção em relação ao outro...

C.- A atenção um ao outro, Às vezes... ter muita atenção, acho que isso é muito importante, ao que o outro está a sentir, porque às vezes e ter a vontade para, para, sei lá... dizer o que está mesmo a sentir e se acha que não está a correr bem, em vez de fechar os olhos e deixar aquilo ficar cada vez mais... se agravar mais, falar! Porque às vezes quando os problemas são pequeninos, Às vezes, não, quando os problemas são pequeninos, são muito mais fáceis de resolver e então não vale a pena deixá-lo crescer, ter a vontade para dizer logo, “epah, isto não está a correr bem, portanto...” alguma coisa tem de mudar.

E.- Portanto, o conversar logo, se calhar, no imediato, quando as coisas acontecem... é um bom ingrediente para que as pessoas consigam ser...

C.- Porque às vezes já não se tem mão, o problema já é tão grande que já não há nada a fazer, não é?!

E.- Ok. Portanto, de alguma maneira, às vezes até poderia ser uma coisa muito pequenina e que facilmente poderia ser resolvida com o diálogo, mas pelo facto do diálogo não existir, vai-se protelando e aumentando... a bola de neve, é isso?

C.- Sim.

E.- Ok. Em relação ao teu futuro, já me falaste aqui um bocadinho sobre isso e portanto disseste-me que é um objectivo, mesmo teu, casar e portanto de alguma maneira tu pensas em casar e não em viver junto com uma pessoa sem casar, é isso?

C.- Sim.

E.- Ok. E que coisas boas é que tu mais esperas que venham a acontecer, por exemplo, num casamento teu?

C.- Coisas boas... ser feliz, não é?! Não sei, o casamento é sempre aquela imagem que eu tenho que a partir daí, sei lá, é como se começasse outra etapa, completamente diferente das outras da vida... até aí, fomos um bocado, talvez... pronto ainda adolescentes, não é adolescentes, porque a partir dos vinte, antes de casar não se é adolescente, mas ainda... sei lá, desde o momento em que se casa, aí é que se torna completamente adulto e é uma independência dos pais, mas ao mesmo tempo uma dependência da outra pessoa e para criar uma família... eu quero ter 5 filhos, já sei! (risos)... não sei, acho que é isso...

E.- É um marco que vai, que vai... é um passo que vai marcar, por exemplo, essa tua construção de família?

C.- Sim.

E.- E portanto, uma das coisas que tu mais esperas, é o facto de poderes construir essa família e ser feliz, é isso?

C.- Exactamente.

E.- Ok. Se tu imaginares uma escala de 1 a 10 em que o 10 é o máximo de felicidade que tu possas vir a atingir e o 1, o mínimo, quão feliz é que tu consideras que vais ser numa relação?

C.- 8,5 (risos)

E.- 8,5?

C.- Sim.

E.- Porque é que não escolheste o número abaixo, o 8 por exemplo, ou o 7,5?

C.- Sei lá, porque...

E.- Porque é que não escolheste o valor abaixo?

C.- Porque...eu estou a fazer um bocado de comparação com as notas, não é?! Ahhh, sei lá, 8 também era mau, mas 9, quer dizer, numa relação, eu estou a falar... existem sempre picos de felicidade, não é?! Na vida de uma pessoa... e eu estou a falar no geral, acho que a partir do 6,5, vá, já é porque é uma relação bastante boa, então como eu quero melhor que bastante boa...8,5, mas quer dizer também tenho de deixar espaço para depois ter os picos de felicidade (risos).

E.- Ok, então num contínuo, tu achas que a tua relação vai estar mais ou menos no 8,5, porque depois esperas teres os picos que vão ao 10, é isso?

C.- Exacto (risos).

E.- Ok. Então e o que é que tu achas que é preciso para esses picos acontecerem? ... E subires os tais pontinhos nessa escala?

C.- O que é que tem que acontecer... ahh, isso não sei, isso vou descobrindo ao longo do tempo, só espero, mesmo é que aconteça, ahhh, sei lá o que é que pode acontecer... por exemplo, casamento mesmo, o casamento, seja exactamente o pico de felicidade... sei lá, quando se sabe que se está grávida, se quiser, não é?!, também é capaz de ser, sei lá... em termos de relação acho que isso são picos muito importantes, portanto, eu estou a ver o 8,5 como se fosse a nota mais baixa, pode chegar até ao 8, pronto. Os problemas vão até ao 8 (risos).

E.- E depois esperas então que hajam essas elevações.

C.- Sim.

E.- E o que é que tu achas que podes fazer, se é que podes fazer alguma coisa, para que essas elevações por exemplo, aconteçam mais frequentemente, ou vão acontecendo ao longo da tua relação?

C.- É preciso... eu acho que as tais cedências é muito importante, sei lá, é que desde o momento em que nós casamos, é aquilo que eu estava a dizer há bocado, deixamos de pensar só... quer dizer, nós também não pensamos só em nós... parece um bocado rude, mas não,.. mas sei lá, temos muito a noção de que... se calhar, o fazer cedências, acho que vai fazer com que o outro seja feliz e acho que a felicidade do outro acaba por também nos fazer feliz. É isso que é também, um bocado o casamento, é trabalharmos não só para a nossa felicidade mas para a felicidade do outro que depois se vai traduzir na nossa felicidade.

E.- Ok. Portanto, achas que aquilo que eventualmente podes fazer é trabalhares nessa felicidade do teu companheiro...

C.- E também na minha não é?!

E.- E também, consequentemente também a tua.

C.- Exacto.

E.- Ok. Tens alguma ideia de como isso possa ser feito?

C.- Não (risos), não faço ideia... ahh, acho que isso se vai descobrindo ao longo do tempo, não penso assim muito nisso. É deixar um bocado as coisas ir... tomar atenção aos pormenores e tentar que a relação vá sempre... que corra sempre bem e nunca deixar, ahhh, não sei dizer a palavra, mas tipo... morrer, pronto.

E.- Nunca deixar morrer a relação?

C.- Exacto.

E.- Achas que isso... como é que achas que se pode deixar indo morrer uma relação?

C.- Não falar, a falta de diálogo, acho que é o mais importante e opah, ter-se a noção de que quando se está a casar é porque se gosta mesmo da pessoa, para depois não acontecer aquelas coisas que agora acontece muito que são as traições. Porque, quer dizer, então, se está junto com uma pessoa, qual é o interesse, se gosta de estar com essa pessoa, se gosta assim tanto para se casar...qual é a necessidade? Foi porque ou o sentimento morreu ou então nunca chegou a haver esse sentimento tão... tão grande, não é?! E... sei lá... já nem me lembro o que é que estou a responder (risos).

E.- Estavas a responder ao facto de que, como é que tu achas que é possível evitar esse morrer... falaste-me do diálogo, falaste-me do estar sempre atenta aos pormenores, a fidelidade também é uma coisa que...

C.- Muito importante...

E.- ... que tu consideras muito importante e portanto também é um ponto a favor da felicidade do casal...

C.- Sim, porque eu acho que quando um divórcio acontece porque não está a correr bem, acho que, pronto, até se aceita bem, agora um divórcio causado por uma traição, acho que é natural que os filhos e qua a relação, quer dizer, fique péssima. Portanto, se a pessoa está a pensar em trair a outra, se calhar, mais vale, pronto, acabar ali a relação, e não sei o quê e até mesmo para os filhos perceberem que, “ok, acabou primeiro a relação e só depois é que o pai ou a mãe se apaixonaram por outro. Agora aquilo de uma traição, ninguém consegue perceber o que é que se passou ali, não é?”

E.- Isso, é um ponto crucial para a felicidade de um casal, é o facto de ser fiel um ao outro é isso?

C.- Hmhm.

E.- Então, a última pergunta que eu te queria fazer era mesmo, em relação ao facto de te imaginares no teu futuro, casada com a mesma pessoa para o resto da tua vida?

C.- É um bocado estranho... não, não é... sei lá, acho que...

E.- Imaginas-te?

C.- Imagino.

E.- Esperas?

C.- Espero. Acho que, agora faz-me um bocado de impressão, na cabeça, porque, quer dizer, eu também ainda só tenho 16 anos e não é natural que assim pessoas da nossa idade e não sei o quê, pensem numa relação para toda a vida... uma amiga minha, namora com um... há quatro anos..., e isso faz-me impressão na nossa idade... quer dizer, nós somos jovens, o objectivo também não é, já ter uma relação, tipo... para sempre. Porque sei lá, estamos um bocado... a descobrir e acho que agora temos é de aproveitar a vida porque não vale a pena estar a apressar as coisas, vai chegar o momento, em que aí sim, vamos querer estar com essa pessoa para o resto da vida.

E.- E tu antecipas isso? Que um dia venhas a encontrar, quer seja o teu namorado agora, quer seja outra pessoa, encontrares uma pessoa que, de facto, tu olhes e vejas que “esta é a pessoa que eu quero ter ao meu lado para sempre”.

C.- Sim. Hmhm.

E.- E imaginas- te um dia casada com essa pessoa e que dure para o resto da vida...

C.- Sim, e que tenha muitos filhos e depois que eles tenham filhos e que eu tenha netos (risos).

E.- Ok. Então, pronto, esta era a última questão que eu te queria colocar... não sei se queres acrescentar alguma coisa aquilo que nós conversamos...

C.- Não.

E.- E também queria saber se foi, mais ou menos, de encontro às tuas expectativas aquilo que nós conversamos aqui. Tendo em conta aquilo que te tinha dito que íamos falar,... se esperavas que fosse assim...? Se achavas que era diferente?

C.- Mais ou menos,... sim sabia que ia tocar em alguns destes pontos, mas não estava completamente à espera, não sou vidente (risos), mas...

E.- Foi de encontro às tuas expectativas...

C.- Sim, sim.

E.- Achaste que houve algum tema que gostasses de ter falado mais e não falaste?

C.- Não.

E.- Está bem. Então pronto, obrigada pela tua colaboração... e obrigada pela tempo.

9ª Entrevista

Grupo: Adolescentes com pais divorciados/separados

Entrevistado: MR.

Sexo: Feminino

16 anos

E.- Pronto, MR. Como eu te tinha dito, a minha investigação é sobre as expectativas dos adolescentes face ao futuro e nomeadamente face ao casamento e portanto eu vou estudar um grupo de jovens cujos pais se separaram ou divorciaram, como é o teu caso e outro cujos pais permaneceram sempre casados e portanto ver se isso de alguma forma influencia as tuas expectativas de um dia vires a casar e o que é que também pensas sobre os relacionamentos amorosos e são temas assim do género que nós vamos falar. Também iremos abordar um bocadinho a forma como tu ultrapassaste essa fase do divórcio dos teus pais.

MR.- Sim, claro.

E.- Eu antes de começar queria só saber se tens alguma dúvida relativamente ao facto de ser gravada a entrevista...

MR.- Não.

E.- Pronto, para além da justificação da... da... da declaração que me deste dos teus pais, do teu avô, ahhh, eu precisava que assinasses esta declaração (tens aqui uma caneta se quiseres), é como aceitas participar na investigação e aceitas que ela seja... que a entrevista seja gravada.

MR.- Hmhm.

(...)

E.- Obrigada.

MR.- Nada.

E.- Então, MR. Que idade é que tens agora?

MR.- 16 anos.

E.- 16. E disseste-me que os teus pais se separaram, divorciaram...

MR.- Sim, sim.

E.- Tinhas que idade?

MR.- Tinha por volta de 3 anos.

E.- 3?

MR.- 3 anos.

E.- Portanto também não te recordas muito, provavelmente da vida em conjunto com eles...

MR.- Não.

E.- Sabes quanto tempo é que durou o casamento dos teus pais?

MR.- Ahh, por acaso não sei muito bem, se me deixar fazer contas eu consigo. Ahh, 40, 18, 18, 15, ai espere, 18 mais 16 (risos)

E.- 34.

MR.- 34, então 40 menos 34, dá 6 anos.

E.- 6 anos.

MR.- Sim.

E.- Tens irmãos?

MR.- Tenho. Tenho uma irmã com 18 anos.

E.- Portanto, na altura em que os teus pais se divorciaram ela tinha... também era novinha

MR.- 5 anos.

E.- 5 anos. Ok, 5 e 3 anos.

MR.- Hmhm.

E.- Então neste momento tu vives com...?

MR.- Eu vivo com os meus avós durante a semana e ao fim-de-semana com a minha mãe.

E.- Ok. E o teu pai?

MR.- O meu pai vive em Braga, por isso é que não estou muito com ele.

E.- Mas manteis...

MR.-... contacto com ele... sim.

E.- Ahh, então nós vamos começar um bocadinho sobre esse momento, embora eras muito novinha, ahh, mas consideras que existiram coisas positivas com o divórcio dos teus pais?

MR.- Ahhh, bem, claro que sim porque eu acho que... eu lembro-me de certas coisas e uma delas era as discussões, que existiam muitas e claro que uma vez dado o divórcio elas deixaram de existir e os meus pais sempre foram, sempre gostaram imenso um do outro e sempre foram muito amigos, tanto que a relação deles é ótima e eles são super amigos e

falam de tudo, pronto sobre a minha vida escolar e sobre o meu desenvolvimento e portanto, claro que houve aspectos positivos no divórcio deles.

E.- Também o facto de eles agora manterem uma relação...

MR.- Claro.

E.- ...de amizade, pode-se dizer?

MR.- Sim, sim, claro.

E.- ... Que também facilita e também a ausência agora das discussões é uma coisa que tu agora consideras que foi positivo.

MR.- Sim.

E.- Consideras mais algum tipo de aspecto positivo?

MR.- Pronto, lá está eu não me lembro muito...por isso eu não, não me estou a lembrar assim de...

E.- Ok. Principalmente a ausência de discussões é uma coisa que tu consideras como positiva.

MR.- Sim, quer dizer, eu não me lembro de muitas discussões, lembro-me de algumas e claro que isso é sempre um aspecto positivo.

E.- Ok. Ahh, no caso de ter sido difícil para ti essa fase, não sei... também eras novinha, portanto não sei como é que tu reagiste a essa separação, como é que tu achas que conseguiste ultrapassar?

MR.- Bem, eu não me lembro de muito, e do que me lembro, não foi uma coisa que me custou muito, porque, pronto tinha três anos, eu, o meu primeiro ano também não foi passado muito com eles porque sempre fui uma pessoa assim muito doente até ao... até fazer um ano, sempre tive muito em hospitais e quem me, pronto, apoiou... não, apoiou, mas quem esteve mais ao meu lado nessa altura foi a minha avó, porque ela é enfermeira e sempre teve muito contacto comigo. Portanto, eu tive dois anos e quer dizer não me custou assim muito, não.

E.- Ok. Sentiste que te apoiaste em alguma coisa ou em alguém para ultrapassar essa fase?

MR.- Ahh, nã... quer dizer de certa forma, nunca fui, como nunca fui uma pessoa problemática em relação a esse aspecto, com certeza que ajudei. Porque, de certa forma, ninguém se ficou a sentir mal, do género "ah, agora as minhas filhas estão mal porque eu me separei" e nesse aspecto nunca foi assim, nunca houve qualquer tipo de problema, ahhh, mas quer dizer, nunca fui assim muito ajudante, tinha três anos, não podia fazer muito.

E.- Ok. Ahh, depois da separação, houve algumas mudanças que tiveram que acontecer, provavelmente e portanto tu passaste a viver..., na altura vivias com a tua mãe?

MR.- Sim.

E.- Ou era como agora que vives com os teus avós?

MR.- Não, não, não, vivia com a minha mãe.

E.- Passaste a viver então com a tua mãe e com a tua irmã?

MR.- Exacto.

E.- E portanto, viviam as três e o teu pai noutra casa.

MR.- Sim.

E.- Ok. Sentiste que foi difícil essa adaptação?

MR.- Não. Não foi difícil e também passado dois anos, penso eu, a minha mãe arranjou um namorado, com o qual eu tinha um relacionamento muito bom, portanto não... quer dizer também tive sempre uma presença... masculina na minha vida, portanto nunca... pronto nunca tive problemas nesse aspecto, portanto...

E.- A tua mãe chegou a refazer a vida com outra pessoa?

MR.- Ahh, nunca chegou a casar novamente mas viveu junta com esse tal namorado que teve dois anos depois... ahh...

E.- Durante quanto tempo é que... ou ainda permanece ainda?

MR.- Não, não, não, foi durante alguns anos, mas já não me lembro, não me recordo bem quantos anos foram. Não foram muitos... dois ou três...

E.- Mas tu ainda conviveste algum tempo com... portanto a viveres com a tua mãe, com o namorado da tua mãe e com a tua irmã?

MR.- Certo. Sim.

E.- Ok. Em relação ao teu pai, como é que eram as visitas, por exemplo?

MR.- Eu... as visitas... quando nós éramos novas, não houve muitas visitas mas passado... porque depois a minha avó materna morreu e não sei o quê, e então nunca, nunca, pronto também pela distância...ser em Braga, penso que também por isso...nunca houve, nunca tivemos assim muito contacto, só por cartas, na altura (risos)...

E.- Era comum?

MR.- Sim, era, por cartas... e portanto, deixe-me pensar, só para aí, eu tinha se calhar 8 anos, sim 8 anos comecei a contactar mais com o meu pai. Comecei a ir a Braga, durante as férias também estava com ele, portanto assim passados esse anos...

E.- Como é que tu achas que te adaptaste a essas novas rotinas?

MR.- Ai adaptei-me muito bem, sempre fui uma pessoa que se adapta muito bem às novas coisas e estar com o meu pai foi sempre muita alegria, não é?! Sempre adorei o meu pai, sempre tive um relacionamento muito bom, tanto com o meu pai como com a minha mãe, tirando certas coisas que fazem parte da adolescência...

E.- Hmhm.

MR.- E portanto, foi bom e adaptei-me muito bem.

E.- Ok. O que é que achas, que na altura, se calhar não com os três anos, mas nessa fase em que te começavas a aperceber mais da separação dos teus pais e do divórcio, o que é que tu achas, que virtudes é que tinhas, que qualidades pessoais tu tinhas que te ajudou a passar essa fase?

MR.- Lá está, eu nunca, nunca me senti prejudicada de qualquer modo com essa separação, portanto nunca... se calhar por nunca ter pensado no assunto, muito... arranjei qualquer tipo de problema, logo, também não lhe consigo indicar virtudes minhas que me tenham ajudado a ultrapassar esse problema, dado que para mim nunca foi um problema.

E.- Ok. E sentes que descobriste alguma coisa em ti que não tinhas descoberto até então, nessa fase?

MR.- Não, não... ah, talvez facilidade de adaptação e de conseguir não ver nenhum mal naquilo em que geralmente até cria conflitos nas crianças, nunca criou em mim qualquer tipo de problema.

E.- Então de alguma forma, descobriste que tinhas uma capacidade óptima de te adaptares às novas circunstâncias da tua vida.

MR.- Exacto.

E.- E eventualmente aquilo que para outros constitui problemas.

MR.- É isso, exacto.

E.- Ok. Eu disse-te que de alguma forma íamos falar sobre o namoro e sobre os relacionamentos amorosos... ah, eu queria perguntar se... antes de te perguntar isto, se calhar, convinha esclarecer-te uma coisa... eu não te disse isso no início da entrevista, mas de qualquer forma, poderiam, e estas perguntas que eu já te fiz poderiam e são de carácter íntimo, sobre a tua vida pessoal e nomeadamente sobre o teu passado... se tu não te sentires á vontade para responder a algum tipo de pergunta, estás à vontade e não precisas de responder, de qualquer forma como eu te consigo garantir a confidencialidade dos dados e... ou seja, as tuas respostas elas vão aparecer no estudo, mas de qualquer forma...

MR.- São confidenciais, claro que sim.

E.- E a tua identificação nunca vai aparecer, ninguém vai saber que foi a MR. que respondeu exactamente a isto...

MR.- Claro, não há problema nenhum.

E.- De qualquer forma, se não te sentires à vontade...

MR.- Sim, sim, claro.

E.- Eu gostava de saber se actualmente tens ou se já tiveste uma relação amorosa?

MR.- Ah, já.

E.- Já tiveste, neste momento não tens?

MR.- Exacto.

E.- Ok, essa relação era com um rapaz de que idade...?

MR.- Olhe, portanto eu já tive muitas relações amorosas e a minha primeira relação amorosa foi quando eu tinha... quer dizer começou aos 11, mas aconteceu, começou a acontecer aos 12. Eu tinha 12 anos, o rapaz tinha 16 anos, foi o meu primeiro relacionamento, nunca andámos mas estivemos juntos, ele sempre foi muito cuidadoso comigo... talvez por eu ser mais nova, e pronto, foi isso, foi a minha primeira relação. Em todas as minhas relações, eu quando acabei com elas, por acaso fui sempre eu que acabei com elas, ah, sempre quis manter uma relação de amizade depois das relações, com essa pessoa por acaso não mantive, quer dizer uma relação de amizade, foi mais de ódio, porque demonstrou-se uma pessoa que não era após eu ter acabado com ela...

E.- Desapontou-te?

MR.- ...e não comigo, com outras pessoas, porque comigo sempre foi impecável, só que pronto, não...

E.- A tua última relação, foi há quanto tempo?

MR.- A minha última relação foi, sem ser mesmo curtes, mesmo relação, foi... acabou no início deste ano e foi durante 6 meses.

E.- Durante 6 meses.

MR.- Sim.

E.- Era um rapaz da tua idade?

MR.- Era, era da minha idade.

E.- Ok e durou 6 meses.

MR.- Sim.

E.- Sentias-te feliz nessa relação?

MR.- Sim, bastante feliz.

E.- Bastante?

MR.- Sim.

E.- Ótimo. Consideravas que era uma relação séria e estável?

MR.- Sim, séria e estável, sim.

E.- O que é que achas que fazias para que ela fosse séria e estável e tu afirmasses isso?

MR.- Olhe, eu acho que numa relação há várias coisas que contam... desde de... quer dizer, primeiro que tudo, uma pessoa tem que gostar mesmo para estar numa relação se não nem vale a pena, mas desde o empenho, à maneira de estar, não é?! Sentir-se confortável consigo e com a outra pessoa, quer dizer mudam e influenciam a relação e eu penso que eu e esse rapaz tínhamos isso. Eu sentia-me confortável quando estava com ele, ahh, sentia necessidade de estar com ele, necessidade, não em exagero porque acho que tudo tem de ter uma certa medida na vida, se não...não resulta. Ahh, mas pronto, tudo isso, desde o empenho para que as coisas corressem bem, como, como sentir-se bem com aquilo que estava a fazer...

E.- Era uma coisa que tu fazias? Tinhas empenho para que as coisas corressem bem?

MR.- Sim, tinha. Porque eu até nunca fui uma pessoa de conseguir manter uma relação durante muito tempo, até, pronto devido a isso, devido ao empenho, e devido a se calhar, não me dedicar tanto à outra pessoa como merecia, e nessa relação foi uma das coisas que eu tentei melhorar, e melhorei, tanto que foi durante 6 meses, ahh, e pronto, e foi isso.

E.- Distingues essa relação das outras que tiveste?

MR.- Sim, distingo. Distingo porque...

E.- ... pelo tempo que durou, também por aquilo que fizeste?

MR.- ...sim, pelo tempo que durou, e pela, pela vontade, porque eu, porque as outras relações, precisamente acabaram mais depressa porque, porque eu deixei de ter vontade de estar com essas pessoas e portanto, não ia, não me ia estar a mentir e a mentir às outras pessoas e se calhar deixei de sentir essa vontade porque deixei de me empenhar na relação, e nesta não.

E.- Nessa tu empenhaste-te e portanto essa é uma das coisas que mais marca o facto de tu considerares que ela fosse séria?

MR.- Exacto.

E.- Ok. De que forma é que tu achas, apesar de... continuas a assistir à relação dos teus pais, de que forma é que tu achas que a relação, enquanto eles eram casados, eu sei que é um bocadinho difícil tu reportar-te a esse momento, mas de alguma forma, de que forma é que tu achas que a relação dos teus pais te ensinou formas boas de maneres uma relação amorosa?

MR.- Eu, tal como tinha dito há pouco, mantiveram uma relação, mantiveram uma relação de amizade, após o divórcio, e eu acho que isso é importante, tanto para a saúde deles como para as nossas, para as filhas e eu acho que sem dúvida, essa capacidade de manterem uma amizade após um divórcio, e de conseguirem ver os aspectos positivos da relação que tiveram e não dos aspectos negativos, ajudou-me muito, porque eu reparo, por acaso, que quando eu tenho uma relação que acaba, tento sempre ver os aspectos positivos para que a minha relação

posteriormente a essa separação seja boa, lembrando-me sempre dos aspectos negativos para não voltarem a acontecer numa outra relação, não é?! Portanto, acho que foi sem dúvida isso.

E.- Ok. Olhares para os aspectos, olhares para o lado positivo das coisas e para veres aquilo que aconteceu de bom, tentares repeti-las, é isso? E de alguma forma tentares evitar aquilo que tu consideras que foi mau.

MR.- Sim.

E.- E isso, de alguma forma foram os teus pais que te passaram com a relação deles.

MR.- Sim.

E.- Hoje também vês um bocadinho, se calhar aquilo que vives com os teus pais e vês acaba por ser um bocadinho o mesmo e hoje ajudou-te a manter uma relação amorosa de qualidade?

MR.- Sim, pois exacto, foi aquilo que eu disse há bocado...

E.- Há mais alguma coisa que tu destaques na relação dos teus pais que te ajude a teres hoje, uma boa relação, a teres, a vires a ter uma...

MR.- Talvez o facto da minha mãe estar sempre a dizer “ Ah, porque eu amei muito o teu pai, filha” e eu acho que isso é óptimo porque... porque lembra-nos que para estarmos numa relação temos mesmo de gostar e tem mesmo de ser a sério, pronto, não é?! Principalmente num casamento, o casamento é um projecto, a dois, não é?! E não vale a pena entrar num projecto sem, não é?! Sem o levar a sério. E sem dúvida num casamento, quando se entra num casamento, tem que se pensar que é para sempre e pronto o amor é incondicional... nessa relação.

E.- Hmhm, Ok. Na tua opinião, o que é que tu achas... um bocadinho na sequência do que temos estado a dizer mas, na tua opinião, o que é que tu achas que mantém duas pessoas felizes e unidas numa relação de amor?

MR.- É... desde, pronto, na nossa idade, não tanto, mas a partir do momento em que há um casamento, há várias coisas que eu acho que influenciam a relação, desde as características pessoais de cada um, como já referi o empenho e pronto, o...a saúde, não... sim a saúde da... não é bem saúde que eu quero dizer, só me estou a lembrar do termo em inglês, mas não interessa...

E.- Diz, se quiseres...

MR.- Ahh, como é que eu posso dizer, pronto não interessa, a saúde da relação, e até... ahh, outros aspectos materiais, como ahh,... ai a estabilidade financeira, isso é bastante importante, não foi uma coisa que influenciou no casamento dos meus pais mas, sem dúvida, que influencia noutros casamentos. E eu acho que pronto, lá está, uma pessoa tem de ter as coisas certas na medida certa, se não, não consegue viver o seu dia-a-dia. E isso, é sem dúvida o que eu acho mais importante, é as características de cada um e as estabilidades financeiras, pronto...

E.- É isso que, na tua opinião, mantém duas pessoas felizes e unidas numa...

MR.- Sim, sem falar no amor que eles têm que ter um pelo outro, não é?! Pronto...

E.- Para além do amor, o facto de se manterem juntos tem muito a ver com... também com a estabilidade económica e com ...

MR.- E com o tal empenho e...

E.- E vontade de estar e as características pessoais de cada um.

MR.- Claro, sim.

E.- ... é isso que as mantém unidas. Ahh, o que é que tu achas que há de mais positivo e melhor num casamento?

MR.- Mais positivo e melhor num casamento...

E.- Hmhm.

MR.- ...Ahh, eu acho que quando olho para um casal, casado... eu, gosto de ver... sei lá, pronto gosto de ver a... a partilha, o amor... eu acho que isso é, sem dúvida o mais importante, não é?!

E.- O facto de poderem partilhar sempre...

MR.- Exactamente.

E.- E o amor que existe entre o casal, é aquilo que tu identificas o de melhor que existe num casamento?

MR.- Sim.

E.- Ok. Muitas vezes as pessoas vivem juntas mas sem casar, também aconteceu, por exemplo, com a tua mãe, que teve um relacionamento, viveu junto com essa pessoa, mas não casou, o que é que tu achas sobre essa forma de união?

MR.- Ahh, essa forma de união, na minha opinião, é... pronto tem a ver com as características de cada um... eu não tenho que assinar um papel para afirmar que gosto de uma pessoa. Não tenho que assinar um papel para dizer que estou com essa pessoa.

E.- Hmhm.

MR.- E... é como comprar uma casa, eu posso comprar uma casa e dizer que ela é minha, e posso arrendar uma casa e dizer que ela é minha também, porque na verdade, sou eu que estou lá, e... eu não sei se me estou a fazer entender na ligação...

E.- Sim... de alguma forma...

MR.- Exactamente, eu sou católica, portanto casamento é... pronto, é um passo importante na nossa vida, ahhh, só que depende de cada um, eu não julgo ninguém, não faço juízos de

ninguém ahh, perante as escolhas que essas pessoas fazem nas suas vidas. E eu acho que se calhar, se nunca me sentir preparada para afirmar... portanto... vamos ver... isto depende muito, porque é assim... aquilo que eu disse há bocado do casamento ser para a vida, é sem dúvida uma coisa bastante importante, e eu posso gostar de uma pessoa e nunca me sentir preparada para afirmar uma coisa que penso que é para toda o sempre, não é?!

E.- Tu achas que, de alguma forma, se assumisses casar com uma pessoa, estarias a dizer que isso é para toda a vida...

MR.- Claro que sim, nem faz sentido...

E.- ...Enquanto que, por exemplo, o facto de viveres junto, deixa um bocadinho essa liberdade?

MR.- Deixa essa liberdade na medida em que... em que, lá está o casamento é uma coisa muito importante e uma pessoa tem que saber muito bem o que... naquilo a que se está a meter, porque, eu... considerando que é uma coisa que não se pode mudar e portanto... não se pode mudar, porque penso que tenho que gostar o suficiente para saber que isso vai durar incondicionalmente, tipo para todos os meus dias, até morrer. E acho que, se viver junto com uma pessoa, não é uma questão de gostar menos ou de não gostar, é questão de não me sentir preparada para tal.

E.- Hmhm.

MR.- ...Para, se calhar, assumir essas consequências... de me sentir...

E.- De ser para toda a vida?

MR.- Exactamente.

E.- Ok. Durante o casamento é possível que hajam determinados problemas, tu se calhar passaste, percebeste um bocadinho isso...

MR.- Sim.

E.- O que é que tu achas que é necessário para resolver esses problemas?

MR.- Pronto, lá está isso tem a ver como cada um é, e... e os problemas dependem exactamente com, com o facto de uma pessoa ser conflituosa, ou mais conflituosa que outra, não que isso seja mau, porque uma pessoa tem que pôr problemas para ser saudável, lá está, as coisas na medida certa correm bem, ahhh...mas acho que para ultrapassar certos problemas, temos de fazer uma avaliação, daquilo que se está a passar e...realmente perante essa avaliação tentar ver o que é que está mal, o que é que está bem, e se é realmente aquilo que se quer, porque eu, tanto amizade, como outras relações, não vale a pena, por orgulho, estragar uma relação. E por vezes, é isso que as pessoas se esquecem, é que, que o amor que sentem umas pelas outras ultrapassa muito... e por vezes, os problemas que existem também e devem ao orgulho que as pessoas têm e à não capacidade de compreender quando devem estar, quando devem admitir que estão certas ou não.

E.- Hmhm.

MR.- Portanto eu acho que é isso.

E.- E como é que tu achas, por exemplo, pode ser... pelo aquilo que eu percebi...eu percebo estou a perceber aquilo que estás a dizer, quero que me explicasses um pouco melhor só, o que é que tu achas que se pode efectivamente fazer para que os problemas... além de, por exemplo, se calhar, baixar um bocadinho esse orgulho... e tentar avaliar o que é que está bem e o que é que está mal, ahh, consideras que existem outras hipóteses para resolver os problemas? Ou concretamente como é que tu os resolverias, por exemplo?

MR.- Ahh, como é que eu... (risos), eu quando tenho problemas resolvo-os muito bem, (risos), não, eu, corto o mal pela raiz, não sou um bom exemplo, aí. Por isso, é que pronto, as minhas relações, nunca duraram muito... ahhh, eu, eu considero que, que se uma pessoa está numa relação e das duas uma, ou dá o braço a torcer, na medida em que “pronto, Ok, vou dizer que a culpa é minha, para isto ficar bem” ou então, ou então não, faz com que a outra pessoa chegue, como é que eu hei-de dizer...

E.- Se aperceba, compreenda?

MR.- Exacto, compreenda que está mal. Eu não sei que tipo de problemas é que, pronto, podem existir, assim graves, mas há problemas graves, depende tudo, por exemplo, estou num casamento e há uma traição, não. Nunca, nunca na minha vida iria admitir uma traição, e independentemente de me casar e ainda gostar imenso dessa pessoa, eu... acabaria com a relação. Não falando de traições, falando de coisas menos importantes, porque eu tenho escalas de importância, nas relações, ahh, por exemplo, se eu passava uma fase da minha vida em que todos os dias discutia por tudo e por nada, ou consultava uma pessoa especialista, pronto porque com certeza se eu vejo tudo mal à minha volta, se calhar o problema está em mim e não nos outros. Consultava uma pessoa que me fizesse ajudar, não é?! Porque sempre tive uma mente aberta nessas coisas, já frequentei até psi...psicol...

E.- Psicólogos.

MR.- Psicólogos, exactamente, porque quando as pessoas têm problemas, têm que ser resolvidos de qualquer forma...ahh, ou então, se não fosse o caso de consultar um especialista e se realmente a culpa não fosse minha e fosse do meu parceiro, eu então não, ou diria para ser ele a consultar um especialista ou diria para irmos os dois, porque pronto, as coisas têm que ser tratadas e resolvidas.

E.- Ahh, que conselhos é que tu... achas que darias aos elementos de um casal para que fossem felizes enquanto pessoas?

MR.- Eu... diria para, acima de tudo confiarem e serem fiéis, porque uma relação tem de ter como base o... ai, o...oooo...ai peço desculpa, tem de ter como base, ainda agora acabei de dizer, ainda agora...

E.- Confiança?

MR.- Exactamente, tem de ter como base a confiança, e eu acho que isso é muito importante nas relações e eu, sem dúvida, que diria isso, era a confiança e se alguma coisa estivesse mal, algum dia, para confrontar...

E.- Conversar, portanto era importante, para ti?

MR.- Hmhm.

E.- O diálogo, na relação?

MR.- Sim. Ah, completamente.

E.- Ahh, tendo em conta o número de divórcios que tem vindo a aumentar, que eu não sei se é uma perspectiva que tu tens...

MR.- Tenho.

E.- ...mas, de facto, é algo que tem vindo a aumentar, o que é que tu achas que as sociedades, as pessoas poderiam fazer para que o amor perdurasse entre o casal?

MR.- Eu acho que o mal nas sociedades, não o saber o que é que devem fazer para o amor perdurar, é sem dúvida meterem-se numa coisa ou que não estão preparados ou que pensam que pode ser mudada, porque eu acho que hoje em dia, as pessoas não vão para um casamento a pensar que é para a vida. Vão para um casamento a pensar que, que é uma festa e que é giro, dizer que se está casado. Não digo isto de uma maneira de insulto, digo isto na maneira em que a mentalidade passou a ser assim, sem dúvida, e acho que se, que se as pessoas tivessem mais cabeça e pensassem que realmente era uma coisa importante, uma coisa que deveria durar para sempre, acho que se calhar não se casavam tanto, porque se calhar ficavam com mais dúvidas e iram, com certeza, diminuir o divórcio.

E.- Ok. Portanto, de alguma maneira, achas que se as pessoas ponderassem, se calhar um bocadinho mais, sobre o facto de o casamento ser uma coisa para a vida, de alguma forma, poderia ajudar, a perdurar o amor entre o casal?

MR.- Sim.

E.- Na sequência disto, tu consideras que o divórcio é uma boa solução para os problemas de um casal?

MR.- Depende dos problemas, eu sou a favor do casamento, quando realmente é uma coisa pensada e pronto e que, se as pessoas vão para aquilo porque querem e se sentem capazes de seguir esse projecto, mas...uma vez que, uma vez que estão dentro disso e que acontece algo que não dá para suportar mais, claro que sim, sou a favor do divórcio. Acho que as pessoas têm todo o direito de segundas oportunidades e de mudar a sua vida quando quiserem... ahh, acho que, acho que... lá está, devia acontecer o divórcio de realmente as razões fossem as correctas e se realmente o casamento fosse levado a sério, tão a sério como eu gostaria que fosse levado, que não é.

E.- Quais são as razões que tu achas plausíveis para... estavas a dizer que só aceitarias um divórcio, só consideras, ponderas o divórcio quando é feito pelas razões certas.

MR.- Exacto.

E.- O que é que para ti é as razões certas?

MR.- As razões certas é, ou traição, por parte da outra pessoa e quando há uma traição quer dizer que algo não está, de todo, bem. Ou então, sem dúvida, o desconforto dentro dessa relação, quer dizer, eu nunca na minha vida iria estar numa relação ao sentir-me mal comigo mesma, ao sentir-me desconfortável comigo e com a outra pessoa, ao fazer com que tudo à minha volta também ficasse mal, quer dizer, eu iria logo mudar isso e ia logo pedir o divórcio. Não...

E.- Hmhm.

MR.- Nem sequer punha nada em causa... quer dizer, punha em causa muita coisa mas provavelmente divorciava-me.

E.- Antes do divórcio, tu vês algum... algum outro tipo de soluções, que possam existir?

MR.- Sim, lá está, eu já disse isso há bocado, consultar especialistas para que realmente os problemas sejam resolvidos, ou...

E.- O diálogo, também?

MR.- Ou simplesmente evitar, não é?! Porque, se as coisas forem evitadas, não é?! Há-de correr bem.

E.- Tu consideras que existem mudanças quando duas pessoas, partindo por exemplo, de um namoro, passam a viver juntas ou a casar, tu consideras que existem mudanças? De uma fase para a outra?

MR.- Considero, considero que existem muitas mudanças. Ahh, esses passos têm muito a ver com a maturidade e com o nível em que nós estamos, na relação... e cada passo, é cada vez mais importante, e em cada passo, nós temos de assumir atitudes diferentes. Ahh, eu estar, eu namorar com uma pessoa com certeza que não vou ter as mesmas responsabilidades e atitudes, pronto...

E.- Do que estando a viver junto...

MR.- Exacto.

E.- Achas que mudam em que sentido, essas responsabilidades?

MR.- Ahh, mudam, no sentido em que... como é que eu hei-de dizer... mudam tanto!

E.- Aumentam, diminuem, são diferentes?

MR.- Aumentam, aumentam sem dúvida, as responsabilidades. Ahh, viver junto implica uma quantidade de coisas na nossa vida, por exemplo, nós, nós, quando eu disse nós, geração

classe média desta escola especialmente, vivemos sempre com os nossos pais, viveríamos... acho que havemos de viver com os nossos pais, até acabarmos os nossos cursos, porque os nossos pais, têm, têm essa capacidade de manter, pronto, a estabilidade financeira. Acho que iria ser completamente diferente do que uma pessoa que já vive junto, que já vive, pronto separado dos pais. Eu, se aos 18 anos viver com os meus pais, as minhas responsabilidades perante uma relação, vão ser completamente diferentes se eu for viver com essa pessoa, do que uma pessoa que já vive sozinha. Ou seja, eu deixo de ser abrigada e de ser financiada? Não é bem financiada, mas...

E.- Eu percebo, sustentada.

MR.- Sustentada, pelos meus pais, passo a ter uma vida em que eu tenho de trabalhar para sustentar a minha casa, para sustentar as minhas necessidades e claro que, isso muda totalmente a atitude de uma pessoa, não só pelo stress e por tanto... pela, pronto, pela...pelo ambiente nessa relação, como também pelo... não lhe sei explicar, eu sou um bocado...

E.- Aumentam responsabilidades no teu...

MR.- Exacto, aumentam responsabilidades por tudo.

E.- Ok. Em termos de pessoas, individualmente, cada elemento do casal, tu achas que muda quando passam para viverem a dois ou a casar?

MR.- Em quê?

E.- Em termos pessoais, cada elemento do casal, quando passam para viverem os dois juntos, tu achas que mudam?

MR.- Acho que mudam. Porque, acho que viver junto, ahh... têm que ter uma esfera mais abrangente do que estar simplesmente juntos, não vivendo juntos. Ahh, acho que, uma pessoa passa a ter uma vida a dois, ahh, e quer dizer, onde tem que partilhar tudo, onde tem que se sentir muito mais confortável para poder partilhar tudo... onde o confronto e a sinceridade aumentam substancialmente, porque não há outra hipótese e se calhar isso até faz bem a uma relação, bem ou mal, dependendo de como as pessoas vêem isso ou sentem isso, portanto acho que muda completamente a atitude de cada um.

E.- Ok. Há uma mais, uma maior partilha das coisas?

MR.- Sim.

E.- Ok. Ahh, o que é que tu gostarias de dizer aos teus colegas que também, ahh, também passaram por um divórcio dos pais, para que fossem felizes numa relação de amor? Se fosse um livro de receitas em que tu tivesses de dar os ingredientes para que esses teus colegas, que também passaram por uma situação como a tua, fossem felizes numa relação de amor?

MR.- Os ingredientes que eu dava...amor, sinceridade, honestidade, quer dizer isso é sinceridade, ahhh, conforto,... não sei...

E.- De alguma forma, esses conselhos, ahhh, diferiam para o resto dos outros teus colegas, pelo facto de eles também terem passado por uma separação dos pais, tu achas que darias conselhos diferentes a uns do que a outros?

MR.- Não, porque acho independentemente daquilo, do que os nossos pais fizeram... a base de um bom relacionamento está sempre implícita nesses aspectos e portanto nós não temos que ver a nossa vida... ahh, ver, não podemos ver a nossa vida influenciada pelo que os nossos pais fizeram, pelas atitudes dos nossos pais e claro, que cada divórcio ar...acar...

E.- Acarreta?

MR.- Acarreta... com a sua, pronto, com diferentes coisas e dão-se divórcios por coisas mais graves do que outras, ahhhh, acho que as pessoas devem tirar o que há de negativo nisso e o que há de positivo nisso, para conseguirem manter uma vida melhor e acho que independentemente disso, da vida dos nossos pais, as bases de um bom relacionamento são sempre as mesmas.

E.- Ok. E haveria algum tipo de conselho que tu darias, por exemplo, a mais, entre aspas, a colegas que também passaram pelo divórcio dos pais, que não darias a...

MR.- Ahh, eu acho que por vezes, as pessoas sentem-se, de alguma forma,... ameaçadas, não ameaçadas mas sentem-se... como é que eu hei-de explicar... tem medo de assumir certas relações por causa daquilo que viram, que é normal mas, mas lá está, eu diria para terem uma mente aberta nesse aspecto e para deixarem que as coisas acontecessem, porque uma pessoa tem de deixar que as coisas aconteçam... e era isso.

E.- Ok. Em relação ao teu futuro, mesmo, tu idealizas um dia vir a viver com alguém e a ter uma relação com alguém no futuro?

MR.- Acho que o que acontece comigo e com outras pessoas da minha geração é que os estudos põem-se muito à frente de uma partilha, de uma união, e eu acho que, se calhar isso está errado, mas lá está, eu vejo que os estudos se irão sempre sobrepor à frente de qualquer coisa, também porque se calhar nunca gostei assim muito de uma pessoa para conseguir imaginar uma vida com essa pessoa. Acho que se conseguir vir a ter, vir a gostar de alguém assim, acho que se calhar, se calhar, não vou deixar de idealizar essa vida em conjunto e esse casamento.

E.- Idealizes vir a encontrar essa pessoa?

MR.- Idealizo, porque acho que no mundo, há uma pessoa para cada outra, e acho que vai ser tudo muito bonito (risos).

E.- Idealizas portanto, é um objectivo teu que venhas a encontrar, no futuro, uma pessoa que te sintas dessa forma, ao teu lado.

MR.- Sim, claro.

E.- E quando pensas no futuro, tu idealizas, especificamente no casamento, idealizes vir a viver com alguém sem casar, ou efectivamente vires a casar?

MR.- Ahh, lá está, depende de... do, do que eu vou querer com essa pessoa, porque posso-me sentir preparada para umas coisas e não preparada para outras, mas claro que sim, se encontrar uma pessoa de quem realmente venha a ver uma vida em união e para sempre, claro que o casamento...

E.- Faz sentido?

MR.- Faz, faz sentido e está lá presente.

E.- Ok. Tendo essa certeza de que “esta é a pessoa que eu quero ter ao meu lado para toda a vida”, então tu assumes que gostarias de casar?

MR.- Hmhm.

E.- Não tendo essa certeza ponderas, por exemplo, vir a viver junto com essa pessoa, sem casar?

MR.- Pondero, sim, exacto.

E.- Ok. Se tu imaginares, aliás, imaginando essa relação, que venhas a viver ou que venhas a casar com essa pessoa, que coisas boas tu mais esperas que venha a acontecer dessa união?

MR.- Ai, espero, espero muitos filhos (risos). Espero uma estabilidade financeira boa... ahh, espero viver em harmonia, e paz, e... e ter especialmente amor de todos os membros da minha família e ter as minhas próprias tradições, em casa, que eu acho que é muito giro...e pronto, é isso.

E.- Criar hábitos?

MR.- Exactamente, é isso que eu espero.

E.- Se tu imaginares uma escala de 1 a 10 em que o 10 é o máximo de felicidade que tu podes atingir e o 1 o mínimo, quão feliz tu consideras que vais ser no futuro, numa relação com alguém?

MR.- Ahh, se eu vier a casar, sem dúvida um 10.

E.- Um 10?

MR.- Sim, sem dúvida um 10.

E.- Porque é que não escolheste o número abaixo, por exemplo?

MR.- Porque lá está, porque se eu me meto num projecto que eu considero tão importante, devo estar no meu auge de felicidade.

E.- Ok.

MR.- E portanto é um 10.

E.- E o que é que tu achas que podes fazer para manter sempre esse 10?

MR.- Tudo aquilo que eu venho, vim a dizer até agora... ahhh, frontalidade, sinceridade, amor e... paciência.

E.- Paciência?

MR.- Sim.

E.- É um bom ingrediente?

MR.- Sim, é um bom ingrediente, sim.

E.- Ok. A última pergunta que eu te queria fazer, era mesmo se tu idealizas que uma vez casada ou então... eu acho que já sei a resposta, mas de qualquer forma, se um dia casada ou um dia a viver com alguém, se tu imaginas, se tu consideras que seja para a vida?

MR.- Sim.

E.- E vai ser sempre com a mesma pessoa?

MR.- Sempre com a mesma pessoa.

E.- Hmhm. Consideras que um dia, a tomares essa decisão, queres que seja para o resto da vida com a mesma pessoa.

MR.- Exactamente.

E.- Ok. Terminamos por aqui.

MR.- Pronto, obrigadíssima.

E.- Não sei se tens alguma coisa a acrescentar que gostasses de falar ainda?

MR.- Não, não.

E.- E também queria saber se foi dentro das tuas expectativas, a entrevista, se gostaste de fazer?

MR.- Foi, foi, gostei, gostei de fazer, é sempre bom ajudar nestes projectos. E eu não me importo nada de dizer as minhas opiniões, até gosto, portanto...

E.- Gostaste de participar e sentiste-te bem.

MR.- Claro que sim.

E.- Ótimo.

MR.- Obrigada.

E.- Obrigada pela colaboração e pela disponibilidade.